



OS MAIS
BELOS

Contos ALUCINANTES

DOS MAIS FAMOSOS AUTORES

Charles Allston Collins — Charles Dickens — Conan Doyle — Kipling —
W. W. Jacobs — Edgar Wallace — Seabury Quinn — Fitzgerald — Derleth —
Leslie F. Stone — Blackwood — Lovecraft — Phillips — Paul Ernest — etc.

TERROR - CASAS ENFEITIÇADAS
SERES DO OUTRO MUNDO - ESOTERISMO

Editôra Vecchi

OS MAIS
BELOS
CONTOS

ALUCINANTES

DOS MAIS FAMOSOS AUTORES

*Charles Allston Collins — Charles Dickens — Conan Doyle
— Kipling — W. W. Jacobs — Edgar Wallace — Seabury Quinn
— Fitzgerald — Derleth — Leslie F. Stone — Blackwood —
Lovecraft — Phillpots — Paul Ernest — etc., etc.*

CASA EDITORA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144 ————— Rio de Janeiro



digitalizado em abril de 2012

Grato ao livreiro Lucas de Souza Cartaxo Vieira,
do sebo Cartaxo,

seboscartaxo@gmail.com,

por gentilmente escanear a capa doutro exemplar



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Os mais belos contos **alucinantes**

dos mais famosos autores

Tradutores:

Alfredo Ferreira

Manuel R da Silva

S. Caldeira de Rezende

Pietson Júnior



Casa editora Vecchi Ltd^a

Rua do Resende 144

Rio de Janeiro

1945

Índice

[Julgamento de assassínio](#)

[O demônio da tanoaria](#)

[A volta de Imray](#)

[A mão do macaco](#)

[A magia do medo](#)

[A casa do tempo imóvel](#)

[A volta do feiticeiro](#)

[Uma curta viagem à cidade natal](#)

[A morte em férias](#)

[O sótão dos vampiros](#)

[Varim, o adorador do Diabo](#)

[Os ratos nas paredes](#)

[O ananás de ferro](#)

[O flagelo de Mektub](#)

[A história do grumete](#)

[O sortilégio dos russos](#)

[Neve silenciosa, neve secreta...](#)

[A abadia de Thurnley](#)

[Velhas feitiçarias](#)

Julgamento de assassínio

Charles Allston Collins & Charles Dickens

Tradução de Alfredo Ferreira

Sempre notei uma predominante falta de coragem, mesmo entre pessoas de inteligência superior e cultas, em externar suas próprias reações psicológicas que foram de natureza estranha. Quase todos os homens receiam que o que possam contar em tal matéria não encontre paralelo ou correspondência na vida íntima do ouvinte e se torne suspeito ou ridículo. Um viajante digno de fé, que visse uma criatura extraordinária, no gênero da serpente-marinha, não recearia mencionar o fato. Mas se o mesmo viajante tivesse tido singular pressentimento, impulso, transmissão de pensamento, visão (assim chamada), sonho ou outra notável impressão mental, hesitaria consideravelmente antes de o confessar. A essa reserva atribuo grande parte da obscuridade na qual tais assuntos estão envolvidos. Não comunicamos habitualmente nossas experiências dessas coisas subjetivas como comunicamos as de origem objetiva. A consequência é que o pouco que se sabe a esse respeito parece excepcional, e de fato o é, por ser lamentavelmente imperfeito.

Com o que contarei não pretendo estabelecer, contestar, ou apoiar teoria. Conheço a história do livreiro de Berlim, estudei o caso dum falecido astrônomo real conforme foi relatada por sir David Brewster e acompanhei nos pormenores um caso muito mais notável de ilusão espectral, ocorrido dentro do círculo de meus amigos. É necessário estabelecer, quanto a esse último, que a vítima, uma senhora, não era aparentada comigo, nem em grau afastado. Uma presunção errônea nesse sentido sugeriria a explicação pra parte de meu caso, mas somente parte, o que seria infundado. O caso não pode ser atribuído a predisposição hereditária minha, pois não antes experiência semelhante nem tive depois.

Não importa há quantos anos, poucos ou muitos, foi cometido na Inglaterra certo assassínio que despertou grande interesse. Já é demasiado o que ouvimos sobre os assassinos quando se evidenciam pela atrocidade do crime, e se pudesse eu gostaria de sepultar a lembrança desse bruto, ao qual me referirei, como seu corpo foi sepultado na prisão de New Gate. Propositadamente me abstenho de dar indício direto quanto à identificação do criminoso.

Logo que se descobriu o assassínio nenhuma suspeita recaiu, ou antes deveria dizer, porque não posso ser preciso nos fatos, não foi insinuado que recaísse suspeita, sobre o homem que foi mais tarde levado a julgamento. Como nenhuma referência fosse feita a ele, naquela ocasião, na imprensa, é obviamente impossível que descrição sua possa ter sido publicada, no momento, pelos jornais. É essencial que esse fato seja lembrado.

Desdobrando, ao desjejum, meu jornal matinal, no qual era relatada aquela primeira descoberta, achei que o caso era profundamente interessante e o li com a maior atenção. Li duas vezes, senão três. A descoberta fora feita num dormitório, e, quando pousei o jornal, tive a percepção dum lampejo, ímpeto, visão (Não sei como chamar. Nenhuma palavra que possa me ocorrer é suficientemente descritiva) no qual eu via passar aquele dormitório

em minha sala, como um quadro absurdamente pintado num rio corrente. Embora quase instantâneo em sua passagem, era perfeitamente claro, tão claro que eu distintamente e com sensação de alívio notei a ausência do cadáver na cama.

Não foi nalgum lugar romântico que tive essa curiosa sensação mas sim num apartamento em Piccadilly,^[1] muito perto da esquina da rua São Jaime. Foi inteiramente nova pra mim. Eu estava em minha poltrona, naquele momento, e a sensação foi acompanhada dum estremecimento que mexeu a cadeira a fora de posição. Mas se deve notar que a cadeira deslizava com facilidade nos gonzos. Fui até uma das janelas (havia duas no aposento, que ficava no segundo andar) pra refrescar os olhos no movimento de Piccadilly. Era uma clara manhã de outono e a rua estava cintilante e alegre. O vento era forte. Quando olhei a fora, uma lufada trouxe do parque uma quantidade de folhas secas, que um remoinho levantou numa coluna espiral. Quando a coluna caiu e as folhas se dispersaram vi dois homens no lado oposto da rua, caminhando de oeste a leste. Iam um atrás do outro. O homem da frente olhava várias vezes a trás sobre o ombro. O segundo o seguia, a uma distância de cerca de 30 passos, com a mão direita levantada ameaçadoramente. Primeiro a singularidade e persistência daquele gesto de ameaça num logradouro público e movimentado atraiu a minha atenção, e depois a circunstância ainda mais notável de que ninguém o observasse. Ambos os homens abriam caminho entre os outros pedestres com suavidade dificilmente compatível mesmo com a ação de caminhar numa rua pavimentada. E nenhuma pessoa, que eu pudesse ver, dava passagem, os tocava ou olhava. Ao passarem diante de minha janela ambos me fitaram. Vi os dois rostos muito distintamente e sabia que poderia os reconhecer em qualquer lugar. Não que eu tivesse observado conscientemente algo particularmente notável nos dois rostos, exceto que o homem da frente tinha um aspecto singularmente abatido e que o rosto do homem que o seguia era cor de cera velha.

Sou solteiro e todo meu pessoal é constituído pelo criado e sua esposa. Meu emprego é em uma certa filial de banco e gostaria que minhas obrigações como chefe de secção fossem tão leves quanto em geral se supõe. Me fizeram ficar na cidade naquele outono, quando eu necessitava duma mudança de ar. Eu não estava doente mas não andava passando bem. O leitor que tire a melhor conclusão possível de eu me sentir cansado, ter uma sensação de abatimento geral por causa da vida monótona que levava, e de estar *ligeiramente dispéptico*. Tenho a garantia dum médico afamado de que meu estado geral de saúde naquela época não merecia maior atenção e estou afirmando isso duma resposta escrita a meu pedido.

Conforme a circunstância do crime, gradualmente se encaminhando ao desfecho, se apossavam cada vez mais fortemente da opinião pública, eu as conservava afastadas da minha, procurando saber tão pouco quanto possível sobre elas, no meio da excitação geral. Mas sabia que fora pronunciado contra o indigitado assassino um veredicto de assassinio voluntário e que fora preso em New Gate e aguarda o julgamento. Sabia também que o julgamento fora adiado à próxima audiência da corte criminal, sob a alegação de conveniência geral e de falta de tempo à preparação da defesa. É possível que também soubesse, mas acho que não, quando, ou aproximadamente quando, começariam as audiências às quais o julgamento fora adiado.

Minha saleta, quarto de dormir e quarto de vestir, eram todos no mesmo andar. Com o

último não existe comunicação a não ser dentro do dormitório. Na verdade há uma porta nele, que outrora comunicava com a caixa das escadas mas parte da armação de meu banheiro fora, e estivera durante vários anos, fixada através dela. Na mesma época, e como parte do mesmo arranjo, a porta fora pregada e recoberta encima com lona pintada.

Numa noite, já tarde, eu estava em meu quarto de dormir, dando algumas instruções a meu criado, antes de me deitar. Tinha o rosto voltado à única porta de comunicação em uso ao quarto de vestir, que estava fechada. Meu criado estava de costas a essa porta. Enquanto estava falando consigo, a vi se abrir, e um homem olhar nela e me fazer um aceno misterioso e insistente. Aquele homem era o que ia em segundo lugar Piccadilly afora e que tinha a cara cor de cera velha.

A figura, tendo acenado, recuou e fechou a porta. Sem outra demora além do tempo que gastei em atravessar o dormitório, abri a porta do quarto de vestir, e olhei a dentro. Tinha na mão uma vela acesa. Não sentia esperança íntima de ver o vulto no quarto de vestir e não vi.

Consciente de que meu criado ficara assombrado, me volvei a ele e disse:

— Derrick, queres acreditar que em meu juízo perfeito imaginei ver um...

Como nesse momento lhe encostasse a mão no peito, estremeceu violentamente cum movimento brusco de recuo e disse:

— Ó, meu-deus! Sim, senhor. Um morto acenando!

Agora não acredito que João Derrick, meu fiel e dedicado criado havia mais de vinte anos, tivesse impressão de ter visto aquela figura, antes de eu lhe tocar. A mudança de fisionomia foi tão espantosa, quando lhe toquei, que plenamente acredito que por algum oculto processo absorveu a impressão de mim, naquele momento.

Mandei João Derrick trazer aguardente, lhe dei um bom gole e gostei de tomar um. Não lhe disse palavra do que precedera o fenômeno daquela noite. Refletindo no caso, tinha certeza de que nunca vira aquela cara antes, exceto naquela ocasião em Piccadilly. Comparando a expressão quando acenara à porta com a expressão de quando me fitara ao passar na rua, cheguei à conclusão de que na primeira ocasião quisera se imprimir em minha memória e na segunda se certificara de que seria imediatamente reconhecido.

Não me senti muito tranqüilo naquela noite, embora sentisse a certeza, difícil de explicar, de que a figura não voltaria. Ao clarear o dia caí num sono profundo, do qual fui despertado por João Derrick chegando junto a minha cama cum papel na mão.

Aquele papel, ao que parecia, fora causa duma altercação, à porta, entre seu portador e meu criado. Era uma intimação pra eu fazer parte do júri na próxima audiência da corte criminal central em Old Bailey. Eu nunca fora antes intimado pra tal júri, como João Derrick bem sabia. Acreditava, não estou certo se com razão, que essa classe de jurado era geralmente escolhida entre pessoas de posição inferior a minha, e a princípio se recusara a receber a intimação. O homem que a distribuía tomara o caso de maneira muito fria. Dissera que meu comparecimento ou não comparecimento não lhe interessava. Ali estava a intimação. E eu devia fazer uso dela por minha conta-e-risco, e não dele.

Durante um dia ou dois fiquei indeciso sobre se deveria atender àquele convite ou não

tomar conhecimento. Não tive consciência de inclinação misteriosa, influência ou atração, por uma ou outra decisão. Disso tenho certeza, como tenho de toda outra alegação que aqui faço. Finalmente decidi, como uma quebra na monotonia de minha vida, que iria.

A manhã marcada foi a dum dia invernosso de novembro. Havia um denso nevoeiro castanho em Piccadilly, que se tornou positivamente preto e num grau muito opressivo a leste de Barra do Templo.^[2] Encontrei os corredores e escadarias do tribunal profusamente iluminados a gás e a própria sala de audiência igualmente iluminada. Penso que até ser conduzido pelos funcionários a dentro do *velho tribunal* e ver como estava repleto. Não sabia que o assassino seria julgado naquele dia. Penso que até ser assim introduzido no *velho tribunal* com ingente dificuldade, não sabia a qual das duas instâncias do tribunal minha intimação me levaria. Mas isso não deve ser tomado como uma asserção positiva, porque em sã consciência não estou certo sobre algum desses dois pontos.

Tomei assento no lugar reservado aos jurados aguardarem, e olhei em volta do tribunal tão bem quanto pude através da nuvem de nevoeiro e respiração que o enchia pesadamente. Notei a névoa negra flutuando como uma cortina escura no lado de fora das grandes janelas, e notei o som abafado de rodas na palha ou cortiça acamada na rua. Também o sussurro do povo reunido lá fora, que um apito agudo, ou um som ou grito mais alto ocasionalmente varava. Pouco depois os dois juízes entraram e tomaram lugar. O zunzum na sala se acalmou de maneira impressionante. Foi dada ordem pra conduzir o assassino à barra. Quando apareceu reconheci nele o primeiro dos dois homens que desciam Piccadilly.

Se meu nome fosse chamado naquele momento duvido que poderia responder de maneira audível. Mas era o sexto ou oitavo do quadro, e quando chamaram eu já estava em condição de dizer Presente! Agora observai. Quando entrei no reservado, o prisioneiro, que estivera olhando atentamente mas sem sinal de interesse, ficou violentamente agitado e acenou ao advogado. O desejo do prisioneiro de me vetar era tão manifesto que provocou uma pausa, durante a qual o advogado, com a mão apoiada na barra, cochichou com o cliente e abanou a cabeça. Soube depois, por aquele cavalheiro, que as primeiras palavras assustadas do prisioneiro a ele foram:

— Na dúvida recuses aquele homem!

Mas, como não apresentasse razão substancial e admitisse que nunca ouvira meu nome até que fora proclamado ali e eu aparecera, não foi atendido.

Tanto pelo motivo já explicado de evitar reviver a memória daquele perverso assassino, como também porque uma minuta detalhada daquele longo julgamento não é indispensável a minha narrativa, me limitarei estritamente aos incidentes verificados naqueles dez dias e noites durante os quais os jurados fomos conservados juntos, que mais diretamente se relacionem com minha curiosa aventura. É nesta, e não no assassino, que desejo interessar meu leitor. É a ela e não a uma página do calendário de New Gate que peço atenção.

Fui escolhido pra presidente do júri. No segundo dia do julgamento, depois de tomados depoimentos de testemunha durante duas horas (ouvi os campanários da igreja badalarem), me acontecendo passar os olhos nos jurados meus colegas, achei uma dificuldade inexplicável em os contar. Os contei várias vezes, encontrando sempre a

mesma dificuldade. Resumindo, sempre achava que havia um a mais.

Toquei no braço do jurado cujo lugar era ao lado do meu e sussurrei:

— Queiras me fazer a fineza de nos contar.

Pareceu surpreso com o pedido mas virou a cabeça e contou. Disse subitamente:

— Ora essa! somos treze. Mas não! Não é possível! Não! Somos doze.

De acordo com minhas contagens naquele dia, estávamos sempre certos, separadamente, mas em conjunto havia sempre um a mais. Não havia aparência, nenhum vulto, pra causar isso mas eu tinha agora uma vaga noção íntima do vulto que certamente surgiria.

Os jurados estavam alojados na taberna Londres. Dormíamos todos numa grande sala, em camas separadas, e estávamos constantemente em função e sob a custódia dum policial designado pra nos conservar em lugar seguro. Não vejo razão pra encobrir o nome verdadeiro desse funcionário. Era inteligente, muito educado, prestimoso e, gostei de saber, muito respeitado na cidade. Tinha maneiras agradáveis, bons olhos, invejáveis suíças pretas e uma bela voz sonora. Seu nome era Harker.

Quando nos deitamos em nossas doze camas, na noite, a cama de senhor Harker foi colocada atravessada na porta. Na noite do segundo dia, não estando disposto a me deitar, e vendo senhor Harker sentado em sua cama, fui me sentar a seu lado e ofereci uma pitada de rapé. Quando a mão de senhor Harker tocou a minha, ao tirar o rapé da caixa, um estremecimento peculiar lhe percorreu o corpo, e disse:

— Quem é aquele?

Seguindo o olhar de senhor Harker, e espiando ao fundo da sala, vi de novo a figura que esperava, o segundo dos dois homens que vira em Piccadilly. Me levantei e avancei alguns passos, parei e olhei senhor Harker. Estava absolutamente indiferente, riu e disse em tom de gracejo:

— Julguei, um momento, que tínhamos um décimo-terceiro jurado, sem cama. Mas agora vejo que era o luar.

Sem fazer confidência a senhor Harker, mas o convidando a caminhar um pouco comigo até a extremidade da sala, observei o que a figura fazia. Ficava parada alguns momentos ao lado da cama de cada um de meus colegas jurados, junto ao travesseiro. Ia sempre ao lado direito da cama e sempre prosseguia fazendo volta nos pés da cama seguinte. Parecia, pelo movimento da cabeça, olhar apenas pensativamente a cada vulto deitado. Não me prestou atenção, nem a minha cama, que era a mais próxima da de senhor Harker. Pareceu sair onde entrava o luar, através duma janela alta, como que num lance aéreo de escada.

Na manhã seguinte, ao desjejum. Se verificou que todos os presentes sonharam com a vítima durante a noite, exceto eu e senhor Harker.

Agora eu estava tão convencido de que o segundo homem que descia Piccadilly era o assassinado, assim dizendo, como se essa idéia me fora imposta por seu próprio testemunho imediato. Mas até mesmo isso aconteceu, e de maneira à qual eu não estava

em preparado.

No quinto dia do julgamento, quando o caso se encaminhava ao fim do libelo, foi exibida como prova uma miniatura pertencente ao assassinado, que estava desaparecida de seu quarto na ocasião da descoberta do caso, e fora depois encontrada num esconderijo onde o acusado fora visto cavando. Sendo identificada pela testemunha em inquirição, foi entregue à mesa, e dali enviada pelo júri a exame. Quando um funcionário, vestindo uma beca preta, se encaminhava a mim com ela, o vulto do segundo homem que eu vira descendo Piccadilly avançou impetuosamente do meio da multidão, tomou a miniatura da mão do funcionário e a deu a mim com as próprias mãos, dizendo ao mesmo tempo em voz baixa e tom cavo, antes que eu visse a miniatura que estava num broche:

— Eu era mais moço nesse tempo e não tinha o rosto macilento pela perda de sangue.

Também se interpôs entre mim e o jurado a quem eu devia entregar a miniatura, e entre ele e o seguinte. E assim a passou de mão a mão entre os doze jurados, até que voltou a minha posse. Nenhum dos outros o percebeu.

Às refeições, e em geral quando ficávamos fechados juntos sob a custódia de senhor Harker, desde o princípio discutíamos, naturalmente, um bocado o andamento diário do processo. No quinto dia, estando encerrado o libelo e tendo aquele lado do caso inteiramente desdobrado perante nós, nossa discussão foi mais animada e séria. Entre nós havia um sacristão, o maior idiota que já conheci, certamente, que refutava a prova mais concreta com as mais absurdas objeções, e que, era apoiado por dois papa-hóstias sem firmeza. Os três procediam de maneira tão escrupulosa que pareciam estar opinando em seu próprio julgamento por quinhentos crimes. Quando aqueles perniciosos cabeçudos estavam no auge da discussão, o que seria cerca da meia-noite, enquanto alguns já nos preparávamos pra dormir, vi de novo o assassinado. Estava ameaçadoramente parado atrás deles, e me fazia sinal. Quando me encaminhei a eles e me intrometi na conversa, imediatamente se retirou. Aquilo foi o começo duma série de aparições separadas, confinadas àquela grande sala na qual nós estávamos reclusos. Sempre que um grupo dos meus colegas jurados inclinava a cabeça confabulando, eu via a cabeça do assassinado entre elas. Sempre que a comparação de notas ia contra si, o vulto acenava solene e irresistivelmente a mim.

Devemos ter em mente que até a exibição da miniatura, no quinto dia do julgamento, eu nunca vira a aparição no tribunal. Três mudanças se verificaram agora que entrávamos na fase da defesa. Mencionarei primeiro duas juntas. O vulto agora estava continuamente no tribunal, e ali nunca se dirigia a mim mas à pessoa que estivesse falando no momento. Por exemplo: A garganta do assassinado fora cortada de lado a lado. No discurso inicial de defesa, foi sugerido que o falecido poderia ter cortado a garganta. Nesse mesmo momento o vulto, apresentando a garganta no horrível estado descrito (o que escondera até então), ficou ao lado do orador, movendo dum lado a outro a traquéia, ora com a mão direita, ora com a esquerda, demonstrando vigorosamente ao próprio orador a impossibilidade de tal ferimento ter ser pela vítima, com alguma das mãos. Outro exemplo: Uma testemunha, uma mulher, depondo sobre o caráter do acusado, declarou que o prisioneiro era o mais afável dos homens. Naquele momento o vulto parou diante dela, a fitando bem no rosto e apontando ao semblante malvado do prisioneiro, com o braço erguido e o dedo acusador.

A terceira mudança a ser mencionada agora me impressionou fortemente como a mais notável e interessante de todas. Não quero criar teoria. Aponto cuidadosamente o fato, e o deixo consignado. Embora a aparição não fosse na realidade percebida por aqueles a quem se dirigia, sua aproximação a tais pessoas era invariavelmente denunciada por perturbação ou abalo da parte delas. Me parecia como se o fantasma estivesse impedido, por leis às quais eu não estava sujeito, de se revelar inteiramente aos outros, mas ainda assim conseguisse, de maneira invisível, indistinta e vaga, lhes impressionar o espírito. Quando o advogado principal da defesa aventou a hipótese de suicídio e o vulto parou ao lado do mencionado cavaleiro, fazendo o gesto horripilante de serrar a garganta, é inegável que o advogado vacilou no discurso, perdeu durante alguns momentos o fio da engenhosa alegação, enxugou a testa com o lenço, e ficou extremamente pálido.

Quando a testemunha sobre o caráter foi enfrentada pela aparição, seus olhos certamente seguiram a direção do dedo acusador e pousaram hesitantes e com grande perturbação no rosto do prisioneiro. Dois exemplos adicionais bastarão. No oitavo dia do julgamento, depois da interrupção que se fazia todos os dias no começo da tarde, pralguns minutos de descanso e refrigério, voltei à sala do tribunal com o resto dos jurados um pouco antes dos juízes. De pé no reservado e olhando a minha volta, pensei que o vulto não estava ali, até que, levantando, por acaso, os olhos à galeria, o vi curvado a diante e inclinado sobre respeitável matrona, como que pra verificar se os juízes já voltaram a seus lugares. Imediatamente depois aquela senhora deu um grito, desmaiou, e foi levada a fora. O mesmo aconteceu com o venerável, sagaz e paciente juiz que presidiu o julgamento. Quando tudo estava terminado e se preparava, com seus papéis, pra sumariar, o assassinado, entrando na porta reservada aos juízes, avançou à banca de sua senhoria e olhou atentamente sobre o ombro dele as páginas de anotação que estava folheando. Uma mudança se operou no rosto de sua senhoria. Parou o movimento da mão. Aquele estremecimento peculiar, que eu conhecia de sobra, o agitou. Hesitou.

— Desculpai, alguns momentos, cavaleiros. Me sinto um pouco oprimido pelo ar viciado.

E só se refez depois de beber um copo d'água.

Através de toda a monotonia de seis daqueles dez dias, os mesmos juízes no estrado, o mesmo assassino na barra, os mesmos advogados na banca, a mesma toada de pergunta e resposta se erguendo ao teto do tribunal, o mesmo ranger da pena do juiz, os mesmos porteiros entrando e saindo, as mesmas luzes acesas nas mesmas horas quando não havia luz natural do dia, a mesma cortina de névoa do lado de fora das janelas quando havia nevoeiro, a mesma chuva pingando e gotejando quando estava mau tempo, as mesmas pegadas de carcereiros e prisioneiro dia após dia no mesmo serrim, as mesmas chaves fechando e abrindo as mesmas pesadas portas, através de toda a fatigante monotonia que me fazia ter a sensação de ser presidente do júri durante um vasto período de tempo e de que Piccadilly florescera concomitantemente com Babilônia, o assassinado nunca perdeu um traço de sua clareza a meus olhos, nem foi menos distinto do que outro dos presentes. Não devo deixar de mencionar, como fato digno de nota, que não vi aparição que chamo de *o assassinado* olhar o assassino. Várias vezes pensei: Por que não o faz? Mas nunca olhou.

Nem olhou a mim, depois da exibição da miniatura, até que os últimos minutos finais

do julgamento chegaram. Nos retiramos pra deliberar quando faltavam dez minutos às 10h da noite. O implicante sacristão e os dois papa-hóstias nos deram tanto trabalho que duas vezes voltamos à sala do tribunal pra pedir que fossem lidas novamente certas passagens das notas do juiz. Nove dentre nós não tinham dúvida com referência a essas passagens, nem a tinha, me parece, outra pessoa no tribunal. O triunvirato de teimosos, no entanto, não tendo outra idéia além de opor dificuldade, discutiam por essa razão mesmo. Em conclusão, nossa opinião prevaleceu e o júri enfim voltou à sala do tribunal, à meia-noite e dez minutos.

Naquele momento o assassinado estava bem em frente ao reservado do júri, do outro lado do tribunal. Quando tomei meu lugar me fitou com grande atenção. Pareceu satisfeito, e lentamente agitou um grande véu cinzento que trazia no braço na primeira vez, o lançando sobre a cabeça e sobre todo o corpo. Quando pronunciei nosso veredicto: Culpado!, o véu se abateu, tudo desapareceu, e o lugar estava vazio.

Quando o assassino foi inquirido pelo juiz, de acordo com o uso, se tinha algo a alegar antes que a sentença de morte fosse pronunciada, murmurou indistintamente algo que foi descrito nos principais jornais do dia seguinte como: Algumas palavras gaguejantes e incoerentes, que mal se ouviram e nas quais dava a entender que se queixava de não ter um julgamento honesto, porque o presidente do júri estava de prevenção contra ele. A notável declaração que realmente fez foi a seguinte:

— Meu-deus! Eu sabia que era um homem condenado quando o presidente de meu júri entrou no recinto reservado. Meu-deus! Eu sabia que nunca me deixaria escapar porque antes de ser preso conseguiu dalguma maneira chegar junto a minha cama, numa noite, e me passou uma corda em volta do pescoço.

O demônio da tanoaria

Artur Conan Doyle

Tradução de Alfredo Ferreira

Não foi fácil trazer o *Gamecock* à ilha porque o rio arrastara tanta lama que os bancos se estendiam muitas milhas Atlântico adentro. A costa ainda mal se via quando a primeira linha branca de arrebentação nos preveniu do perigo, e desse ponto a diante avançamos com muito cuidado com a vela grande e a bujarrona, conservando a arrebentação da água bem à esquerda, como estava indicado na carta. Mais de uma vez a quilha tocou na areia, pois estávamos calando um pouco mais de 2m, naquela ocasião, mas tivemos sempre jeito e porte pra passar. Finalmente a água se encheu rapidamente de banco mas mandaram uma canoa da feitoria e o piloto *crubói*^[3] nos levou até uma distância de 180m da ilha. Aí lançamos ferro porque os gestos do negro indicavam que não podíamos esperar avançar mais. O azul do mar mudara ao castanho do rio e mesmo ao abrigo da ilha a corrente cantava e remoinhava em volta de nossa proa. A maré parecia estar cheia porque passava acima das raízes das palmeiras e, em todos os lados, sobre a sua superfície barrenta e oleosa podíamos ver pedaço de madeira e destroço de toda espécie arrastados pela enxurrada.

Quando me certifiquei de que estávamos firmes em nossa ancoragem, pensei ser melhor começar a tomar água imediatamente, porque o lugar parecia inquinado de febre. O rio denso, os bancos lamacentos e lodosos, o verde brilhante e venenoso da mata, o vapor úmido no ar, eram outros tantos sinais pra quem soubesse os ler. Portanto mandei arriar o escaler com dois grandes odres, que seriam suficientes pra durar até chegarmos a São Paulo de Luanda.^[4] Quanto a mim, tomei o bote pequeno e remei à ilha porque podia ver a bandeira inglesa flutuando acima das palmeiras pra marcar a posição do entreposto comercial de Armitage & Wilson.

Depois de passar além do pequeno bosque pude ver o lugar, uma construção baixa, comprida, caiada, com profunda varanda na frente e imensas pilhas de barris de óleo de palma de ambos os lados. Uma fila de caiaques e canoas estava amarrada ao longo da praia e um simples pontão se projetava no rio. Dois homens de roupa branca, com faixas vermelhas em volta da cintura, estavam esperando na extremidade pra me receber. Um era um camarada grande e corpulento, de barba grisalha. O outro era magro e alto, de rosto pálido, enrugado, meio escondido sob um grande chapéu em feitio de cogumelo. Disse o magro, cordialmente:

— Muito prazer em te ver. Sou Walker, agente de Armitage & Wilson. Permitas apresentar doutor Severall, da mesma companhia. Não é muitas vezes que vemos um iate particular nesta paragem.

— É o *Gamecock*. Sou o proprietário e comandante. Meldrum é meu nome.

— Explorador?

— Sou um entomologista, um caçador de borboleta. Estive fazendo a costa oeste, do

Senegal a baixo.

— Bom esporte? — Perguntou o doutor, voltando a mim um olhar lento, amarelado.

— Tenho quarenta caixas cheias. Viemos pra tomar água, e também pra ver o que têm em minha especialidade.

Essas apresentações e explicações tomaram o tempo durante o qual meus dois crubóis amarraram o caiaque. Então caminhei no pontão com um de meus novos conhecidos de cada lado, ambos me crivando de pergunta porque não viam um homem branco havia meses.

— O que faremos? — Disse o doutor quando comecei perguntar em minha vez — Nosso negócio nos dá bastante que fazer, e nas horas vagas discutimos política.

— Sim, por especial mercê da providência, Severall é um radical ferrenho e sou um unionista inflexível, e discutimos a autonomia durante duas boas horas todas as tardes.

— E bebemos coquetel de quinino. — Disse o doutor — Agora já estamos ambos bem *salgados*, mas nossa temperatura normal era de 40°C no ano passado! Como conselheiro imparcial, não recomendaria ficar aqui muito tempo, a menos que queiras colecionar bacilo além de borboleta. A embocadura do rio Ogowai nunca será um clima saudável.

Nada há mais interessante que a maneira pela qual aqueles marcos avançados da civilização conseguem destilar bom-humor da situação desolada em que estão e mostram cara não só calma quanto alegre às contingências que a vida possa trazer. Em toda parte, desde Serra Leoa a baixo, encontrei os mesmos pântanos pestilentos, as mesmas comunidades isoladas, torturadas pela febre, e os mesmos maus gracejos. Há algo que toca as raias do divino naquela força do homem de se erguer acima da circunstância e usar a inteligência pra zombar das misérias do corpo. Disse o doutor:

— O jantar estará pronto dentro de meia hora, capitão Meldrum. Walker foi providenciar a esse respeito. É o encarregado da casa nesta semana. Entretanto, se quiseres, poderemos dar uma volta e mostrarei as vistas da ilha.

O Sol já descera abaixo da linha de palmeira e a grande abóbada celeste sobre nossa cabeça era como o interior duma calota imensa, irisada de cor-de-rosa claro de delicados nuances. Ninguém que não vivera numa terra onde o peso e o calor dum guardanapo se tornam intoleráveis sobre os joelhos, pode imaginar o abençoado alívio que o frescor das tardes traz. Naquele ar mais leve e mais puro o doutor e eu caminhamos em volta da pequena ilha, apontando os armazéns e explicando a rotina do serviço. Disse em resposta a uma de minhas observações sobre a monotonia daquela vida:

— O lugar é um tanto romântico. Estamos vivendo aqui bem no limiar do grande desconhecido. Ali, — continuou apontando a nordeste — du Chaillu penetrou, e encontrou a terra dos gorilas. É o país de Gabão, a terra dos grandes símios. Naquela direção — apontando a sudeste — ninguém avançou muito. A região irrigada por esse rio é praticamente desconhecida dos europeus. Cada tronco de árvore que passa aqui arrastado pela corrente vem de território inexplorado. Desejei muitas vezes ser melhor botânico quando vi as singulares orquídeas e plantas de aspecto curioso que encailharam na extremidade oriental da ilha.

O lugar que o doutor indicava era uma praia em declive, literalmente coberta pelo destroço arrastado pela corrente. Em cada extremidade havia uma ponta curva, formando uma espécie de quebra-mar natural, de modo que havia uma pequena baía entre as duas, estava cheia de vegetação flutuante, com grande tronco de árvore atravessado no meio, e de encontro ao qual a correnteza se quebrava.

— Isto é tudo lá de cima. — Disse o doutor — Ficam presas em nossa baía e quando alguma nova enxurrada desce são novamente arrastadas ao mar.

— Que árvore é aquela?

— Uma variedade de teca, imagino, mas bastante apodrecida, ao que parece. Chega toda espécie de grandes árvores de madeira-de-lei flutuando até aqui, sem falar das palmeiras. Venhas, por favor.

Me conduziu até um comprido edifício com enorme quantidade de aduela de barril e aro de ferro espalhados dentro.

— Isto é nossa tanoaria. Nos mandam aduela em amarrado e montamos os barris aqui. Nada achas de particularmente sinistro neste edifício. Não é?

Olhei em volta. O alto telhado de zinco corrugado, as paredes de madeira caiada e o chão de terra batida. Num canto havia um colchão cum cobertor.

— Nada vejo de muito alarmante.

— E no entanto há algo fora do comum, também. Vês aquela cama? Tenciono dormir nela nesta noite. Não quero me gabar mas acho que é uma boa experiência pros nervos.

— Por quê?

— Têm acontecido coisas engraçadas. Estive falando a respeito da monotonia de nossa vida mas asseguro que ela é às vezes tão excitante quanto desejaríamos. Seria melhor voltarmos a casa, agora, porque depois do crepúsculo vem o nevoeiro da febre dos pântanos. Ali, podes o ver vindo através do rio.

Olhei e vi longos tentáculos de vapor branco subindo em espirais dentre o denso matagal verde e se arrastando em nossa direção sobre a larga superfície crespada do rio barrento. Ao mesmo tempo o ar se tornou de súbito úmido e frio. disse o doutor:

— Eis o gongo do jantar. Se este assunto te interessa falarei sobre ele depois.

Me interessava muito porque havia algo de sério e contrafeito em suas maneiras enquanto estava parado na tanoaria deserta, que me excitava fortemente a imaginação. Era um homem grande, resoluto, robusto aquele doutor. No entanto vislumbrei um curioso brilho nos olhos quando os passeava em volta. Uma expressão que eu não descreveria como de medo mas antes a dum homem que está alerta e em guarda. disse eu enquanto voltávamos à casa:

— Incidentalmente me mostraste as cabanas de grande parte dos auxiliares nativos mas não vi algum.

— Dormem no batelão, acolá. — Respondeu o doutor, apontando a um dos bancos.

— De fato. Mas nesse caso não me parece que precisem de cabana.

— Usavam as cabanas até bem, recentemente. Os pusemos no batelão até que recuperem um pouco a confiança. Estavam todos meio loucos de medo e por isso os deixamos ir. Ninguém dorme na ilha, exceto Walker e eu.

— O que os assustou?

— Isso remete à mesma história. Suponho que Walker não fará objeção a que ouça tudo a esse respeito. Não sei por que faríamos segredo disso, se bem que é um assunto bem desagradável.

Não fizemos outra alusão ao caso durante o excelente jantar preparado a minha honra. Parecia que, mal a vela branca do *Gamecock* surgira na extremidade do cabo López, aqueles hospitaleiros camaradas começaram a preparar a famosa *panela-de-pimenta*, que é o ardente cozido peculiar à costa oeste, a cozinhar o inhame e a batata-doce. Nos servimos dum jantar nativo tão bom quanto se poderia desejar, servido por um elegante criadinho de Serra Leoa. Estava já pensando que ele ao menos não tomara parte na conversa geral quando, tendo colocado a sobremesa e o vinho em cima da mesa, levou a mão ao turbante.

— Mais alguma coisa preu fazer, massa Walker?

— Não. Acho que é tudo, Moussa. No entanto, não me estou sentindo bem nesta noite, e preferiria muito que ficasses na ilha.

Vi a luta entre o medo e o dever no rosto negro do africano. A pele tomara aquele tom lívido-arroxeadado que toma o lugar da palidez nos pretos, e os olhos giraram furtivamente na sala. enfim exclamou:

— Não, não, massa Walker. É melhor que venhas ao batelão comigo, patrão. Poderei tomar conta de ti muito melhor no batelão.

— Isso não serve, Moussa. Os homens brancos não fogem dos postos onde são colocados.

De novo vi a luta desesperada no rosto do negro, e de novo o receio prevaleceu.

— Não adianta, massa Walker! Nem que me batessem, não poderia o fazer. Se fosse ontem ou se fosse amanhã, mas esta é a terceira noite, patrão. É mais do que posso suportar.

Walker encolheu os ombros.

— Dês o fora, então. Quando o navio do correio vier podes voltar a Serra Leoa, porque não preciso dum criado que me abandona quando mais preciso dele. Suponho que isto tudo é um mistério pro senhor ou o doutor já te contou?, capitão Meldrum.

— Mostrei ao capitão Meldrum a tanoaria, mas nada contei. — Disse o doutor Severall

— Estás com mau aspecto, Walker — acrescentou, olhando o companheiro — Terás um forte acesso.

— Tive calafrio o dia inteiro e agora a cabeça está oca como um tambor. Tomei dez grãos de quinino e meus ouvidos estão zumbindo como uma chaleira. Mas quero dormir contigo na tanoaria nesta noite.

— Não, meu caro amigo. Não me fales em semelhante coisa. Deves te meter na cama

já, e tenho a certeza de que Meldrum desculpará. Dormirei na tanoaria, e prometo que estarei aqui com teu remédio antes do café.

Era evidente que Walker fora atacado por um desses súbitos e violentos acessos de febre intermitente que são a praga da costa oeste. A face macilenta estava vermelha, os olhos brilhavam com febre, e de súbito, ali mesmo sentado como estava, começou a entoar uma canção com a voz esganiçada do delírio.

— Vamos. Temos de o levar à cama, amigo velho — disse o doutor. E com meu auxílio conduziu o amigo ao quarto de dormir. Ali o despimos. Em seguida, depois de tomar forte sedativo, caiu em profundo torpor.

— Está bem pra passar a noite. — Disse o doutor, quando nos sentamos e tornamos a encher os copos mais uma vez — Ora é minha vez, ora a sua, mas, felizmente, jamais caímos os dois ao mesmo tempo. Teria pena de ficar inutilizado nesta noite, porque tenho um pequeno mistério a desvendar. Disse que tencionava dormir na tanoaria.

— Sim.

— Quando disse dormir queria dizer montar guarda, porque não poderei dormir. Tivemos um tal alarme aqui que nenhum nativo seria capaz de ficar depois do pôr-do-sol, e tenciono descobrir nesta noite a causa de tudo isso. Foi sempre nosso costume ter um vigia noturno dormindo na tanoaria, pra evitar que os aros sejam roubados. Há seis dias o camarada que dormia lá desapareceu, e não pudemos encontrar pista. Era singular porque nenhuma canoa fora roubada e esta água é tão cheia de crocodilo que não seria possível um homem atravessar a nado. O que aconteceu ao camarada ou como poderia ter abandonado a ilha, é um mistério. Walker e eu ficamos meramente surpreendidos mas os pretos ficaram assombrados e estranhas histórias de vudu começaram a circular entre eles. Porém o verdadeiro pânico começou quando, há três noites, o novo vigia da tanoaria desapareceu também.

— O que foi feito dele?

— Não só não sabemos como não temos idéia que convenha aos fatos. Os negros juram que há um demônio na tanoaria que exige um homem de três em três dias. Não querem ficar na ilha. Nada poderia os persuadir. Até mesmo Moussa, que é um rapaz de bastante confiança, preferiu abandonar, como viste, o patrão com forte acesso de febre, a ficar aqui durante a noite. Se quisermos continuar o negócio neste lugar, teremos de tranquilizar nossos negros, e não conheço maneira melhor que ficando eu uma noite lá. Hoje é a terceira noite, sabes, de maneira que espero que a coisa venha, seja lá o que for.

— Não tens indício? Não havia sinal de violência, mancha de sangue, pegada, algo que possa dar uma idéia da espécie de perigo que terás de enfrentar?

— Nada. O homem desapareceu. E é tudo. Na última vez foi o velho Ali, que fora guarda do cais desde que aqui estamos. Estivera sempre firme como uma rocha e nada além duma desgraça o faria abandonar o serviço.

— Realmente não acho que isso seja serviço prum homem só. Teu amigo está cheio de láudano, e haja o que houver, não poderá prestar auxílio. Me permitirás passar a noite contigo na tanoaria.

— Isso é muita bondade tua, senhor Meldrum. — Disse, cordialmente — Não é coisa que eu me tivesse atrevido a propor, pois seria exigir muito dum mero visitante casual, mas se de fato queres.

— Certamente que quero. Se me deres licença um momento, chamarei à fala o *Gamecock* e o avisarei de que não precisam me esperar.

Quando voltávamos da outra extremidade do pontão ficamos espantados com o aspecto da noite. Enorme montanha de nuvens cor de chumbo se elevava no lado da terra, e o vento vinha daquela direção em pequenas rajadas quentes que batiam em nossos rostos como as baforadas duma fornalha aberta. Sob o pontão o rio fazia remoinho e escachoava, [\[5\]](#) atirando pequenos salpicos de espuma branca sobre as pranchas.

— Com os diabos! — Disse doutor Severall — Estamos arriscados a ter uma cheia, além de todo nosso embaraço. Essa subida de nível do rio significa chuvas pesadas no interior, e quando começa ninguém sabe até onde irá. Já tivemos a ilha quase coberta, antes. Bem, veremos se Walker está passando bem, e depois, se quiseses, iremos a nossa vigília.

O doente estava mergulhado em profundo torpor e deixamos algumas limas espremidas num copo a seu lado, caso acordasse com a sede da febre. Depois nos encaminhamos através da escuridão insólita lançada pelas nuvens ameaçadoras. O rio subira tanto que a pequena baía que descrevi e que ficava na extremidade da ilha estava quase obliterada pela submersão da península lateral. A grande balsa de detritos de madeira com a enorme árvore escura no meio estava derivando a cima e a baixo na corrente engrossada.

— Isso é uma boa coisa que a cheia fará por nós. — Disse o doutor — Arrasta todo esse lixo vegetal que é trazido à extremidade leste da ilha. Veio com a correnteza no outro dia e aqui ficará até que uma cheia o arraste ao meio do rio. Eis nosso quarto, alguns livros e minha bolsa de tabaco e tentaremos passar a noite da melhor maneira possível.

À luz de nossa única lanterna, o grande salão solitário parecia muito vazio e triste. Salvo as pilhas de aduela e montes de aro, nada havia nele, exceto o colchão preparado num canto, pro doutor. Fizemos dois assentos e uma mesa com as aduelas e iniciamos juntos uma longa vigília. Severall trouxera um revólver pra mim e estava armado com uma espingarda de caça de dois canos. Carregou as armas e as deixou a alcance da mão. O pequeno círculo de luz e as sombras negras que nos envolviam eram tão melancólicas que foi à casa e trouxe duas velas. Um dos lados da tanoaria era, porém, rasgado por várias janelas, e foi somente protegendo nossas luzes com o auxílio de aduelas que conseguimos as manter acesas.

O doutor, que parecia um homem com nervo de ferro, se dedicara à leitura dum livro. Mas observei que de vez em quando o pousava sobre os joelhos e passeava um olhar atento a sua volta. Embora eu tentasse uma ou duas vezes ler, achei impossível concentrar o pensamento no livro. Voltavam sempre a vaguear naquele grande salão vazio e silencioso e a se prender naquele sinistro mistério que o envolvia. Torturei o cérebro procurando qualquer teoria possível que pudesse explicar o desaparecimento daqueles dois homens. Havia o fato positivo que sumiram e sem ponto de referência de como ou aonde. E ali estávamos, esperando no mesmo lugar, sem idéia sobre o que esperávamos. Tivera razão em dizer que não era empresa prum só homem. Já era bastante excitante naquela

condição, porém força alguma no mundo me faria ficar ali sem um companheiro.

Que noite infundável e tediosa! Ouvíamos o murmúrio e rumorejo do grande rio e o soluçar do vento em ascensão. Dentro, salvo nossa respiração, o virar das páginas pelo doutor e o zumbido agudo e fino dalgum ocasional mosquito, havia um silêncio pesado. Em certo momento senti o coração subir à boca ao mesmo tempo que o livro de Severall caía ao chão e ele se punha em pé num pulo, com os olhos fitos numa das janelas.

— Viste algo?, Meldrum.

— Não. E tu?

— Tive a vaga sensação de movimento no exterior daquela janela. — Pegou a espingarda e se aproximou dela. — Nada se vê. Contudo eu seria capaz de jurar que algo passou lentamente junto dela.

— Talvez uma folha de palmeira. — Disse eu, porque o vento ficava mais forte a cada momento.

— Muito provavelmente. — E voltou ao livro mas os olhos desde então lançavam de vez em quando rápidas olhadelas desconfiadas à janela. Comecei a observar também, mas fora tudo estava quieto.

E então, subitamente, nosso pensamento foi desviado a outra direção pelo desabar da tempestade. Um relâmpago encandeador^[6] foi seguido por um trovão que abalou o prédio. Mais uma vez e mais outra vinha o vívido clarão do relâmpago seguido imediatamente pelo trovão, como o clarão e o estrondo duma peça de artilharia. E então desabou a chuva tropical, retinindo e roncando no telheiro de zinco corrugado da tanoaria. O vasto espaço oco ressoava como um grande tambor. Da escuridão se ergueu estranha mistura de ruído, um gorgolejar, respingar, pingar, borbulhar, escoar, gotejar. Todos os sons líquidos que a natureza pode produzir, desde o desabar e cantar da chuva até o surdo encachoeirar do rio. Hora após hora o tumulto se tornou mais forte e mais contínuo. Disse Severall:

— Palavra! Teremos a mãe de todas as cheias desta vez. Eis a aurora, afinal, e isso é uma bênção. Estamos quase acabando de extirpar a superstição da terceira noite, de qualquer maneira.

Uma luz cinzenta invadia a tanoaria e o dia raiou pouco depois. A chuva estiara mas o rio cor de café rugia como uma catarata. Sua força me fez recluir quanto à ancoragem do *Gamecock*. Eu disse:

— Tenho de ir a bordo. Se desgarrar não será capaz de subir o rio outra vez.

— A ilha é um ótimo quebra-mar. Posso te dar uma xícara de café se fores à casa.

Me sentia enregelado e deprimido. A sugestão foi bem acolhida. Deixamos a agourenta tanoaria com seu mistério ainda a desvendar e patinhamos na lama até a casa.

— Temos ali o fogareiro a álcool. Se quiseres o acender, irei ver como Walker se sente nesta manhã.

Me deixou mas voltou logo em seguida cum a cara assombrada. Exclamou, com voz rouca:

— Se foi!

Aquelas palavras me deram um calafrio de pavor. Fiquei parado com a lâmpada na mão, o olhando. Repetiu:

— Sim. Se foi! Venhas ver.

O segui sem palavra. A primeira coisa que vi quando entrei no quarto foi o próprio Walker deitado na cama, com o pijama de flanela cinza que eu ajudara a vestir na véspera. Gaguejei:

— Não está morto, decerto!

O doutor estava terrivelmente agitado. As mãos tremiam como folhas ao vento.

— Morreu há várias horas.

— Foi a febre?

— Febre! Olhes seu pé!

Lancei um olhar a baixo e um grito de horror escapou de meus lábios. Um dos pés estava não somente deslocado, mas torcido completamente na mais grotesca contorção.

— Santo-deus! O que faria isso?

Severall pousara a mão sobre o peito do morto. Sussurrou:

— Apalpes aqui!

Coloquei a mão no mesmo lugar. Não houve resistência. Severall disse no mesmo murmúrio assustado:

— O corpo estava fofo e mole. Era como apalpar uma boneca de serragem. O osso externo desapareceu. Graças-a-deus que tomara láudano. Pelo rosto se pode ver que morreu dormindo.

— Mas quem pode ter feito isso?

— Já tenho bastante disto. — Disse o doutor, enxugando a testa — Não sei se sou mais covarde que meus vizinhos, mas isto vai além de minhas forças. Se irás ao *Gamecock*...

— Venhas! — Disse eu, e seguimos. Se não corremos foi porque cada um queria conservar uma última sombra de respeito perante o outro. Era perigoso se arriscar numa leve canoa sobre o rio engrossado mas não paramos pra pensar nisso. Ele ao leme e eu remando, conseguimos a manter a tona água e chegamos à coberta do iate. Ali, com 180m de água entre nós e aquela maldita ilha, sentimos que éramos nós mesmos de novo.

— Voltaremos dentro de uma ou duas horas mas precisamos de tempo pra nos refazermos. Não consentiria que os negros me vissem no estado em que eu estava ainda agora, nem por um ano de salário.

— Eu disse ao despenseiro pra preparar o café. Depois voltaremos. Mas, em nome-de-deus, doutor Severall, o que concluíste de tudo isto?

— Simplesmente está além de minha compreensão. Ouvi falar de feitiçaria de vudu, e ria disso, com os outros. Mas que o pobre velho Walker, um cidadão inglês decente, temente a Deus, do século 19, tivesse de ser enterrado assim, sem osso no corpo, isso me abalou, não nego. Mas olhes ali, Meldrum. Estará aquele teu homem maluco, bêbedo, ou

que tem?

O velho Patterson, o homem mais antigo da tripulação, e calmo como as pirâmides, estivera de quarto à popa cum croque^[7] para afastar os troncos flutuantes que desciam arrastados pela correnteza. Agora estava de cócoras, com os olhos esgazeados olhando a diante e o dedo indicador se agitando furiosamente no ar, gritando:

— Olhai ela! Olhai ela!

No mesmo instante a vimos.

Um enorme tronco de árvore preto descia rio abaixo, com a parte superior apenas lambida pela água. E na frente dele, cérea^[8] de 1m a diante, se arqueando a cima como a figura de proa dum navio, se via uma cabeça terrível, balançando devagar, dum lado a outro. Era achatada, malévola, do tamanho dum pequeno barril de cerveja, cor de fungo desbotado, mas o pescoço que a sustentava era mosqueado de amarelo e preto. Enquanto passava ao longo do costado do *Gamecock* arrastada no torvelinho da água, vi duas imensas roscas se distenderem de dentro dalgum grande buraco no tronco, e a horrenda cabeça se ergueu subitamente à altura de 2,5m ou 3m, fitando o iate com olhos sombrios, cobertos de escama. Exclamei:

— O que é aquilo?

— É nosso demônio da tanoaria. — Disse doutor Severall, se tornando num instante, o mesmo homem resoluta e autoconfiante que fora antes — Sim. Aquilo é o diabo que andou assombrando nossa ilha. É a grande serpente pitão do Gabão.

Pensei nas histórias que ouvira ao longo de toda a costa sobre os monstruosos constritores do interior, do apetite periódico, e os efeitos assassinos do aperto mortífero. Então tudo tomou forma em meu espírito. Houve uma inundação na semana anterior, que trouxe rio abaixo aquele enorme tronco com seu horrendo ocupante. Quem sabe de que distante floresta tropical viera? Ficara detido na pequena baía a leste da ilha. A tanoaria era a construção mais próxima. Duas vezes, com a volta do apetite periódico, carregara um vigia. Nessa noite voltara, sem dúvida quando Severall julgara ver qualquer coisa se movendo na janela, mas nossas luzes a afugentaram. Seguiria a diante e matara o pobre Walker. Perguntei:

— Por que não o carregou?

Os trovões e relâmpagos devem ter assustado o bruto. Eis o despenseiro, Meldrum. Quanto mais depressa tomarmos café e voltarmos à ilha, melhor, porque alguns negros poderiam pensar que tivemos medo.

A volta de Imray

Rudyard Kipling

Tradução de Alfredo Ferreira

The doors were wide, the story saith,
out of the night came the patient wraith,
he might not speak and he could not stir
A hair of the baron's miniver —
Speechless and strengthless, a, shadow thin,
he roved the castle to seek his hin.^[9]

And, oh, it was a piteous thiny to see

The dumb ghost follow his enemy!

The baron

As portas eram largas, a história diz
fora da noite veio o paciente espectro
Não pôde falar nem mexer
um fio da túnica do barão —
Estupefato e cansado, uma sombra tênue,
perambulou no castelo procurando sua bebida.
E, ó, era uma magreza comovente de se ver
O silencioso espectro persegue o inimigo!
O barão
[tradução do digitalizador]

Imray levava a cabo o impossível. Sem avisar, sem motivo concebível, em plena mocidade, no limiar da carreira, preferira desaparecer do mundo. Quer dizer, da pequena estação indiana onde vivia.

Na véspera estava vivo, com saúde, feliz, e em grande evidência entre as mesas de bilhar de seu clube. Na manhã seguinte desaparecera e nenhuma busca pôde revelar onde estava. Sumira dos lugares habituais. Não aparecera no escritório na hora costumeira e seu docar^[10] não fora visto nas vias públicas. Por isso e porque estava embaraçando, em proporção microscópica, a administração do império indiano, esse império parou um momento microscópico pra investigar o destino de Imray. Dragaram lagoa, sondaram poço, enviaram telegrama em toda a extensão das ferrovias e ao porto marítimo mais próximo, 2000km afastado dali, mas Imray não apareceu no fundo das caçambas de dragagem nem na extremidade das linhas telegráficas. Se fora, e ninguém mais o viu no lugar. Então o serviço do grande império indiano seguiu adiante, porque não podia ficar atrasado, e Imray dum homem passou a ser um mistério, uma dessas coisas sobre as quais os homens falam durante um mês nas mesas dos clubes e depois esquecem totalmente. Suas espingardas, cavalos e carruagens foram leiloados. O oficial superior escreveu uma carta absurda à mãe dele, dizendo que Imray desaparecera de maneira absoluta, e o

bangalô onde ele morava permaneceu vazio.

Depois de se terem passado três ou quatro meses de calor escaldante, meu amigo Strickland, da polícia, fez acordo com o proprietário indígena, pra alugar o bangalô. Isso foi antes de ficar noivo de senhorita Youghal, história já contada noutra ocasião, e quando se dedicava a investigar a vida nativa. Sua vida era bastante estranha, e os homens se queixavam de sua maneira e costume. Havia sempre comida em casa mas não havia hora certa pra refeição. Comia em pé e andando dum lado a outro, qualquer coisa que encontrasse no bufete, e isso não é bom pra ser humano. O equipamento doméstico se limitava a seis rifles, três espingardas de caça, cinco selins e uma coleção de caniço de pesca, maiores e mais fortes que as maiores canas de pescar salmão. Tudo isso ocupava a metade do bangalô. A outra metade era reservada a Strickland e a Tietjens, uma enorme cadela da raça rampur, que devorava diariamente a ração de dois homens, se fazia entender por Strickland com linguagem própria e sempre que perambulava fora e via coisas que poderiam destruir a paz de sua majestade a rainha imperatriz, voltava a junto do dono, levando a informação. Strickland tomava imediatamente providência, e o fim do trabalho significava transtorno, multa e prisão a outras pessoas. Os nativos acreditavam que Tietjens era um espírito familiar e a tratavam com a grande deferência nascida do ódio e do medo. Um quarto do bangalô era reservado pra seu uso exclusivo. Tinha um estrado pra dormir, um cobertor e uma celha d'água. Quando alguém entrava no quarto de Strickland na noite, o costume dela era jogar o intruso ao chão e o segurar, latindo, até alguém chegar com luz. Strickland lhe devia a vida. Estava na fronteira, buscando um assassino local, que veio na madrugada cinzenta pra o enviar muito além das ilhas Andamã. Tietjens agarrara o homem quando ele se arrastava a dentro da tenda de Strickland cum punhal entre os dentes. Depois de se provar o propósito assassino aos olhos da lei fora enforcado. Desde aquela data Tietjens usara uma coleira de prata maciça e um monograma bordado em seu cobertor, que era de lã de caxemira, porque Tietjens era uma cadela mimada.

Por nada seria capaz de se separar de Strickland. Uma vez, quando ele estava doente com febre, dera muito a fazer aos médicos, porque não sabia como tratar o dono e não queria permitir que alguém o fizesse. Macarnaght, do serviço médico indiano, teve de bater na cabeça com a coronha do revólver antes dela compreender que devia dar lugar aos que pretendiam ministrar quinino.

Pouco depois de Strickland alugar o bangalô de Imray, meu serviço me levou até àquele porto e naturalmente, encontrando os alojamentos do clube cheios, fui me hospedar na casa de Strickland. Era um bangalô confortável, com oito cômodos e cuidadosamente coberto de colmo alcatroado pra evitar goteira. Abaixo do alcatrão do telhado corria um forro de pano que parecia um teto de estuque bem caiado. O proprietário o pintara de novo quando Strickland alugara o bangalô. Exceto quem sabe como são construídos os bangalôs indianos, ninguém suspeitaria que acima do tecido do forro tinha o escuro vão de três abas de telhado, onde as vigas e a parte inferior do colmo alcatroado abrigavam toda espécie de rato, barata, formiga e outras coisas imundas.

Tietjens me recebeu na varanda com latido semelhante às badaladas do sino da catedral de São Paulo, pondo as patas em meus ombros, pra mostrar que estava contente em me ver. Strickland procurara improvisar uma espécie de refeição que chamou de almoço, e

imediatamente depois de a engolir saíra a tratar dos negócios. Fiquei sozinho com Tietjens e meus negócios. O calor sufocante do verão cedera e se transformara no calor úmido da chuva. Não havia viração no ar aquecido mas a chuva caía grossa sobre a terra e erguia uma névoa azulada ao respingar. Os bambus, abacateiros, sapotizeiros e mangueiras, no jardim, estavam imóveis, enquanto a chuva quente escorria sobre os troncos e as rãs começavam a coaxar entre a sebes de aloés. Um pouco antes do escurecer, quando a chuva estava mais forte, me sentei na varanda do fundo, escutando a chuva encachoeirar das biqueiras do telhado e me coçando porque estava cheio de brotoeja. Tietjens veio a mim e pousou a cabeça em meu regaço, parecendo muito triste. Por isso dei biscoito quando o chá ficou pronto, e tomei chá na varanda do fundo por causa do ligeiro frescor que se sentia ali. Os cômodos da casa estavam escuros, a minhas costas. Podia sentir o cheiro da coleção de arreio de Strickland e do óleo das espingardas e não tinha vontade de ir me sentar no meio daquelas coisas. Meu criado se aproximou, na luz crepuscular, com a roupa de linho colada ao corpo ensopado e disse que chegara um cavalheiro que desejava falar com alguém. A contragosto mas somente por causa da escuridão dos quartos, fui à sala de visita vazia, dizendo ao criado pra trazer uma luz. Com ou sem um visitante esperando acreditei ver um vulto perto da janela, mas quando chegou a luz nada havia além da chuva grossa e do cheiro de terra molhada. Insinuei, ao criado, que não fora muito esperto e voltei à varanda pra conversar com Tietjens, que saíra à chuva e a muito custo consegui fazer voltar a junto de mim, mesmo oferecendo biscoito e torrão de açúcar. Strickland voltou ensopado até os ossos, quase na hora do jantar. A primeira coisa que disse foi:

— Alguém esteve aqui?

Expliquei, me desculpando, que meu criado me fizera ir até a sala de visita com rebate falso ou que algum desocupado tentara visitar Strickland mas depois, mudando de idéia, se retirara sem deixar o nome. Strickland mandou servir o jantar sem fazer comentário, e visto que era um jantar de verdade, inclusive com toalha branca posta, nos sentamos à mesa.

Às 9h Strickland quis se deitar e eu também estava cansado. Tietjens, que estivera deitada sob a mesa, se levantou e foi à varanda mais abrigada logo que o dono foi ao quarto, que era junto do confortável aposento preparado pra Tietjens. Se uma esposa quisesse dormir fora com aquela chuva forte, não teria importância, mas Tietjens era uma cadela, portanto um animal melhor. Olhei a Strickland, esperando o ver a chamar cum assobio. Sorrii de maneira estranha, como um homem sorriria depois de revelar uma tragédia doméstica.

— Ela faz isso desde que me mudei àqui. A deixes lá.

A cadela era de Strickland, por isso nada observei, mas sentia tudo o que Strickland sentia por ser assim desprezado. Tietjens acampou no lado de fora da janela de meu quarto e eu ouvia um trovão, após outro, rolar sobre o colmo do telhado e morrer longe. Os relâmpagos se espalhavam no céu como um ovo jogado se espalha numa porta de celeiro, mas a luz era azul-clara e não amarela, e olhando através de minhas cortinas de bambu entreabertas eu podia ver a grande cadela em pé, não dormindo, na varanda, com o pêlo das costas eriçado e as patas rígidas, tão esticadas como os cabos de aço de suspensão duma ponte pênsil. Nos intervalos muito curtos da trovoadas eu tentava dormir mas parecia que alguém precisava de mim urgentemente. Fosse quem fosse, tentava me chamar pelo

nome, mas sua voz não era mais que rouco sussurro. A trovoadá acabou, e Tietjens foi ao jardim e uivou ao luar nascente. Alguém tentou abrir minha porta, andou dum lado a outro na casa, e parou respirando alto nas varandas. Exatamente quando eu ia adormecendo me pareceu ouvir um forte martelar e brados sobre minha cabeça ou à porta.

Corri ao quarto de Strickland e perguntei se estava doente e se me chamara. Estava deitado na cama, meio vestido, com o cachimbo entre os dentes. Disse:

— Imaginei que virias. Estive caminhando na casa, há pouco?

Expliquei que vagueara na sala-de-jantar, na sala de fumo e mais dois ou três cômodos. Riu e me disse que voltasse à cama. Voltei e dormi até na manhã, mas através de todos meus sonhos inquietos tinha a consciência de que estava fazendo uma injustiça a alguém não acendendo a seu desejo. O que eram esses desejos não poderia dizer mas alguém, ondeante, sussurrante, tateante, oculto e vago, me censurava por minha moleza, e, meio acordado, eu ouvia o uivo de Tietjens no jardim e o crepitar da chuva.

Morei naquela casa dois dias. Strickland ia ao escritório diariamente, me deixando sozinho durante oito ou dez horas, com Tietjens como única companhia. Enquanto a luz do dia durava eu me sentia tranqüilo e Tietjens também. Mas no crepúsculo eu e ela íamos ao terraço do fundo e procurávamos mútua companhia. Estávamos sozinhos na casa, que parecia entregue a um habitante com quem eu não desejava interagir. Nunca o via mas podia ver as cortinas das portas entre os diversos cômodos se agitarem a sua passagem. Podia ouvir as cadeiras estalarem e os bambus se distenderem como se um peso acabasse de sair de cima. E podia sentir, quando ia buscar um livro na sala-de-jantar, que alguém estava esperando, na sombra da varanda da frente, eu me retirar. Tietjens tornava o crepúsculo mais excitante olhando os quartos escuros com os pêlos eriçados, e seguindo com o olhar o movimentos de algo que eu não podia ver. Nunca entrava nos quartos mas os olhos se moviam atentamente. Isso era suficiente. Só quando meu criado vinha espevitando as lâmpadas e deixar tudo claro e habitável ela vinha a junto de mim e se sentava sobre os quartos traseiros, observando um homem invisível que se movia atrás de meus ombros. Os cachorros são companheiros alegres.

Expliquei a Strickland, com a maior delicadeza possível, que arranjaría alojamento pra mim no clube. Apreciava muito sua hospitalidade, gostava de suas espingardas e caniços mas não me sentia bem com a atmosfera da casa. Me ouviu calado até o fim e sorriu muito cansadamente mas sem mofa, porque é um homem que sabe compreender as coisas.

— Fiques e descubras o que significa isso. Tudo o que me disseste eu já sabia desde que aluguei o bangalô. Fiques e esperes. Tietjens já me abandonou. Queres fazer o mesmo?

Eu já o ajudara num pequeno caso, relacionado cum ídolo pagão, que me levara às portas dum hospício, e não queria o ajudar mais em novas aventuras. Era um homem que procurava as situações desagradáveis com a mesma facilidade com que um homem normal vai a um jantar.

Portanto expliquei, o mais claramente possível, que gostava muito de si e teria muito prazer em o ver durante o dia mas que não desejava dormir sob seu teto. Isso era depois do jantar, quando Tietjens saía pra se deitar na varanda.

— Por-deus! Não me admiro! — Disse, com os olhos fitos no pano do forro — Olhes aquilo!

As caudas de duas víboras castanhas pendiam entre o forro e a cornija da parede. Lançavam grandes sombras à luz das lâmpadas. Disse:

— Se tens medo de víbora, é natural.

Tenho ódio e medo às serpentes, porque se fitando os olhos duma serpente se verá que sabe tudo e mais algo sobre o mistério da queda do homem, e que sente toda a satisfação que o Diabo sentiu quando Adão foi expulso do Paraíso. Além do mais a dentada é em geral fatal, e costumam se enrolar nas pernas das calças.

— Deveria mandar fazer uma limpeza no colmo. Me dês um caniço de pesca, pra as derrubar.

— Se esconderão entre as vigas do telhado e não posso suportar a idéia de ficar com essas víboras lá em cima. Subirei ao forro. Se eu as derrubar fiques de lado e quebres a espinha com a vareta de limpar espingarda.

Eu não tinha vontade de ajudar Strickland naquele serviço mas peguei a vareta e esperei na sala-de-jantar, enquanto Strickland trazia uma escada de jardineiro da varanda e a encostava à parede do aposento. As caudas das víboras se agitaram e desapareceram. Ouvíamos o ruído seco dos corpos compridos fugindo sobre o pano frouxo do teto. Strickland pegou uma lâmpada, enquanto eu tentava o fazer ver claramente o perigo de caçar víbora de telhado entre um pano de forro e a cobertura de colmo, fora a possibilidade de danificar a propriedade alheia rasgando o pano do forro.

— Tolice! Com certeza estarão escondidas junto das paredes, sob o pano. Os tijolos são frios demais pra elas e o que lhes agrada é justamente o calor da sala.

Pôs a mão no canto do forro e o desprendeu da cornija. Cedeu com grande barulho de pano rasgado e Strickland meteu a cabeça na abertura, espreitando dentro do vão escuro das vigas do telhado. Apertei os dentes e levantei a vareta, porque não tinha idéia do que viria do alto.

— Hum! — Disse Strickland, cuja voz rolou e ecoou no telhado — Há espaço proutra série de cômodo aqui no alto e alguém os ocupa!

— Víboras?

— Não. É um búfalo. Me dês os dois pedaços mais grossos dum caniço de pesca, que o empurrarei. Está em cima da viga mestra do telhado.

Dei a vareta.

— Que ninho de mocho e serpente! Não admira que as víboras vivam aqui. — Disse, subindo mais a dentro do forro. Podia ver o ombro manejando a vareta — Saias daí, sejam lá quem fores! Cuidado em baixo! Cairá!

Vi o forro de pano, mais ou menos a meio da sala, se esticar com o peso dum objeto volumoso que o forçava a baixo, em direção à lâmpada acesa sobre a mesa. Puxei rapidamente a lâmpada a lugar mais seguro e recuei um pouco. Então o pano se desprende das paredes, rasgou, abriu ao meio e deixou cair sobre a mesa algo ao qual não

ousei olhar até que Strickland desceu a escada e veio a junto de mim.

Não disse grande coisa, porque era homem de poucas palavras, mas pegou a ponta solta da toalha da mesa e a dobrou sobre o despojo caído. Disse, pousando a lâmpada:

— Parece que nosso amigo Imray voltou até sua casa. Ó! Também vieste. Não foi?

A toalha se agitou de leve e uma pequena víbora escorregou ao chão, onde foi cortada ao meio por uma pancada do caniço. Me sentia doente demais pra comentar algo digno de menção.

Strickland estava meditando e se serviu uma bebida. O que estava sob a toalha não deu mais sinal de vida. Perguntei:

— É Imray?

Levantou a ponta da toalha um instante e olhou.

— É Imray e tem a garganta cortada de orelha a orelha.

Então dissemos, ao mesmo tempo, a nós mesmos:

— Era por isso que andava vagueando na casa!

Tietjens, no jardim, começou a latir furiosamente. Um momento depois abriu, com o focinho, a porta da sala-de-jantar.

Farejou e ficou imóvel. O pano rasgado do forro estava pendurado quase até a altura da mesa, e havia pouco espaço pra nos afastarmos do despojo.

Tietjens avançou e se sentou. Os dentes surgiram sob as fauces arreganhadas e as patas da frente ficaram rígidas. Olhou o dono.

— É um caso complicado, minha velha. Um homem não sobe ao forro de seu bangalô pra morrer e não conserta o forro depois. Pensem no caso.

— Pensem, mas nalgum lugar fora daqui.

— Excelente idéia. Apagues as lâmpadas. Vamos a meu quarto.

Não apaguei as lâmpadas. Fui ao quarto de Strickland na frente e deixei que se encarregasse daquele serviço. Depois me seguiu, acendemos os cachimbos e pensamos. Strickland pensou. Eu fumava desesperadamente porque estava com medo.

— Imray voltou. — Disse Strickland — A questão agora é: Quem matou Imray? Não fales! Tenho uma idéia. Quando aluguei este bangalô fiquei com muitos dos criados de Imray, que era franco e inofensivo. Não era?

Concordei, embora o despojo que estava sob a toalha não parecesse uma coisa nem outra

— Se eu chamar todos os criados, se unirão e mentirão como arianos. O que sugeres?

— Os chamar um a um.

— O primeiro irá correndo contar a novidade a todos os companheiros. Devemos os segregar. Achas que teu criado sabe algo sobre o caso?

— Pode ser mas é improvável. Só está aqui há dois ou três dias. Qual é tua idéia?

— Não sei dizer. Como o homem escolheu o lado de cima do forro?

Se ouviu uma tosse forte do lado de fora da porta do quarto de Strickland. Isso significava que Bahadur Khan, seu camareiro, acordara e queria ajudar Strickland a se deitar.

— Então. Está uma noite muito quente. Não é?

Bahadur Khan, um grande maometano com 1,95m de altura, usando turbante verde, disse que estava uma noite muito quente mas estava a cair muita chuva, a qual, por graça de sua honra, traria alívio à terra. Strickland disse, descalçando as botas:

— Assim será, se-deus-quiser. Tenho idéia, Bahadur Khan, de que estás trabalhando pra mim, sem merecer censura, há muito tempo, desde que entraste a meu serviço. Quando foi isso?

— O filho dos céus já esqueceu? Foi quando Imray saíbe seguiu secretamente à Europa sem avisar. E até eu entrei ao honrado serviço do protetor dos pobres.

— E Imray saíbe foi à Europa?

— Assim se diz entre os que eram seus criados.

— E aceitarás seu serviço quando voltar?

— Seguramente, saíbe. Era um bom amo e tratava bem os dependentes.

— Isso é verdade. Estou muito cansado mas caçarei cabrito-montês amanhã. Me dês o pequeno rifle que costumo usar pra cabrito-montês. Está naquela caixa.

O homem se curvou sobre a caixa e entregou os canos, a culatra e a coronha a Strickland, que montou a arma, bocejando preguiçosamente. Depois estendeu a mão à caixa de arma, pegou um cartucho grosso e o meteu na culatra da carabina 360.

— E Imray saíbe foi à Europa secretamente! Isso é muito estranho, Bahadur Khan. Não achas?

— O que sei do costume dos homens brancos?, filho dos céus.

— Bem pouco, na verdade. Mas ficarás sabendo mais em breve. Eu soube que Imray saíbe voltou da longa jornada e jaz na outra sala, esperando seu servo fiel.

— Saíbe!

A luz da lâmpada brilhou nos longos canos da carabina quando se ergueram à altura do peito largo de Bahadur Khan. Strickland disse:

— Verás! Leves uma lâmpada. O patrão está cansado e precisa de ti. Vás!

O homem segurou uma lâmpada e entrou na sala-de-jantar seguido por Strickland, que quase o empurrava com a boca rifle. Olhou um momento o vão escuro do forro acima do pano rasgado. A víbora contorcida no chão. E em último, cum palor de cinza no rosto, o despojo sob a toalha da mesa. Strickland perguntou depois duma pausa:

— Viste?

— Vi. Sou barro nas mãos do homem branco. O que farão os outros?

— Te enforcar dentro dum mês. O que mais poderiam fazer?

— Por o matar? Saiba, consideres. Vivendo entre nós, seus criados, pousou os olhos em meu filho, que tinha quatro anos. O enfeitiçou. Em dez dias morreu de febre. Meu filho!

— O que disse Imray saiba?

— Disse que era um menino bonito, e lhe deu uma palmadinha na cabeça. Por isso meu filho morreu. E por isso matei Imray saiba, no crepúsculo, quando voltara do escritório e estava dormindo. Depois o arrastei à viga do telhado e recompus tudo atrás. O filho dos céus tudo sabe. Sou um escravo do filho dos céus.

Strickland olhou a mim sobre os canos da arma e falou no mesmo tom empolado:

— És testemunha do que disse? Matou.

Bahadur Khan parecia cinzento à luz da única lâmpada: A necessidade de se defender se apresentou logo. Olhou a Tietjens, deitada calmamente em sua frente.

— Fui apanhado mas o ofensor foi aquele homem. Lançou mau-olhado sobre meu filho e o matei e escondi. Só os que são servidos pelos demônios saberiam o que fiz.

— Foste esperto mas deverias o amarrar à viga com corda. Porém agora és quem ficará pendurado numa corda. Ordenança!

Um policial sonolento acudiu ao chamado de Strickland, seguido doutro. Tietjens se sentou, muito quieta.

— O levai ao posto policial. Há um caso contra si.

— Então serei enforcado? — Perguntou Bahadur Khan, sem fazer tentativa pra fugir e conservando os olhos ao chão.

— Se há luz solar e água corrente, sim!

Bahadur Khan recuou um grande passo, estremeceu e ficou imóvel. Os dois policiais aguardavam nova ordem.

— Ide!

— Nunca! Mas irei muito depressa. Já sou um homem morto.

Levantou o pé, e ao dedo mindinho estava aferrada a cabeça da víbora meio morta, firmemente agarrada na agonia da morte.

— Venho duma raça de senhores da terra. —Bahadur Khan disse, oscilando — Seria uma desonra subir ao patíbulo. Portanto escolho este caminho. Vos lembrai de que as camisas de saiba estão em perfeita ordem e que há um sabonete novo na saboneteira. Meu filho foi enfeitiçado e matei o bruxo. Por que seria enforcado? Minha honra está salva, e morro!

Após uma hora morreu como morrem os que são mordidos pela pequena *karait* castanha. Os policiais o levaram e também o despojo que jazia sob a toalha da mesa, aos competentes destinos. Seria necessário pra esclarecer o desaparecimento de Imray. Strickland disse, muito calmo, ao se enfiar na cama:

— Isto é o século 19. Ouviste o que aquele homem disse?

— Ouvi. Imray cometeu um erro.

— Apenas por não conhecer a natureza oriental e a coincidência duma pequena febre palustre. Bahadur Khan estava com ele havia quatro anos.

Estremeci. Meu próprio camareiro estava comigo exatamente havia quatro anos. Quando fui ao quarto encontrei meu homem impassível como a efígie de cobre duma moeda, pronto pra descalçar minhas botas. Perguntei:

— O que aconteceu a Bahadur Khan?

— Foi mordido por uma víbora e morreu. O resto sabes.

— Quanto sabias a respeito do caso?

— Tanto quanto se pode inferir de alguém que vem no crepúsculo tomar satisfação. Devagar, saíbe. Me deixes puxar essas botas.

Ia justamente adormecendo, exausto, quando ouvi Strickland gritar no outro lado da casa:

— Tietjens voltou ao lugar!

E voltara mesmo. A grande mastim estava majestosamente deitada em seu estrado e em seu cobertor, enquanto, no aposento contíguo, o forro de pano rasgado balançava, roçando a mesa.

A mão do macaco

W. W. Jacobs

Tradução de Alfredo Ferreira

I

Fora a noite era fria e úmida, mas na pequena saleta da vila Lakesnam as gelosias estavam cerradas e o fogo brilhava alegremente. Pai e filho estavam jogando xadrez, e o primeiro, que possuía idéia sobre o jogo envolvendo uma mudança radical de tática, punha rei em tão desesperado e desnecessário perigo que provocava comentário até da velha senhora de cabelo branco que placidamente tricotava perto do fogo.

— Escutes esse vento! — Disse o senhor White, que, tendo visto um erro fatal quando já era tarde demais, desejava evitar, com habilidade, que o filho o notasse.

— Estou escutando. — Disse o outro, observando atentamente o tabuleiro ao mesmo tempo que estendia a mão — Xeque!

— Estava achando muito difícil que viesse nesta noite. — Disse o pai, com a mão erguida sobre o tabuleiro.

— Mate! — Prosseguiu o filho.

— Isso é o que tem de pior: Vivemos assim tão afastados. — Vociferou senhor White, com súbita e inesperada violência — De todos os lugares idiotas, lamacentos e fora de mão pra se morar, este é o pior. O caminho é um atoleiro e a estrada um rio. Não sei o que essa gente pensa. Acho que porque somente duas casas da estrada estão alugadas, entendem que não tem importância.

— Não te importes, querido. — Disse a esposa, conciliatoriamente — Talvez ganhes a próxima partida.

Senhor White ergueu bruscamente a vista, mesmo em tempo de interceptar um olhar de compreensão trocado entre mãe e filho. As palavras morreram nos lábios e escondeu um sorriso contrafeito na barba rala e grisalha.

— Eis. — Disse Herberto White, ao ouvir o portão bater com estrondo e pesados passos vindo em direção à porta.

O velho se levantou com pressa hospitaleira, e enquanto abria a porta puderam o ouvir lamentando do tempo com o recém-chegado, que também se lastimou, de maneira que a senhora White disse: Chut! Chut! e tossiu de leve quando o marido entrou no aposento, seguido por um homem alto e corpulento, de olhos salientes e faces rubicundas.

— Sargento-mor Morris — disse, o apresentando.

O major trocou aperto de mão e, tomando a cadeira oferecida junto ao fogo, observou,

com satisfação, que o anfitrião trazia uísque e copos e punha uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Ao terceiro copo os olhos ficaram mais brilhantes, e começou a falar, enquanto o pequeno círculo da família olhava com agudo interesse aquele visitante de terras longínquas, e ele encostava os ombros robustos no espaldar da cadeira, falando de cenas estranhas e feitos denodados, de guerras e pestes e de povos exóticos.

— Vinte e um anos disto. — Disse senhor White, acenando com a cabeça à esposa e filho — Quando partiu era um belo moço, no armazém. Agora o olhai.

— Não parece ter se dado muito mal. — Disse senhora White, delicadamente.

— Eu gostaria de ir à Índia também, — disse o velho cavalheiro — só para ver como é.

— Foi melhor ficar aqui mesmo. — Disse o major, abanando a cabeça. Pousou o copo vazio e, suspirando de leve, a sacudiu outra vez.

— Gostaria de ver aqueles velhos templos, faquires e pelotiqueiros. — Disse o velho — O que começarias a contar, no outro dia, a respeito duma mão de macaco, ou coisa que o valha?, Morris.

— Nada. — Respondeu o soldado, muito depressa — Ao menos nada que valha a pena ouvir.

— Mão de macaco? — Disse a senhora White, com curiosidade.

— Talvez apenas o que se chamaria magia. — Disse o major, de modo vago.

Seus três ouvintes se curvaram a diante, interessados. O visitante, alheadamente, levou o copo vazio aos lábios e tornou a o pousar. O anfitrião encheu de novo.

— À simples vista — disse o major remexendo no bolso — é apenas uma pequena mão comum, seca e mumificada.

Tirou algo do bolso e exibiu. Senhora White recuou cum a careta, mas o filho, pegando no objeto, o examinou com curiosidade.

— E o que há de especial nela? — Perguntou senhor White, a tomando das mãos do filho e pousando sobre a mesa depois de examinar.

— Tem um encanto que foi posto por um velho faquir, um homem muito velho. Queria mostrar que o destino segue a vida dos homens e que os que interferem o fazem pra seu próprio mal. Pôs um encanto pra que três homens distintos pudessem satisfazer, cada um, três desejos.

As maneiras eram tão impressionantes que os ouvintes tinham a consciência de que seu riso alegre soava um pouco falso.

— E por que não formulas três desejos?, senhor. — Perguntou Herberto White, inteligentemente.

O soldado o olhou da maneira que um homem de meia-idade olha a mocidade presunçosa.

— Já formulei. — Disse devagar. E o rosto corado empalideceu.

— E obtiveste realmente os três desejos realizados? — Perguntou senhor White.

— Obtive. — O copo tilintou de encontro a seus dentes brancos.

— E alguém mais já desejou?

— O primeiro homem também satisfaz seus três desejos. Não sei quais foram os dois primeiros mas o terceiro foi a morte. Foi assim que obtive a mão.

O tom era tão grave que um silêncio caiu sobre o grupo.

— Se já obtiveste os três desejos, não te serve mais. Então pra que a conservas?

O soldado abanou a cabeça.

— Fantasia, suponho. — Disse, devagar — Tive uma vaga idéia de a vender, mas não creio que o faça. Já causou infortúnio demais. Além disso ninguém a compraria. Alguns acham que é uma história fantástica, e os que um pouco acreditam querem experimentar e pagar depois.

— Se pudesse formular outros três desejos o farias? — Perguntou o velho o fitando atentamente

— Não sei.

Pegou a mão e, a balançando entre o indicador e o polegar, a jogou subitamente no fogo. White, com pequeno grito, se curvou e a tirou.

— É melhor a deixar se queimar. — Disse o soldado, solenemente.

— Se não a queres, Morris, — pediu o velho — dê a mim.

— Não farei isso. — Respondeu o amigo, com rabugice A atirei ao fogo. Se a quiseses guardar, não me censures pelo que acontecer. A jogues ao fogo de novo, como um homem de juízo.

O outro abanou a cabeça e examinou atentamente a nova propriedade.

— Como se faz?

— Segurar levantada na mão direita e fazer o pedido em voz alta. Mas previno contra as conseqüências.

— Parece coisa das 1001 noites! — Disse a senhora White, enquanto se levantava e começava a preparar tudo pra ceia — Não achas que deverias desejar quatro mãos pra mim?

O marido tirou o talismã do bolso e os três desataram a rir, enquanto o major, com ar de susto no rosto, o segurou no braço e disse, severamente:

— Se queres formular um pedido o faças de maneira inteligente.

Senhor White deixou cair de novo o talismã no bolso, e, chegando as cadeiras, conduziu o amigo à mesa. Com o entretenimento da ceia, o objeto foi em parte esquecido, e depois os três ficaram sentados escutando, com atenção, uma segunda série das aventuras do soldado na Índia.

— Se a história a respeito da mão do macaco não é mais verdadeira que as outras que

nos contou — disse Herberto, quando a porta se fechou às costas do hóspede, que apenas teve tempo de pegar o último trem — não conseguiremos grande coisa com ela.

— Destes algo por ela?, meu velho. — Perguntou senhora White, olhando o marido com atenção.

— Uma bagatela. — Respondeu, corando de leve — Não queria aceitar, mas o obriguei. E de novo insistiu pra a jogar fora.

— Não faças isso! — Exclamou Herberto, com pretensão horror — Ora essa! Ficaremos ricos, famosos e felizes. Desejes ser imperador, papai, pra começar. Depois não poderás ser dominado pela esposa!

Correu em volta da mesa, perseguido pela indignada senhora White armada com uma vassoura.

Senhor White tirou a mão de macaco do bolso e a olhou, indeciso.

— Não sei o que desejar, essa é a verdade. — Disse lentamente — Parece que tenho tudo o que quero.

— Se liquidasses a hipoteca da casa serias completamente feliz. Não é verdade? — Disse Herberto, pousando a mão no ombro do pai — Pois bem, desejes 200 libras, então. É justamente o que falta.

O pai, sorrindo meio envergonhado da própria credulidade, ergueu o talismã, enquanto o filho, com ar solene que um piscar de olhos à mãe desmentia, se sentou ao piano e fez soar alguns acordes majestosos.

— Desejo ter 200 libras. — Disse o velho em voz alta.

Uma bela ressonância do piano saudou aquelas palavras, interrompida por um grito assustado do velho. O filho e a esposa correram a ele.

— Se mexeu! — Exclamou, com olhar de receio ao objeto que jazia no chão — Quando formulei o desejo, se me contraiu na mão como uma cobra.

— Não vejo o dinheiro e aposto que nunca o verei.

— Deve ter sido impressão tua, meu velho. — Disse a esposa, o olhando com ansiedade.

Ele abanou a cabeça.

— Não importa, porém. Nada de mau aconteceu mas levei um choque.

Se sentaram novamente junto ao fogo enquanto os dois homens acabavam de fumar cachimbo. Fora o vento estava mais forte que nunca e o velho teve um sobressalto nervoso ao som duma porta batendo no primeiro andar. Um silêncio insólito e deprimente pesou sobre os três, e se prolongou até que o casal de velho se levantou pra se recolher.

— Espero que encontres o dinheiro amarrado num grande maço no meio da cama. — Disse Herberto ao se curvar pra lhes dizer boa noite — E algo terrível agachado em cima do guarda-roupa, te espiando enquanto te apossa da fortuna mal ganha.

II

Na manhã seguinte, na claridade do sol de inverno iluminando a mesa do desjejum, Herberto riu do susto deles. Havia um ar de saudável banalidade no aposento, que faltava na noite anterior, e a pequena mão de macaco, suja e enrugada, estava pousada sobre o aparador cum pouco caso que não demonstrava grande fé em sua virtude. Disse senhora White:

— Suponho que todos os soldados são a mesma coisa. Que idéia dar ouvido a tal contra-senso! Como poderiam se realizar simples desejos? E se pudessem, como de te fariam mal 200 libras?, meu velho.

— Podiam cair do céu na cabeça. — Gracejou o frívolo Herberto.

— Morris contou que as coisas aconteciam tão naturalmente, — disse o pai — que a gente poderia, querendo, as atribuir a mera coincidência.

— Não vás gastar o dinheiro todo antes que eu esteja de volta. — Disse Herberto, se levantando da mesa — Receio que se transforme num mesquinho avarento e que tenhamos de te desconhecer.

A mãe riu, e, o acompanhando até a porta, o observou enquanto seguia estrada abaixo, e depois, voltando à mesa do desjejum, se divertiu muito à custa da credulidade do marido. O que não a impediu de se precipitar à porta quando o carteiro bateu, e não a impediu de resmungar algo sobre maiores reformados, de hábitos biliosos, quando verificou que o correio lhe trazia apenas uma conta do alfaiate.

— Herberto dirá mais algumas pilhérias, espero, quando voltar. — Disse ela, quando se sentavam pra jantar.

— Imagino que sim. — Disse senhor White, se servindo de cerveja — Mas, seja como for, aquela coisa se mexeu em minha mão. Isso posso jurar.

— Pensaste que se moveu. — Disse a velha senhora, meigamente.

— Digo que se mexeu. — Replicou o outro — Não resta dúvida. Eu tinha... O que foi?

A esposa não respondeu. Estava observando os misteriosos movimentos dum homem fora, que, espreitando de maneira indecisa a casa, parecia tentar se resolver a entrar. Em conexão mental com as 200 libras, notou que o estranho estava bem vestido e usava uma cartola de seda brilhante e nova. Três vezes parou ao portão, e se afastou de novo. Na quarta vez parou com a mão pousada nele, e depois, com súbita resolução, o abriu e caminhou em direção à casa. Senhora White no mesmo instante levou as mãos às costas e, desatando apressadamente os cordões do avental, colocou aquela útil peça de roupa sob a almofada da cadeira.

Trouxe o estranho, que parecia pouco à vontade, a dentro do aposento, que olhava furtivamente a senhora White, e escutava, com ar preocupado, enquanto a velha senhora pedia desculpa pela aparência da sala e pelo sobretudo do marido, um agasalho que geralmente ele usava no jardim. Ela esperou depois, tão pacientemente quanto seu sexo o permitia, que o homem desembuchasse o que tinha a dizer, mas a princípio se conservou num silêncio embaraçado.

— Pediram pra vir. — Disse, enfim. Se curvou pra tirar um fiapo de algodão da calça — Venho da Naw & Neggins.

A velha senhora se sobressaltou. Com a respiração alterada:

— O que foi? Algo aconteceu a Herberto?

O marido se interpôs.

— Vamos, vamos, minha velha. — Disse apressadamente — Te sentes e não tires conclusão antecipada. Não é portador de má notícia, estou certo, senhor — E observava o outro atentamente.

— Sinto muito. — Começou o visitante.

— Está ferido? — perguntou a mãe.

O visitante se curvou, confirmando.

— Gravemente ferido, mas já não sofre.

— Ó, graças-a-deus! — Disse a velha senhora, juntando as mãos — Graças-a-deus, por isso. Graças...

Se interrompeu subitamente ao perceber o sinistro significado da afirmativa do outro e viu a terrível confirmação de seu receio na cara compungida que ele fez. Suspendeu a respiração e, se voltando ao marido menos vivo em compreender do que ela, pousou a mão trêmula na dele. Houve um longo silêncio.

— Foi colhido por uma máquina. — Disse o visitante, enfim, em voz baixa.

— Colhido por uma máquina. — Repetiu senhor White, de maneira vaga.

Ficou sentado, olhando confusamente via janela, e, tomando a mão da esposa entre as suas, a apertou como costumava fazer nos velhos tempos em que namoravam, havia quase quarenta anos.

— Era o único que nos restava — Se voltando gentilmente ao visitante — É duro.

O outro tossiu, e se levantando, caminhou lentamente até a janela.

— A firma me encarregou de vos transmitir sincera simpatia ante a grande perda que sofrestes. — Disse, sem voltar o olhar — Peço compreender que sou apenas um empregado e que estou obedecendo a ordens recebidas.

Não houve resposta. A face da anciã estava branca, os olhos vítreos, a respiração mal audível. No rosto do marido uma expressão que seria semelhante a de seu amigo major ao entrar em primeira vez em ação.

— Devo dizer que a Naw & Neggins nega responsabilidade. — Continuou o outro — Não admite obrigação. Mas em consideração ao serviço prestado por vosso filho, deseja oferecer certa importância em dinheiro, a título de compensação.

Senhor White deixou cair a mão da esposa e, ficando em pé, fitou o visitante, com olhar horrorizado. Seus lábios secos balbuciaram a palavra:

— Quanto?

— 200 libras.

Inconsciente do grito da esposa, o ancião sorriu debilmente, estendeu as mãos como um cego, e caiu, como um farrapo inerte, no assoalho.

III

No vasto cemitério novo, a 3km de distância, os anciãos enterraram o morto querido e voltaram a casa agora imensa em sombra e silêncio. Acontecera tudo tão rapidamente que a princípio mal podiam compreender, e ficaram em estado de expectativa, como se algo mais devesse acontecer. Algo que aliviasse aquela carga demasiado pesada pra seus velhos corações. Mas os dias se passaram, e a expectativa deu lugar à resignação irremediável dos velhos, às vezes erroneamente chamada apatia. Às vezes mal trocavam uma palavra, porque agora não tinham sobre o que falar, e seus dias eram longos e enfadonhos.

Foi cerca duma semana depois daquilo que o ancião, acordando subitamente na noite, estendeu a mão e verificou que estar sozinho na cama. O quarto estava escuro e vinha da janela um som de soluço abafado. Se sentou na cama e escutou. Disse, ternamente:

— Venhas. Apanharás frio.

— Mais frio estará sentindo meu filho — respondeu a anciã, e soluçou mais alto.

O som dos soluços morreu nos ouvidos dele. A cama estava quente e seus olhos pesados de sono. Dormitou um pouco, agitado, e depois adormeceu até que súbito grito selvagem da esposa o acordou em sobressalto.

— A mão do macaco! — Gritava ela, selvagemmente — A mão do macaco!

Ele despertou alarmado.

— Onde? Onde está? O que foi que aconteceu?

Ela foi cambaleando no quarto em direção a ele. — A quero! — Disse, calmamente — Não a destruíste?

— Está na saleta, na prateleira. — Respondeu ele, muito admirado — Por quê?

Ela chorava e ria ao mesmo tempo. Se curvando o beijou na face.

— Só agora me lembrei disso. — Disse, histericamente — Por que não me lembrei antes? Por que não te lembraste?

— Lembrar de quê?

— Dos outros dois desejos. Só formulamos um.

— E não foi o bastante? — Perguntou ele, com violência.

— Não! — Exclamou ela, triunfalmente — Formularemos mais um. Vás até lá embaixo e a tragas depressa, se desejas que teu filho esteja vivo de novo.

O homem se sentou na cama e afastou as cobertas de sobre os membros trêmulos.

— Santo Deus! Estás louca! — Exclamou ele, apavorado.

— Vás a buscar e peças. Ó, meu filho, meu filho!

O marido riscou um fósforo e acendeu a vela.

— Voltas à cama. — Disse, irresolutamente — Não sabes o que estás dizendo.

— Obtivemos a realização do primeiro desejo. — Disse a anciã, com fervor — Por que não obteremos o segundo?

— Uma coincidência. — Gaguejou o ancião.

— Vás a buscar e peças. — Gritou a anciã, o arrastando à porta.

Ele desceu no escuro, tateou o caminho à saleta e depois ao aparador. O talismã estava no lugar, e um horrível medo de que o desejo não formulado trouxesse o filho mutilado a sua presença antes que ele pudesse fugir do aposento se apoderou de seu espírito, e susteve a respiração quando viu que perdera a direção da porta. Com a testa úmida de suor, encontrou o caminho em volta da mesa, e foi se arrastando ao longo da parede, no estreito corredor, com aquela coisa nojenta na mão.

Até o rosto da esposa lhe pareceu mudado quando entrou no quarto. Estava branco e expectante. E pra seu receio parecia ter um ar sobrenatural. Teve medo dela. Ela gritou, com voz forte:

— Peças!

— É uma tolice inútil. — Ela se esquivou.

— Peças! — Repetiu a esposa.

Ele ergueu a mão.

— Quero meu filho vivo de novo. O talismã caiu no assoalho e ele o fitou estremecendo. Depois se deixou cair, tremendo, numa cadeira, enquanto a esposa, com os olhos ardendo, se dirigia à janela e levantava a gelosia.

Ficou sentado até se sentir enregelado de frio, olhando de vez em quando a figura da anciã espreitando a fora na janela. O coto da vela, que ardera até abaixo do anel do castiçal de porcelana, lançava sombras oscilantes sobre o teto e as paredes, até que, com palpitação mais forte que as outras, se extinguiu. O ancião, com indizível sensação de alívio pelo fracasso do talismã, voltou à cama, e um minuto ou dois após, a anciã foi, silenciosa e apática, a junto a ele.

Nenhum dos dois falou e ambos ficaram deitados silenciosamente escutando o tique-taque do relógio. Um degrau da escada estalou e um camundongo assustado correu ruidosamente dentro da parede. A escuridão era opressiva, e depois de ficar algum tempo deitado reunindo coragem, o marido pegou a caixa de fósforo e, riscando um, desceu a escada, pra buscar uma vela.

No último degrau o fósforo se apagou. Parou pra acender outro. E naquele momento uma batida, tão leve e furtiva que mal era audível, soou na porta da rua.

Os fósforos caíram das mãos. Ficou imóvel, com a respiração suspensa, até que a batida se repetiu. Então se voltou e correu velozmente até ao quarto, fechando a porta. Uma terceira batida ressoou na casa.

— O que foi? — Exclamou a anciã, se sobressaltando.

— Um rato — disse o ancião, com voz trêmula — Um rato. Passou diante de mim na escada.

A esposa se sentou na cama, escutando. Uma batida forte ressoou na casa. Gritou:

— É Herberto! É Herberto!

Correu à porta, mas o marido se colocou diante dela e, a agarrando no braço, a segurou com força. Sussurrou àsperamente:

— O que farás?

— É meu filho Herberto! — Gritou ela, lutando mecanicamente — Me esquecera que eram 3km de caminho. Por que me seguras? Me soltes. Tenho de abrir a porta.

— Pelo amor-de-deus, não o deixes entrar! — Disse o ancião, tremendo.

— Tens medo de teu próprio filho! — Ela exclamou, se debatendo — Me deixes ir! Já irei, Herberto. Já irei!

Houve outra batida, e mais outra. A anciã, com súbito arranco, se libertou e saiu correndo do quarto. O marido a seguiu até o patamar e a chamou insistentemente enquanto ela corria escada abaixo. Ouviu a corrente de segurança ser retirada e a lingüeta da chave se abrir, rangendo. Depois a voz da anciã, áspera e palpitante. — O ferrolho! — Gritou alto — Desças. Não posso o atingir. Mas o marido estava engatinhando, se arrastando ferozmente no chão, procurando a mão do macaco. Se pudesse ao menos a encontrar antes que aquela horrível coisa exterior entrasse! Uma verdadeira saraivada de batida repercutiu na casa e ouviu o arrastar duma cadeira que a esposa estava colocando junto à porta. Ouviu o ruído do ferrolho ao ser aberto lentamente, no mesmo instante achou a mão do macaco e freneticamente bradou seu terceiro e último desejo.

As batidas pararam de súbito, embora o eco ainda ressoasse na casa. Ouviu a cadeira sendo arrastada a trás e a porta se abrir. Um vento frio encanou no vão da escada, e o longo e sonoro lamento de decepção e agonia da esposa lhe deu coragem pra descer até onde ela estava, e depois até a porta atrás dela. O lampião que piscava em frente mostrou a estrada calma e deserta.

A magia do medo

Edgar Wallace

Tradução de Alfredo Ferreira

Houve um subsecretário de estado pra negócio exterior, que subira das camadas de políticos subalternos pela força da personalidade e eloquência dos muitos discursos pronunciados em público.

Nickerson Haben se casara com rica viúva, que muito providencialmente morreu no momento da crise de seu negócio e quando os amigos dela começavam a murmurar sobre a ação de divórcio em andamento. Foi um caso muito prosaico de operação de apêndice que não correu bem. Pra grande espanto do maior cirurgião inglês e num período no qual ela deveria estar fora de perigo sofreu um colapso e morreu. À vista do que os amigos simpatizantes do subsecretário Haben acharam uma desculpa pra o mandar aos territórios do rio, o vasto sertão governado por comissário Sanders, um capitão hauçá e um jovem tenente cujo nome era Tibbetts mas que era invariavelmente chamado Bones.

O ministério achou que a mudança seria benéfica ao desolado homem, que parecia inconsolável apesar da imensa fortuna que a esposa deixara, posto que o novo testamento no qual nada lhe deixaria não chegou a ser assinado.

Assim seguiu viagem aos territórios no primeiro vapor, e como aquele homem magro e pálido tinha um vislumbre de bom-senso (a falecida esposa dissera muitas vezes isso às amigas mais íntimas) não avisou os funcionários do grande rio de que os honraria cum visita. Senhor Haben era desses que preparam armadilha pros auxiliares desonestos, e suspeitava que o chofer estava de combinação com o garagista pra o roubar. E da mesma forma pensou que, chegando sem avisar, poderia descobrir certas irregularidades que seriam encobertas se a chegada fosse largamente anunciada.

Contudo sua chegada furtiva não produziu escândalo, se bem que caso Sanders do Rio tivesse o dom da previsão bem poderia levar Agasaka, a mulher chimbiri, e a esconder na profundidade de sua floresta natal.

Agasaka estava intimamente ligada à vida de senhor Nickerson Haben, embora ele nem sonhasse isso. Senhor Haben era vestido pelo melhor alfaiate de Savile Row. Agasaka não usava outra roupa além da tanga de erva seca pendente da bela cintura.

Uma moça alta, muito esbelta e de olhos muito graves, nenhum amor por qualquer homem, tendo um grande amor por algo mais que o homem. Terrivelmente versada, também, nas artes de fantasma e diabo. De costas estreitas, seios miúdos, adorada pelas crianças, tão forte e hábil no braço, que podia atirar uma lança além da marca de lançamento de qualquer rapaz. Assim era Agasaka, a mulher chimbiri, filha de N'kman'kimi, o falecido feiticeiro da aldeia.

Era idosa pruma virgem. Tendo dezessete anos fora cortejada por homens a sua própria maneira. Agasaka era afável com todos mas não favorecia algum.

Vivia com o irmão, M'suru, o caçador, e as mulheres dele a odiavam porque nunca dizia uma mentira e era franca ao irmão mais velho no que dizia respeito aos numerosos amantes que elas tinham. Lhe bateriam, se não fosse por saberem a força de seu braço direito. O que as mãos não ousavam, as línguas eram menos precavidas, mas nenhum murmúrio pegava. Poucos homens seriam tão simples de espírito pra admitir que outros eram bem-sucedidos onde eles próprios falharam.

Vivera durante muitos anos com o pai na profundidade da floresta, no lugar onde morava M'shimba M'shimba, o terrível e perigoso diabo que arranca árvore cuma mão enquanto a boca sopra fogo líquido. Ali também habitavam outros seres poderosos: N'guro, o cachorro sem cabeça, e Chikalaka-m'bofunga, o comedor de lua. Na realidade todos, menos o lagarto-de-fogo, cujos olhos semeavam a morte, que está em todos os lugares e em nenhum. M'kema lhe ensinara os mistérios da vida e do princípio da vida, e a terra onde a vida é semeada. Conhecia os homens em sua ignorância e força. M'kema lhe ensinara a maneira de ser mais encantadora que todas as outras mulheres. A magia transmitida de boca a boca, que já era velha quando se colocaram as primeiras pedras dos alicerces das pirâmides.

Os homens tinham medo dela. Até Obors, o curandeiro, a evitava.

Porque era essa a mais estranha magia dela: Tinha o poder de fazer surgir diante dos olhos dos homens o que eles menos desejariam ver.

Uma vez, um chefe a seguira pé ante pé no atalho do rio, onde a erva chega à altura do queixo, porque tinha certas intenções. E no momento e no lugar azados se deixara ver, deixando cair as lanças na relva, e a segurou nos braços de maneira que, forte como ela era, não pudesse fugir. Ele disse:

— Agasaka, na floresta tenho uma cabana que nunca ouviu a voz duma mulher.

Continuou nesse tom. E então, sobre o ombro sedoso dela, viu três leopardos pretos caminhando lado a lado no estreito atalho em sua direção, de cabeças baixa e olhos luzindo de fome.

Num instante a soltou e correu a suas lanças. Quando se voltou de novo, leopardos e mulher desapareceram.

Aliki, o caçador da aldeia, nada temia e nada receava porque estava familiarizado com todas as magias e muitas vezes caminhava na floresta, acompanhado dos espíritos. Numa noite viu uma visão no fogo, um grande lagarto vermelho que piscava as pesadas pálpebras. Aliki viu sua família em círculo, procurando, a sangue-frio, uma vítima. Calichi, o lagarto-de-fogo, é o mais benevolente dos demônios e aceitará um substituto do homem ou da mulher a quem, com seus olhos vermelhos e pestanejantes, deu o terrível aviso de morte.

Aliki viu suas três esposas e seu pai e um tio que jornadeara muitos dias numa expedição de caça. E nenhum, salvo a esposa mais moça, era adequado o bastante ao fim que tinha em vista. Calichi é um diabo exigente. Nada que não seja o melhor e o mais bonito lhe agrada. Além do grupo sentado em volta do fogo vermelho e comendo da grande panela no meio das brasas havia outros grupos. A rua da aldeia de Chimbiri-Isisi corre da floresta ao rio e é uma larga avenida marginada de cabana. Diante de cada cabana

ardia uma fogueira e em volta de cada fogueira estavam reunidos os homens e mulheres da cabana.

Caía a noite. Sobre as grandes seringueiras o céu estava constelado. Estrelas brilhantes tremeluziam e piscavam como Calichi, porém mais rapidamente.

Aliki viu as estrelas e esfregou as palmas das mãos na poeira pra chamar a boa-sorte. Naquele momento entrou em seu raio de visão a segunda esposa de seu vizinho, uma mulher alta, de dezoito anos, ninfa esculpida em mogno, de costas direitas e flexíveis, nua na linha da cintura da tanga de erva seca. E Aliki sabia que encontrara um substituto em condição, e disse o nome dela em voz baixa, procurando o olhar do lagarto. À vista do que o animal se desvaneceu e desapareceu, e Aliki ficou sabendo que o deus do fogo aprovara sua escolha.

Mais tarde, nessa noite, quando Loka, a esposa do caçador M'suru, desceu ao rio a fim de buscar água pra necessidade da primeira esposa, Aliki a interceptou:

— Não há alguém tão lindo como tu, Loka, porque tens as pernas dum leão e a garganta duma jovem corça.

Enumerou outras perfeições físicas e Loka riu e escutou. Brigara naquele dia com a primeira esposa do marido, e ele lhe batera. Estava extraordinariamente predisposta ao galanteio e ansiosa por aventura.

— Não tens esposa?, Aliki. — Ela perguntou, contente — Pois darei a ti Agasaka, a irmã de meu marido, que é muito linda e nunca tocou no ombro dum homem.

Dizia por despeito, porque odiava Agasaka, e é um costume das mulheres louvar, a estranhos as qualidades das cunhadas a quem odeiam.

— Quanto a Agasaka... e às esposas... — Fez um gesto de desprezo — Não há esposa como tu, nem na cabana do velho rei, além das montanhas que são o fim do mundo.

Loka riu de novo e disse, com voz profunda e melodiosa:

— Agora sei que estás doido, como M'suru disse. Também que vês coisas estranhas, que não existem. Não só M'suru mas todos os homens dizem que tens a doença de mongo.

Era verdade que Aliki era doente e sentia dores mortíferas na cabeça. Via coisas além de lagarto. Disse:

— M'suru é um velho idiota. Tenho um ju-ju que me dá olhos pra ver maravilha. Venhas comigo à floresta, Loka, e te ensinarei magia e te darei o amor que um velho não pode dar.

Ela pousou a bilha, a escondendo num tufo de erva-de-elefante perto da margem do rio, e caminhou atrás dele à floresta. Ali ele a matou, acendeu uma fogueira e viu o lagarto, que parecia satisfeito. Aliki se lavou no rio e voltou a sua cabana, pra dormir.

Quando acordou, na manhã, sentiu pena de ter matado Loka, porque, de todas as mulheres no mundo, fora a mais bela a seus olhos. A aldeia estava meio deserta, porque a bilha de Loka fora encontrada e os caçadores entraram na floresta a procurando. A acharam mas ninguém a vira caminhando à morte. Alguns julgavam que fora levada por pescadores ochori, outros indigitavam um diabo notório pelas façanhas amorosas.

Trouxeram o corpo à rua da aldeia, e todas as mulheres casadas fizeram tangas de folhas verdes e sapatearam a dança da morte, cantando o tempo todo de maneira muito estranha.

Aliki, acorrido diante de sua fogueira, observava a procissão sem curiosidade. Estava com pena de ter matado a coisa que se carrega no ombro e, baixando os olhos ao fogo azul, ficou ainda mais azul porque o lagarto vermelho o olhava com as pálpebras salientes piscando rapidamente.

Portanto sacrificara a vítima errada.

Seus olhos se ergueram e pousaram na esbelta figura duma mulher que se apoiava numa das mãos ao poste da porta da cabana do irmão. E Aliki teve uma tremenda convicção.

O lagarto se desvanecera do coração do fogo quando ele tornou a baixar os olhos.

Não havia tempo a perder. Se levantou e foi à virgem chimbiri. Disse:

— Estou te vendo, Agasaka. Uma terrível vergonha caiu sobre a cabana de teu irmão, porque dizem que Loka tinha um amante que a matou.

Ela voltou os grandes olhos lentamente a ele. Eram castanhos e cheios de maravilhosa luminosidade que pareceu vibrar quando o fitou.

— Loka morreu porque foi tola. Mas quem a matou ainda o é mais. O sofrimento dela já passou. O seu ainda virá. Em breve virá Sandi malaka, o carnicheiro pássaro castanho, e arrancará os olhos do homem que fez isso.

Aliki a odiava mas foi inteligente o bastante pra concordar.

— Sou sábio, Agasaka. Vejo maravilhas que nenhum homem pode ver. Agora, antes que Sandi venha com seus soldados, mostrarei um feitiço que trará esse homem fraco à porta da cabana de teu irmão quando a Lua estiver assim e o rio estiver assim.

Os olhos graves dela estavam pousados nos dele. O som da cantoria das mulheres era um zumbido na extremidade mais distante da aldeia. Um cachorro latiu abafadamente no escuro da cabana e todos os rostos estavam voltados ao rio, onde o corpo estava sendo depositado dentro duma canoa antes de ser transportado à pequena ilha central onde jaziam os mortos em covas rasas. Ela disse:

— Vamos. — E caminhou atrás dele em acidentado campo de milho e chegou ao telheiro de lenha atrás da aldeia. Em estreitos caminhos atingiram a orla da floresta, onde não havia ruído, porque aquele lugar era triste demais pros pássaros fazerem ninho e perto demais das habitações humanas pros pequenos macacos de barba branca. Sem cessar ele avançou até chegarem a um tufo de flor amarela que crescia numa clareira. Ali as árvores eram muito altas, e dez homens poderiam estar trepados uns em cima das cabeças dos outros, junto dos troncos lisos, e o de cima de todos só focaria nos ramos mais baixos.

Ele parou e se virou. Naquele momento chegou um silvo desagradável da copa das árvores. Um vento frio e o rolar dum trovão.

— Nos sentemos. Primeiro te falarei das mulheres que me amaram e de como eu não queria passar diante delas por pensar tanto em ti. Depois seremos amantes.

— Não há magia nisso, Aliki.

E ele viu que a nuca estava contra ele e ergueu a lança. Ele disse, com voz muito baixa, com o ombro recuado ao arremesso:

— Morras como morreu Loka, por causa da palavra de aviso que o lagarto-de-fogo levou a mim.

— Sou Loka! — Disse a moça, e ele olhou e o queixo caiu. Porque ela era na realidade Loka, a mulher que ele matara. Loka, com olhos astutos e dedos compridos. E tinha o jeito de Loka de pôr uma flor encarnada atrás da orelha e as pernas longas e cetinosas de Loka. Disse ele em desespero. E deixou cair a lança:

— O ko!

Agasaka se curvou e a apanhou. E naquele momento se transformou em quem era novamente. Não tinha flor, os dedos eram mais curtos, e onde estivera o sorriso astuto havia a seriedade da morte.

— Esta é minha magia. Agora caminhes em minha frente, Alikí, assassino de Loka, porque não fui feita pro amor e sim prum estranho poder.

Sem palavra, o pensativo homem caminhou de volta o caminho feito anteriormente e Agasaka o seguiu. E seguindo experimentou a lâmina larga da lança, embora tocando de leve. Havia uma linha de sangue no polegar dela onde a lâmina e o dedo se encontraram. A floresta estava escurecendo. O vento era, alternadamente, um grito e um lamento.

Perto da lagoa na orla da floresta ela ergueu a lança acima do ombro esquerdo, como um soldado de cavalaria brandiria a espada, e ele se voltou a meias ao ruído sibilado.

A primeira esposa do irmão dela estava junto da lagoa, colhendo raiz de mandioca do lugar onde a deixaram pra ensopar. A cabeça de Alikí caiu aos pés quando o primeiro relâmpago rasgou o céu.

O sol se erguera havia quatro horas quando a canhoneira do rio, branca e reluzente, se aproximou da margem alcantilada chamada *o peixe* por causa de sua configuração. A água turva do rio encachoeirava de encontro a sua proa, formando uma onda reluzente, tinta de vermelho nas orlas porque a *Zaire* avançara contra uma correnteza de 11km/h. Todos os rios, do Isisi ao Mokalibi, estavam em vazante, havendo banco de areia onde havia água profunda e água profunda onde os crocodilos dormiam de boca aberta na última vez que Sanders ali estivera.

Estava em pé, ao lado do timoneiro, de figura esbelta e forte, vestido de branco imaculado, com o capacete de cortiça posto de banda, porque uma mosca de elefante o picara na testa na noite anterior e o galo que se formara doía. Entre os alvos dentes regulares tinha um charuto escuro. Acabara de tomar o desjejum, e um ordenança estava retirando o serviço de café de prata e as bandejas de fruta. Acima das cabeças o céu era azul cobalto mas o barômetro estava caindo assustadoramente e desejava a segura ancoragem dum banco profundo abrigado nas árvores altas que a pequena baía ao sul de chimbiri oferecia.

— Lo'ba, kó'loka! Uma braça de água pelo amor-de-deus!

O rapaz de olhos sonolentos, sentado à popa do barco, levantou sua linha de sondagem.

A mão de Sanders se fechou sobre o cabo telegráfico de sinal, que manejou, e Yoka, o maquinista, confirmou o recebimento do aviso.

— 1m.

— Bum!

O barco reduziu a marcha, com as rodas girando à ré, mas a proa tocou na areia e uma corrente lateral arrastou a popa até ela ficar paralela ao banco de areia. Então, enquanto a roda rodava em sentido inverso, o *Zaire* começou a se mover em direção à margem direita do rio, bordejando o baixio, até a quilha reencontrar a água profunda do rio. Disse o timoneiro, muito aborrecido:

— Santo Deus! Esse banco surgiu dos infernos, porque nunca estive aqui, desde o tempo em que eu engatinhava.

— Penses somente no rio, homem. — Disse Sanders, pouco inclinado a falação.

E agora, acima da copa das árvores em frente, Sanders viu a montanha alterosa de nuvens amarelas que se amontoavam e arfavam, e mandavam à frente farrapos sujos anunciando o vento.

E a superfície lisa do rio se eriçou de pequenas ondulações brancas que saltavam e se desfaziam em espuma. Sanders passou o charuto dum canto da boca ao outro, o pegou, olhou com pena e se atirou sobre a borda. O criado estava atrás dele, oferecendo a capa de oleado. Ele se enfiou nela, tirou o capacete de cortiça e o substituiu pelo chapéu de oleado, que prendeu sob o queixo. O calor era intolerável. A temperatura enviava o bafo de ar quente duma fornalha como arauto de sua fúria. Sanders estava molhado de suor até os ossos e a roupa colava ao corpo.

Uma fita deslumbrante de luz cruzou o céu e se desdobrou num rendilhado de línguas. A explosão do trovão foi ensurdecadora. Parecia que um peso enorme comprimia a cabeça. Mais um relâmpago, outro e mais outro. Agora surgia, azulado, em qualquer margem, vívidas listas azuis de luz, que corriam em ziguezague, do céu à terra. As nuvens amarelas ficaram pretas. A escuridão da noite envolvera o mundo numa escuridão realçada pela luz cadavérica lateral que vinha do horizonte distante, onde as nuvens estavam quebradas.

— Porto! — Disse Sanders, rispidamente — Agora estibordo de novo! Agora porto!

Atingira o abrigo da margem escarpada quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Sanders mandou uma dúzia de homens pular a terra com as amarras de avante e de ré e as prender fortemente nas grandes seringueiras que cresciam na margem do rio.

Num segundo a cobertura foi inundada e os sapatos brancos do comissário ficaram primeiro cinzentos e depois cor de ardósia. Mandou chamar o maquinista Yoka, que era também seu imediato.

— Ponhas outra amarra e conserve todo o vapor a diante.

Falava em arábico da costa, uma língua que permite lindos floreados.

— Senhor, devo tocar o upa-upa? Porque vejo que esse povo ladrão de Akasava está com medo de sair à chuva pra dar a boa-vinda a seu senhorio.

Sanders abanou a cabeça.

— Virão a seu tempo. A aldeia fica a 1,5km. Não ouviriam teu upa-upa!

E foi a seu camarote, a fim de recuperar o fôlego. Um vento de 170km/h soprara de encontro a seus dentes durante 10min, o que é muito pra quem está tentando respirar.

O camarote tinha duas longas janelas, uma em cada lado. A da esquerda, sobre o canapé no qual se deixara cair, mostrava uma vista do atalho da floresta ao longo do qual, mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente apareceria um mensageiro pra levar uma mensagem ao chefe.

Os relâmpagos eram ainda incessantes. A chuva desabava com volume que bem pensaria que ancorara sob uma pequena cachoeira. Mas a luz mudara, e a diante o negro das nuvens tornara uma cor cinza escuro.

Sanders escancarou as portas que fechara atrás de si. O vento ainda soprava, porém mais fraco. Estendeu a mão a um charuto e o acendeu, pra esperar com paciência. O rio estava correndo a 15km/h. Precisaria de rebocagem a mão até a praia da aldeia. Esperava que tivessem empilhado lenha pra si. O povo chimbiri era preguiçoso. Na última vez que abicara ali lhe mostraram uma pilha de lenha e alguns toros verdes.

Tentou ver o atalho na margem do rio, e no momento crítico. Porque viu oito homens caminhando dois a dois e carregando nos ombros uma figura toda amarrada.

Um crisântemo elétrico explodindo num clarão ofuscante quando ele saltou ao banco, com as pétalas incandescentes ziguezagueando em todas as direções através das nuvens negras, fez luz suficiente pra permitir enxergar o fardo humano bem claramente antes de chegar ao atalho e ficar perfilado no caminho de oito homens taciturnos e da turba-multa que desafiara o furor da tempestade pra os seguir a certa distância. Sanders disse mansamente (mostrava os dentes quando falava assim):

— Ó, homens. Quem sois que pondeis a marca da morte no rosto dessa mulher?

Porque o rosto da prisioneira estava pintado de branco com gesso. Ninguém falou. Viu os dedos dos pés de todos eles se agitando, menos os dum, ao qual se dirigiu:

— M'suru, filho de N'kema, quem é essa mulher?

M'suru limpou a garganta.

— Senhor, esta mulher é filha de minha mãe. Matou Alikí e matou também minha esposa Loka.

— Quem viu isso?

— Patrão, minha primeira esposa, que é sincera a mim desde que o amante foi afogado, viu a cabeça de Alikí cair. Ouviu também Agasaka dizer: Vás, homem, aonde enviei Loka, como bem sabes, pois viste quando a matei.

Sanders não se deixou impressionar.

— Soltai essa mulher, pra que possa ficar em pé diante meus olhos.

Desamarraram a moça e por ordem dele removeram a pintura da morte do rosto dela.

— Fales. — Disse Sanders.

Ela falou muito simplesmente e sua história era boa. Contudo...

— Trazei a mulher que a ouviu dizer aquelas coisas terríveis.

A esposa foi encontrada na cauda da procissão e avançou imponente, assustada, porque os olhos frios de Sanders eram enervantes. Mas foi volúvel quando conseguiu falar.

O homem com a capa de oleado gotejante escutou, de cabeça baixa. Agasaka, a mulher esbelta, ficara gravemente de pé, inconsciente da vergonha. A tanga de palha desaparecera e ela estava como quando a mãe a vira na primeira vez. Enfim a primeira esposa chegou ao fim de sua história.

— Sandi, esta é a verdade. Se estou falando mentira, que *compridos* me levem ao fundo do rio e que eu sirva de alimento às serpentes.

Sanders, as observando, viu a pele negra se tornar baça e cinzenta. Viu a boca se abrir em terror pânico.

O que não viu foi o *comprido*, o crocodilo amarelo, que se arrastava no meio da relva em direção à perjura, com os pequenos olhos luzindo, a boca úmida escancarada mostrando as alvas fileiras de dente.

Somente a primeira esposa de M'suru o viu, e caiu berrando e tremendo aos pés do marido, batendo com as mãos nos joelhos. Sanders nada disse mas ouviu muita coisa que estava em contradição com a primeira história contada por ela. Como sabia que surgiria complicação se a moça ficasse com seu povo, disse:

— Venhas comigo, Agasaka, a meu lindo navio. Houve guerra por causas mais insignificantes.

A levou ao *Zaire*. Ela seguiu humildemente atrás. Se bem que não houvesse humildade nela.

Naquela noite chegou um pombo-correio do quartel-general, e Sanders, lendo a mensagem, não ficou satisfeito nem aborrecido.

Altos funcionários, especialmente homens das cadeiras-de-braço, o perturbaram um pouco, mas os que conhecera eram uns homens tão encantadores e compreensíveis que perdera um pouco do medo. O que o preocupava mais eram os relatórios que, chegavam de fontes confiáveis, sobre os estranhos poderes de Agasaka. Vira muitas coisas esquisitas no rio. A maravilha do *lokali*, que ocava o tronco de árvore por meio do qual seriam mandadas mensagens através do continente lhe era ainda um assombro. Feitiçarias inexplicáveis, às vezes revoltantes, eram fenômenos de todos os dias. Um pouco daquilo era puro hipnotismo mas havia coisas mais altas, acima de sua compreensão. Algumas se propagaram através das eras desde o Egito e ainda além. Abraão trouxera práticas de terras desertas em volta de Babilônia, que eram ritos religiosos entre povos sem linguagem escrita.

O *Zaire* descia a corrente, de volta, no dia seguinte, quando mandou chamar Abibu, seu ordenança.

— Tragas essa mulher de Chirimbi.

E a trouxeram da pequena cabina-despensa, onde ela era ao mesmo tempo hóspede e prisioneira.

— Dizem isso e aquilo a teu respeito, Agasaka. — Falou ele, dando ênfase a sua autoridade.

— Patrão, é verdade. — Disse Agasaka, quando ele acabou — São coisas que meu pai me ensinou. Porque, patrão, ele era filho de M’kufusu, filho de Bonfongu-m’lini, filho de N’sambi...

Recitou trinta gerações, abrangendo uns 400 anos, antes que ele a fizesse parar. Até mesmo Sanders ficou assombrado, apesar de já ter encontrado uma vez um velho do N’gombi que vivera nos dias de Saladino.

— Mostres tua magia!, mulher.

Pra sua surpresa ela abanou a cabeça.

— Patrão, isso é uma magia que só vem quando estou assustada.

Sanders levou a mão à pistola e a sacou a meia do coldre de couro.

Estava sentado sob um toldo estendido sobre o tombadilho. O timoneiro estava ao leme, perto do rapazinho *kano* com a longa linha de sondagem. Propositadamente não olhou a mulher, fixando os olhos nas costas do timoneiro.

A mão ainda mal se fechara sobre a coronha castanha, quando viu, quase a seus pés, a coisa que mais odiava: A venenosa víbora inglesa, mosqueada e grossa, com a cabeça atirada a trás, armando o bote.

Duas vezes a pistola cuspiu fogo. O timoneiro correu berrando, procurando abrigo, e deixou o *Zaire* derivando na correnteza forte.

Nada havia além de dois pequenos buracos no tombadilho, tão juntos que se sobrepunham. Sanders pulou à roda do leme e endireitou o barco, e depois, quando o timoneiro reassumiu o posto e o rapazinho da sonda saiu de trás do abrigo da pilha de lenha onde estava acorado e tremendo, Sanders voltou a sua cadeira, despedindo, cum gesto, Abibu, que acorrera, de rifle em punho, pra socorrer o amo. Sanders disse, mansamente:

— Mulher, podes voltar a tua pequena casa.

E Agasaka se retirou sem a demonstração de triunfo que uma mulher menos forte sentiria. Ele não a olhara. Não havia ilusionismo naquilo.

Se curvou e examinou os furos das balas, perturbado demais pra se sentir idiota.

Naquela tarde mandou a chamar de novo, e lhe deu chocolate pra comer, conversando sobre o pai dela. Ela estava sentada no tombadilho a seus pés, e uma vez, quando julgou que lhe conquistara a confiança, pousou de leve a mão sobre a sua cabeça como a pousara antes sobre tantas outras cabeças moças.

A víbora venenosa lá estava, a distância de bote, com a cabeça triangular levantada, os anéis tensos.

Sanders fitou o réptil e não mexeu a mão. Então, através do corpo lúcido, viu as tábuas

da coberta e o betume mole na junção das tábuas. E a víbora se desvaneceu. Perguntou, gentilmente:

— Não tens medo?

— Patrão, um pouco. Mas agora não tenho medo, porque sei que não farias mal a uma mulher.

O *Zaire*, com a estranha passageira, encostou no cais da residência duas horas antes do pôr-do-sol, no terceiro dia. Capitão Hamilton estava esperando, colérico e irascível, porque fora o anfitrião involuntário dalguém a quem faltavam boas maneiras.

Um vulto vestido de branco, estirado languidamente numa cadeira profunda, voltou a cabeça mas não se deu ao incômodo de se levantar. Parecia ainda menos inclinado a trocar a fresca da profunda varanda pela fomalha do espaço aberto a um sol abrasador. Sanders viu um rosto branco que parecia estranhamente sujo em contraste com a imaculada alvura do casaco de linho. Dois olhos fundos, desconfiados, uma melena despenteada de cabelo caindo desleixadamente sobre uma testa alta e uma boca pálida quase sem sangue. Senhor Haben levantou os olhos à elegante figura:

— És Sanders?

— Sou o comissário, senhor.

— Por que não estavas aqui pra me receber? Sabias que eu devia chegar?

Sanders se sentiu mais chocado que irritado pelo tom. Uma praga na boca duma mulher lhe produziria o mesmo efeito. Secretários e subsecretários de estado eram pessoas endeusadas, que empregavam uma terminologia própria, envolvendo censura no tecido de prata duma dicção escolhida que amaciava o ardor da repreensão. Perguntou, com impaciência:

— Estás me ouvindo?, senhor.

Hamilton, parado ali junto, estava a ponto de o botar a fora a pontapé.

— Ouvi. Estava fazendo uma visita ao povo chimbiri. Não recebemos aviso de tua chegada ou provável chegada.

Sanders falava muito cuidadosamente. Olhava fixamente o carrancudo Nickerson.

Senhor Haben tinha a palavra *mentiroso* na ponta da língua mas tinha, como a falecida senhora Haben dissera, algum bom-senso. E havia ainda uma capacidade maior de discrição. A pistola ainda pendia dos quartos do comissário e o gatilho estava brilhante pelo uso. Disse o subsecretário Haben, se deixando cair de novo na cadeira:

— Hum!

Era bastante inteligente, verificou Sanders. Conhecia a história interna dos territórios. Estava ansioso por informação. Achava que a região não era bem administrada. O sistema estava errado. Os impostos estavam muito abaixo do mais alto índice possível. Em todos os sentidos sua atitude era antagônica. Os comissários eram gente preguiçosa, gostando de levar boa vida e se divertir com a caça. Sanders, que jamais caçara um animal selvagem a não ser à panela ou pra se livrar de perigo iminente, nada disse.

— Um sujeito bem grosseiro. — Disse Hamilton.

Mas foi no jantar que chegou ao cúmulo da rudeza. O jantar estava ruim, odiava costeleta em banha de coco, a batata-doce lhe fazia mal, o frango estava duro, o café ralo. Felizmente trouxera seus charutos.

Tenente Tibbetts, imediato no comando hauçá, passou aquela hora penosa imaginando o que lhe aconteceria se ele se debruçasse sobre a mesa e desse na cara dum subsecretário de estado com o saleiro de vidro lavrado.

Só Sanders não mostrava impaciência. Nenhum músculo do rosto se contraiu quando senhor Nickerson Haben fez a mais imperdoável de todas as sugestões. Fez aquilo por pura ignorância e por causa daquela vulgaridade que lhe era peculiar. Sanders disse, calmamente:

— Uma mulher nativa é... uma mulher nativa. Felizmente, só tive sob meu controle cavalheiros, e essa complicação nunca surgiu.

Senhor Haben sorriu ceticamente. Era ainda mais azedo quando sorria. Disse, secamente:

— Muito nobre. No entanto se ouviu dizer que tais coisas acontecem.

Hamilton estava branco de raiva. Bones olhava de boca aberta, como um menino que só compreendera vagamente. O homem pálido fez uma pergunta e, com grande espanto dos outros, Sanders meneou afirmativamente a cabeça.

— Sim. Trouxe uma moça chimbiri. Está atualmente nas linhas hauçás, com a esposa de sargento Abibu. Não sei o que fazer consigo.

— Imagino que não. — Disse o outro, ainda secamente — Uma prisioneira, suponho...

— N... não — Sanders hesitava. Parecia confuso aos olhos de Haben — Tem um dom especial de magia que me perturba.

Então senhor Nickerson Haben riu e disse, desdenhosamente:

— Então é dessas! Quero ver tua feiticeira.

Bones foi mandado a buscar. E praguejou em voz alta através da praça escura.

— É disso que nos queixamos. — Disse senhor Haben, enquanto esperava — Ficais no país tanto tempo que se anegralham.

Sanders pestanejou. *Negro* é palavra que não se emprega na África.

— Absorvem suas superstições e filosofias. Magia. Santo-deus!

Abanou desesperançadamente a cabeça comprida.

— Minha pobre esposa acreditava nas mesmas bobagens. Vinha dum dos estados do sul. Tinha uma ama preta que fazia coisas maravilhosas com osso de galinha!

Sanders não o julgara capaz de ter uma esposa. Quando soube que a pobre senhora morrera, pensou que coisas piores poderiam acontecer a uma mulher. Senhor Haben condescendeu em murmurar aqueles dados pessoais:

— Apêndicite. Uma operação. O médico idiota! Como eu dizia, vós... Hum!...

Agasaka estava parada à porta, *missionariamente vestida*, dizem. Tinha o corpo envolto em pano de algodão azul, enrolado e preso com alfinete até a altura do peito. Haben acenou e ela se aproximou.

— Então essa é a dama, hem? Venhas! Vejamos a magia. Fales!

Sanders acenou com a cabeça.

— Este homem quer ver tua magia, Agasaka. É um grande entre meu povo.

Ela não respondeu.

— Não tem mau aspecto. — Disse Nickerson, e fez uma coisa que espantou aqueles homens, porque se levantou e, lhe metendo a mão sob o queixo, levantou o rosto ao seu. Havia algo em seus olhos estranhos e duros, que ela leu, como podemos ler as palavras impressas. A marca da vulgaridade era abominavelmente larga e visível.

— Não és tão má assim para uma ne...

Deixou cair as mãos subitamente. Viram sua dele se contrair dolorosamente. Via uma mulher bonita com profundas sombras sob os olhos. Era o rosto que muitas vezes via e sempre tentava esquecer. Um rosto morto, branco. Usava camisa noturna de seda fechada até a garganta.

E ela disse:

— Não é melhor esperar a enfermeira voltar?, Nick. Não acho que devas beber água gelada. O doutor disse...

— Ao diabo com o doutor! — Disse Nickerson Haben, entredente. E os três homens o ouviram e viram a mão se erguer, segurando um copo imaginário, e os olhos se abaixar a nível de imaginário travesseiro.

— Estou farto de ti. Farto de ti. Fizeste um novo testamento, hem? Vás ao Inferno!

Ficou olhando, olhando, e depois voltou lentamente o rosto abatido a Sanders.

— Minha esposa... — Apontava ao espaço e embrulhava palavras — A matei!

E então percebeu que era Nickerson Haben, subsecretário de estado, e que aqueles três eram funcionários insignificantes. E a mulher negra que o olhava gravemente. Mas aquela descoberta chegava justamente com o atraso de 1s.

— Vás a teu quarto, senhor. — Disse Sanders.

E gastou a maior parte da noite escrevendo uma longa carta ao ministro do exterior.

A casa do tempo imóvel

Seabury Quinn

Tradução de Manuel R. da Silva

Original relato de brilhante cirurgião vítima da loucura e da horrenda mansão onde levava a cabo fantásticas experiências em seres humanos

Uma historieta com Jules de Grandin

O vento de fevereiro se enroscava violentamente nos ângulos da casa, rugindo desafiantes canções nos tubos das chaminés. Porém estávamos muito comodamente no salão, com as cortinas corridas, as lâmpadas acesas e dois novos troncos de carvalho na lareira pegando as últimas chamas dos antecessores. Satisfeito consigo, Jules de Grandin sorriu à biqueira dum de seus excelentes sapatos, bebeu um sorvo de uísque com soda e prosseguiu o argumento.

— Não, meu amigo. A medicina como arte é contrária à medicina como ciência. Como êmulos de Esculápio e praticantes da arte de curar, nossa finalidade é livrar o paciente do sofrimento. O olhamos como uma pessoa, uma entidade completa e importante. Nossa principal preocupação é procurar a completa cura e, se possível, evitar que sofra. Não é assim?

— Naturalmente. — Assenti — Essa é a função do médico.

— *Mais non!* Escolheste palavras muito pobres. Essa é a extinção do farmacêutico, do curandeiro, do praticante de medicina como arte. O médico, o sábio, o cientista experimentador, têm tempo de ação mais amplo. Não lhe preocupa o homem, o indivíduo, o *sub species aeternitatis*. Não lhe importam os ossos, as células e os tecidos onde os microrganismos se alimentam e proliferam pra ser uma ameaça às espécies. Trabalha com corpos maiores, como...

— ...sir Haddingway Ingraham e sargento Costello, senhores. — Interrompeu Nora McGinnis, na porta do salão.

— Isso mesmo, como eles! — Grandin riu estrepitosamente, enquanto os dois visitantes se detinham no umbral da porta, incapazes de entrar os dois ao mesmo tempo e sem decidir quem entraria primeiro.

— Olhes, os observe, amigo Trowbridge.^[11] — Me ordenou, enquanto examinava os dois fornidos visitantes — *Quel type, mais quel type. Morbleu, c'est incroyable!*

Dizer que o enorme britânico e o celta ainda maior eram do tipo comum seria pouco menos que fantasiar. Ingraham, sir Haddingway Ingraham Jamison Ingraham, conhecido familiarmente por Hiji, era tipicamente um inglês dos construtores do Império, como se leria em qualquer novela, ou se escutaria no teatro. Quase gigantesco, a cara comprida e estreita, de maçãs salientes, pele curtida e bronzeada. O cabelo dum grisalho bronzeado, com risca no meio, suave como só a brilhantina e cuidadoso penteado podiam fazer. E em

contraste, seu breve bigode de tipo militar era tão negro quanto as povoadas sobrancelhas que coroavam os penetrantes olhos pardos. Seu traje de etiqueta fora cortado por mãos de mestre e se adivinhava a marca Saville Row no interior. Sua marcial postura, sua idade e compleição indicavam sua folha de serviço ao rei e à pátria como se a casaca estivesse adornada com as condecorações ganhas: Aisne, Nova Capela, a segunda batalha do Marne, e depois a selva virgem ou a savana anglo-africana. Talvez a Índia. Era tão inglês quanto o rosbife ou o pudim de Iorquecher.

Costello era um contraste perfeito. Tão louro quanto o outro era moreno, a cútis continuava sendo rosada, apesar do cabelo, outrora vermelho, ser agora branco como a neve. Ultrapassava seu companheiro nuns 5cm e noutros tantos quilos. Se as magras e delicadas mãos de Ingraham eram capazes de derrubar um boi, os punhos de Costello pareciam capazes de deter um búfalo em plena carreira. O tecido da roupa era excelente mas faltava a elegância do corte e parecia feito mais com fim útil que decorativo. Recém-barbeado, cheio de rosto, poderia passar por ator ou político. Se usasse o colarinho da camisa ao contrário o tomariam por bispo ou pároco com muita experiência da falibilidade da natureza humana e da compaixão divina.

Até aqui a diferença. Não obstante, apesar de tudo isso, havia sutil semelhança. Ambos eram enérgicos, seguros de si, dotados de ilimitada reserva de força. Ambos eram uma representação do caçador de homem, valentes, agudos, implacáveis e cheios de recurso.

— Tenho um grande prazer em vos ver, *mes amis*! — Disse de Grandin enquanto lhes apertava as mãos e os convidava a se sentar junto do fogo — Numa noite como esta, vossa companhia é como um hálito primaveril. Estou contentíssimo!

— É um asqueroso hipócrita. Não?, Costello. — Hiji disse ao sargento, que assentiu sombriamente.

— Comment? Um hipócrita? Eu? — O assombro e a ira refletiram no rosto de meu amigo, como se acabasse de ouvir algo horrível — Como vos atreveis?

— Isso mesmo. Hipócrita e nada mais. — Interrompeu Hiji — Pretendendo te alegrar de nos ver e não nos oferece um mau trago. E numa noite como esta! É indigno duma pessoa civilizada.

— *Mea culpa, mea maxima culpa*! — gemeu de Grandin — Me sinto humilhado, desolado, hu...

— Deixes de palavra de arrependimento e nos sirvas esse uísque aí ao lado.

Num momento o uísque e a soda borbulharam nos copos. Costello pôs um pouco de gelo no seu.

— Pra mim não. — Hiji recusou quando Grandin lhe ofereceu uns cubinhos de gelo — Queres reduzir o espaço reservado ao uísque.

Depois de bebermos todos, nos entreolhamos sumidos nesse silêncio de camaradagem que só conhecem os homens que compartilharam perigos comuns. De Grandin disse:

— E agora saibamos o que vos traz numa noite como esta — Podeis fazer toda cara de inocência que quiserdes, porque não me enganareis. Vos conheço perfeitamente. Nenhum de vós assomaria o nariz ao exterior se não impellido por motivo importante.

Vomitai o que trouxe no corpanzil de elefante. Espero confiança, mas sem paciência. Minha paciência é tão pequena quanto é grande a sede.

Hiji secou o copo e o estendeu pra que enchessem de novo. Respondeu sombriamente:

— Se trata do jovem Southerby. Esse maldito deu um jeito pra se perder. Desapareceu. Evaporou.

— Á! Essa notícia me enche de desolação.

De Grandin se recostou em sua poltrona e dirigiu amplo sorriso aos visitantes. O inglês replicou:

— Deixes de mofar. Se trata de assunto muito sério. Ontem demos ordem pra que se transmitisse à embaixada de Uóchintão uma comunicação da maior importância e segredo. Não tínhamos mensageiro especial pra a confiar e não nos atrevíamos a confiar no correio. Por isso, quando o jovem Southerby se apresentou a nós, dizendo que faria sua boa-ação do dia levando as mensagens a Uóchintão, se aceitou a oferta e lhe foram confiadas. Durante um ano não se moveu do consulado, pedindo sempre um trabalho, e o chefe achou que o mandar à capital serviria ao menos pra se ver livre dele durante uns dias. O malandro sabia conduzir perfeitamente um auto e fizera tantas vezes a viagem até Uóchintão, que conhecia o caminho com os olhos fechados. Em doze horas faria o trajeto mas esse verme parece ter se desintegrado e desaparecido da Terra. Não existe rastro.

— Não creio que haja motivo pra se preocupar consigo. — Comentou de Grandin — Isso é assunto de polícia, o bom Costello ou os agentes federais.

— E a imprensa e o rádio, não? — Replicou Hiji — Costello não está aqui oficialmente. Como amigo meu, se mostrou disposto a me ajudar. Como policial nada sabe do assunto. Compreenderás minha situação quando souberes que esses documentos são tão confidenciais que se supõe nem existirem, e não podemos comunicar à polícia a desapareição de Southerby, permitir que se saiba que desapareceu nem que leva algo importante a Uóchintão. No entanto é preciso encontrarmos esses documentos. O chefe cometeu um erro os confiando a um cabeça-de-vento como esse. Se não os recuperarmos lhe custará a cabeça. E pode ser que não só a sua.

— Estarás envolvido no assunto?, meu amigo. — E os olhos de de Grandin refletiram profunda inquietação.

— De certo modo, sim. Devia ter amassado a cabeça desse Southerby ou indicar ao chefe que não era pessoa de confiança. Em vez disso insisti em que se lhe confiasse a missão.

— Então o que esperamos? Coloquemos nossos trajes de rua e partamos em busca ao nobre desaparecido. A vós poderá enganar mas a Jules de Grandin, ainda que se esconda na mais profunda das minas, ainda que suba à mais alta das montanhas, ainda que navegue num balão...

— Está bem. Não prossigas. — O inglês interrompeu cum gesto — Nesta noite nada se pode fazer.

— Já levei a cabo a primeira investigação. Pudemos seguir sua pista no túnel Holanda, através do Amhoys e Nova Brunsuíque. A pista desaparece no outro lado de Cranberry.

Eram 4h quando saiu de Nova Iorque, e às 5h estalou uma tempestade. Portanto deve ter diminuído a marcha, pois eram cerca de 8h quando atravessou Cranberry, a caminho a Filadélfia, e — abriu as mãos — ali termina a pista, como se desvanecido no ar.

De Grandin acendeu um cigarro e se recostou na poltrona, tamborilando silenciosamente na mesa com as pontas dos dedos, entornando os olhos e com seu agudo olhar fixo na coluna de fumaça.

— Ontem na noite caiu um misto de neve e chuva. — Enfim murmurou — O tráfego é pouco denso nas primeiras horas da noite, pois os carros de passeio chegam ao destino, e os caminhões que fazem a viagem noturna não empreendem a marcha antes de cerca das 11h. O caminho que seguiria deve de ter ficado perigosamente resvaladiço. Foi levada a cabo alguma investigação pra saber se ocorreu um desastre?

— Naturalmente, senhor. Não se quebraria sem que o soubéssemos quase no mesmo instante. Seu carro era um Renault modelo esporte, tão pouco conspícuo quanto um elefante numa estrada de Nova Jérсия. Seria localizado no mesmo instante. Isso é o que nos desconcerta. Se um jovem acomodado num enorme carro vermelho se evapora... Não. É impossível! No entanto a secção de desaparecido já investigou vários casos de desapareção ocorrida perto de Cranberry, no lado de Filadélfia.

De Grandin escutara atentamente as últimas palavras de Costello. Disse, o animando:

— Continues.

— Foram desapareções comuns. Já sabes o que acontece. A maioria das pessoas desaparece porque lhes interessa. Porém esses casos não pertenciam a essa espécie. O primeiro foi um condutor de camião. Um moço novo, casado, com filho. Depois um par de colegial e uma pequena de Nova Iorque, chamada Perinchief. Macacos me mordam se algum tinha motivo pra desaparecer! Mas desapareceram! Subiram aos carros, partiram estrada adiante, quase chegaram a Cranberry ou passaram dali, segundo a direção, e depois... se acabou. Nunca mais se soube deles. Não parece coisa natural. A polícia do estado e as autoridades de Middlessex nos procuram incansavelmente mas nem sinal deles se descobriu. Nada se soube das pessoas nem dos veículos. Não parece que há algo mais que simples coincidência?

— Certamente. — Assentiu de Grandin — Como dizes, quando as pessoas desaparecem correntemente o fazem por vontade própria, e que várias pessoas desapareçam num breve espaço de tempo pode ser simples coincidência. Mas quando certo número de cidadãos desaparece em determinado lugar é diferente. Nada poderemos fazer nesta noite? — Perguntou, se voltando a Ingraham.

— Não. — Replicou o inglês — Não creio. Está tudo mais escuro que breu. E não podemos nos expor a chamar a atenção investigando, na estrada, sem lanterna elétrica. Será melhor que amanhã, antes de amanhecer, nos ponhamos a caminho e vejamos o que há no arredor do local onde Southerby desapareceu.



O frio amanhecer, desagradável como uma praia em dia de tormenta, com o céu carregado de densas nuvens, nos envolveu enquanto cruzávamos a ponte de Perth Amboy, e íamos rumo ao sul, a Cranberry. Hiji e Costello ocuparam o assento posterior, de

Grandin se sentou a meu lado, com o queixo oculto dentro da alta gola do abrigo e as mãos nos bolsos.

— Escutes. E se esse moço fugiu com os papéis que, segundo Hiji, eram sumamente valiosos? Esses jovens do serviço consular e diplomático levam a miúdo uma vida superior à posse, e às vezes são capazes de fazer coisas muito estranhas se tentados com boa quantia.

— Quisera poder acreditar em tal coisa. — Replicou, se aninhando mais no assento — Se pouparia o incômodo de saltar duma cama bem quentinha pra me precipitar numa manhã tão fria como esta. Porém conheço *les anglais*, meu amigo. A miúdo são estúpidos. Geralmente bobos, socialmente insuportáveis. Mas quando se trata de lealdade nada há mais firme. Nosso jovem inglês pensaria em almoçar sem marmelada antes de vender sua honra, fugir ante um inimigo ou fazer algo original.

Um pouco de luz, mas não solar, apareceu no céu quando nos detivemos junto à valeta da estrada a 1km de Cranberry. Hiji disse, ao saltar:

— Muito bem. Podemos começar aqui a examinar o terreno. Até este lugar pudemos seguir a pista de nosso pássaro e... Olá! ali temos onde começar.

Cum movimento de cabeça indicou um camponês, indubitavelmente italiano, que avançava na esquerda, de cara ao tráfego, como devem fazer os camponeses que desejam conservar a vida caminhando numa estrada de grande movimento.

— *Com estás?* — saudou de Grandin — Moras aqui?

O Moço levantou a cabeça e respondeu cum sorriso, levando a mão direita ao chapéu:

— *Si, signore.* Moro aqui mesmo.

E cum gesto apontou a um casebre donde se elevava uma nuvem de fumaça matinal.

— Suponho que deves trabalhar muito.

De novo sorriu o jovem.

— *Si.* Trabalho dia todo. Manhã, tarde, noite. Todo dia.

— Deves voltar a casa na noite.

Um sorriso confirmou a suposição de de Grandin.

— Os automóveis devem te dar muito susto. Às vezes te fazem saltar da estrada.

— Não muito. — Riu o italiano — Na manhã, quando vou ao trabalho, ainda não começaram a passar. E na noite, quando regresso, já passaram todos. Mas às vezes tenho de saltar depressa. Na noite passada me salvei, por milagre, de ser esmagado por um carro vermelho.

— Creio que farejamos a pista, meus amigos. — Sussurrou de Grandin. E em voz alta perguntou: — Como foi isso? Será que o motorista não te viu?

O moço encolheu os ombros.

— Creio que devia estar louco. Sempre vou neste lado da estrada pra ver os automóveis que vêm. Mas esse vinha doutro lado e quase me achatou. Chegou muito depressa,

demasiado pra ver aonde ia. Ali. — Apontou a um ponto vago — Se meteu no bosque. Creio que se esfacelaria. Mas não fui olhar. Estava muito cansado e tinha vontade de ir a casa.

De Grandin mordeu os lábios e procurou uma moeda no bolso.

— Disseste que o automóvel saiu da estrada e se meteu no bosque? Reparaste no carro?

— *Si, signore*. Se não reparasse não estaria aqui. Era um carro vermelho, muito grande, como os de meu país. Não tão pequenos quanto os daqui.

— E onde saiu da estrada?

— Está vendo aquelas árvores muito altas?

— Estou.

— Pois saiu da estrada uns 100m a diante.

— Muitíssimo obrigado. — Sorriu o francês, estendendo ao campônio uma moeda de meio dólar — Nos prestaste um grande obséquio. — E se voltando a nós, prosseguiu: — Creio que afinal encontramos a pista que procurávamos.

— Não posso acreditar que Southerby se entretivera bebendo, e muito menos embriagado. — Objetou Ingraham, enquanto nos dirigíamos ao lugar indicado pelo italiano — Sabia quão terrivelmente importante eram essas coisas.

— Talvez não estivesse embriagado. — Replicou o francês, enquanto nos dirigíamos às árvores do bosque.



Um caminho bastante deteriorado pela chuva invernal partia da estrada, se internando bosque a dentro.

— Se nosso amigo se meteu aqui, deve ter acabado com algum pé quebrado. — Disse Costello.

— Pois alguém passou por ele não há muito. — Respondeu de Grandin, mostrando uma dupla fila de marca de pneumático.

Seguiram em frente até um pequeno precipício, ao fundo do qual se via profundo charco de água turva. O vestígio dos pneumáticos terminava na borda da depressão.

— Repares. — Disse de Grandin — Os indícios são de que o automóvel não se deteve e tampouco se vê vestígio do ocupante saltar antes do carro cair na água.

— Por Júpiter! Tens razão!, francesinho. Reconheceu Ingraham — Ali deve ter caído. Caramba! Que profundidade achas que tem?

— É fácil verificar. — De Grandin puxou um canivete e cortou uma vara bastante comprida. Se aproximou da margem e a mergulhou no turvo líquido. — Suponho que... *Morbleu!*^[12]

— O que há? — Perguntaram em uníssono.

— A profundidade, meus amigos. Meti esta vara 2m na água e não encontrei o fundo.

— Experimentou um pouco mais adiante, sem melhor resultado, e se inclinando a diante começou a tatear atrás e na frente — Á! Creio que aqui está o fundo. Fora... é um tronco ou... *Mon Dieu!* Um momento, *mes amis!*

Nos juntamos a ele, enquanto continuava mergulhando rapidamente a vara na água turva. A fez girar rapidamente e depois, com as duas mãos, a puxou. Na extremidade da vara apareceu um objeto negro e pesado que, mal saiu da água, se desprende e submergiu novamente.

— Viste o que era?

— Sim. — Apesar meu espanto, respirei com maior rapidez — Parecia um casaco ou coisa que o valha.

— Indubitavelmente era algo. — Assentiu de Grandin — Mas o quê?

— Um velho surrão? — Indiquei, me inclinando sobre sua espádua, pra ver melhor.

— Ou uma manta. — Replicou, ofegante, enquanto tentava pescar de novo o elucidativo objeto — Creio que era um... Peguei! — Num veloz puxão tirou um jorrante pedaço de tecido e o deixou na margem.

— Olhes, Hiji. Reconheces?

— Creio que sim. — O inglês respondeu gravemente — É o tecido do clã MacFergis. Southerby tinha algum sangue escocês e afirmava estar aparentado com o clã. Usava esse tecido como manta de automóvel.

— *Exactement.* Isso não é tudo, meu amigo. Desde o momento em que comecei a sondar com esta vara compreendi que o que tocava não era o fundo. Notei as linhas de certo objeto, e estou seguro de que no fundo deste charco tem um automóvel. O que haverá além disso não podemos assegurar. Porém...

— Por que não o comprovamos? — Interrompeu Costello — Encontramos o automóvel. Se o jovem Southerby foi afogado nada terá a ocultar. Por que não amarramos uma corda ao carro e o tiramos?

— Teu conselho é excelente. — Assentiu de Grandin. — Fiques aí, vigiando, sargento. Hiji e eu voltaremos à estrada, pra ver se passa algum caminhão com o qual o possamos tirar. Trowbridge, meu amigo, queres ir à casa que se vê lá adiante — apontou uma casinha que coroava uma colina arborizada — e pedir que nos emprestem, se puderem, um carro e um cabo de reboque?



A tempestade que havia muitas horas nos ameaçara estalou com desabrida fúria enquanto eu subia na estrada conducente ao alto da colina, onde a casinha aparecia rodeada de pinheiro. Quanto mais me aproximava da construção, menos convidativa me parecia. Na curva da estrada, enorme arbusto, impelido pelo vento, pareceu querer me abraçar com os longos ramos. A chuva açoitava as paredes da casa. As janelas batiam estrondosamente e a trepadeira que cobria os muros dava a impressão de que a qualquer momento seria arrancada. Até a tênue luz que se vislumbrava através dos cristais duma janela tinha mais de repelente que de atraente, como se me advertisse de que algo sombrio

e diabólico se oculta atrás.

— Não creio que se neguem a nos ajudar. — Pensei em voz alta, como pra me animar. Todavia a contragosto me dominou estranho tremor, como pressentindo uma presença má e desejando mais que nada dar meia volta e fugir correndo aonde estavam meus amigos.

— Vamos! Não sejas idiota! — Pensei. E levantando a oxidada aldraba a deixei cair fortemente.

No choque de ferro contra ferro houve algo de tranqüilidade. Aquilo era real. Bati duas vezes mais, enchendo de eco a velha casa. Esperei um momento e tornei a bater.

Não posso dizer quê espécie de resposta esperava. Pelo aspecto ruinoso da casa, achei que albergaria várias famílias de lavradores, talvez um grupo de operários sem trabalho, pela fome impelidos a fora da cidade. Se fosse um negro ou um italiano que respondesse a minha chamada, não me sobressaltaria. Mas quando a porta se abriu e um homem alto, em uniforme semi-militar, de olhar cortesmente interrogativo, a surpresa me deixou quase sem alento. Um chofer de librê abrindo a porta do ruinoso edifício me parecia tão incongruente quanto um chefe zulu vestido de esmuque pruma cerimônia de sua tribo.

Sua interrogadora expressão aumentou enquanto eu lhe expunha meu desejo. Até depois de ter perdido 5 minutos repetindo a mesma coisa não percebi que nada entendia do que ouvia.

— Escutes! — Exclamei, enfim — Se não entendes inglês digas se há alguém aqui que entenda. Tenho pressa e...

— In... glês? — repetiu o homem, movendo dubitativo a cabeça. — Não inglês aqui.

— Não, é claro! E suponho que tampouco há esquimó ou pele-vermelha! — Respondi, furioso — Não quero inglês. Já tenho um, um francês e um irlandês também. O que desejo é alguém que me ajude a tirar um automóvel de dentro dum charco que há ali embaixo. Compreendes? Um automóvel submerso! Uma corda ou um cabo pra o puxar!

— E me entreguei a uma série de mímica.

A cara de rato de meu interlocutor se iluminou com súbita compreensão quando terminou meu gráfico pedido, e me convidou a entrar na casa.

De fora a porta me pareceu tão velha e carcomida que temi que caísse ao bater. porém ao se fechar notei que o fazia com o brando ruído sólido, como se fosse a mais moderna.

Apenas cruzara o umbral senti um coceira na nuca, como se nela corresse uma legião de formigas, e uma voz interior me advertiu: Aqui há perigo! Porém a razão se sobrepôs ao instinto. Quê perigo pode haver numa velha casa de campo que cai em ruína?

Todavia ao olhar ao redor comprovei que o aspecto de desolação e ruína era uma espécie de camuflagem. Não é que o interior da vivenda fosse novo mas se via que sofrera conscienciosa reparação. O ar era pesado, como a atmosfera duma catedral depois da celebração da missa, carregado de odor de incenso.

O chão estava brilhantemente encerado. As paredes cobertas de terracota laqueada estavam cheias de pequenos nichos emoldurados por lustrosas e negras madeiras. Diante de cada nicho ardia uma lâmpada que lançava uma vacilante mas viva luz sobre a imagem

que ocupava a capelinha. Cada estatueta era de reluzente pedra branca, e embora cada qual fosse diferente das outras, todas tinham algo em comum: Eram incompletas. Os seres representados não eram humanos e tampouco bestiais. Ali se via uma criatura meio macaco meio homem, e que lutava com todos os músculos pra sair do bloco de pedra onde o escultor parcialmente a lavrara. Ali uma figura feminina, perfeita da cabeça à garganta, se convertia, a partir dos ombros, nalgo vago e monstruoso, semelhante a um octópode.^{13} Outra cabeça aparecia completamente formada, exceto ao chegar ao rosto, do qual brotavam curtos e abundantes tentáculos. E assim seguiam os nichos, todos cheios de monstros criados pela mais louca imaginação.

— Escultura de pesadelo, lavrada de sonhos de loucura. — Este pensamento me acompanhou enquanto acompanhei o uniformizado servidor.

Meu guia bateu a uma porta situada no final do corredor, esperou um momento e se colocou a um lado pra me deixar passar. Em frente a mim, no outro lado duma mesa de despacho, estava um homenzinho espadaúdo, sumido na leitura de grosso volume.

— Doutor, — disse meu guia, em perfeito inglês — este cavalheiro bateu na porta há um momento falando sobre automóvel submerso no charco.

Olhei um e outro, estupefato. Porém meu assombro foi crescendo quando o homem sentado à mesa replicou, me olhando fixamente:

— Stravinsky, como te atreveste a sair da tua cela sem minha autorização? Voltes já a cima, com Mishkin.

— Perdão. — Tartamudeei — Não me chamo Stravinsky. Sou doutor Samuel Trowbridge, de Harrisonville, e alguns amigos eu precisamos de ajuda pra tirar um carro atolado na poça que há no pé desta colina. Se tiveres a bondade de chamar teu chofer...

— Está bem. — Me interrompeu secamente — Tudo isso já vimos antes. Vás já a teu quarto ou ordenarei que te ponham uma camisa-de-força outra vez.

— Um momento! — Exclamei, furioso — Não sei o que significa esta bobagem mas se julgas que...

Meu protesto morreu ao nascer. Poderosas mãos me tomaram os braços, os segurando atrás, e num momento fiquei perfeitamente atado por meio duma espécie de arnês.

— O que significa isto?

Algo brando e suave, como uma esponja ou boneca de algodão em rama, me cobriu o rosto enquanto ativo odor invadia o nariz. Tudo deu volta a meu redor e notei que dobravam minhas pernas.



— Estás melhor agora?, Stravinsky. — A suave voz do homem do gabinete me despertou de turbulento sono.

Me ergui, olhando estupidamente ao redor. Estava numa estreita cama de ferro, semelhante às que se utilizam nos hospitais, coberta apenas com ligeira manta de algodão. A cama estava num reduzido quartinho, onde era o único móvel. Estreita janela, protegida por fortes barras de ferro, deixava passar um pouco de luz, vento e água pluvial. Diante de

mim uma porta de madeira, cuma vigia na parte superior, através da qual meu carcereiro falava a mim, em cujo rosto refletia zombeteira compaixão. Junto a si, sorrindo com sádica maldade, estava o criado que me abrira a porta. Ameacei, saltando da cama:

— Vos arrependereis disto! Não sei quem sois mas sabereis quem sou antes de...

— Sim. Estou perfeitamente inteirado de quem és! — Replicou, em tom suave — És Abraham Stravinsky, de 75 anos de idade, antigo operário duma fábrica de tecido de algodão, a quem os parentes encerraram no manicômio que dirijo. Pobre homem! — Se voltou, com dolorida expressão ao companheiro — Continua pensando que é um médico, Mishkin. É um caso triste.

Me olhou de novo e outra vez me pareceu notar certa zombaria nos olhos, enquanto perguntava a mim:

— Não queres de almoçar? Estiveste dormindo desde anteontem, quando tivemos de empregar medidas violentas contigo. Deves de ter muita fome. Queres uma torrada, dois ovos e uma xícara de café?

— Não tenho fome! E sabes que não sou Stravinsky. Me deixes sair daqui imediatamente ou...

— Não é uma verdadeira lástima? — Perguntou de novo a meu criado — Não quer almoçar. Não importa. Há de querer dentro de alguns dias.

E me olhando de novo, disse:

— O tratamento que seguimos em casos como o teu é único, Stravinsky. Consiste em suspender a administração de comida e água durante tempo bastante longo. Às vezes chego a considerar necessário suspender a alimentação indefinidamente. De vez em quando, como é natural, o paciente não pode resistir ao tratamento. Então a loucura fica curada. É claro que não podemos conseguir tudo. Pois, Stravinsky a missão dos manicômios é curar a enfermidade do paciente. Não é isso?, Stravinsky. Fiques à vontade, Stravinsky. Teu mal desaparecerá dentro em pouco. Se fosse só a supressão da comida, tardarias bastante em ficar bom,, porém a falta de água abreviará muitíssimo o tratamento... Stravinsky.

A constante repetição do nome era como fricção com sal numa ferida muito profunda.

— Canalha! Sabes que meu nome não é Stravinsky! Sabes! Sabes! Sabes!

— Vamos, vamos, Stravinsky. — Me repreendeu, sorrindo amavelmente ante minha inútil raiva — Não deves te excitar. Não durarás muito se te deixares levar por esses ataques. Claro que te chamas Stravinsky.

— Naturalmente. — Assentiu seu companheiro — Continuamos com os outros?

Se afastaram rindo. Ouvi os passos soando sobre o chão nu, na outra extremidade do corredor onde estava meu quarto.

Pouco depois ouvi vozes violentas que pareciam chegar ao quarto ou cela situada sob a minha. Em seguida bateu uma porta e escutei golpes ritmicamente repetidos. Enfim um gemido de desespero e agonia, que parecia arrancado à carne atormentada, e uma voz que gritou:

— Sim. O que quiserdes. O que quiserdes.

A comoção cessou bruscamente, e um instante depois ouvi o arrastar dos pés de meus carcereiros, que continuavam a ronda.



As horas passaram lentíssimas. Não existia meio de distração na cela, cujo único móvel era a cama: A janela, sem vidro, pequena e muito alta, só deixava ver um pedacinho de parede, e o gélido vento de fevereiro empurrava gotas de gelada água até mim. Enfim me encolhi num canto pra fugir daquele frio. Me despojaram de toda roupa, exceto a camisa e a calça. Nem deixaram os sapatos e as meias. Ao cabo de pouco me castanholavam os dentes. O anestésico que utilizaram pra me deixar sem sentido se me agarrava ainda às membranas da boca e do nariz, e terrível sede me dominava. Arranquei um botão de metal de minha calça e o meti na boca, chupando ansiosamente e conseguindo um pouco de alívio. E assim, envolto na delgadíssima manta, tremendo de frio e meio louco de sede, me encolhi na cama e, depois duma infinidade de horas de angústia, acabei adormecendo.

Não tenho idéia do tempo que permaneci ali tremendo, imerso em profundo estupor. Subitamente me despertou o contato duma mão sobre minha espádua, e uma luz ofuscante iluminou meu rosto. Era a voz do chamado Mishkin:

— Te levantes!

Enquanto me esforçava pra me levantar, notei que me amarravam como no gabinete.

— Vamos.

Meu carcereiro tomou a extremidade da corda que pendia daquela espécie de arnês e me arrastou a fora da cela. Me fez descer a escada e atravessar um vestíbulo até nos determos diante duma porta laqueada de vermelho brilhante. A empurrou com a mão e com a outra me fez entrar com tanta violência que quase caí de bruços.

A sala onde entrei cambaleando oferecia violento contraste com minha cela. Era ampla, tenuemente iluminada e luxuosa. As paredes eram de madeira sem verniz mas polida a óleo até a superfície brilhar como seda. O chão, de pinho amarelo encerado, estava coberto de tapetes cossacos, de berrantes cores primárias. Um sofá e profundas poltronas de couro vermelho estavam repartidos diante da lareira, onde ardia alegre fogo cuja chama refletia nas brilhantes paredes e no chão. Uma lâmpada com quebra-luz de pergaminho ocupava o centro duma mesa no meio da sala, formando uma espécie de ilha de luz. E aquela luz me mostrou o rosto do gênio diretor daquela casa de mistério.

Tirara os óculos esfumados e notei seu olhar fixo em mim. Ao tropeçar consigo senti como uma ruptura interior, onde tudo ficou solto, enquanto a debilidade e violento mal-estar me invadiam com irresistível pavor.

Em minha vida de médico vi muitas espécies de olhos: De saúde e de enfermidade, celestiais de jovem mãe com seu primeiro filho ao peito, o vago olhar da febre, a quebrada expressão de quem sabe que morrerá, os olhos do criminoso, o apagado olhar do idiota, os cintilantes olhos da loucura. Porém jamais vira olhos como aqueles num rosto humano. Olhos de ferro, de olhar fixo, brilhantes como topázio, como num felino ou através das jaulas dos carnívoros num jardim zoológico. Enquanto olhava, fascinado, aqueles olhos

bestiais tão incongruentes num rosto humano, compreendi que aquele homem não se deteria. Naquelas pupilas nada havia pra que alguém pudesse apelar. Nenhuma súplica dirigida à piedade o afetaria. Era tão duro e desapiedado quanto o gato que brinca deliciosamente cum a bola e um momento depois destroça selvagememente um passarinho ou uma ratazana. A ferocidade e suavidade dum felino. Começou com suave e quase ronronante voz:

— Desculpes a falta de luz, doutor Trowbridge. O motivo é que sou sumamente sensível, fotofóbico. Isso tem compensação. — Ajuntou com sorriso — Sou também noctilóptico: Tenho supranormal agudeza de visão no escuro, como um gato ou um tigre.

Enquanto falava deu volta na chave do interruptor da lâmpada de cima da mesa, mergulhando em sombra a dependência. Bruscamemente, como um par de minúsculos faróis de automóvel, os dois discos dos olhos apareceram com fosforescência esverdeada em minha frente.

— Por isso uso os óculos durante o dia. — Prosseguiu com surda gargalhada — Te importas que continuemos um pouco com a luz apagada?

O resplendor daqueles olhos pareceu aumentar enquanto falava. Senti um calafrio de horror na espinha dorsal.



O silêncio foi se alongando. Nalgum ponto, a minha retaguarda, um relógio media os segundos e os minutos. Sumi em distante recordação e quase lancei um grito quando meu companheiro me disse:

— Te recordas de ouvir falar sobre Friedrich Friedrichsohn?, doutor Trowbridge.

O nome não me evocava recordação.

— Não.

— Mentos. Todo mundo, até os grosseiros médicos ianques, ouviu falar do grande Friedrichsohn.

Suas palavras de desafio evocaram lentamente longínqua lembrança. Friedrich Friedrichsohn, famoso anatomista, autoridade na evolução orgânica, coronel cirurgião no exército que Francisco José mandou à morte no Piave, ferido por metralha, inválido, diretor dum hospital em Innsbruck. As recordações eram cada vez mais precisas. Os médicos de Viena não falavam dele, só vago rumor chegou até as faculdades e as clínicas. Mas as histórias fragmentárias que se contavam acerca do trabalho a que o encontraram entregue, juntando pedaços de corpos mutilados, unindo membros amputados a outros corpos, fazendo monstros tão repulsivos quanto os ídolos astecas ou o monstro de Frankenstein. Repliquei:

— Morreu num manicômio de Korneusburg.

— Mentira! Tão falso quanto teus diagnósticos em certos pormenores! Sou Friedrich Friedrichsohn e estou muito longe de estar morto. Tinham muita coisa pra que pensar quando o império caiu em frangalho e se esqueceram de mim. Não foi difícil escapar do cárcere onde me encerraram como se fosse um animal feroz. Nem foi difícil convencer

suas estúpidas autoridades. Tenho licença de seu colégio de médico pra funcionar como doutor. Uns quantos documentos falsificados foi tudo o que necessitei pra obter licença. Também sou proprietário dum manicômio legalmente estabelecido. Até tomei alguns pacientes. Abraham Stravinsky, padecendo de demência precoce, é... era... um deles. Morreu pouco depois de chegares. Porém sua família ainda não foi avisada. Será no devido tempo. E tu... Deixemos isso pra mais tarde. O trabalho ao qual me entregava quando me interromperam era fascinante. Até que o experimentes não poderás imaginar que deliciosas e surpreendentes combinações se podem fazer com as comparativamente escassas partes que oferece o corpo humano. Continuei aqui minha investigação, e embora desgraçadamente alguns de meus experimentos falharam, noutros fui além do esperado. Quero mostrar antes de... Estou certo de que os acharás interessantes.

— Estás louco! — Ofeguei, lutando pra desamarrar meus braços.

Apesar da obscuridade, notei que sorria.

— Isso é o que me disseram muitas vezes. Na verdade não estou louco mas a crença geral em minha loucura compensa. Por exemplo: Se por uma deplorável causa, até agora imprevista, tua ignorante polícia interromper meu trabalho e não encontrar justificado tudo quanto fiz e tomar o fato de que alguns de meus pacientes morreram no processo de remodelagem pra me processar como assassino, então a errônea crença de que estou louco teria vantagem. Me encerrariam num hospital, não num túmulo. Jamais tive dificuldade de fugir dos hospitais. Após uns meses de repouso fugiria de novo. Não é uma verdadeira vantagem? Quantos homens qualificados como normais não vacilariam em cometer os piores crimes se soubessem que não parariam na cadeira elétrica ou na forca? Estou acima da lei, *mein lieber Kollege*.^[14]

— Mishkin. — Ordenou ao ajudante — Digas a Pedro que queremos um pouco de música enquanto realizamos nosso giro de inspeção. Mishkin foi encerrado comigo em Korneusburg. — Explicou, enquanto o som dos tacões das botas do outro morria além da porta — Quando fugi de lá, levei. Diziam que era um louco homicida mas o curei da mania, tanto quanto me convinha. É um fiel servidor e eficiente ajudante, doutor Trowbridge. Noutras circunstâncias me seria difícil te manejar. Porém em seu trabalho comigo tem suficiente oportunidade pra acalmar sua, digamos, excentricidade. Entre as experiências é tão tratável quanto um animal domesticado. Claro que é necessário recordar que o chicote está sempre pronto. Porém nisso assenta a técnica da boa domesticação das feras. Á! Já começou nosso acompanhamento! Vamos?

Tomando a extremidade da corda, ajudou a me levantar, abriu a porta e me fez sair ao vestíbulo.



Nalgum lugar de cima um violino tocava suavemente *Di Provenza il mar*, da *Traviata*. As plangentes notas estavam carregadas de nostalgia.

— Tocas bem. *Nicht wahr?*^[15] — Sussurrou a suave voz de Friedrichsohn — A música deve ser instintiva em si, senão não se recordaria. Porém me esqueci de que nada sabes sobre si.

Na escuridão do corredor seus olhos abrasaram os meus.

— Te lembras de Viki Boehm?, *herr Doktor*.^{16}

— A cantora vienense? Sim. Si e seu marido Pedro Attavanta desapareceram quando o incêndio do *Castelo Ouro*...

Seu riso quase silencioso me interrompeu.

— Desapareceram, *lieber Kollege*, mas não como supões. Estão aqui, sob este teto, hóspedes meus. Asseguro que estão bem. Não debes temer por eles. Toda minha ciência e destreza estão a seu serviço, noite e dia. Por nada deste mundo quero que morra algum!

Nos detivemos ante estreita porta laqueada, com pequeno desenho semelhante a uma grinalda. À tênue luz duma lâmpada colada à parede, observei seu rosto, atento, arrogante, sério. Depois uma careta fria, paródia de sorriso, se congelou nos lábios. Disse, com voz gelada:

— Pouco antes da guerra concedi a Viki Boehm a honra de me enamorar. Eu, o maior cirurgião de meu tempo, maior em minha época que Darwin ou Galileu na sua, ofereci minha mão e meu nome. Poderia compartilhar minha fama. Porém se recusou. Compreendes? Rechaçou minha condescendência! Quando expliquei as coisas que fiz utilizando animal, se afastou de mim, horrorizada. Não tinha visão científica. Era tão inocente que julgava que o único dever dum médico é sarar o enfermo e curar o ferido. Não era capaz de ver o amplo panorama da ciência pura, aprendendo e experimentando pra si. Apesar de toda a beleza, não era mais que uma mulher. Pufe!

Pareceu cuspir a exclamação de desprezo. Continuou:

— Mas que linda era! Tão linda quanto a alvorada depois da chuva, doce como a primavera no Tirol, frágil como...

— A vi. A ouvi cantar.

— Deveras? A verás e escutarás de novo, doutor. Te lembras da frágil beleza, braço redondos, fina cintura, busto perfeito? Olhes!

Apoiando uma mão no puxador, abriu a porta. Atrás dela havia outra porta feita de barrotes de ferro, como as dos cárceres ou celas, e além um cubículo duns 2m². Uma luz se acendeu quando se cerrava a porta e ao clarão vi que o lugar estava cheio de espelho, parede, teto, solo, de maneira que os reflexos multiplicassem indefinidamente a coisa monstruosa que ocupava o centro da cela.

A única descrição que daquilo se pode fazer é o comparar a uma gigantesca e monstruosa pêra de carne, de tecido adiposo, com pele semelhante à dum hipopótamo. Se tinha braços ou pés não era possível os ver. Na parte superior, a pouca distância da cabeça, se viam dois vultos repugnantes, que não tinham semelhança com os seios femininos. Em realidade não tinha vestígio de contorno humano. Era como um sapo quinhentas vezes aumentado, desprovido das patas traseiras e ao qual se adaptasse uma cabeça humana.

Sobre aquela paquidérmica e disforme massa se elevava um rosto humano, uns traços femininos, finamente cinzelados, delicados, esquisitos, de etérea beleza, mais dignos duma fada que duma mulher de carne-e-osso. A epiderme da face recordava pétala de rosa, os lábios delicados, os olhos dum azul intenso, a comprida e loura cabeleira se derramava numa torrente de ondas naturais. Unido a um corpo de etéreo encanto, aquele rosto seria

tão belo quanto o sonho dum poeta. Preso àquela enorme massa de tumefato horror, era mil vezes mais espantoso que se estivesse de acordo com o rosto da figura.

Aquele ser parecia incapaz de movimento voluntário mas estava diante de nós, e enquanto a olhávamos jogou lentamente a trás a cabeça cum a contorção, como a que faria uma serpente enregelada. Nos profundos olhos e azuis que pousaram em Friedrichsohn não havia horror, ódio, nem reprovação. Em seu lugar parecia haver uma espécie de terrível resignação, de tristeza que se abrasara até se converter em cinza e não poder queimar mais, de paciência que resiste até além do resistível e que espera o que possa vir, sabendo que o pior já passou e que nada do que venha poderá superar o já sofrido. Ouvi Friedrichsohn sussurrar:

— Seu caso foi relativamente simples. Mishkin e eu cruzávamos, numa lancha, perto donde ardia o *Castelo Ouro*. A recolhemos e o marido, lhes fizemos beber uma poção que os deixou sem conhecimento e os trouxemos. Tivemos pouco trabalho. Primeiramente a imobilizamos, amputando as pernas e os braços. Os braços pra evitar atentar contra a vida ou inutilizar a beleza. O resultado da amputação foi um formoso tronco e um rosto ainda mais belo.



— Te assombra esse belo corpo? Nada mais simples, *herr Kollege*. Uma elefantíase artificialmente provocada resultou em enorme hipertrofia dos tecidos dérmicos e subcutâneos, e a infeccionamos e tornamos a infeccionar até o sumamente interessante resultado que observas. Era muito difícil impedir a hipertrofia que subia ao pescoço e ao rosto, mas não é em vão que sou o melhor médico do mundo. Agora não sofre, pois o processo de seu estado deu lugar a permanente insensibilidade. Todavia momentos houve, durante o processo, no qual tivemos de a cloroformizar. A elefantíase começa com inflamação erisipélica, como sabes. O subsequente linfatismo e febre são muito desagradáveis.

Internamente está quase sã, e Mishkin lhe endireita o rosto cada dia com amoroso cuidado. Demasiadamente amoroso, às vezes. Uma vez o encontrei a beijando, e durante uma hora o açoitei com o cnute.

Isto esfriou seu ardor. Agora não permito que a alimente. Essa é minha agradável obrigação. Uma vez me mordeu. Isso já há muito tempo. Agora é mansa como uma gatinha.

É engenhoso ter enchido o quarto de espelhos. A qualquer lado que olhes, a cima, a baixo ou aos lados, sempre se contempla em seu atual estado e não poderá deixar de se recordar do que foi.

— Viki! — Chamou, batendo nos barrotes da jaula — Cantes pra nosso convidado.

A mulher o fitou um momento, com indiferença, sem que nos olhos se percebesse indicação de que ouvira.

— Viki! — Falou secamente o doutor — Cantes ou teremos de empregar o ferro!

Notei um espasmo de rápido sofrimento e medo no rosto da cantora.

— Sempre é eficaz. — Disse meu acompanhante, com suave risada — Também

alteramos Pedro Attavanta. Não muito. Não fizemos mais que o cegar e colocar a pele do crânio no rosto. Uma operação muito simples. Mas enquanto a realizávamos enlouqueceu. Desgraçadamente estávamos escassos de anestésicos e os não arianos carecem da fortaleza das raças superiores. Uma vez por dia o deixamos tocar violino. Enquanto o faz soar parece muito feliz. Quando Viki se torna intratável o utilizamos prà acalmar. Não pode suportar o ver sofrer, por isso, quando o trazemos e fazemos que veja como queimamos sua pele com ferro candente, se presta a tudo o que pedirmos.

— Apanhamos os ferros?, Viki. — Perguntou o monstro — Ou preferes cantar?

A repulsiva criatura pendeu atrás a cabeça, respirando profundamente. Notei como a pele da garganta se movia como a dum sapo ao encher de ar os pulmões. Depois, clara, doce como sempre, a voz de Viki Boehm se elevou, deixando ouvir a ária final de Fausto :

Santos anjos do Céu,
minha alma anseia descansar

Indubitavelmente a sublime melodia daquela cena de cárcere jamais fora tão apropriadamente cantada como por aquele monstruoso sapo com cabeça de mulher.

A canção subiu com aguda clareza, enquanto Friedrichsohn me empurrava ao corredor e fechava violentamente a porta.

— Te interessarão minhas experiências com o coração, *herr Doktor*. Esse é um projeto mais ambicioso. Muito mais complexo.

Lutei contra o arnês que me mantinha preso.

— Pares já! Não quero ver teus diabólicos trabalhos! Por que não me matas e?...

— Te matar? — A surpresa que vibrava em sua voz era quase patética — Doutor Trowbridge, mato ninguém... intencionalmente. Às vezes, por desgraça, meus pacientes morrem, mas asseguro que sou eu quem mais lamenta. É desagradabilíssimo levar um experimento quase até o fim e ver de súbito que todo o trabalho fica anulado pela desconsiderada morte do paciente. Juro que me transtorna enormemente. Há algum tempo concluíra a junção dos braços e das pernas e a metade da pele dum gorila a um ser humano quase perfeito, um condutor de camião cuja captura me deu enorme trabalho. Acreditas que o desconsiderado sujeito morreu, roubando um de meus maiores triunfos? Quando isso acontece é muito desagradável. Continuamos?

— Não! Prefiro morrer a...

— Não acredito que estejas falando sério, doutor Trowbridge. Apoiou uma mão em minha espádua e, destramente, apertou um ponto de minha espinha dorsal.

No mesmo instante vi tudo vermelho, como se minha cabeça, pescoço e garganta fossem um nervo martirizado. Me retorci, uivando, e supliquei que cessasse o tormento.

— Agora virás comigo?, *mein lieber Kollege*. — Afrouxando momentaneamente a pressão mas a aumentando em seguida, até que acreditei que o coração estalaria. Notei que os cintilantes olhos me fitavam selvagememente e de novo supliquei piedade. Ofeguei:

— Não. Não. Acompanharei.

— *Ist gut!*^[17] Claro que virás comigo. Eu sabia que afinal conseguiria te convencer. Como dizia, a próxima experiência que tenho projetada é a mais ambiciosa que empreendi até agora. Se estende ao espírito, ou psique, da mesma forma que ao corpo. Acha que essa atração física que chamamos amor cresce com a contemplação do rosto ou do corpo do ser amado? — Me deu umas pancadinhas nas costas cum dedo e saltei atrás como fugindo dum ferro abrasado. Que atrocidade planejava o enfermo cérebro daquele gênio louco e irresponsável?

— O... o que queres dizer? — Tartamudeei estupidamente. Continuava doendo a cabeça e o pescoço, de maneira que mal podia pensar.

— Exatamente o que digo, *mein lieber Kollege*. — Replicou, acremente — Todos os dias vemos casos que nos assombram. Há homens que se casam com mulheres cujas caras assustariam a medusa mas que, em compensação, possuem corpos que fariam inveja a Vênus. Ou, ao contrário, se enamoram de lindas caras colocadas sobre corpos que carecem de todo elemento de beleza. As mulheres se casam com homens parecidos. Podes explicar isso?

— É claro que não. Os seres humanos não são simples animais. A atração física desempenha, inegavelmente, papel importante, mas a inteligência, a afinidade, a alma...

— A psique, por favor, *mein Kollege*. Não empreguemos termos medievais.

— Está bem. A psique, então. Vemos além da superfície, encontramos qualidades espirituais que nos atraem e nelas baseamos nosso amor. Um amor inspirado tão somente pelo aspecto físico do ser amado não merece esse nome. Não pode durar.

— Louco! Acreditas no amor romântico, que se sobrepõe ao medo e a tudo resiste?

— E então?

O mesmo pensam estes dois.



Se detivera numa curva do corredor e enquanto falava apertou um botão fazendo correr um pedaço de solo. A nossos pés apareceu uma pequena dependência, confortavelmente mobiliada e bem iluminada. Sobre um sofá colocado diante da lareira estavam sentados um moço e uma garota, de mãos dadas e o terror refletido no rosto.

O homem aparentava 22 anos, de cabelo louro e rosto corado. Não precisei o ouvir falar pra compreender que era inglês. Aquilo me explicou a desapareição do emissário do cônsul britânico.

A moça aparentava 1 ano menos e era muito morena.

O traje e postura recordavam as cenas caseiras que nos apresentam as películas cinematográficas. Ele usava um pijama violeta embaixo duma bata de seda vermelha e sandálias de couro. Ela vestia um traje de tipo persa, que a cobria do pescoço aos tornozelos, mas tão cingido desde o colo às cadeiras, que só cobria a pele, revelando, em compensação, todos os contornos do corpo juvenil. Da cintura a baixo a fralda se estendia como a duma bailarina. Tinha os pés calçados com brilhantes sandálias com solado de cortiça duma grossura de 10cm, ao menos. E as unhas dos deliciosos pés estavam pintadas

de vermelho pra fazer jogo com os laços das sandálias.

— Não. — Disse no momento em que Friedrichsohn fez correr o pavimento — Não é uma situação desesperada. Algum dia nos encontrarão. És um mensageiro real. O consulado revolverá céu e terra até te encontrar.

O amargurado riso do jovem encheu o aposento.

— É inútil! Não há oportunidade! Desonrei meu nome a sempre. Deixarão que me apodreça e nada farão pra me encontrar.

— O que queres dizer, Neville.

O homem apoiou os cotovelos nos joelhos e ocultou todo o rosto entre as mãos.

— Devia ter deixado que me matassem. — Soluçou — Não podes imaginar o mal que me fizeram. Primeiro me açoitaram cum correia, e como viram que com isso não conseguiam quebrantar meu espírito, o homenzinho dos óculos escuros fez algo em meu pescoço, não sei o quê, que me fez sentir como se em cada dente tivesse, me excitando, uma dessas brocas de dentista. Não pude resistir à dor e por isso assinei. Que Deus me perdoe!

— O que assinaste?

— Uma carta ao cônsul, dizendo que vendera os documentos aos alemães e que fugia com o dinheiro. Não me custaria morrer mas a terrível dor...

— Compreendo, meu pobrezinho. — A moça atraiu a cabeça do companheiro contra seu peito e o embalou como se ele fosse seu filho pequeno — Te compreendo. Rita te compreende. E também te compreenderão quando sairmos daqui. Ninguém é responsável pelas coisas que faz sob tortura. Penses nos que negaram sua fé ante o patíbulo.

— E nos que tiveram a força de se manter fiéis a ela. — Soluçou o jovem.

— Ouças. Não te amo porque sejas forte nem heróico. Te quero porque és tu.

O inglês ia protestar, mas sua boca foi selada cum beijo.

— Têm que nos encontrar. — Rita prosseguiu — Estamos em Estados-Unidos, no século 20. Duas pessoas não podem desaparecer e ficar o caso como se nada ocorrera. Há a polícia, os federais...

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Não... não sei. Não podendo ver o sol, não posso calcular o tempo. Nem sabemos quando é noite ou dia. Só me recorde de que saí muito tarde de Filadélfia e que corria a toda a velocidade, pra evitar o tráfego noturno de Nova Iorque, quando, perto de Cranberry, algo voou contra minha cara e me mordeu. No momento julguei que fosse um mosquito mas é uma loucura. Em fevereiro não é fácil encontrar mosquito. O que em seguida notei foi um enjôo, que o carro se movia dum lado a outro na estrada, e então estava aqui, numa cama muito macia, e me tiraram a roupa. Junto à cama estavam estas sandálias e o traje que uso. Junto a meu quarto havia um banheiro e quando acabei de me lavar encontrei o almoço, talvez a ceia, sobre uma bandeja. A verdade é que não pensam nos matar de fome. Te alimentaram bem também?

— Sim. Minha aventura é, em linhas gerais, a mesma que a tua, só que vi o homem alto e magro que parece um cadáver ambulante, e o outro, menor, com os óculos esfumados. Porém não os vi até hoje. Ou talvez ontem. Não posso recordar com precisão.

A jovem franziu o cenho.

— Nem eu. Tentei levar contadas as refeições que nos serviram, calculando três por dia. Mas por mais que tenha procurado permanecer alerta e espiar a entrada dos que trazem alimento, não consegui. É esquisito o sono. Quando desperto não poderia dizer se dormi 5 minutos ou 24 horas.

Subitamente o moço se ergueu cum salto, colhendo, entre as suas, as mãos da companheira.

— É isso! Tenho a certeza! Não é estranho que o tempo pareça não correr nesta casa! Nos cloroformizam duma maneira ou outra e nos fazem dormir o quanto querem. Ignoramos o tempo que dura o sono. É possível que haja semanas ou talvez meses que estamos aqui.

— Não, amorzinho. Ainda não é verão. Não passamos meses aqui.

— Quem sabe? Como podes afirmar?

— Bobinho! — A jovem se inclinou e o beijou.

— Estou segura de que não passamos um mês aqui.

Permaneceram calados um momento com as mãos colhidas. Enfim, o inglês murmurou:

— Rita...

— O que queres?

— Quando sairmos daqui, se chegarmos a isso, e se conseguir fazer o chefe acreditar, quererás te casar comigo?

— Trata de não mo pedir e te verás metido num processo por quebra de promessa. Julgas que podes me comprometer assim, te sentando a meu lado, vestidos desta maneira, sem uma dona que nos vigie, e depois fugir calmamente? Tens que fazer de mim uma senhora de quem pessoa alguma possa dizer isso. — Porém no mesmo instante caiu a máscara da fingida alegria, e o rosto juvenil revelou o tormento que estava padecendo — O, Neville! Acreditas que nos encontrarão?

Chegou a vez do jovem confortar a companheira. Sussurrou:

— Claro que sim, meu bem. Nos encontrarão. Não podem deixar de nos encontrar. Depois...

— Depois o quê?, filhinho.

E a pequena se recostou, sonolenta, no peito do jovem, murmurando com voz cada vez mais tênue:

— Depois estaremos tão juntos que teu rosto será a primeira coisa que verei ao despertar e a última ao adormecer. Será o paraíso. O pa-ra-iso.

— Será interessante experimentar se é verdade. O tempo demonstrará — Friedrichsohn

ficou em pé e fez correr o pedaço de chão, depois me ajudou a me levantar — Será uma experiência muito interessante e digna de ser observada. *Nicht wahr?, mein Kollege.*^[18]

— O que... o que queres dizer?

Que terrível projeto maquinara aquele cérebro? Pensaria submeter aquele jovem e aquela moça a uma espantosa transformação? Eu já vira no que se convertera Viki Boehm. Se atreveria?

Sua suave voz chegou até mim.

— O que penso fazer, *mein lieber Kollege*, é o seguinte: São os tipos ideais pra minha prova. Muito melhores do que me atrevera a esperar. Me apoderei da pequena por meio do simples jogo de esperar perto da estrada cuma espingarda de ar comprimido carregada de flechinhas impregnadas de forte soporífero. A mais ligeira picada na epiderme cuma de minhas flechinhas faz adormecer. Como disse a esse moço, quando despertou estava numa das salas que destino aos hóspedes.

Porém minha experiência requer que Maria tenha um João,^[19] e por isso fui buscar um companheiro pra ela. Casualmente apareceu em cena esse jovem e foi igualmente caçado. Tenho tudo preparado. Seus dormitórios desembocam no mesmo salão. O dele numa extremidade e o dela noutra. Cada manhã ou cada noite, não notam a diferença, permito que despertem, abro as portas automáticas e deixo que se visitem. Quando me parece terem praticado o amor durante tempo o bastante, dou a corrente e os faço dormir.

— O que queres dizer?

— Não notaste um odor peculiar ao entrar nesta casa?

— Notei odor de incenso.

— *Jawohl.*^[20] É isso. Aperfeiçoei um gás anestésico que pode deixar uma pessoa em estado de completa anestesia num minuto ou menos de 1 segundo. É quase inodoro, e o pouco perfume que tem dissimulo com o odor de incenso. De vez em quando os faço dormir e depois permito despertar. Por isso não podem calcular os intervalos de tempo que medeiam entre as entrevistas e, o que é mais importante, quando começam a raciocinar demasiado, faço que percam o conhecimento. Há um momento, quando notei que o rapaz começava a expor com bastante acerto minha técnica, abri o gás. Agora ambos dormem profundamente, e Mishkin já os levou à cama. Quando me parecer deixarei que despertem, comam e continuem sua conversação no ponto onde a deixaram. Mas não creio que o façam. Estão demasiado mutuamente preocupados pra pensar excessivamente em mim.

— Há quanto tempo estão aqui? Pelo que ouvi, ela chegou antes.

— O que é o tempo? — Riu o austríaco — Não ela nem ele sabem o tempo que levam sendo meus hóspedes. Tampouco tu, *herr Doktor*. É possível que te deixara dormir uma semana na cela de Stravinsky, ou acaso só uma noite, ainda que também pudessem ser duas semanas.

— Isso é sandice. Sendo assim estaria semi-morto de fome. E não tenho apetite.

— Como sabes que não te alimentamos com tubo enquanto dormias?

Não pensei nisso. Meus cálculos rolaram a terra. É verdade que em circunstância normal estaria faminto se tivesse passado ali mesmo apenas 24 horas. No entanto não sentia apetite. Friedrichsohn disse:

— Voltando a nossos jovens enamorados: São os mais indicados pra meu propósito. Quando me apoderei dele não suspeitava que conhecia a pequena e que sentia por ela um interesse mais que amistoso. E esse interesse se converteu, devido à permanência aqui, em amor completo. Amanhã, depois ou depois, penso que começarei a trabalhar neles.

— A... trabalhar... ne... les?

— *Jawohl, mein lieber Kollege*. Já viste o fascinante tratado de beleza que dei a Viki Boehm. *Ist gut*. Os anesthesiarei com todo cuidado e submeterei a idêntico trabalho. Quando despertarem estarão no ninho que preparei. É um lugar encantador, onde poderão se ver mutuamente, onde o primeiro que vejam ao despertar e o último ao adormecer seja o rosto do outro. É maior que o quartinho que destinei a Viki. Mais do dobro. Um descansará numa extremidade e o outro ocupará a oposta. Também está cheio de espelho, pra que se possam contemplar de frente, de lado e de costas. Isso é necessário, *herr Doktor*, pois não poderão se voltar. A falta de perna inutiliza muito uma pessoa, *lieber Freund*.^[21]

— Mas, por que farás isso consigo? — Não prossegui, pois enquanto fazia a pergunta percebi que a razão nada tinha a ver com os loucos planos.

— Me perguntas isso depois de nossa discussão acerca dos méritos do rosto e do corpo como estimulantes do amor? Me surpreendes e me decepcionas, *mein Kollege*. É pra ver se o amor que um e outro reciprocamente juram com tanta ternura pode resistir à visão da repugnante deformidade do ser amado. O rosto ficará como está. Só se alterará a forma. Se continuarem jurando afeto, saberei que o rosto é que dá força ao amor. Porém se, como estou certo, se entreolharem horrorizados, então compreenderei que a forma é muito mais importante. De qualquer forma será algo divertido e digno de se ver. *Nicht wahr?*, *herr Doktor*. O horror acelerou o compasso de meu coração. Algo gelado e agudo como um punhal parecia penetrar em minhas costelas. Ansiava protestar gritando contra semelhante crime, suplicar, mas não pude. O céu me parecia irreal e terrivelmente longínquo enquanto olhava aquele monstro de olhos fosforescentes. Ofeguei:

— Não é possível que faças isso. Não te atreverás! Serás descoberto!

— Isso mesmo disse Viki Boehm, quando lhe predisse o que a esperava. — Replicou cuma gargalhada. — Mas não me descobriram. Jamais serei descoberto, *herr Doktor*! Isto é um manicômio. Perdão, um sanatório, devidamente autorizado, e não é fácil levar a cabo uma busca. A gente crê que num lugar assim é muito natural ouvir gargalhada, grito histérico, alarido. Os transeuntes e os vizinhos não sentem curiosidade. Minhas terras estão cheias de aviso pra que ninguém entre. A lei me garante a inviolabilidade de meu domicílio e nem a polícia pode entrar aqui sem mandado judicial. Tenho um forno crematório bem equipado, disposto pra que se possa o utilizar instantaneamente. Se tentarem revistar a casa, posso destruir todos os vestígios comprometedores, até os animais, num instante. Quero prosseguir meu trabalho sem interrupção, *lieber Kollege*, e isto me recorda que tenho de fazer uma proposta.



Voltáramos à sala donde saíramos e um empurrão me fez sentar numa poltrona. Disse, acendendo um cigarro:

— Há momento em que me dou conta de que Mishkin não é o homem adequado pra me ajudar. Lhe ensinei muito mas sua carência de treino primário faz com que muitas vezes embrulhe as coisas. Preciso dum ajudante destro, com experiência como cirurgião, capaz de me ajudar nas operações. Creio que és o homem mais indicado a esse trabalho. Queres te unir a mim?

— Eu? — Ofeguei — Prefiro...

— Prefere encher o ataúde de Stravinsky?

— O ataúde de Stravinsky?

— Exatamente. Te lembra de que eu disse que Abraham Stravinsky era um paciente meu que morreu no mesmo dia em que chegaste? *Jawohl*. Sua família não foi avisada da morte. O cadáver espera, na câmara frigorífica, o momento de ser despachado. Se aceitar meu oferecimento avisarei os parentes do morto e enviarei o cadáver. Se rejeitares — os fosforescentes olhos brilharam com maior intensidade — meterei o cadáver no forno crematório e ocupará seu posto no ataúde. Era um judeu, duma seita entre cujos ritos figura que seus fiéis serão enterrados em caixões de pinho, dos quais tenho vários, 24 horas após a morte. Portanto é pouco provável que o ataúde seja aberto. Mas ainda que fosse, a família não perceberia que o cadáver não ser o de seu parente. Direi que morreu em consequência dum ataque de loucura furiosa, e destroçou o corpo se atirando contra as paredes.

— Asseguro, *mein lieber Kollege*, que teu corpo será magnificamente destroçado. Não será fácil te reconhecer. Mishkin se encarregará dos detalhes. Cum cacete na mão é um homem muito destro, porém...

— Porém não o empregará.

A minha retaguarda, Jules de Grandin falou com voz natural. Todavia eu, que o conhecia muito bem, notei em seu acento uma fúria ciclópica. Friedrichsohn poderia estar louco, ser feroz e selvagem como um tigre mas de Grandin não ficava atrás em ferocidade e o cérebro não sofria o peso nem a marca da loucura.

— *Kreuzsakrament!*^[22]

Enquanto de Grandin avançava, Friedrichsohn se precipitou sobre ele como um leopardo enlouquecido.

A resposta de de Grandin foi saltar no ar, levantando os dois pés ao mesmo tempo, que se chocaram com terrível impacto contra os queixos do austríaco, que rodou, sem sentido, no chão.

— *Tiens*, conhecer *la savate* é, de vez em quando, muito útil — disse enquanto me livrava de minhas ataduras, que trasladou ao derrubado cirurgião. — Meu detestável amigo, assim estarás muito bem — Ajuntou e se voltou a mim.

— *Embrasse-moi!* Oh, Trowbridge, *cher ami, brave camarade*,^[23] temia que esse bruto

te machucasse! *Alors* te encontro são e salvo, mas talvez fiques melhor com mais roupa.

— Atrás de ti há um armário. Talvez... — Já o estava rebuscando, tirando pra mim uma série de trajes.

— Estes devem ser de Southerby. E estes os da pequena. E isto... Á! Eis! — E minhas roupas caíram a meus pés.

— Te vistas, meu amigo. Tenho serviço noutro lugar. Se der mostra de recobrar os sentidos batas na louca cabeça. Voltarei num instante.



No corredor soaram passos precipitados, enquanto me vestia, Um grito, o eco dum disparo.

Saí do quarto a tempo de ver de Grandin descer a pistola que acabara de disparar, enquanto Mishkin cambaleava diante da porta de entrada e, levantando as mãos sobre a cabeça, caía pesadamente ao chão. Meu amigo se elogiou:

— Meu excelente de Grandin! Nunca falhas! És incomparável. *Parbleu!*^[24] Te admiro.

— Olhes! Olhes! — Gritei — A lâmpada!

Nas convulsões da agonia, Mishkin acabara de derrubar uma das lâmpadas que pendiam ante as capelinhas. As enceradas paredes e o assoalho eram fácil presa ao fogo que num momento pegou nelas. Exclamei:

— Dentro estão Southerby e uma jovem!

— Ei!, francês. Onde, diabo!, estás? — Era a voz de Hiji — Encontraste Trowbridge? Temos Southerby e a...

Penetrou no vestíbulo, carregado com o inconsciente corpo de Southerby. Atrás chegou Costello, trazendo nos braços a moça, também mergulhada em sono anestésico. O inglês exclamou:

— Puxa! Que calor aqui! Temos de nos apressar.

— Não há dúvida, meu amigo. — Corroborou de Grandin — Um momento, por favor — Penetrou no quarto e saiu poucos instantes após, carregado de peças de vestir — São tuas roupas — disse as colocando sobre o ombro direito de Hiji — Os levari à garagem e que se vistam decentemente pra se apresentar em público. Tenho outro trabalho a fazer. Me ajudes, se quiseses, Trowbridge.

De novo no quarto onde estava Friedrichsohn, meu amigo se dirigiu ao louco e disse:

— Num instante este lugar será um forno. Se não quisermos nos estorricar, temos de andar ligeiro.

Não exagerava. As paredes envernizadas e os assoalhos encerados ardiam furiosamente. A chama já alcançava a escada. Exclamei subitamente, recordando:

— Santo Deus! Lá em cima há outros dois, numa cela.

Desde o primeiro pavimento chegou clara, doce e potente a voz de Viki Boehm:

So stürben wir, um ungetrennt

ewig eining ohms End

Assim morreremos e nunca mais nos separaremos

sempre em interminável felicidade

As ascendentes notas dum violino acompanhavam as palavras da súplica que Tristão e Isolda elevaram à morte que havia de os unir no místico mundo além-túmulo.

— *Mon Dieu, concède misericord!*^{25} Deus... De Grandin levantou a cabeça à escada envolta em chama. — Não há possibilidade de chegar a eles...

O fragor das vigas se quebrando interrompeu as palavras. Intensa labareda acompanhada de milhares de fagulhas brotou do lugar onde se derrubara a escada e parte do pavimento. A canção parou. Só se ouvia o rugido do fogo enquanto nós, de cabeça baixa, fugíamos à porta.

— É sua pira funerária. — Ofegou de Grandin — *Fidelium animae per misericordiam Dei, requiescant in pace!*^{26} Hahahá!

— O que foi? Estás?...

— Chames imediatamente Hiji ou Costello! Não posso...

— Estás ferido? — Perguntei, solícito.

— *Vite, vite!*^{27} Que venha um deles!

Saí da casa, corri em direção à garagem e gritei:

— Hiji... Costello! Depressa! De Grandin está ferido!

— *Pardonne-moi, mon ami.*^{28} Ao contrário. Estou no melhor estado de saúde e tão satisfeito quanto posso estar nesta circunstância.

Me roçando os calcanhares, de Grandin sorriu satisfeito.

— Pudeste sair? Magnífico! Mas, onde está Friedrichsohn?

Nos olhos de meu amigo não havia mais expressão que nos duma boneca de pano. Disse, com voz opaca:

— Não pôde me seguir. Algo o deteve.

De repente senti intensa debilidade. Parecia que não comera num ano. O frio mordida meus ossos como se fosse um lobo.

— Que dia é hoje?

— És muito pouco patriota, meu amigo. É o aniversário do nascimento do grande emancipador. Não sabias?

— 12 de fevereiro? Mas se ainda é hoje!

— *Mon Dieu!* Então o que pensavas? Que era amanhã ou ontem?

— Mas... saímos de Harrisonville na manhã de 12 e estive nesta casa ao menos...

De Grandin consultou seu relógio.

— Pouco mais de 2h. Se nos apressarmos teremos tempo de almoçar em Keyport. A lagosta de lá é excelente.

— Mas.., mas...

— Doutor Trowbridge, doutor de Grandin, apresento senhorita Perinchief e senhor Southerby. — Interrompeu Hiji, que, junto com Costello, saía da garagem diante dum casal de extasiados jovens.

— Já vi... Muito prazer em vos conhecer.



Me fizeram confessar minhas aventuras desde o momento em que me afastei de perto do charco em cujo fundo se encontrava o carro de Southerby. Nos olhos de todos havia lágrima quando descrevi os monstros que Friedrichsohn fizera de Viki Boehm e seu marido. Depois expliquei o que ouvira através do alçapão da sala onde Rita Perinchief e Southerby declaravam mutuamente seu amor.

— E agora, em nome do Céu, o que fazias durante todo esse tempo?

— Ao ver que não voltavas, todos estranhamos muito. — Explicou meu amigo — Costello queria ir à granja e perguntar sobre ti mas eu não quis. Um só olhar ao edifício me bastou pra compreender que o mal se albergava ali. Por isso os coloquei perto da árvore grande, junto do caminho, de maneira que estivessem bem à vista, enquanto eu rondava a casa buscando uma abertura. Enfim tive de forçar a fechadura da porta do fundo, o que me levou bastante tempo. Não resta dúvida que o canalha Mishkin observava, desde algum ponto, nossos companheiros. *Bien.*^[29] Enquanto estava entretido com isso, Jules de Grandin trabalhava na porta do fundo.

Enfim abri passagem e, de pontinha, fui à porta principal, a abri e fiz sinal de que tudo vai bem. Esperava chegarem, quando apareceu esse *sale chameau*^[30] de Friedrichsohn, descendo a escada contigo.

— Se pode tolerar coisa semelhante? — Pensei — Se Pode permitir que alguém leve meu amigo Trowbridge como se fosse um cachorro, amarrado com uma correia? *Mais non!* E Jules de Grandin seguiu os dois homens e durante um pouco escutou, via fechadura, o que se dizia dentro do quarto. *Voilà tout.*^[31]

O restante já sabes.

— Não sei. Como Hiji e Costello sabiam que Southerby e Rita estavam ali?

— *Tiens*, não sabiam, meu amigo. Entraram espiando tudo e descobriram Mishkin de guarda diante da porta da prisão. Correu e então puseram abaixo a porta e tiraram os prisioneiros. Deviam atirar nele antes de tudo. Não tem capacidade pressas coisas. *Eh, bien*, eu estava ali. Há muito tempo, muitíssimo, que não atiro ao alvo... Todavia...

— Encontraram os documentos que Southerby levava?

— Claro. Friedrichsohn não lhes dava valor. Estavam numa gaveta da mesa que havia na sala onde o viste na primeira vez. Hiji os guardou zelosamente no bolso.

— Parece incrível que estivesse ali tão pouco tempo. — Murmurei — Juraria que passei lá ao menos uma semana.

— Meu amigo, o tempo passa devagar numa prisão. O que julgaste várias horas, enquanto estavas tremendo na cela, não foi mais de meia hora ou coisa que o valha. O tempo não passou, permaneceu imóvel enquanto dormias. Te deixaram sem sentido com o gás e te despertaram 5 minutos depois. O mais foi obra da sugestão. Pensaste que dormiste todo o dia, e como não podias ver o sol, não tinhas idéia da hora que era. O sono e nossa própria imaginação nos pregam estranhas peças. N'est-ce-pas?^{[1321](#)}



A lagosta assada era, como meu amigo prometera, excelente. Terminada a refeição, de Grandin, Hiji e Costello foram ao bar, seguidos por mim a pouca distância. Neville Southerby e Rita Perinchief ficaram sozinhos e foram se sentar ante a chama da lareira. Quando passei junto ao sofá onde estavam, ouvi Rita dizer:

— Acho que já compreendo o que sentiria Róbinson Crusoé acerca de sua ilha quando o recolheram. Continuou pensando nela durante toda a vida e, embora tenha passado ali muitas penas, sempre se recordou dela com carinho. Assim me acontecerá com esse lugar onde aquele louco nos encerrou. Imagines se não nos encontrassem. Supões que tivéssemos necessidade de ficar sempre olhando um ao outro. Certamente sofreríamos uma transformação bastante desagradável. Todavia...

— *Morbleu!* Parece que viste um fantasma, meu amigo. — Disse de Grandin, quando me reuni consigo no bar.

E estendendo uma trêmula mão pra apanhar um copo, respondi, estremecendo, ao recordar a sorte que estava reservada aos dois jovens se o socorro não chegasse a tempo.

Vi. E dos mais desagradáveis.

A volta do feiticeiro

Clark Ashton Smith

Tradução de S. Caldeira de Rezende

Eu estava desempregado havia vários meses e minha economia se esgotava perigosamente. Portanto era natural que ficasse exultante ao receber de João Carnby uma resposta favorável, me convidando a apresentar pessoalmente minha credencial. Carnby anunciara, pedindo um secretário, estipulando que todos os candidatos fizessem, via carta, uma exposição preliminar da capacidade. Respondi ao anúncio.

Carnby, não havia dúvida, era um eremita estudioso, que, sentindo aversão a entrar em contato com longa fila de candidato, escolhera essa maneira de eliminar de antemão muitos, senão todos os que não fossem aceitáveis. Especificara as exigências ampla e sucintamente, que eram de tal natureza que excluía até o termo médio das pessoas instruídas. Era necessário, entre outras coisas, certo conhecimento da língua árabe, e por sorte eu adquirira bom grau de instrução nesse estranho idioma.

Encontrei o endereço cuja localização tinha vaga idéia, no fim duma avenida situada no alto dum morro, no subúrbio de Carvalhópolis.^[33] Era um casarão de dois andares, sombreado por antigos carvalhos e escurecido por um manto de trepadeira, circundado por cercas vivas sem podar e arbustos crescidos desordenadamente durante longos anos. Era separado dos vizinhos por um terreno baldio cheio de vegetação agreste num lado e por um emaranhado de vinhas e árvores envolvendo a ruína negra dum solar incendiado no outro. Além do aspecto de longo abandono havia algo de lúgubre e sinistro ali. Algo inerente ao contorno da casa marchetada de hera, às janelas sombrias, à própria conformação dos carvalhos disformes e ao esquisito espriar da superabundante vegetação. Seja como for, meu entusiasmo se tornava menos exuberante a proporção que eu entrava no terreno da casa, numa vereda pouco batida, que conduzia à porta dianteira.

Quando fiquei em presença de João Carnby, minha satisfação estava ainda mais diminuída. Conquanto não pudesse dar razão plausível ao arrepio como de advertência e à melancólica e sombria sensação de alarme que me possuía, ainda experimentei pesado abatimento de ânimo. Talvez fosse a escuridão da biblioteca onde me recebeu ou o próprio homem. Escuridão bolorenta que não poderia ser inteiramente eliminada pelo sol nem por luz de lâmpada. Na verdade deve ter sido isso, porque João Carnby era exatamente a espécie de criatura que imaginei.

Tinha toda a aparência dum solitário estudioso que devotasse pacientes anos a algum ramo de pesquisa científica. Era magro e curvado, com ampla testa e cabelo grisalho. O rosto, bem barbeado, encovado e pálido. Demais disso, tinha ainda o aspecto de quem tem os nervos massacrados e em medrosa contração que era mais que a timidez normal dum recluso. Incessante apreensão se traía em cada olhar dos olhos febris e a cada movimento das mãos ossudas. Com toda probabilidade a saúde fora seriamente arruinada por excesso de aplicação ao estudo, e não pude deixar de me interrogar qual seria a natureza do estudo que o transformara naquela ruína humana. Mas havia algo em si. Talvez a largura dos

ombros arqueados ou as linhas aquilinas do rosto atrevido, que davam a impressão de grande força no passado e um vigor não inteiramente exausto. Contra a expectativa, a voz era profunda e sonora.

— Penso que serves, senhor Ogden. — Disse, depois dalgumas perguntas, a maioria relacionada a meu conhecimento lingüístico, e em particular sobre meu domínio do idioma árabe — Teu trabalho não será pesado mas quero alguém que possa estar a mão a qualquer hora que for preciso. Portanto debes morar comigo. Posso te dar um quarto confortável e garanto que minha cozinha não te envenenará. Muitas vezes trabalho na noite. Espero que não aches muito desagradáveis essas horas irregulares.

Sem dúvida, eu deveria estar cheio de alegria, em face da certeza de que o lugar de secretário seria meu. Mas sentia sombria e desarrazoada relutância e velada advertência ao agradecer a João Carnby, dizendo estar pronto a me mudar. Pareceu ficar muito contente e a estranha apreensão durante um momento desapareceu de suas maneiras.

— Venhas imediatamente. Nesta tarde mesmo, se possível. Ficarei muito satisfeito em te ter aqui, e quanto mais cedo melhor. Vivi só desde algum tempo, e devo confessar que a solidão está começando a ficar insípida. Ademais, fui retardado em meu trabalho por falta de auxílio adequado. Meu irmão morava comigo e costumava me auxiliar, mas foi em longa viagem.

Voltei a meu quarto na cidade, paguei o aluguel com os últimos poucos dólares que me restavam, arrumei os pertences e em menos de uma hora estava de volta à casa de meu novo patrão. Me designou um quarto no segundo andar, que, apesar de pouco arejado e cheio de pó, era mais que luxuoso em comparação ao quatinho da entrada, que meu minguado recurso me compelira a habitar ultimamente. Depois me levou a seu gabinete, que ficava no mesmo andar, no fim do corredor. Explicou que ali seria feita a maior parte de meu futuro trabalho. Mal pude conter uma exclamação de surpresa quando vi o interior daquela sala. Tinha muito da caverna dum feiticeiro, como eu imaginaria. Mesas atulhadas de arcaicos instrumentos de uso duvidoso, cartas astrológicas, caveiras, alambiques e frascos, queimadores de incenso como os que são usados na Igreja Católica e volumes atados por correias de couro comido por traça, com fivelas manchadas de verdete. Num canto havia o esqueleto de grande macaco, no outro um esqueleto humano e no alto, suspenso, um crocodilo empalhado.

Havia caixas abarrotadas de livro, e rápido olhar nos títulos mostrou que formavam uma singularmente extensa coleção de antigos e modernos trabalhos sobre satanismo e magia negra. Nas paredes havia algumas pinturas e gravuras tratando do destino e de temas raciais. A atmosfera inteira do aposento denunciava um misto de superstições meio esquecidas. De ordinário eu sorria ao defrontar tais coisas. Mas, seja como for, nessa casa solitária e sinistra, ao lado do neurótico e amedrontado Carnby, me foi difícil reprimir no momento ligeiro tremor.

Numa das mesas, contrastando incongruentemente com aquela mistura de medievalismo e satanismo, se via uma máquina de escrever rodeada por uma pilha de manuscritos em desordem. Numa das extremidades da sala, e encoberta por cortina, havia uma pequena alcova com o leito no qual Carnby dormia. Na extremidade oposta à alcova, entre o esqueleto humano e o do símio, percebi um armário embutido na parede, fechado a

chave.

Carnby notou minha surpresa e me observava com perspicaz expressão de análise que achei quase insondável. Então começou a falar em tom explicativo.

— Fiz um profundo estudo de demonismo e feitiçaria. É um campo fascinante e singularmente desprezado. Estou preparando uma monografia na qual procuro correlacionar as práticas mágicas ao culto ao demônio em todos os tempos e por todos os povos conhecidos. Teu trabalho, ao menos agora, consistirá em datilografar e organizar as volumosas notas preliminares que fiz e me auxiliar na obtenção doutras referências e correspondência. Teu conhecimentos da língua árabe serão valiosos pra mim, porque não estou muito seguro nesse idioma e estou dependendo de certos dados essenciais dum exemplar do *Necronomicão*, no texto original árabe. Tenho razão pra acreditar que há certas omissões e interpretações errôneas na versão latina de Olaus Wormius.

Eu já ouvira algo a respeito desse raro e quase fabuloso livro mas nunca o vira. Se supunha conter os fundamentais segredos do mal e da ciência oculta. E além disso se dizia que o original em árabe, escrito pelo insano Abdul Alhazred, não podia ser encontrado. Eu me admirava de como Carnby o possuía.

— Mostrarei o volume depois do jantar. Sem dúvida, serás capaz de elucidar uma ou duas passagens que me embaraçam.

A ceia, preparada e servida por meu próprio patrão, foi uma grata mudança em meu costumeiro cardápio de restaurante barato. Carnby parecia ter perdido grande parte do nervosismo. Estava muito loquaz e até começou a exibir certa jovialidade depois que tomamos uma garrafa do saboroso Sauterne. Uma vez mais, sem razão manifesta, me senti perturbado por temores e previsões que não pude analisar nem descobrir a causa.

Voltamos ao gabinete e Carnby retirou duma gaveta fechada a chave o volume sobre o qual falara. Era muitíssimo velho, encadernado em ébano, com arabescos de prata e engastado com granadas de brilho fosco. Quando abri as páginas amareladas recuei involuntariamente, de repulsa ao cheiro. Um cheiro mais que sugestivo de degeneração física, como se o livro permanecera entre cadáveres nalgum cemitério abandonado e adquirisse os miasmas da decomposição.

Carnby, de olhos brilhantes e febris, tomou o velho manuscrito de minhas mãos, virando a uma página perto do meio. Mostrou certa passagem com seu magro indicador. Disse, excitado e quase em sussurro:

— Digas como interpretas isto.

Decifrei o parágrafo vagarosamente e com dificuldade. Escrevi uma tosca versão inglesa no bloco de papel e com o lápis que Carnby me ofereceu. Depois, a seu pedido, li alto:

— Na verdade é conhecido por poucos, mas não obstante é fato confirmado que a vontade dum feiticeiro morto tem poder sobre seu corpo e pode o levantar do túmulo e o obrigar a fazer imediatamente qualquer ação não executada em vida. E tais ressurreições são invariavelmente prà prática do mal em detrimento doutros. Mais prontamente, pode o cadáver ser animado, se todos seus membros ficaram intatos. Contudo há casos em que a vontade preponderante do feiticeiro levantou da morte os pedaços separados dum corpo

cortado em muitos fragmentos e os forçou a servir a seus desígnios separadamente ou em temporária junção. Mas em todos os casos, depois da ação o corpo passava novamente ao estado anterior.

Naturalmente tudo aquilo era tolice, pra mim. E provavelmente foi o estranho e mórbido olhar de extrema absorção com que meu patrão escutava, mais que a execrável passagem do *Necronomicão*, que causou meu nervosismo, me fazendo estremecer violentamente quando, no fim de minha leitura, ouvi indefinível rumor de arrastamento no lado de fora no corredor. Quando olhei a Carnby, ao acabar o parágrafo, fiquei espantado pela expressão extática e de medo que sua feição assumiu. Era a expressão de quem está assombrado por algum fantasma do Inferno. Seja como for, tive a impressão de que escutava aquele estranho ruído no corredor e não minha tradução de Abdul Alhazred.

— A casa está cheia de rato. — Explicou, assim que viu meu olhar inquiridor — Nunca pude me ver livre deles, apesar de todo meu esforço.

O barulho, que ainda continuava, era o que faria um rato arrastando algum objeto vagarosamente no assoalho. Parecia vir de mais perto, se aproximar da porta do quarto de Carnby, e, após uma pausa, começava a se mover de novo, retrocedendo. A agitação de meu patrão era evidente. Escutava com apreensiva atenção e parecia acompanhar o progresso do ruído com terror que aumentava à proporção que o ruído se aproximava, e diminuía um pouco com a retirada.

— Sou muito nervoso. Tenho trabalhado demais ultimamente e este é o resultado. Até um pequeno ruído me transtorna.

O rumor desapareceu nalgum ponto na casa. Carnby parecia parcialmente recuperado.

— Queres fazer o favor de reler a tradução? Quero a seguir muito cuidadosamente, palavra a palavra.

Obedeci. Escutava com o mesmo olhar absorto de herege, como antes, e nessa vez não mais fomos interrompidos por rumor. O rosto ficou ainda mais pálido, como se o resto do sangue fosse drenado, quando li as frases finais. Os olhos encovados tinham um brilho de fosforescência em profundo sepulcro.

— Este é o trecho mais notável. Eu estava em dúvida sobre o verdadeiro significado, devido a minha deficiência na língua árabe. Descobri que o trecho foi omitido na versão latina de Olaus Wormius. Obrigado por tua erudita interpretação. Esclareceste tudo pra mim.

O tom de voz era seco e cerimonioso, como se estivesse se dominando e ocultando um mundo de pensamento e emoção insuspeitáveis. De qualquer forma, eu sentia que Carnby estava nervoso e transtornado como nunca, e também que minha tradução do *Necronomicão* contribuía de misteriosa maneira pra sua perturbação. Tinha uma expressão contemplativa e absorta, como se o cérebro estivesse ocupado por algum assunto desagradável e proibido.

Contudo, parecendo se dominar, pediu pra eu traduzir outro trecho. Agora era uma singular fórmula de encantamento pra exorcismo aos mortos, com ritual que envolvia o uso de raras especiarias árabes e mandava proferir com entonação adequada os nomes de ao menos uma centena de vampiros e demônios. A copiei toda pra Carnby, que a estudou

durante longo tempo com avidez extasiada, que ia além de interesse puramente científico.

— Este também não está em Olaus Wormius.

Depois de o examinar outra vez, dobrou o papel cuidadosamente e o colocou na mesma gaveta da qual tirara o *Necronomicão*.

Aquela foi uma das mais estranhas noites que já passei. Como ficássemos horas e horas discutindo interpretação daquele livro profano, descobri, cada vez mais definitivamente, que meu patrão estava mortalmente temeroso dalguma coisa, que temia ficar sozinho e me conservava consigo mais por causa disso do que por outra razão. Parecia estar sempre escutando, em penosa e torturante expectativa, e eu via que dava somente atenção mecânica ao muito que era dito. Entre os apetrechos de magia existentes na sala e naquela atmosfera de tão declarado malefício e terror oculto, a parte racional de meu cérebro começou a sucumbir aos poucos, até talvez a revivescência de sombrios temores ancestrais. Escarnecedor de tais coisas, em meus momentos normais, estava agora pronto a acreditar nas mais perniciosas criações da imaginação supersticiosa. Sem dúvida, por algum processo de contágio mental, eu também era presa do pavor que dominava Carnby.

De jeito nenhum, no entanto, queria o homem admitir as emoções evidentes em seu comportamento, e falava repetidamente em indisposição nervosa. Mais duma vez, durante nossa discussão, procurava fazer crer que seu interesse nas coisas sobrenaturais e satânicas era inteiramente intelectual e que, como eu, não acreditava em tais coisas. Todavia eu tinha certeza que suas declarações eram falsas e que estava obcecado por uma crença real em tudo que pretendia ver com científica displicência. Sem dúvida se tornara vítima dalgum pavor imaginário vinculado à pesquisa oculta mas minha intuição não me fornecia indício sobre a real natureza desse pavor.

Não houve repetição dos ruídos que tanto perturbaram meu patrão. Devíamos ter ficado até depois de meia-noite com os escritos do insano árabe abertos em nossa frente. Finalmente Carnby pareceu perceber o adiantado da hora. Disse, como que se desculpando:

— Receio te conservar de pé até muito tarde. Vás dormir um pouco. Sou egoísta e me esqueço de que essas horas não são habituais aos outros como pra mim.

Fiz a negativa cerimoniosa que a cortesia mandava, em face da auto-acusação, disse boa noite e procurei meu quarto, com sensação de intenso alívio. Parecia ter deixado atrás de mim, no aposento de Carnby, todo o vago temor e a opressão ao qual estivera submetido.

Só uma luz estava acesa no longo corredor. Ficava perto da porta do aposento de Carnby. Mais adiante, na extremidade junto ao topo da escada e em profunda escuridão, ficava meu quarto. Quando apalpei a maçaneta da porta ouvi um ruído atrás de mim. Me virando, entrevi na escuridão um pequeno vulto, que não distingui bem, e que saltou do corredor ao topo da escada, desaparecendo. Fiquei horivelmente assustado, porque mesmo naquele vago e rápido vislumbre, a coisa me pareceu muito branca pra ser um rato e a forma não sugeria um animal. Não poderia jurar o que era, mas os contornos eram indiscutivelmente monstruosos. Minhas pernas tremeram violentamente e ouvi na escada um rumor esquisito, como a queda dum objeto que rolava de degrau a degrau, escada abaixo. O ruído se repetia, com intervalos regulares, e finalmente cessou.

Mesmo que minha segurança física e espiritual dependesse disso, não poderia acender a luz da escada nem ir aos degraus de cima pra me certificar da natureza daquele ruído inexplicável. Em meu lugar qualquer outro o faria. Em vez disso depois dum momento de virtual petrificação, entrei em meu quarto, tranquei a porta e fui à cama, perturbado pela dúvida e por vago temor. Deixei a luz acesa e fiquei acordado horas e horas, esperando a cada momento a recrudescência daqueles abomináveis ruídos. Mas a casa ficou tão silenciosa como um necrotério e eu nada ouvia. Finalmente, a despeito de minha previsão em contrário, adormeci, só acordando depois de várias horas de insípido sono sem sonho.

Eram dez horas, em meu relógio. Não podia atinar se meu patrão me deixara tranqüilo por consideração ou porque ainda não se levantara. Me vesti e desci, o encontrando me esperando na mesa do desjejum. Estava pálido e trêmulo como nunca, como se dormido mal. Observou, depois duma saudação preliminar:

— Espero que os ratos não incomodaram muito. Algo precisa ser feito a respeito.

— Não os notei. De qualquer forma, me era impossível mencionar aquelas coisas esquisitas e ambíguas que eu vira e ouvira ao me recolher, na noite anterior. Sem dúvida eu me enganara. Não passava, com certeza, de ratos arrastando algo na escada. Tentava esquecer aquele rumor repetido e o rápido vislumbre de incertos contornos no escuro.

Meu patrão me observava atentamente, como se procurasse penetrar o íntimo de meu pensamento. O desjejum foi triste e o dia que se seguiu não menos melancólico. Carnby se isolara até metade da tarde, me deixando a vontade em sua bem suprida mas especializada biblioteca no andar térreo. Eu não tinha idéia sobre o que Carnby faria sozinho em seu aposento mas pensei, mais de uma vez, ter ouvido fracas e monótonas entonações em voz solene. Idéias e intuições de horror e repugnância invadiram meu cérebro. Cada vez mais a atmosfera daquela casa me envolvia e me sufocava, com venenoso e miasmático mistério e eu sentia em toda parte a invisível gestação de maligno pesadelo.

Foi quase um alívio quando meu patrão me chamou a seu gabinete. Ao entrar notei que o ar estava cheio dum odor aromático e acre e que desapareciam os últimos tênues rolos de vapores azuis, como se se evolassem de resinas orientais e especiarias queimando em turíbulos de igreja. Um tapete de Ispaã fora mudado de posição perto da parede ao centro da sala, mas não era suficiente pra cobrir inteiramente um sinal roxo e curvo, que sugeria o desenho dum círculo mágico no assoalho. Não havia dúvida de que Carnby executara alguma sorte de encanto, e então pensei na horrível e apavorante fórmula que eu trouxera a seu pedido.

Contudo não deu explicação do que fizera. Suas maneiras mudaram notavelmente e estava mais controlado e confiante que antes. De modo quase comercial pôs em minha frente uma pilha de manuscrito pra datilografar. O batido familiar das teclas me ajudou um pouco a esquecer a apreensão e quase pude sorrir ante as aterradoras informações contidas nas notas do patrão.

Se tratava principalmente de fórmulas pra aquisição de maligno poder oculto. Mas mesmo sob essa sensação de reconforto havia vaga e penosa inquietação.

Chegou a noite. Depois de nossa refeição, voltamos ao gabinete. Havia tensão nas maneiras de Carnby, como se estivesse aguardando avidamente o resultado dalguma experiência oculta. Eu continuava com meu trabalho mas, algumas das emoções se

comunicaram a mim, e a miúdo eu estava em atitude de escuta forçada. Finalmente, acima do batido das teclas, comecei a ouvir o já conhecido ruído de arrastamento no corredor. Carnby ouvira também e o olhar de confiança desapareceu inteiramente, dando lugar ao mais lamentável medo.

O ruído se aproximava, seguido por um barulho mais forte e outros de intensidade variada, como se várias coisas estivessem sendo arrastadas. Já agora, o corredor estava cheio deles, como se um exército de ratos arrastasse no assoalho volumosa presa. Mas nenhum roedor poderia ter feito tais barulhos ou transportado coisas tão pesadas como o objeto que era arrastado em último. Algo caracterizava aqueles ruídos. Algo sem nome e sem definição, que me fez sentir um calafrio, me percorrendo a espinha dorsal.

— Meu-deus! O que será tudo isto?

— Os ratos! Digo que são apenas ratos. — Articulou Carnby, num grito histérico.

Um momento mais e se ouviu inequívoco batido na porta, perto da soleira. Ao mesmo tempo ouvi pesado baque dentro do armário trancado, na extremidade do aposento. Carnby, que estava em pé, ereto, desabou molemente a uma cadeira. A feição cadavéricas e o olhar quase frenético de medo.

A dúvida e o esforço mental, causados por esse pesadelo, se tornaram insuportáveis e corri à porta, a escancarando violentamente, a despeito do desesperado protesto do patrão. Eu não tinha idéia do que encontraria ao atravessar a soleira da porta pra entrar no mal iluminado corredor.

Quando baixei os olhos e vi um objeto no qual quase pisara, tive uma sensação de assombro e de verdadeira náusea. Era uma mão humana decepada no pulso, azulada e ossuda como a dum cadáver duma semana, com terra úmida do jardim nos dedos e sob as unhas compridas. E, aquela coisa horrível se movia! Recuara pra me evitar e se arrastava ao longo do corredor como um caranguejo! A seguindo com o olhar, estarrecido, vi que havia outras coisas além daquela. Numa reconheci um pé de homem e noutra um antebraço. Não tive coragem de olhar o resto. Estavam todos se movendo vagarosamente, de maneira horripilante, numa procissão de carnes mortas, impossível de descrever. A vitalidade de cada membro era aterradora. Maior que a vitalidade própria dos seres vivos e, não obstante, o ar estava carregado dos miasma de carne apodrecida. Desviei os olhos e recuei ao aposento de Carnby, fechando a porta, com mão trêmula. Carnby estava a meu lado com a chave, que girou na fechadura com os dedos paralisados e fracos como os dum velho. Perguntou, tremendo, num sussurro áspero:

— Viste?

— Em nome-de-deus! O que significa tudo isso?

Carnby voltou a sua cadeira, cambaleando de fraqueza. A feição angustiada pelo tormento dalgum pavor interior e tremia visivelmente, como febril. Me sentei numa cadeira a seu lado e começou a gaguejar a inacreditável confissão. Falava meio incoerentemente, com palavras sem nexos e muitas interrupções e pausas:

— É mais forte que eu. Mesmo na morte, mesmo com o corpo despedaçado pela faca e serra de cirurgião que usei. Pensava que não pudesse voltar depois disso, depois que enterrei seus pedaços numa dúzia de lugares diferentes: No porão, sob os arbustos, ao pé

das trepadeiras de hera. Mas o *Necronomicão* está certo... e Helman Carnby sabia. Me avisou antes que eu o matasse. Me disse que poderia voltar, mesmo naquela condição.

Mas não acreditei. Odiava Helman e também me odiava. Consequira maior poder e sabedoria e era mais favorecido pelos gênios do mal que eu. Foi por isso que o matei. Meu próprio irmão gêmeo e também meu irmão no serviço de Satanás e seus ancestrais. Estudáramos juntos muitos anos. Juntos celebramos a missa negra, e éramos atendidos pelas mesmas entidades demoníacas. Mas Helman Carnby se aprofundara mais nas coisas ocultas e proibidas, até onde eu não podia seguir. Eu o temia e não podia suportar a supremacia.

Há mais de uma semana, dez dias faz que o matei. Mas Helman, ou alguma parte de si, voltava cada noite... meu-deus! As mãos amaldiçoadas de Helman se arrastando no assoalho! Os pés, braços, pedaços de perna, subindo as escadas de maneira incrível, me perseguindo. Ó! Cristo! O tronco horripilante e sangrento, ali estendido, esperando! Mesmo durante o dia vinham as mãos tatear e bater de leve em minha porta. E cheguei a tropeçar em seus braços, no escuro.

Ó, Deus! Enlouquecerei com essa coisa horrível. Mas quer mesmo me enlouquecer, me torturar até que meu cérebro ceda. É por isso que procura me assombrar assim aos poucos. Poderia acabar tudo duma vez, a qualquer hora, com seu poder demoníaco. Poderia reunir seus membros cortados ao corpo e me matar como o matei.

Ó! Com que cuidado enterrei os fragmentos de seu corpo! Com que infinita previsão! E como foi tudo inútil! Também a serra e a faca foram enterradas na extremidade mais afastada do jardim, tão longe quanto possível de suas horríveis mãos sarnentas. Mas a cabeça não enterrei como aos outros pedaços. A conservei naquele armário, no canto de meu quarto. Algumas vezes a ouvi se mover, como acabaste de ouvir. Mas não necessita da cabeça. Sua vontade está em qualquer parte e pode agir inteligentemente através de todos os membros.

Tranquei, certamente, todas as portas e janelas, na noite, quando percebi que voltava. Mas isso nenhuma diferença fez. Tentei praticar exorcismo com encantos adequados, todos os que conhecia. Hoje experimentei a fórmula soberana o *Necronomicão*, que traduziste pra mim. Já não podia suportar mais ficar sozinho e julguei que fosse uma proteção ter outra pessoa em casa. A fórmula era minha última esperança. Pensei que ela o contivesse, pois é o mais antigo e terrível encanto. Mas como viste, é inútil.

Sua voz descambou a um resmungar entrecortado, e se sentou, olhando fixamente, com olhos de cego, intoleráveis, nos quais eu via o princípio da chama da loucura. Eu nada conseguia dizer, tão inexprimivelmente cruel era a confissão que acabara de fazer. O choque moral, causado por todo aquele horror sobrenatural, me entorpecera. Minha sensibilidade estava atordoada, e só quando comecei a me refazer foi que senti me invadir irresistível onda de repugnância por aquele homem que estava a meu lado.

Fiquei em pé. Tudo na casa era silêncio, como se o macabro e sepulcral exército que a sitiava se tivesse retirado a sua sepultura. Carnby deixara a chave na fechadura. Fui até a porta e a girei rapidamente.

— Irás embora? Não vás. — Pediu Carnby, alarmado e com voz trêmula, enquanto eu permanecia com a mão na maçaneta da porta.

— Irei. — Disse eu, friamente — Me demito do emprego neste instante. Tenciono empacotar o que me pertence e deixar tua casa o mais depressa possível.

Abri a porta e saí, recusando ouvir os argumentos e protestos que começou a alegar. Porque naquela ocasião eu preferia enfrentar qualquer coisa que se ocultasse no escuro corredor, por mais repugnante e aterradora que fosse, a suportar mais tempo a companhia de João Carnby.

O corredor estava vazio. Mas ao me dirigir apressadamente a meu quarto, estremeci de repulsa ao me lembrar do que ali vira. Penso que gritaria a todo ruído ou movimento na treva.

Comecei a arrumar minha mala dominado por uma sensação de frenética e coercitiva urgência. Parecia não poder escapar a tempo daquela casa de abominável segredo e atmosfera de sufocante ameaça. Em minha pressa errei, tropecei em cadeiras e meu cérebro, tanto quanto meus dedos, estava entorpecido de pavor.

Quase acabara o trabalho quando ouvi o rumor de pisadas que vinham, vagarosas e cadenciadas, subindo a escada. Sabia que não era Carnby, porque se trancara imediatamente em seu quarto, quando saí, e estava certo de que nada poderia o fazer se levantar dali. De qualquer forma pouca probabilidade havia de descer a escada sem que eu ouvisse.

As pisadas chegaram ao patamar superior da escada e passaram ante minha porta, no corredor, com a mesma monótona e amortecida repetição, regular como o movimento duma máquina: Certamente não era a macia e nervosa pisada de João Carnby.

Então quem seria? Parecia que meu sangue estava paralisado. Não ousava terminar o raciocínio que ganhava curso em meu cérebro.

Os passos fizeram uma pausa e eu sabia que chegaram à porta do aposento de Carnby. Se seguiu um intervalo no qual eu mal podia respirar. E depois ouvi terrível estrondo e o barulho de algo sendo despedaçado, e, mais alto ainda, o grito angustioso dum homem apavorado ao mais alto grau.

Eu estava sem força pra me mover, como se invisível mão de ferro ali me retivesse. Não tenho idéia do tempo que permaneci esperando e escutando. Ao grito se seguiu rápido silêncio, nada ouvindo além do fraco ruído, peculiar e periódico que meu cérebro se recusava a identificar.

Minha vontade parecia dominada por uma vontade mais forte, que me arrastava a diante e enfim me impeliu no corredor até o aposento de Carnby. Sentia a presença dessa vontade, como uma força dominadora e sobre-humana, um demoníaco e maligno mesmerismo.

A porta do gabinete fora quebrada e pendia duma dobradiça. Estava despedaçada, como se recebesse o impacto duma força mais que mortífera. Uma luz ainda estava acesa no aposento e o inexplicável ruído que ouvia cessava à proporção que me aproximava do limiar da porta. Se seguiu completo e sepulcral silêncio.

Uma vez mais parei, sem poder prosseguir. Mas nessa vez algo além do infernal e dominador magnetismo petrificava meus membros e me prendia diante da porta. Olhando

a dentro do quarto, no estreito espaço formado pelos umbrais, vi que estava iluminado por invisível lâmpada. Na extremidade do tapete oriental percebi o contorno duma sombra monstruosa e imóvel. Enorme, alongada e disforme. A sombra era, aparentemente, produzida pelo tronco e braços dum homem nu, que se inclinava a diante cum a serra de cirurgião na mão. Sua monstruosidade estava no seguinte: Os ombros, peito, abdome e braços eram todos bem distintos, porém, a sombra estava sem cabeça e parecia terminar num pescoço cortado violentamente. Era impossível, considerando a posição, que a cabeça estivesse oculta nalgum desvio do corpo. Fiquei ali parado, sem força pra entrar ou sair. O sangue refluía ao coração como pedra de gelo e o pensamento também gelava no cérebro. Um intervalo de horror sem nome e em seguida, da extremidade oculta do aposento de Carnby, na direção do armário trancado, se ouviu terrível e violento estrondo, acompanhado do barulho de madeira despedaçada e gonzos rangendo. Enfim o ruído da queda de desconhecido objeto no assoalho.

Outra vez o silêncio. Um silêncio como de consumado malefício, a contemplar seu inominável triunfo. A sombra não se movia. Estava em horrenda atitude contemplativa, com a serra ainda na mão repousada, como se a obra estivesse terminada.

Outro intervalo e depois, de repente, testemunhei espantosa e inexplicável desintegração da sombra, que parecia se quebrar suave facilmente em muitas sombras diferentes, antes de desaparecer de vista. Hesito em descrever a maneira ou especificar os lugares onde essa singular ruptura, essa múltipla separação ocorreu. Simultaneamente ouvi o ruído abafado dum instrumento metálico caindo no tapete persa e em seguida o barulho da queda, não dum mas de muitos corpos.

De novo o silêncio. Um silêncio noturno de cemitério, quando os coveiros e também os vampiros acabam sua tarefa macabra e os mortos ficam sozinhos.

Arrastado por aquele maligno mesmerismo, como um sonâmbulo guiado por invisível demônio, entrei no quarto. Sabia com repugnante presciência, a cena que me aguardava além da porta: A dupla pilha de fragmentos humanos, alguns frescos e sangrentos e os outros já azulados, com princípio de putrefação e manchados de terra. Estavam misturados, no tapete, em horrenda confusão.

Uma faca e uma serra estavam sobre a pilha, e um pouco ao lado, entre o tapete e o armário aberto, com a porta despedaçada, pousava uma cabeça humana, em posição ereta, encarando aqueles restos. Estava na mesma condição de incipiente decomposição, como o corpo a que pertencia. E juro ter visto, em sua feição, quando entrei, os últimos sinais de maligna exultação. Mesmo com as marcas da corrupção, havia manifesta semelhança entre seus traços e os de João Carnby. Certamente só poderiam pertencer a um irmão gêmeo.

Espantosas deduções sufocavam meu cérebro como uma nuvem negra e envolvente e não podem ser descritas. O horror que vi e o horror ainda maior que desvendei envergonhariam as mais hediondas monstruosidades do Inferno com seus abismos. Mas houve uma clemência e um alívio: É que somente durante alguns instantes fui compelido a contemplar aquela cena intolerável. Depois, de repente, senti que algo se retirara do quarto. O maligno feitiço estava quebrado. Aquela força dominadora que ali me retivera subjugado, se fora. Me deixara, como deixara também o cadáver em pedaço de Helman Carnby. Eu estava livre e podia ir. Fugi então daquele aposento horripilante, e me

precipitei na casa no escuro, mergulhando a fora, na treva da noite.

Uma curta viagem à cidade natal

F. Scott-Fitzgerald

Tradução de Alfredo Ferreira

I

Eu estava perto de si, porque me demorara atrás, de maneira a dar consigo na curta caminhada da sala-de-estar até a porta da rua. Isso já era muito, porque desabrochara subitamente e eu, sendo homem e apenas um ano mais velho, não desabrochara e mal me atrevera a me aproximar durante a semana que passáramos em casa. Nem eu diria algo naquele passeio de 3m, nem a tocaria. Mas tinha uma vaga esperança de que fizesse algo, desse uma pequena demonstração alegre dalgum jeito, apenas pessoal, visto que estaríamos sós.

Tomara um encanto súbito no brilho do cabelo curto sobre o pescoço, na segura, calma confiança que cerca dos dezoito anos começa a amadurecer e a cantar nas moças ianques. A luz da lâmpada brilhava nas tranças loiras do cabelo.

Já estava deslizando a outro mundo, o de Zé Jelke e Jim Cathcart, que nos esperavam embaixo, no carro. Dentro mais de um ano ficaria a sempre fora de meu alcance.

Enquanto esperava, sentindo os outros fora na noite nevosa, sentindo a excitação da semana natalina e a de Elena ali, se expandindo, enchendo o aposento com *apelo sexual*, frase indigna pra exprimir uma qualidade que nada tem disso, uma criada entrou vindo da sala de jantar, falou baixinho com Elena e entregou um bilhete. O leu e os olhos esmoreceram como quando a corrente falha nos circuitos rurais, e se perderam no espaço. Depois pousou em mim um olhar estranho, no qual eu provavelmente não aparecia, e, sem palavra, seguiu a criada na sala de jantar e além. Fiquei sentado folheando as páginas duma revista durante um quarto de hora.

Zé Jelke entrou, vermelho de frio, com o lenço de seda brilhando em volta do pescoço sob a gola do sobretudo de pele. Era um sênior em Porto Novo e eu era secundarista. Era proeminente, membro do *Seroll & Keys* e, a meus olhos, muito distinto e simpático.

— Elena não virá?

— Não sei. — Respondi discretamente — Já estava pronta.

— Elena! Elena!

Deixara a porta da rua aberta atrás de si e uma grande nuvem de ar gelado chegou da rua. Subiu até o meio da escada, pois era íntimo da casa, e chamou de novo, até que a senhora Baker chegou ao corrimão e disse que Elena estava embaixo. Então a criada, um pouco excitada, apareceu à porta da sala de jantar e chamou em voz baixa:

— Senhor Jelke.

A cara de Zé ficou comprida enquanto se voltava, pressentindo má notícia.

— Senhorita Elena mandou dizer que vás à festa, pois chegará mais tarde.

— O que houve?

— Não pode ir agora. Irá mais tarde.

Hesitou, confuso. Era o último grande baile das férias e estava louco por Elena. Tentara lhe dar um anel pelo Natal. Falhando nisso, conseguira que ela aceitasse uma bolsa de malha de ouro que custaria cerca de 200 dólares. Não era o único. Havia três ou quatro na mesma condição desesperada, e todos naqueles dez dias que ela estivera em casa, mas sua oportunidade vinha em primeiro lugar porque era rico e simpático e então *o bom partido* de São Paulo. Eu achava impossível que Elena escolhesse outro mas constava que se referira a Zé como *perfeito demais*. Suponho que sentisse falta de mistério. E quando um homem topa cum a moça que ainda não pensa no lado prático do casamento... Bem...

— Está na cozinha! — Disse Zé, com raiva.

— Não está, senhor. — A criada parecia desconfiada e um pouco assustada.

— Está!

— Saiu na porta de serviço, senhor Jelke.

— Verei.

O segui. A empregada sueca, lavando prato, olhou de esguelha quando nos aproximamos e um tinido de panela marcou nossa passagem. A porta de serviço, com o ferrolho corrido, batia ao vento. Quando saímos ao pátio nevado vimos a luz traseira dum automóvel dobrar a esquina na extremidade da escura viela. Zé disse, lentamente:

— Irei atrás. Não entendi.

Eu estava abalado demais pela calamidade, pra discutir. Corremos ao carro dele e arrancamos numa busca infrutífera e desesperada em todo o quarteirão onde ficava a casa, espiando a dentro de todos os carros que encontrávamos na rua. Passou mais de meia hora antes que ele começasse a perceber a inutilidade do esforço. São Paulo é uma cidade de cerca de 300 mil habitantes, e Jim Cathcart lhe lembrou que tínhamos de ir buscar outra moça. Como um animal ferido, se deixou cair como uma massa melancólica de pele, a um canto do carro, posição da qual se arrancava de minuto a minuto e balançava a diante e a trás, num gesto de protesto e desespero.

A garota de Jim estava pronta e impaciente, mas depois do que acontecera sua impaciência não parecia ter importância. Estava adorável, no entanto. Isso é uma das coisas que têm as férias natalinas, a excitação do crescimento, da transformação e da aventura em lugares estranhos, transformando as pessoas que conhecemos toda a vida. Zé Jelke foi delicado com ela um momento e se entregou a uma explosão de riso curta, estridente, áspera, à guisa de conversa, e seguimos ao hotel.

O motorista se aproximou dele no lado errado, o lado no qual a linha de carro não estava desembarcando passageiro, por isso demos subitamente em cima de Elena Baker

justamente saindo dum pequeno carro fechado. Antes de pararmos Zé Jelke saltou, excitado, de nosso automóvel.

Elena se voltou a nós, com olhar vagamente perturbado, talvez de surpresa, mas certamente não de susto, no rosto. Não pareceu prestar grande atenção a nossa presença. Zé se aproximou com severa, digna, magoada e, me pareceu, correta censura na expressão. O segui.

Sentado no cupê, e não se apeara pra oferecer a mão a Elena, estava um homem de cara magra e rude, de cerca de 35 anos, com o ar assustado e um leve sorriso sinistro. Os olhos eram uma espécie de insulto a todo o gênero humano. Os olhos dum animal, sonolentos e repousados na presença doutras espécies. Eram tímidos, embora brutais, desesperançados embora confiados. Era como se sentissem impotentes pra originar atividade mas infinitamente capazes de se aproveitar dum simples gesto de fraqueza alheia.

Vagamente o classifiquei como um desses homens que eu me habituara a considerar, desde a mais tenra juventude, como um *flanador*,^[34] cum cotovelo apoiado em balcão de fiteiro de cigarro, observando, sabe-lá através de que pequena fenda do espírito, as pessoas que entram e saem. Freqüentador de garagem, onde tem vagos negócios tratados em meias-palavras, barbearias e vestibulos de hotel. Em lugares assim, de qualquer maneira, é que eu colocaria aquele tipo, se era um tipo, do qual me lembrava. Às vezes sua cara surgia num dos mais selvagens desenhos de Tad,^[35] e eu sempre lançara, desde minha meninice, um olhar nervoso aonde estava e o vira me observando e fazendo pouco caso de mim. Uma vez, em sonho, dera alguns passos em minha direção, sacudindo a cabeça a trás e resmungando: Olá, garoto, com voz que pretendia ser tranqüilizadora, e eu correra à porta, apavorado. Aquele homem era dessa espécie.

Zé e Elena se enfrentaram em silêncio. Ela parecia, como disse, estar alheada. Fazia frio mas ela não notara que seu agasalho se abrisa. Zé estendeu a mão e o apertou e automaticamente ela o segurou com a mão.

De repente, o homem do cupê, que os observara em silêncio, riu. Foi um riso falso, feito com a respiração, apenas um gesto ruidoso da cabeça, mas era positivamente um insulto, se sei o que é um insulto, e que não se poderia deixar passar despercebido. Não me surpreendi quando Zé, que tinha o sangue quente, se voltou com raiva e disse:

— O que foi?

O homem esperou um momento, com os olhos desviados, mas mesmo assim o fitando e sempre vendo. Depois riu de novo do mesmo jeito. Elena estremeceu, inquieta.

— Quem é esse... esse... — A voz de Zé vibrava de indignação.

— Veja como falas! — Disse o homem, devagar.

Zé se voltou a mim e disse, rapidamente:

— Eddie, leves Elena e Catarina a dentro. Elena, vás com Eddie.

— Vejas como fala! — Repetiu o homem.

Elena fez um pequeno ruído com a língua e com os dentes mas não resistiu quando a tomei no braço e a levei a uma porta lateral do hotel. Me pareceu estranho que se sentisse

tão impotente a ponto de permitir, em silêncio, a luta iminente. Gritei sobre o ombro:

— Deixes isso!, Zé. Vamos embora!

Elena, me puxando no braço, nos fez entrar rapidamente.

Quando estávamos presos nas portas giratórias tive a impressão de que o homem descia do cupê.

Dez minutos depois, enquanto eu esperava as moças, no lado de fora do gabinete de senhora, Zé Jelke e Jim Cathcart saíram do elevador. Zé estava muito pálido, com os olhos pisados e vítreos, e manchas de sangue escuro na testa e no lenço de seda. Jim trazia os chapéus de ambos na mão. Jim disse em voz baixa:

— Atingiu Zé com a charneira de cobre. Zé ficou sem sentido durante um minuto ou dois. Gostaria que mandassem um garoto de recado buscar arnica e esparadrapo.

Era tarde e o vestíbulo estava deserto. Sons metálicos da dança, embaixo, nos chegavam a intervalo, como se alguém erguesse, de vez em quando, pesado reposteiro e o deixasse cair de novo. Quando Elena apareceu a levei diretamente a baixo. Evitamos a comissão de recepção e fomos a uma sala escura ornamentada com raquíticas palmeiras de hotel, onde os pares se sentavam às vezes durante a dança. Ali contei o que acontecera. Disse ela, surpreendentemente:

— Foi culpa de Zé. Eu disse pra não interferir.

Não era verdade. Nada dissera. Apenas um sussurro de curiosa impaciência.

— Fugiste na porta do fundo e desapareceste durante quase uma hora. Depois apareceste cum camarada mal-encarado, que ria na cara de Zé!

— Um camarada mal-encarado. — Ela repetiu, como experimentando o som das palavras.

— E não era? Onde o descobriste?, Elena.

— No trem. — Imediatamente pareceu lamentar o que dissera. — É melhor que não te metas em coisas que não são de tua conta, Eddie. Vejas o que aconteceu a Zé.

Fiquei de boca aberta. A ver ali, sentada a meu lado, imaculadamente encantadora, com o corpo desprendendo onda após onda de frescor e elegância e a ouvir falar daquela maneira.

— Mas o homem é um selvagem! Nenhuma moça estaria em segurança consigo. Usou uma charneira de cobre contra Zé. Uma charneira de cobre!

— E isso é assim tão ruim?

Perguntou aquilo como faria a pergunta alguns anos antes. Finalmente me olhou. Na verdade queria uma resposta. Durante um instante foi como se tentasse reassumir uma atitude que quase desaparecera. Depois se obstinou de novo. Digo *se obstinou* porque eu começava a notar que quando se referia àquele homem as pálpebras desciam um pouco, dissimulando algo.

Era quando em que eu deveria ter dito algo, suponho, mas a despeito de tudo, não pude a fazer refletir. Estava demasiado preso pelo encanto de sua beleza e sucesso. Começava

até a achar desculpa pra si, que talvez o homem não fosse o que parecia. Ou talvez, de maneira mais romântica, estivesse envolvida com ele a contragosto, pra proteger outra pessoa. Nesse momento começaram a entrar pessoas na sala, que foram falar conosco. Não podíamos conversar mais e assim entramos e cumprimentamos a comissão de recepção. Depois a entreguei ao alegre e irrequieto mar da dança, onde ela se moveu num remoinho, entre as agradáveis ilhas de guloseimas coloridas postas sobre mesas e a brisa do sul dos instrumentos metálicos soprando do vestíbulo. Depois dalgum tempo vi Zé Jelke sentado num canto, cum pedaço de esparadrapo na testa, observando Elena como se fora ela quem o abatera, mas não me dirigi a ele. Me sentia esquisito, como me sinto quando acordo depois de dormir uma tarde inteira, estranho e indisposto, como se algo acontecera no intervalo que modificasse os valores de tudo e que eu não via.

A noite escoou entre fases sucessivas de cornetas de papelão, quadros de amadores e o relampaguear das lâmpadas fotográficas pros jornais da manhã. Depois foi a grande marcha e a ceia, e cerca das 2h alguns membros da comissão vestidos como compadres de revista invadiram a festa e foi distribuído um jornalzinho jocoso criticando os acontecimentos da noite. E durante todo o tempo, no canto do olho, eu observava a cintilante orquídea no ombro de Elena enquanto se movia dum lado a outro na sala. A observei com pressentimento definido até os últimos grupos sonolentos encherem o elevador. Depois, oculta num grande casaco de pele informe, saiu à noite clara e seca de Minnesota.

II

Há uma baixada intermediária na encosta de nossa cidade. Fica entre o bairro residencial, no alto da colina, e o bairro comercial, no nível do rio. É uma parte pouco conhecida da cidade. Dividida pelo declive em triângulo e com configurações estranhas há nomes como *Sete cantos*, e não acredito que meia dúzia de pessoas fosse capaz de desenhar um mapa correto daquela zona, embora todos a atravessem de bonde, automóvel ou a pé duas vezes por dia. Embora fosse uma zona comercial me seria difícil determinar qual o gênero de negócio exercido em sua atividade. Sempre havia longas filas de bondes esperando a partida. Havia um grande cinema e muitos outros menores, com cartazes de Hoot Gibson, cães amestrados e cavalos amestrados nas fachadas. Havia pequenas lojas com quadros de *Brady Anel velho* e *Os garotos libertários de 76* na vitrina, e bola-de-gude, cigarro e doce dentro. E, ao menos um lugar definido, um vendedor de fantasia, que todos procurávamos ao menos uma vez por ano. Houve uma época em minha mocidade, quando fiquei sabendo que num lado de certa rua escura havia lupanar, e em toda a zona havia casa de penhor, joalheiro barato, pequeno clube atlético, ginásio e salão de dança mais ou menos barulhento.

Na manhã seguinte à festa do clube *Cotillion* acordei tarde e com preguiça, com a feliz sensação de que por mais um ou dois dias não haveria capela nem aula. Nada a fazer além de esperar outra festa noturna. O tempo estava límpido e claro, um desses dias que fazem a gente se esquecer de como está frio, até que o rosto fica gelado, e os acontecimentos da véspera pareciam apagados e muito distantes. Depois do almoço descí à cidade baixa a pé através duma neve ligeira e agradável, em pequenos flocos que provavelmente cairiam durante toda a tarde, e estava mais ou menos na metade daquela parte média da cidade,

tanto quanto posso saber não há um nome específico pra ela, quando subitamente todas as idéias indolentes que eu tinha na cabeça desapareceram e comecei a pensar seriamente em Elena Baker. Comecei a me preocupar consigo como nunca me preocupara com ninguém além de mim até então. Diminuí o passo, com o vago desejo de voltar à cidade alta, a procurar e falar consigo. Depois me lembrei que estava num chá, e continuei meu caminho mas ainda mais que nunca pensando em si. Exatamente então o caso se abriu de novo.

Nevava e eram 4h duma tarde de dezembro, quando há um começo de escuridão no ar e os lampiões da rua principiam a se acender. Passei numa espelunca que era uma combinação de restaurante e salão de bilhar, cum braseiro cheio de cachorro-quente na vitrine e alguns vadios perambulando em volta da porta. As luzes estavam acesas dentro. Não luzes brilhantes mas apenas algumas lâmpadas amarelas e mortijas no teto. E o clarão que lançavam no ar enfumaçado não era claro o bastante pra nos tentar a olhar a dentro. Quando eu passava, pensando profundamente em Elena o tempo todo, examinei no canto do olho o quarteto de vadio. Não andara meia dúzia de passos rua abaixo, quando um me chamou, não pelo nome mas de maneira que era claramente dirigida a meus ouvidos. Pensei que era um tributo prestado a meu sobretudo de pele e não prestei atenção, mas um momento depois quem quer que fosse me chamou de novo, com voz peremptória. Fiquei aborrecido e me voltei. Ali, no meio do grupo, a menos de dez passos e me olhando com aquele mesmo meio-sorriso de mofa que dirigira a Zé Jelke, estava o homem da cicatriz e de rosto fino da véspera.

Vestia um sobretudo preto bem cortado, abotoado até o pescoço, como se sentisse frio. Tinha as mãos nos bolsos, usava chapéu-de-coco e botinas altas de abotoar. Fiquei desnorteado e durante um momento hesitei, porém estava mais que tudo furioso e, sabendo que era mais ligeiro com os punhos que Zé Jelke, dei um passo em sua direção. Os outros homens não estavam me olhando. Não creio que me viram. Mas eu sabia que aquele me reconheceria. Nada havia de casual em seu olhar. Nenhum engano possível.

— Aqui estou. O que pretendes fazer agora? — Pareciam dizer os olhos.

Avancei outro passo e riu silenciosamente mas com enorme desprezo, e recuou ao meio do grupo. Eu falaria, não estava certo do que diria, mas quando cheguei junto mudara de idéia e batera em retirada ou queria que eu o seguisse a dentro, porque se afastara e os três homens restantes observavam minha chegada sem curiosidade. Eram todos do mesmo tipo, escaninhos, mas, ao contrário do outro, mais brandos que truculentos. Não descobri malícia pessoal no olhar coletivo que me lançaram. Perguntei:

— Entrou?

Olharam uns aos outros com ar desconfiança. Trocaram uma piscadela e, depois duma pausa perceptível, um disse:

— Quem entrou?

— Não sei o nome.

Houve outra piscadela. Aborrecido e resoluto, passei por eles. Entrei no salão de bilhar. Havia algumas pessoas junto a um balcão onde se servia a comida, e mais algumas jogando bilhar, mas não estava entre os presentes.

De novo hesitei. Se sua idéia era me arrastar a algum canto escuro do estabelecimento,

pois havia algumas portas meio abertas no fundo, eu precisaria de reforço. Fui ao homem que estava atrás do salão.

— Cadê o camarada que entrou ainda agora aqui? Ficaria de sobreaviso imediatamente ou seria imaginação minha?

— Qual camarada?

— Magro, chapéu-de-coco.

— Há quanto tempo?

— Ó! 1 minuto.

Abanou a cabeça de novo.

— Não vi.

Esperei. Os três homens que estavam na rua entraram e estavam alinhados a meu lado, no balcão. Senti que todos me olhavam de maneira peculiar. Me sentindo desamparado e cada vez mais impressionado, virei as costas subitamente e saí. Um pouco a diante me voltei de novo e olhei bem o local, de maneira que pudesse o reconhecer e localizar outra vez. Na próxima esquina comecei a correr impulsivamente, encontrei um táxi diante do hotel e mandei tocar de novo à cidade alta.

Elena não estava em casa. Senhora Baker desceu e conversou amigo. Parecia inteiramente satisfeita e orgulhosa da beleza de Elena e, ignorante de que algo ia mal ou de que algo extraordinário acontecera na noite anterior, estava contente porque as férias quase terminaram. Eram um esforço e Elena não era muito forte. Depois disse algo que me aliviou enormemente o espírito. Estimava que eu aparecera, porque, naturalmente, Elena gostaria de me ver e havia tão pouco tempo. Ela voltaria às 8:30h, naquela noite.

— Nesta noite! Pensei que era só depois da amanhã.

— Ela visitará os Brokaw em Chicago. A querem pruma festa. Resolvemos isso hoje. Irá com as meninas Ingersoll nesta noite.

Fiquei tão contente que só com dificuldade pude me abster de apertar sua mão. Elena estava salva. Fora nada aquilo tudo. Apenas um momento da mais casual aventura. Me sentia um idiota mas compreendi o quanto me importava com Elena e quão pouco poderia suportar que algo terrível lhe acontecesse.

— Voltará a casa logo?

— A qualquer momento. Acabou de telefonar do clube universitário.

Eu disse que voltaria mais tarde. Morava apenas duas portas adiante, e queria ficar sozinho. Fora me lembrei de que não tinha chave da porta. Então fui à entrada de serviço dos Baker, pra passar no corte que usávamos em meninos no pátio interno. Estava ainda nevando mas os flocos eram maiores agora, depois de escurecer. Tentando localizar a calçada sepultada notei que a porta traseira da casa dos Baker estava escancarada.

Nem sei por que fiz meia-volta e entrei na cozinha. Houve tempo em que eu conhecia todas as empregadas dos Baker pelos nomes. Já não era assim, mas todas me conheciam e pude notar uma súbita suspensão quando entrei. Não só uma interrupção de conversa mas

uma espécie de modo expectante que se apoderou delas. Começaram a trabalhar precipitadamente, faziam movimentos desnecessários e muito barulho, as três. A arrumadeira me olhou assustada e subitamente percebi que estava esperando pra entregar outro recado. A empurrei a dentro da despensa.

— Sei tudo a esse respeito. É um caso muito sério. Devo ir à senhora Baker, agora ou fecharás e aferrolharás aquela porta?

— Nada digas à senhora Baker!, senhor Stimson.

— Então não quero que senhorita Elena seja incomodada. Se for saberei.

E resmunguei uma ameaça terrível de ir a todas as agências de emprego providenciar pra que nunca mais arranje colocação na cidade. Estava intimidada quando saí. Não se passou um minuto antes que a porta de trás fosse fechada e aferrolhada em minhas costas.

Simultaneamente ouvi um grande carro parar à porta da frente, com as correntes gemendo na neve fofa. Trazia Elena de volta. Entrei pra me despedir.

Zé Jelke e dois outros rapazes estavam presentes e nenhum conseguia tirar os olhos de cima dela, nem pra me dizer *olá*. Ela tinha uma dessas delicadas peles róseas freqüentes neste rincão de nossa terra e que é linda até que pequenas veias surgirem, cerca dos 40 anos. Agora, corada de frio, era uma orgia de delicados tons carmesins, como alguns cravos. Ela e Zé chegaram a uma espécie de reconciliação. Ao menos ele se deixara levar muito longe pelo amor, pra se lembrar de algo da noite anterior. Mas vi que, embora ela risse bastante, não prestava atenção a ele nem a outro. Queria que saíssem, pra receber o recado da cozinha, mas eu sabia que o recado não chegaria, que estava salva. Se falou da dança *Bomba e chinelo*, em Porto Novo, e da *Princetão Prom*, e depois, em diferentes estados de espírito. Nós quatro saímos e nos separamos rapidamente fora. Fui a casa em depressão e fiquei durante uma hora dentro dum banho quente, pensando que as férias se acabaram pra mim, agora que ela se fora, sentindo, ainda mais profundamente que na véspera, que ela estava fora de minha vida.

Mas algo me escapava. Algo mais a fazer, algo que eu esquecera no meio dos acontecimentos da tarde, me prometendo voltar a ela só pra verificar que me escapara. A associava vagamente à senhora Baker e agora me parecia lembrar que surgira algures durante a conversa consigo, em minha alegria a respeito de Elena, me esquecera de fazer a pergunta sobre algo que dissera.

Os Brokaw, era isso, que Elena visitaria. Eu conhecia bem Bitt Brokaw. Estava em minha classe em Iale. Então me lembrei e subitamente me sentei na banheira, os Brokaw não estavam em Chicago naquele Natal. Estavam em Praia Palmeira!

Pulei fora da banheira escorrendo água, joguei sobre os ombros um roupão insuficiente e me precipitei ao telefone, em meu quarto. Consegui a ligação depressa, mas Elena já seguira à estação.

Felizmente nosso carro estava na garagem e enquanto eu, ainda molhado, enfiava, apressado, a roupa, o chofer o trouxe até a porta. A noite estava fria e seca, e levamos tempo pra chegar à estação na neve endurecida e áspera. Me sentia esquisito e incerto ao me lançar assim à aventura, mas um pouco mais confiante quando a estação surgiu clara e nova contra o ar escuro e frio. Durante 50 anos minha família fora proprietária do terreno

no qual ela fora construída e aquilo fazia minha temeridade parecer muito bem agora. Havia sempre a possibilidade de que eu estivesse me arriscando num terreno onde os anjos não se arriscariam, mas aquela sensação de ter um sólido apoio no passado me dava vontade de virar um louco. Aquilo tudo estava terrivelmente errado. Qualquer idéia que eu pudesse ter de que era inofensivo caía agora. Entre Elena e alguma vaga catástrofe opressiva estava eu, ou então a polícia e um escândalo. Não sou moralista. Havia outro elemento ali, negro e assustador, e eu não queria que Elena o enfrentasse sozinha.

Há três trens que partem de São Paulo a Chicago, todos largando com diferença de poucos minutos depois das 8:30h. O meu era o Burlington, e quando eu ia correndo na estação, vi a grade sendo fechada e a luz encima se apagar. Entretanto eu sabia que tinha um salão com as meninas Ingersoll, porque a mãe mencionara ter comprado o bilhete, e assim estava, literalmente falando, trancafiada até o dia seguinte.

A grade do *CM de São Paulo* estava aberta na outra extremidade e corri e o peguei. Mas me esquecera de algo suficiente pra me deixar acordado e preocupado metade da noite. Aquele trem chegava a Chicago 10min depois do outro. Elena tinha todo aquele tempo pra desaparecer dentro duma das maiores cidades do mundo.

Dei ao porteiro um telegrama a minha família, pra ser mandado de Miluauque, e às 8h da manhã seguinte corri apressadamente ao longo de enorme fila de passageiro, tropeçando nas malas arruinadas no corredor, e me precipitei porta afora, quase cum salto sobre o porteiro. Durante um momento a confusão duma grande estação, os sons retumbantes, os ecos, e a balbúrdia das sinetas e da fumaça me fez parar, indeciso. Depois me precipitei à saída e à única esperança que tinha de a encontrar.

Calculei bem. Estava de pé junto ao balcão do telégrafo, mandando sabe-lá que negra mentira à mãe. A expressão ao me ver foi uma mescla de terror e espanto. Havia esperteza, também. Estava pensando depressa e gostaria de se afastar de mim como se eu não estivesse ali e cuidar dos seu negócio, mas não podia. Eu representava muito em sua vida. Assim ficamos parados, silenciosos, nos observando mutuamente e pensando. Após 1 minuto eu disse:

- Os Brokaw estão na Flórida.
- Foi uma gentileza tua fazer uma viagem tão grande pra dizer isso.
- Já que o verificaste também, não achas que seria melhor voltar à escola?
- Por favor, me deixes!, Eddie.
- Irei é Nova Iorque contigo. Resolvi voltar mais cedo também.
- Farias melhor me deixando em paz

Os olhos adoráveis se contraíram e o rosto tomou uma expressão de resistência de animal mouco. Fez um esforço visível, a astúcia foi escondida por ele, depois ambos desapareceram e no lugar estava um alegre sorriso tranquilizador que poderia fazer tudo, menos me convencer.

- Eddie, seu tolo! Não achas que já tenho idade pra me cuidar?

Não respondi.

— Encontrarei um homem, compreendas. Desejo apenas o ver hoje. Já comprei passagem ao leste pra hoje na tarde. Se não me acreditas podes ficar com minha maleta.

— Acredito.

— O homem não é alguém que conheças. E estás ficando cacete e importuno.

— Sei quem é o homem.

De novo perdeu o domínio do rosto. A terrível expressão voltou a transparecer e falou quase cum rugido:

— Seria melhor me deixares em paz.

Tomei a fórmula de sua mão e escrevi um telegrama explicativo à mãe. Depois me voltei a Elena e disse um pouco asperamente:

— Tomaremos o trem das 5h ao leste juntos. Portanto passarás o dia comigo.

O simples som de minha voz dizendo aquilo tão enfaticamente me deu coragem, e acho que a impressionou também. De qualquer maneira se submeteu, ao menos temporariamente, e foi comigo sem protestar enquanto eu comprava passagem.

Quando comecei a reunir os fragmentos daquele dia uma espécie de confusão começou, como se minha memória não quisesse soltar algo dele ou a consciência não quisesse deixar passar algo dele. Houve uma manhã clara e agitada durante a qual giramos num táxi e fomos a um grande armazém onde Elena disse que queria comprar algo e depois tentou escapulir numa porta do fundo. Durante uma hora tive a sensação de que alguém nos seguia ao longo da alameda da Margem do Lago num táxi, e tentei os surpreender me voltando depressa ou olhando subitamente no espelho do chofer mas não consegui ver alguém. Quando me voltei pude ver que o rosto de Elena estava contraído num sorriso triste e contrafeito.

Durante toda a manhã soprou um vento áspero, gelado, vindo do lago, mas quando fomos ao *Pedra Negra*, pra almoçar, caía uma neve ligeira e conversamos quase naturalmente sobre nossos amigos e coisas triviais. Subitamente o tom mudou. Ficou séria e me olhou nos olhos, de frente e com serenidade:

— Eddie, és o amigo mais velho que tenho e não te deve ser muito difícil confiar em mim. Se eu te prometer sinceramente, sob palavra-de-honra, pegar o trem das 5h, me deixarás algumas horas sozinha nesta tarde?

— Por quê?

— Bem... — Hesitou e deixou a cabeça pender um momento — Acho que todos têm o direito de se despedir.

— Quer dizer adeus àquele...?

— Quero. — Disse, apressadamente — Apenas algumas horas, Eddie, e prometo sinceramente que estarei no trem.

— Bem, suponho que não poderia haver grande mal em duas horas apenas. Se realmente queres te despedir.

Levantei a vista de repente e surpreendi uma expressão de tão intensa astúcia no rosto,

que me escabreei ante ela. Tinha o lábio superior encrespado e os olhos estavam contraídos de novo. Não havia vislumbre de franqueza nem de sinceridade em todo o rosto.

Discutimos. Seus argumentos eram vagos, e um pouco ásperos e reticentes os meus. Não mais me deixaria adular pra cair nalguma fraqueza, ou ser contaminado com..., e havia um contágio diabólico no ar. Continuou tentando dar a atender, sem prova convincente, que tudo estava bem. Mas estava possuída demais pela coisa, fosse o que fosse, pra arquitetar uma história real, e queria se agarrar a qualquer corrente de idéia que pudesse se formar em minha mente a trabalhar até onde valesse a pena. Depois de cada sugestão tranqüilizadora me olhava intensamente, como se esperasse que eu me espraiasse nalgum confortador sermão moral com o costumeiro doce no fim, que nesse caso seria sua liberdade. Mas eu a estava fatigando um pouco. Duas ou três vezes faltou apenas um segundo toque de pressão prà levar ao ponto de lágrima, o que, naturalmente, era o que eu queria, mas não parecia possível. Quase que a tinha, quase possuía sua atenção íntima, e então me escapava.

A fiz entrar cruelmente num táxi cerca das 4h e partimos à estação. O vento estava forte outra vez, cum toque de neve, e as pessoas na rua, esperando os ônibus ou bondes pequenos demais pràs levar todas. Pareciam frias, perturbadas e infelizes. Tentei pensar como éramos afortunados em estarmos bem instalados na vida e termos quem cuidasse de nós, mas todo o mundo quente e respeitável, do qual eu fazia parte na véspera, se desprendera de mim. Havia algo que arrastávamos, que era o inimigo e que era o oposto de tudo aquilo. Estava nos carros que vinham atrás, nas ruas onde passávamos. Com ligeiro toque de pânico imaginei se eu caía no mesmo estado de espírito de Elena. A fila de passageiro esperando embarcar no trem estava tão afastada de mim como se fossem pessoas doutro planeta, mas era eu quem me afastava e as deixava atrás.

Meu leito ficava no mesmo vagão que sua cabina. Era um carro de estilo antigo, com as luzes um pouco escuras, tapetes e estofos cheios do pó doutras gerações. Havia uma meia dúzia doutros passageiros, mas não me impressionaram de modo especial, exceto que pareciam compartilhar a irreabilidade que eu começava a sentir ao redor. Entramos na cabina de Elena, fechamos a porta e nos sentamos.

De repente passei os braços em sua volta e a puxei a mim, com aquela ternura que eu conhecia, como se fosse uma menina, como era. Resistiu um pouco, mas depois dum momento se submeteu e se deixou ficar, tensa e rígida, em meus braços. Eu disse, desesperado:

— Elena, pediste pra eu confiar em ti. Tens muito mais razão pra confiar em mim. Não ajudaria a te livrar de tudo isso se me contasses um pouco da verdade?

— Não posso. — Disse ela muito baixo — Isto é, nada tenho a dizer.

— Encontrou esse homem no trem quando ias a casa e te enamoraste.

— Não sei.

— Digas, Elena. Te enamoraste?

— Não sei. Por favor, me deixes sozinha.

— Chames como quiseres. Tem uma espécie de poder sobre ti. Está tentando obter algo. Não está apaixonado.

— O que importa? — Disse com voz fraca.

— Importa. Em vez de tentar lutar contra essa coisa tentes lutar contra mim. Te amo, Elena. Ouves? Estou dizendo assim de repente, mas isto não é novo em mim. Te amo.

Me olhou com esgar no rosto gentil. Era uma expressão que eu vira algumas vezes em homens teimosos que não querem ser levados a casa. Mas era humana. Eu estava chegando até ela, vagamente e de muito longe, porém mais que antes.

—Elena, quero que me respondas a uma pergunta: Virá neste trem?

Ela hesitou. Depois, um momento tarde demais, abanou a cabeça.

— Tenhas cuidado, Elena. Perguntarei mais uma coisa e quero que faças muita força pra responder. Vindo ao oeste, quando foi que esse homem entrou no trem?

— Não sei. — Disse com esforço.

Exatamente naquele momento percebi, com a inquestionável certeza reservada aos fatos, que ele estava no lado de fora da porta. Elena também sabia disso. O sangue fugiu do rosto e aquela expressão de perspicácia animal estava voltando. Escondi a cara nas mãos e tentei pensar.

Devemos ter ficado ali sentados, sem palavra, durante bem mais de 1 hora. Eu tinha a consciência das luzes de Chicago, depois as de Englewood e as dos subúrbios sem fim, ficando a trás, e em seguida não havia mais luz e ganháramos as escassas planícies de Ilínois. O trem parecia se encolher sobre si. Dava a impressão de estar sozinho. O porteiro bateu à porta e perguntou se podia abrir a cama, eu disse que não e foi embora.

Depois dum momento me convenci de que a luta que inevitavelmente se travaria não estava além do que ainda me restava de sanidade, de fé na essencial retidão das coisas e das pessoas. Que o propósito daquele indivíduo era o que chamamos de *criminoso* eu tinha como certo, mas não havia necessidade de lhe atribuir uma inteligência que pertencia a um plano humano mais alto ou inumano. Era ainda como um homem que eu o considerava, e tentava atingir a essência, o interesse, o que em si tomava o lugar dum coração compreensível, mas acho que quase sabia o que encontraria quando abrisse a porta.

— Quando me levantei, Elena não pareceu pra me ver. Estava encolhida num canto, olhando fixamente a diante, cuma espécie de película sobre os olhos, como se estivesse num estado de alienação corporal e psíquica. A deitei, meti dois travesseiros sob a cabeça e atirei meu sobretudo de pele sobre os joelhos. Depois ajoelhei ao lado, beijei as duas mãos, abri a porta e saí ao corredor.

Fechei a porta atrás de mim e fiquei encostado nela durante 1min. O carro estava escuro, salvo as duas luzes do corredor, uma em cada extremidade. Não havia som além do gemer dos engates e do ligeiro clique dos trilhos e o ressonar forte dalguém cerca da ponta do carro. Depois dum instante percebi o vulto dum homem parado perto do refrigerador de água, no lado de fora do salão de fumar, com o chapéu-de-coco na cabeça, a gola do sobretudo levantada em volta do pescoço como se tivesse frio, as mãos metidas nos bolsos. Quando o vi se voltou e entrou no salão de fumar. O segui. Estava sentado no

canto mais afastado do comprido banco de couro. Tomei a cadeira de braço perto da porta.

Quando entrei acenei, com a cabeça e respondeu cum daqueles horrendos risos mudos. Mas nessa vez se prolongou. Parecia dever durar sempre. Mais pra o interromper, perguntei com voz que tentei mostrar natural.

— Donde és?

Parou de rir e me olhou perscrutadoramente, tentando descobrir meu jogo. Quando resolveu responder a voz era abafada como se falando através duma echarpe de seda, e parecia vir de muito longe.

— Sou de São Paulo, Jack.

— Vieste fazer uma visita ao lar?

Fez que sim com a cabeça. Depois tomou uma respiração funda e falou com voz áspera e ameaçadora:

— Será melhor que desembarques em Forte Wayne, Jack.

Estava morto e no Inferno. Estivera morto todo o tempo, menos aquela força que circulara em si, com sangue nas veias, o levando até São Paulo e de volta, e que o abandonava agora. Um novo perfil começava a surgir através da figura palpável que derrubara Zé Jelke.

Falou de novo, cuma espécie de esforço arquejante.

— Desembarcarás em Forte Wayne, Jack, ou te farei desaparecer.

Mexeu a mão dentro do bolso do sobretudo e me mostrou a forma dum revólver.

Abanei a cabeça.

— Não podes me tocar. Sabes que sei.

Seus terríveis olhos me percorreram rapidamente, tentando descobrir se eu sabia. Depois deu um rugido e fez um gesto como se fosse se levantar cum pulo. Exclamou, impetuosamente:

— Saias daqui antes que te jogue na janela!, Jack. O trem reduziu a marcha pra parar em Forte Wayne e a voz ressoava alta no relativo silêncio, mas não se moveu do banco. Estava fraco demais, creio, e ficamos sentados, nos fitando, enquanto os carregadores passavam subindo e descendo no lado de fora da janela, experimentando os freios e as rodas, e a locomotiva resfolegava na frente. Ninguém entrou em nosso carro. Depois dum momento o porteiro fechou a porta da plataforma e passou de volta no corredor, e deslizamos a fora da luz baça e amareleta da estação e a dentro da profunda escuridão.

O que me lembro depois deve ter se estendido no espaço de 5h ou 6h, embora me volte à memória como algo sem existência no tempo, que duraria 5min ou 1 ano. Começou um assalto lento, calculado, contra mim, mudo e terrível. Sentia o que só posso chamar de sensação estranha se apoderando de mim, semelhante à sensação que sentira de tarde, porém mais profunda e mais intensa. Nada mais que a sensação de ser arrastado a fora de mim, e segurei os braços da cadeira convulsivamente como pra me agarrar a um objeto do mundo dos vivos. Às vezes me sentia sendo levado cum empurrão. Havia quase um

agradável alívio naquilo, uma sensação de despreocupação. Então, com violento esforço de vontade, de novo eu tomava impulso a dentro do salão.

De repente compreendi que a partir de certo momento deixara de o odiar, deixara de me sentir violentamente contrário a si. Ao perceber isso fiquei frio e o suor me inundou a testa. Estava contornando minha repulsa como contornara a de Elena vindo no trem ao oeste. E era justamente aquela força, que obtinha a roubando dos outros, que o levava ao ponto de violência concreta em São Paulo, e que, diminuindo e se esgotando, ainda o mantém lutando.

Deve ter pressentido aquela fraqueza de meu coração, porque falou logo, em voz baixa, inexpressiva, quase gentil:

— É melhor ir embora agora.

— Ó! Não irei! — Me forcei a dizer.

— Como queiras, Jack.

Queria dizer que era meu amigo. Sabia o que se passava comigo e queria ajudar. Tinha pena de mim. Era melhor que eu me retirasse antes que fosse tarde demais. O ritmo do ataque era entorpecente como uma canção. Era melhor que eu me retirasse E o deixaste tomar Elena. Cum pequeno grito me endireitei na cadeira. Eu disse, com voz trêmula:

— O que pretendes desse moça? Tornar sua vida um inferno!

Seu olhar tinha um fulgor de surpresa muda, como se eu estivesse castigando um animal que não tinha consciência da falta. Um instante fraquejei. Depois continuei, cegamente:

— A perdeste. Depositou confiança em mim.

De repente a atitude ficou ameaçadora, de raiva, e exclamou, com voz gélida:

— És um mentiroso!

— Confia em mim. Não podes a tocar. Está salva!

Se controlou. O rosto ficou meigo e senti que aquela curiosa fraqueza e indiferença se apoderavam de mim outra vez. De que adiantaria tudo aquilo? Eu disse, e então, num lampejo de intuição, compreendi a verdade:

— Não te resta muito tempo. Morreste ou foste morto não longe daqui!

Então vi o que não vira antes: Que a testa estava perfurada por um pequeno buraco redondo como o deixado por uma escápula grande pra quadro numa parede de estuque — agora te afundas. Só conseguiste algumas horas. O passeio à casa acabou.

O rosto se contraiu, perdeu toda semelhança humana, morta ou viva. Ao mesmo tempo o salão se encheu de ar frio e, cum ruído que era algo entre um paroxismo de tosse e um horrível acesso de riso, ficou em pé, exalando vergonha e blasfêmia. Gritou:

— Verás! Te mostrarei!

Deu um passo em minha direção, depois outro, e foi exatamente como se uma porta estivesse aberta atrás de si, escancarada sobre incomensurável abismo de treva e

corrupção. Houve um grito de agonia mortífera, vindo de si ou dalgures atrás de si. Abruptamente a força escoou de si em longo suspiro soluçado e desabou ao chão.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, ofuscado de horror e exaustão. A seguinte coisa de que me lembro é do sonolento porteiro engraxando sapato no outro lado do salão. Fora da janela os fornos de aço de Pitesburgo, quebrando a monotonia da planície. Também algo vago demais pra ser um homem, pesado demais pra ser uma sombra noturna, havia uma forma estendida no banco. Exatamente quando a percebi se desvaneceu.

Alguns minutos mais tarde abri a porta da cabine de Elena, dormindo onde eu a deixara. O adorável rosto estava pálido e descorado mas jazia naturalmente, com as mãos relaxadas e a respiração regular e clara. O que a possuía se fora, a deixando exausta mas de novo na posse de si.

A ajeitei um pouco mais confortavelmente, cobri com cobertor, apaguei a luz e saí.

III

Quando voltei à casa, nas férias da Páscoa, a primeira coisa que fiz, digamos assim, foi procurar o salão de bilhar perto do *Sete cantos*. O homem da caixa registradora muito naturalmente já não se lembrava de minha apressada visita de havia três meses.

— Procuro uma pessoa que acho que costumava vir muitas vezes, há algum tempo.

Descrevi o homem bastante cuidadosamente. Quando acabei o caixa chamou um camaradinho que parecia um jóquei e que estava sentado ali perto com o ar de quem tinha algo muito importante a fazer mas do qual não conseguia se lembrar.

— Ei, Shorty, converse com este sujeito. Acho que está procurando Zé Varland.

O homenzinho me dirigiu um agudo olhar de suspeita. Me aproximei e me sentei junto. Disse, a contragosto:

— Zé Varland morreu no inverno passado, meu amigo.

O descrevi de novo. O sobretudo, o riso, a expressão habitual dos olhos.

— É Zé Varland mesmo quem procuras, mas morreu.

— Quero saber algo a respeito de si.

— O que queres saber?

— Por exemplo, o que fazia.

— Como eu saberia?

— Olhes aqui! No sou da polícia. Quero apenas alguma informação sobre os hábitos. Está morto e não lhe poderei fazer mal. E isso não passará de mim.

— Bem... — Hesitou, me olhando de cima a baixo — Era um grande amigo de viajar. Se meteu numa briga na estação de Pitesburgo e uma bala o apanhou.

Acenei com a cabeça. Peças esparsas daquele jogo de paciência começavam a se

ajuntar em minha cabeça.

— Por que andava tanto em trem?

— Como eu saberia?, camarada.

— Se 10 dólares te ajudarem, quero ser informado sobre tudo.

— Bem... — Disse Shorty, relutantemente — Tudo o que sei é que costumava dizer que trabalhava os trens.

— Trabalhava os trens?

— Tinha uma especialidade sobre a qual não gostava de falar muito. Costumava *trabalhar* as moças que viajavam sozinhas em trem. Nunca alguém soube grande coisa a esse respeito. Era um fulano muito fechado em copa, mas às vezes aparecia aqui, cheio da grana, e dava a entender que era o lucro do negócio.

Agradei, dei os 10 dólares e saí muito pensativo, sem mencionar, àquele fulano, que Zé Varland fizera a última viagem à terra natal.

Elena não veio ao oeste nas férias da Páscoa. Mesmo que viesse eu não lhe daria a informação. Ao menos a vi quase todos os dias durante este verão e sempre nos arranjamos pra conversar sobre tudo, exceto aquele assunto. No entanto às vezes fica calada sem motivo, quer ficar muito junto a mim e sei o que vai em seu espírito.

Naturalmente deixará a escola neste outono. E ainda tenho mais dois anos em Porto Novo. Assim mesmo as coisas já não parecem tão improváveis quanto pareciam há alguns meses. Me pertence, de certa maneira. Mesmo se eu a perder me pertence. Quem-sabe? De qualquer maneira estarei sempre perto.

A morte em férias

Leslie F. Stone

Tradução de Manuel R. da Silva

No microscópico universo criado pelo gênio dum sábio os homens suplicavam se livrar
do bem tão ambicionado

I

Nikro Nor disse, com enfado:

— Muito bem, Talal Tar. Esta nossa grande experiência atingiu o fim. Já conheço a origem e significado da vida. Tu e eu criamos um micro-universo, vimos evoluir as estrelas candentes, se formar os planetas... Tu e eu tratamos o germe da vida com todos os dispositivos conhecidos de nossa ciência. Lhe demos o ímpeto pra crescer e evoluir até alcançar as mais altas formas de vida, iguais às nossas. Concentramos nesse micro-universo raios mortíferos, lhe fizemos a dissecação e o estudamos em todas as faces de seu desenvolvimento. Introduzimos idéias na cabeça dos habitantes, lhes demos o conceito da divindade. Lhes incutimos, a viva força, pensamento de guerra, de ideal elevado, de conquista científica... E já terminamos. Sabemos o que é a alma, o que é a vida em si. Estou satisfeito. Podes desintegrar essa esfera quando quiseres.

— Foi um trabalho interessante.

Nikro Nor olhou bondosamente o companheiro. Amava Talal Tar como a um filho. Jamais tivera um ajudante que se igualasse em lealdade e inteligência. Sendo o primeiro cientista de Guerm, considerava Talal Tar quase a seu nível.

O moço levantou a vista de seu ultra-ultra-microscópio.

— Sim, Mestre. Foi muito interessante. Mas eu... eu...

Tartamudeou ao contemplar o objeto que seu superior ordenara destruir.

— O que foi?, Talal Tar.

— Sei que sou um pouco atrevido, mestre, mas... Bom... Pois me desagrada a idéia... de desintegrar o micro-universo. Me sinto como se eu... se... nós...

— Sei, caro amigo. Tomaste esta experiência mais a peito que eu. Não podes destruir o que ajudaste a criar. Mas, francamente, não compreendo por que as fugazes vidas dos habitantes desse pequeno mundo criado por nós te inspiram tanto respeito. Afinal só têm uns minutos de duração. Mas é a mesma coisa. Foste fiel e fizeste tanto quanto eu próprio. Lhes incutiste a idéia de Deus. Lhes inspiraste a idéia da vida além-túmulo. Dei vida física e deste vida espiritual. Ensinei a guerra, o horror. Deveriam me odiar tanto quanto te respeitar.

— Sim. Te chamam o segador sinistro. Morte, a destruidora!

— Compreendo perfeitamente. Arranquei crianças dos peitos das mães, levei jovens que prometiam muito mas também aliviei os males dos enfermos, os achaques dos velhos, a clausura dos oprimidos. Só assim conheceria o significado completo da vida. Também te deram nome?

— Não estou bem certo, Mestre, porque se me representa de muitas maneiras. Me agrada pensar que o que sobretudo adoram, o amor, é representado por mim. Foi muito difícil sondar cérebros tão minúsculos. As vezes são tão leves os impulsos do pensamento! E, se os desperto, seu temor é demasiado grande pra permitir que as idéias abram passagem.

Talal Tar indicou a minúscula personagem que jazia na placa do microscópio.

Comprovando ser impossível os tornar visíveis com instrumento que amplificava micros e milésimos, inventara lentes especiais que permitiam ver objeto que medisse uma centésima milésima parte do micro. Com o auxílio daquele aparelho se podia ver aquele diminuto ser de aspecto humano. Aparecia com os olhos cerrados e tendo posto o microscópio amplificador de pensamento, inventado por Nikro Nor. Era um dos pequeninos do micro-universo.

Não obstante o muito que lhe desagradava arrancar os infinitesimais de seu domicílio e dentre sua família, o único remédio era fazer isso, a fim de sondar seu cérebro. Talal sabia que, lá em seu lar, o minúsculo ser engrossaria o número dos desaparecidos.

Em certa ocasião o sábio tentara depositar de novo os microscópicos seres em seu meio ambiente, porém descobriu que com isso só conseguia os tornar muito infelizes. Porque, por mais rápido que trabalhasse sobre eles, transcorria ao menos um século inteiro em seu pequeníssimo mundo enquanto recolhia de seus adormecidos cérebros a resposta a suas perguntas. Ao contrário de Nikro Nor, não podia os matar de repente. Portanto, quando acabava seu trabalho, colocava seus minúsculos seres noutro planeta, protegido contra os raios mortíferos, onde podiam gozar a companhia de seus semelhantes, também arrancados do seio dos familiares.

— Se te presentear com a esfera, Talal Tar, continuarás a experiência? Que variações introduzirás em nossos anteriores métodos? Ainda que talvez prefiras continuar o trabalho tal qual venho realizando.

— Eu... eu não introduziria mais que uma alteração, mestre, se me fosse permitida. Cortaria os raios mortíferos! Aspiro a que os pequeninos continuem vivendo, pra que gozem os benefícios de sua própria ciência. Já sabes que muitas vezes, ultimamente, lutaram contra mim, detendo a morte durante um momento. Também não gostam de morrer! Desejo que, tal como querem, continuem vivendo.

— Compreendo. É uma experiência muito nobre. Oxalá tu e eu pudéssemos desejar o mesmo. Talal Tar, o micro-universo é teu.

Quando Nikro Nor terminou de falar se voltou a seu livro de nota, a fim de considerar terminadas as que tomara sobre o micro-universo. Nem percebeu que seu discípulo cruzava a câmara em direção à enorme esfera que ocupava grande parte do aposento e na qual havia numerosos mecanismos montados. Talal se aproximou dum deles e puxou uma

alavanca. Depois aplicou o olho a uma espécie de microscópio que se compunha de complicada série de lente delicadamente trabalhada.

II

Doutor Horácio Stak estava sentado à cabeceira de seu moribundo paciente. Transcorriam as horas mas o ancião se negava a se despedir da vida. O médico murmurou:

— Não compreendo. Este homem devia ter morrido há ao menos dez horas. Tem o coração desfeito mas continua funcionando.



Na sala pra parto da maternidade de Beningtão, o especialista em obstetrícia ficou em pé. O rosto exprimia profundo pesar.

— A mãe viverá, pobrezinha! Esta é a quarta criança sua que nasce morta. Sinto ter de lhe dar a notícia. Mas o que é isso? O choro dum recém-nascido!

— Doutor, doutor! A criancinha está viva! Começa a respirar! É um milagre!



Na sala pra acidente do hospital, o corpo sobre o qual trabalhavam freneticamente médicos e enfermeiras, sem êxito, se moveu de repente. Gemeu o suicida:

— Não quero viver! Senhor, não permitais que viva!



A velha se soergueu entre os lençóis de seda e começou a rir.

— Então meu querido sobrinho tentou me envenenar, hem? Mas continuo viva. Já o adverti de que viveria mais que ele. E todo o restante de meus estimados parentes, que aguardam, como abutres, que eu morra, pra me herdarem. Pregarei uma boa peça a todos. Ingratos! Ficarão escarmentados!



Uma menina de rosto pálido jazia, estendida, sobre o divã, olhando vagamente sua desconsolada mãe. O médico de cabeceira as contemplava, compadecido.

— E... não tornará a ser uma criança normal, doutor?

— Sinto muito, senhora Moore. Não compreendo como pôde viver depois do tremendo golpe que recebeu na cabeça. E creias que, embora seja doloroso o dizer, seria preferível que morresse, pois foi reduzida à inconsciência.



Coisas assim sucediam em todo o mundo. Havia centenas de milhares de casos de pessoas que deviam morrer mas continuavam vivas.

Na Europa, onde havia guerra, o corpo médico não dava conta e não fazia mais que pedir auxílio. De todos os milhares de homens que caíram no campo de batalha naquele dia nenhum morrera! Alguns, horivelmente mutilados, viviam contra toda a lógica.

Soldados com ferimento na cabeça, no coração, com os pulmões perfurados, continuavam vivendo incompreensivelmente. Um rapaz, a quem um estilhaço arrancara metade do coração, começava a respirar cinco horas depois e continuava vivendo. Outro, que já não era mais que metade dum homem, vivia sofrendo os mais horríveis tormentos. Suplicou a um dos cirurgiões que o livrasse daquele suplício e o médico, compadecido, se dispôs a fazer sua vontade. Lhe administrou uma dose excessiva de clorofórmio e, no entanto, uma hora mais tarde, encontrou o homem ainda vivo! Havia muitos que deveriam ter morrido e que vivendo não seriam mais que grotescos simulacros de seres humanos, incapazes de fazer algo por si e que no porvir representariam enorme carga ao estado.



Na explosão duma mina ficaram soterrados vinte mineiros sob toneladas de escombros. Mas nenhum morreu, nem o que jaziam triturados entre rochas e terra. Passariam muitos dias antes de chegar ajuda mas seguiriam vivendo, padecendo dor, fome, sede, enfermidade.



Um casal de noivo, que resolvera suicidar, se atirou de altíssima torre ao solo. Convertidos em inidentificável massa de osso, carne e sangue, continuaram vivendo.



Nos Alpes famoso alpinista deu um passo em falso e caiu numa brecha profunda e estreita. Os companheiros tiveram de regressar ao distante povoado pra buscar ajuda pra o içar. Uma terrível tempestade se desencadeou sobre o grupo. Se viram obrigados a esperar vários dias antes de regressar ao local. Retiraram o corpo do alpinista gelado a ponto de parecer de ferro. Várias horas depois, se degelando num aposento aquecido, o *morto* recuperou os sentidos e se levantou em tão bom estado de saúde como se nada acontecera.



Tão estranhos acidentes não ficaram limitados à vida humana. No matadouro as vacas, os cordeiros e os leitões não morriam ao receber o golpe mortífero. Bramando, balando, ou grunhindo, segundo o caso, cambaleavam mas não morriam. Os magarefes ficavam boquiabertos, sem saber o que fazer.



Senhora Ana Slocum estava matando galinha pra servir aos convidados. Cortou cabeça mas os decapitados corpos saíram correndo no pátio. Os apanhou e submergiu em água fervente mas continuaram saltando dentro do alguidar.^[36] Mesmo depenadas as aves permaneciam vivas.

Desesperada, a senhora chamou o esposo, que coçou a cabeça e propôs esquartejar os corpos. Contudo até ele estremeceu ao ver saltar os músculos e se mexer a carne viva ao ser cortada com a faca.

Quando tirou a tripa o homem empalideceu e, dando um grito, fugiu ao ver que os diversos órgãos continuavam agitados pela vida.



O mestre-cuca Pedro Caseiro apanhou a roliça lagosta vermelha e cheia de vida, recém-saída do mar. Levantando a tampa da onda de água fervente, deixou cair o crustáceo dentro. Um pouco mais tarde voltou à destampar. Exclamou ao agitar a lagosta já fervida mas com as antenas em frenético movimento:

— Virgem Santa!



No Quênia Chester K. Morrison viu como seus batedores faziam um jovem leão sair da alta erva, em seu esconderijo de arbusto espinhoso, e meteu o rifle na cara. Se orgulhava da pontaria e atingiu em cheio o coração da fera. Mas o animal não obrou de acordo com a mais elementar lógica. Não rolou em terra mas continuou avançando, jorrando sangue na ferida. Cum salto galgou a espinhosa barreira e se atirou sobre o caçador, enquanto Jaime Collins, empregado a soldo de Morrison, descarregava a arma nos flancos do animal.

Momentos depois, quando Collins e os negros arrancaram da fera o corpo ensangüentado do milionário, ambos estavam vivos, embora tivessem feridas suficientes pra matar cinco homens e outros tantos leões.



Mamãe papa-mosca estivera muito ocupada buscando comida pros filhotes. Ao regressar, voando, ao ninho, ia um pouco preocupada. O último lote de inseto no papo não se comportava como de costume. Sentiu um alívio enorme ao os repartir entre os abertos bicos dos passarinhos mas a eles agradou tão pouco quanto a ela aquela comida que não deixava de se agitar dentro do papo.



O urso estava estirado na margem do rio, pescando salmão pra comer. Tirou um, dois, três. Os depositou ao lado, no chão, onde não deixaram de rabear. Meteu um na bisca. A primeira dentada o mataria mas o salmão continuou se movendo como se nada fosse.

Arrancando um pedaço da carne, o urso começou a mastigar. De vez em quando se detinha, admirado, ao se dar conta de que a carne se agitava entre seus dentes e de que os músculos saltavam cada vez que os mordia.

Não tardaram a desaparecer todos os salmões, mas não sentiu vontade de pescar mais. Tinha o estômago cheio de estranho tremor.



Dois lobos encurralaram a presa entre as montanhas, numa espécie de beco sem saída. Ofegante, o cervo se voltava pra dar combate. A parrelha de lobo atacou simultaneamente. Um se atirou a uma das patas, prà inutilizar, outro se abalançou à esbelta garganta. O cervo, não obstante com a jugular destroçada, não caiu. Pra que se ajoelhasse foi preciso inutilizar as patas traseiras. Os lobos deram a volta em torno da vítima, cautelosamente.

Atacaram de novo e graças ao peso combinado derrubaram o animal. Mas mesmo arrancado pedaços de pele e de carne, o animal continuou estremecendo e se agitando. Ansiosos, os lobos se sentaram sobre os quartos traseiros, lambendo os ensangüentados focinhos. De novo atacaram o veado e de novo se retiraram do trêmulo corpo.

No primeiro dia de tão emocionantes acontecimentos, os jornais não deram grande importância à nova situação, se limitando a empregar aqueles *relatos fantásticos* como assunto.

No segundo dia tiveram de reconhecer que algo de anormal sucedia.

Resumindo uma longa série de acontecimento, um engenhoso jornalista recordou uma novela publicada muitos anos antes, e encabeçou uma coluna com o título:

A morte em férias

Em seguida, apontava a analogia existente entre aqueles eventos da vida real e os fictícios episódios relatados na obra que outrora gozara tanta popularidade.

Dois dias mais tarde o povo começava a fazer sua a idéia. Deixara de ser uma pilhéria. Numa semana não se publicara nota fúnebre em jornal do mundo!

Como é natural, havia pessoas satisfeitíssimas com o que sucedia, como as que viveram no contínuo receio de perder algum ente querido e as que durante muito tempo lutaram, sem êxito, pra evitar a destruição dos animais. O cientista via convertido em realidade um sonho: O de ter um porvir longo pra continuar contribuindo ao bem-estar da humanidade. Ao ditador que previra que quando morresse seu mundo se desmoronaria pareceu que Deus dava, com o que acontecia, uma prova de que sua obra era boa. O octogenário que vivia de pão e leite pediu um filé com bastante cebola e um pastel como sobremesa.

Os homens verdadeiramente inteligentes se assustaram. Previam o momento em que o homem seria expulso do planeta pelos milhões de animais silvestres e domésticos. Tentar esborrachar um mosquito de nada valia. A mariposa continuava vivendo depois de passar um dia inteiro ao sol. E o que dizer daquelas hordas de insetos destruidores contra os quais o homem sempre lutara? O que aconteceria quando os prados estivessem cheios de rês? O que sucederia quando as feras se multiplicassem? O que seria daqueles milhares de milhões de ostras que se criavam todos os anos, dos arenques, dos bacalhaus? O que sucederia quando já não coubessem no mar?

E se a morte não mais devesse existir, o que seria dos germes, dos bacilos? Adoeceria todo mundo e os doentes continuariam vivendo sem deixar de existir?

Os de idade madura, que aguardaram com ansiedade o momento em que a vida do homem se prolongasse além dos setenta anos estavam apavorados. Viver a sempre? A mesma rotina? A imortalidade?

A Morte! Onde estava? O que fazia? Morte! Morte!

A gente começou a olhar, atemorizada, a todo estranho. Uma cara nova cobria de suor a fronte. E se fosse ele a morte, a morte disfarçada em pessoa, que passeasse entre os milhões de seres, gozando sua obra? Morte! Onde está teu agulhão? Morte! Morte! Morte!

E transcorreram os dias e as semanas. No mundo ninguém morria: Paralítico, doente, velho, homem, animal, réptil nem inseto.

Ao homem era impossível comer carne porque ela continuava estrebuchando e se

contorcendo mesmo depois de passada na frigideira, já que a vida não cessava ao ser extraído o coração. Cada uma das células do corpo retinha centelha de vida, e muitas semanas depois os reflexos musculares reagiam ao tato.

O homem teve de virar vegetariano a força. Sabia que a vida vegetal vivia e morria também, mas ao menos essa não tinha voz nem movimento. Só que não murchava, não se retorcia, não se secava sua seiva. Uma árvore derrubada continuava verde e saíam brotos novos muitos dias após de cortada. Mas era evidente que não haveria uma colheita muito grande naquele ano. O homem não era o único vegetariano. Os insetos se multiplicavam numa velocidade sem precedente. Os pássaros se revoltaram contra seu alimento natural. Lhes sucedia o mesmo que ao Homem: Não podiam com aquela comida viva, palpitante. Como os insetos, devoravam os frutos do campo e dos hortos.

As aves-de-rapina se uniram às demais, pois não lhes era possível comer peça que não havia como matar.

E dos bosques e planícies acudiam os animais carnívoros, que começavam a aprender a se alimentar de vegetal, de maneira que era comum ver lobo, cervo e falcão comendo juntos num trigal.

Porque a Morte livrara a todos os que foram instrumentos seus, dos deveres que outrora lhes recomendara. O mundo inteiro se convertia num éden onde o leão jazia ao lado da ovelha.

Só que não continuaria sendo éden muito tempo. Os matemáticos tentaram calcular quantas colheitas faltavam pra que toda a Terra ficasse completamente sem vida vegetal. Porém era muito difícil calcular. Desesperados, os químicos experimentavam com polpa de madeira verde, inventando formas pra tornar agradável ao paladar.

E todos pediam, com fervor, o regresso da Morte.



Nikro Nor levantou a cabeça, algo contrariado.

— Me chamaste?, Talal Tar. O que tens?

Olhou, atônito, o tremor convulsivo que agitava o jovem. Contemplou a palidez do rosto e o brilho febril do olhar.

— Estás passando mal?

Tristemente, o jovem cientista se voltou ao superior.

— Sim, mestre. Dói meu coração.

— Por quê? O que te aconteceu?

Se trata do micro-universo, mestre. Queres olhar a esfera?

Intrigado, Nikro Nor se dirigiu à prateada esfera e aplicou um olho ao microscópio. Com mão trêmula, ajustou a lente. Ante seus olhos aparecia o micro-universo que criara cum punhado de pó.

Na rápida espiada, Nikro Nor nada de anormal encontrou no diminuto universo. Assim disse ao discípulo.

— Os planetas! Os planetas! Ajustes o microscópio a 3-4-72 e verás.

Nikro Nor franziu o cenho. Começava a o desgostar do procedimento do ajudante, que agia como uma mulher histérica em vez de se portar como cientista de cérebro lúcido. No entanto, pra seguir sua corrente, colocou em seu lugar as lentes designadas e viu aparecer um corpo pequeno, brilhante, que girava sobre si. Se tratava dum planeta. O colorido encarnado demonstrava que era um dos mundos estéreis que estavam demasiado perto do sol. O sábio moveu um pouco o mecanismo, de forma que aparecesse um segundo planeta. Durante uns momentos o estudou. Outra volta e apareceu outro planeta. Depois se voltou a Talal Tar.

— Parece que sucede algo a nossos pequeninos. Os minúsculos mundos têm um... aspecto enfermiço. Mas não entendi...

Talal Tar entregou ao mestre uns auriculares, dos quais pendiam finíssimos fios, que se comunicavam com todos os mundos.

— Escutes!

Durante uns momentos Nikro Nor *escutou*. Pela expressão do semblante, compreendia que estava intrigado. Enfim tirou, cum gesto de impaciência, o amplificador de pensamento.

— Jamais tive com isto um êxito como o teu, Talal Tar. O que aconteceu aos pequeninos? O que é esse rugido?

— Orações!, mestre.

— Orações? E que pedem?

— A morte!

— A morte?

— Te recordas de que te disse que tinha a intenção de interromper os raios mortíferos, pra dar aos pequeninos o que procuraram durante várias gerações?, a imortalidade. Pois bem, mestre. Assim o fiz. Há coisa de cinco ou dez segundos lhes dei a vida eterna! E tornam a pedir a morte! Em todos os planetas os corações clamam à Morte, Morte, a destruidora.

Um sorriso muito doce iluminou o semblante de Nikro Nor.

— Á! São sábios! Muito mais sábios do que eu me atreveria a julgar! Nossos pequeninos, meu querido Talal Tar, chegaram a ser divinos em pensamento. É uma lição pra nós. Lhes dá a morte sem vacilar. Porque Ela é o dom maior da Vida: Alivia a dor, consola o pensamento... Que coisa existe mais milagrosa que a morte?

E de seu coração desapareceu todo o medo à grande niveladora.

O sótão dos vampiros

August W. Derleth

Tradução de Manuel R. da Silva

A seguinte carta foi encontrada entre os papéis do defunto sir Harry Everett Barclay, de Charing Cross, Londres.

Meu caro Marc. Suponho que não receber resposta a meu cartão-postal será devido a não chegar a tuas mãos. Escrevo de minha casa-de-campo, atualmente lugar pouco visitado. Tenho esperança de que me dê a agradável surpresa de te deixar cair aqui (como disseste que farias), pois esta é a espécie de casa que te intrigaria. É muito parecida à que Artur Conan Doyle descreveu em *O cão dos Baskerville*. Corre rumor de que a casa é habitada pelos espíritos. Não creio. Já sabes que o mundo dos espíritos me interessa muito pouco mas, em compensação, a magia me entusiasma. O pensamento de que esta tranqüila morada que se eleva no centro das aprazíveis planícies inglesas seja residência duma multidão de espírito maligno me parece uma solene estultícia. Leão, meu criado, está comigo. Também está o velho Mortimer. Te lembras de Mortimer e dos saborosos quitutes que preparava pra nós?

Estou aqui há apenas doze dias e revistei a casa do sótão ao desvão. No sótão encontrei um velho baú no qual achei nove livros velhos. Alguns tinham as páginas correspondentes ao título arrancadas. Um desses livros era *Drácula*, de Bram Stoker e, ao que pude ver, se trata duma das primeiras edições.

No terceiro dia de minha permanência aqui uma névoa tipicamente inglesa caiu sobre a planície. Me vi obrigado a ficar em casa e dedicar minha atenção aos tomos descobertos. Há também um livro de magia negra, de de Rochas, outros três de Orfilo, Suedenborgue e Calhostro, que deixei de lado. Depois há *O Inferno*, de Estrindbergue, *A doutrina secreta*, de Blavatsque, *Eureca*, de Poe e *A atmosfera*, de Flamarião. Podes imaginar a emoção de achar esses livros. Como já sabes, Orfilo foi químico e fisiologista, Suedenborgue e Estrindbergue podem ser qualificados de místicos, Poe, embora não me ajudara muito no caminho da magia, me fascina como escritor mas os restantes cinco livros eram ouro puro pra mim: Calhostro, mago da corte francesa, madame Blavatsque, a sacerdotisa de Ísis e da *Doutrina oculta*, *Drácula*, com todos seus vampiros, *A atmosfera*, de Flamarião, com suas diagnoses dos deuses dos humanos, e de Rochas, de quem nada melhor posso dizer que copiar esta nota do *Inferno*, de Estrindbergue:

— Não me desculpo. Só peço ao leitor recordar esse fato no caso de se sentir inclinado a praticar a magia, sobretudo nessas formas que se chamam bruxaria ou, com maior propriedade, feitiçaria, pois sua realidade foi demonstrada sem dúvida por de Rochas.

Mais de uma vez me perguntei que espécie de homem viveu aqui antes de minha chegada. A única fonte de informação que temos aqui é um povoado sito a várias milhas

de distância. É estranho que não haja mais casas, pois estas planícies são um lugar encantador no verão. Resolvi ir ao povoado pra me informar e parti acompanhado por Leão, deixando Mortimer na casa.

Leão e eu pudemos esclarecer muito pouco. Depois de falar com o vendeiro, a única pessoa comunicativa que encontramos, soubemos que o último ocupante desta casa foi o baronete Lohrville. Segundo parece, o povo tem medo desse baronete, pois não se atreve a falar dele. O vendeiro nos contou que há alguns anos desapareceram quatro pequenas. A crença popular é de que o baronete as raptou. A gente do povoado chama esta de *a casa dos morcegos*. Não vejo o motivo desse nome, pois não notei a presença de morcego no arredor.

Minhas meditações sobre este assunto foram interrompidas por Mortimer, que se queixou dos morcegos que infestam nosso sótão. Estranha coincidência. Disse que quando desce até lá os morcegos tocam seu rosto com as asas. Leão e eu descemos ao sótão e não descobrimos morcego. No entanto Leão me disse que notou o choque dum contra a cabeça, coisa que não acredito. Com certeza foi o ar.

Este incidente foi o princípio da série de eventos estranhos de desde então. Explicarei os mais importantes.

Há três dias os acontecimentos se precipitaram. Mortimer disse que no sótão não se podia manter luz acesa.

Leão e eu descemos a investigar, comprovando ser impossível manter acesa vela ou fósforo no sótão. Estranha coincidência. Disse que quando desce até lá os morcegos passam ali. É curioso que a luz de lanterna elétrica vacile quando alguém se interna no sótão, e perde grande parte da força. Não entendi esse fato.

Ontem, Leão, que é católico fervoroso, desceu ao sótão cum vidro de água-benta, disposto a espantar os espíritos infernais. No fim da escada desse sótão, há tempo notei a presença duma laje de pedra. Quando Leão chegou a ela, deixou cair uma gota de água-benta. No mesmo instante se evaporou com leve rangido, como se caída em ferro candente. Confesso que o caso me surpreendeu enormemente.

Ontem na noite, enquanto os três estávamos no salão, a lâmpada foi apagada. Digo que *foi apagada* porque não soprava vento e mesmo assim notei sobre o rosto um hálito frio enquanto a chama se extinguiu.

Não há dúvida de que nesta casa há algo anormal, que estou disposto a descobrir, custe o que custar.

Aqui terminou bruscamente a carta, como se devesse ser completada mais tarde.

Os dois doutores, inclinados sobre o cadáver de sir Harry Barclay, em Lohrville Manor, terminaram o exame.

— Não compreendo essa extraordinária perda de sangue, doutor Mordaunt.

— Nem eu, doutor Green. Está tão exangue que se deve supor que se viveu até agora foi graças a algo sobrenatural.

— Julguei que a falta de sangue seria por hemorragia interna mas não se vê sinal disso.

Tendo em conta a expressão do rosto, que é demasiado horrível pra poder a contemplar com serenidade...

— Tens razão. Me custa olhar.

— ... é de supor que morreu em virtude dum pavor horrível, talvez ao presenciar uma cena horripilante.

— Isso me parece mais lógico.

— De toda forma acho que é melhor atestar que morreu de hemorragia interna.

— De acordo.

— Então passemos o atestado.

Os dois médicos se inclinaram sobre o velho volume aberto sobre a mesa e, de repente, doutor Green se ergueu, meteu a mão no bolso e tirou um fósforo.

— Segures este fósforo, doutor Mordaunt. Acendas e ponhas fogo nesse livro. E a ninguém fales sobre o que lemos.

— Creio que é melhor.

Extratos do diário de sir Harry E. Barclay, achado junto de seu cadáver, em Lohrville Manor.

25 de junho — Ontem na noite tive um sonho muito curioso. Que encontrava uma linda garota no bosque que rodeia o castelo de meu pai, em Alencastro. Sem saber como, nos abraçamos e nossos lábios se uniram, permanecendo juntos durante mais de meia hora. Que sonho mais esquisito! Nesta manhã, ao me olhar no espelho, me vi sumamente pálido.

Mais tarde — Leão me disse que teve um sonho semelhante. O contou. É curiosamente parecido ao meu.

29 de junho — Mortimer veio, nesta manhã, dizer que não quer permanecer mais um dia em casa. Está convencido de que ontem na noite viu um fantasma. Era um velho que o beijou. O convenci de que tudo foi um sonho e pedi pra nada dizer. Leão me disse que na última noite voltou a sonhar a mesma coisa. Disse que não está muito bem. O aconselhei a ir a um médico mas se negou. Disse que nesta noite se aspergirá com água-benta, pra afastar pesadelo.

Mais tarde — Investiguei e descobri que baronete Lohrville era muito parecido com o velho do sonho de Mortimer. Também soube que durante a vida do último Lohrville desapareceram numerosas garotas do arredor.

30 de junho — Leão afirma que ontem na noite não teve o pesadelo (que, em compensação, visitou a mim). Afirma que isso é devido à água-benta.

01 de julho — Mortimer foi embora. Disse que não pode viver na mesma casa que o Diabo. Parece que tornou a ver a fantasma do velho Lohrville.

4 de julho — Voltei a ter aquele sonho e nesta manhã fiquei muito mal. Leão utilizou toda sua água-benta mas espera conseguir mais amanhã.

5 de julho — Tentei contratar outro cozinheiro no povoado. Ali ninguém está disposto

a entrar nesta casa, nem por 1000 libras semanais. Terei de passar sem cozinheiro ou pedir um a Londres.

Hoje Leão sofreu um acidente. Ao regressar da igreja se verteu quase toda a água-benta. Mais tarde, a garrafa que continha o resto caiu ao chão e se quebrou.

6 de julho — Ambos tornamos a ter o sonho a noite passada. Me sinto muito débil, e o mesmo sucede a Leão, que foi ver o médico, que perguntou se teve ferimento que provocasse grande perda de sangue ou se sofre de hemorragia interna. Leão respondeu que não, e o médico receitou uns tónicos. Leão não se recordou da água-benta.

9 de julho — Outra vez o sonho. O de Leão foi diferente. Um velho o mordeu. Pedi me indicar o lugar onde o velho o mordeu durante o sono. Tirou o colarinho e pude ver duas pequenas feridas na garganta. Tanto Leão quanto eu nos sentimos muito fracos.

15 de julho — Leão foi embora. Creio que enlouqueceu repentinamente, pois nesta manhã se sentiu invadido por louco desejo de descer ao sótão. Disse que algo o puxava até lá. Não o impedi de descer mas logo o ouvi subir, berrando. Corri atrás, até seu quarto, e pedi explicação.

Mon Dieu, monsieur! Abandone este lugar maldito. Fugas, *monsieur*, peço a ti. *Le diable!* Enfim se desprende de mim e fugiu da casa com sua maleta. O persegui, o alcançando na estrada. A meus gritos respondeu com frases soltas, que eram: Lamé... le diable... Mon Dieu... a laje... o livro de Tote. Tudo isso frases muito significativas. Le diable e mon Dieu, *o diabo* e *meu Deus*, que não prestei grande atenção. Porém Lamé é uma espécie de vampiro feminino, conhecido somente por um grupo seletivo de feiticeiro. E o livro de Tote é o livro egípcio de magia. Durante um momento me ocorreu a idéia de que o livro de Tote esteja escondido nalgum ponto desta casa. Passei bastante tempo tratando de estabelecer um traço de união entre o livro e a laje. Enfim cheguei à convicção de que o livro está escondido sob a laje que há ao pé da escada.

16 de julho — Já tenho o livro de Tote! Como me parecia, estava sob a laje de pedra. Os espíritos que o guardavam não queriam, indubitavelmente, deixar perturbar o lugar de repouso, pois levantaram forte corrente de ar enquanto eu trabalhava pra levantar a laje. O livro está fechado por uma espécie de fechadura antiga.

Ontem na noite tive o sonho. Além disso vi o fantasma de Lohrville acompanhado de quatro formosas jovens. Que coincidência! Hoje me sinto tão débil que nem posso me mover. Não há dúvida que esta casa não está infestada por morcego mas por vampiro. Lamé! Se pudesse encontrar os corpos cravaria estacas agudas no coração.

Mais tarde — Fiz outra assombrosa descoberta. Sob a laje que ocultava o livro de Tote havia outra. A levantei e descobri um monte de esqueleto infantil, sem dúvida pertencentes às vítimas dos vampiros. Estou certo de que nalgum ponto há uma caverna onde repousam os corpos dos vampiros.

Mais tarde — Estudei o livro de Rochas e formei um projeto excelente pra descobrir os corpos dos vampiros. Utilizarei o livro de Tote pra atrair os vampiros ante mim e me revelar o lugar onde descansam seus voluptuosos corpos. De Rochas disse que se pode fazer isso sem dificuldade.

21h — Como a condição é excelente começarei a chamar os vampiros. Alguém passa

na estrada. Espero que não interrompa meu trabalho. Como já disse, o livro está protegido por uma velha fechadura. Me custou muito a romper. Abri o livro na página indicada por de Rochas. Comecei os passes magnéticos. Lentamente a atmosfera do quarto foi mudando e a escuridão se tornou intolerável. As correntes de ar aumentaram e a lâmpada se apagou... Espero que logo apareçam os vampiros.

Não me enganei. Várias sombras se estão materializando na dependência. São cada vez mais visíveis... São cinco. Quatro mulheres e um homem... São os mesmos que vi em sonho. Avançam malevolamente a mim.

Santo Deus! Me esqueci de ficar dentro dum círculo mágico, e temo que os vampiros me ataquem. É o que tentam. Avançam a mim... Não! Se detiveram! O velho baronete me fitou com os olhos brilhantes de ira e ódio. As quatro mulheres me sorrindo voluptuosamente.

Agora ou nunca é o momento de quebrar o encanto. Uma oração? Não posso rezar! Estou expulso a sempre da presença de Deus, por ter chamado Satanás em auxílio. Não posso rezar. Estou sendo hipnotizado pelo baronete. Nos olhos das quatro vampiros há um resplendor sinistro. Deslizam a mim com os braços abertos. Suas sinuosas formas estão ante mim, os rubros lábios se arqueiam em diabólico sorriso de triunfo. Pressinto as suaves carícias das línguas sobre meus lábios. Estou resistindo com toda a força de minha vontade. Mas o que pode um homem contra uma horda de vampiro?

Deus! Noto que minha alma se contamina com as presenças! O baronete avança. Se Deus não me escutar implorarei a Satanás que me dê tempo de traçar o círculo mágico!

Nem posso me levantar. Já não sou dono de minha vontade. Os vampiros se entreolham diabolicamente. Estou condenado a morrer e a viver nas fileiras dos não-mortos.

Seus rostos se aproximam cada vez mais do meu e em breve perderei os sentidos. Qualquer coisa é preferível a isto, a ver os malignos não-mortos a meu redor. Sinto uma ferroada na garganta. Santo Deus! é...

Varim, o adorador do Diabo

Henry A. Hering

Tradução de Pietsch Júnior

Sempre que meu amigo Ricardo Hargreaves estava em Londres, tínhamos o hábito de comer juntos nos domingos. Era homem extremamente metódico, pois mesmo que passasse muitos meses ausente de Londres, sempre fixava de antemão a data exata do regresso e nunca a mudou.

Por essa razão eu estava tão seguro de que regressara, segundo sua promessa, no sábado, 5 de janeiro passado, depois de doze meses de ausência, que na noite seguinte me dirigi a sua casa da praça de Russel com a certeza de voltar a estreitar as mãos dum amigo e de escutar de seus lábios o relato de suas aventuras no vale do Orenoco.

Tinha mais desejo de o ver do que nunca, porque uma de suas últimas cartas estava muito longe de me parecer satisfatória, indicando um estado mental novo. Ansioso, ao chegar à casa toquei a campainha e bati com os nós dos dedos.

Ainda não acabara de bater e a porta se abriu de par-a-par e apareceu a governante seguida duma criada.

Ao me ver, sua expressão de boa-vinda se desvaneceu porque, evidentemente, esperava outra pessoa.

— Pensávamos que fosse senhor Hargreaves. — Disse em tom de desculpa.

— Então não regressou! — Exclamei, surpreso.

O conhecia intimamente havia vinte anos e, como já disse acima, jamais o vira faltar a palavra.

— Pois não veio, senhor Field. Ontem preparamos tudo: As lareiras acesas, a comida posta, mas não chegou nem recebemos notícia. Não sei o que pensar. Temo que algo acontecera.

Enquanto a governante falava, entrávamos e a porta se fechava. Porém antes que eu tivesse tempo de responder, ouvimos o barulho dum carro que chegava correndo e percebemos que se detinha diante da casa.

Senhora Crowther correu à porta e a abriu precipitadamente.

Então retrocedeu um pouco, lançando uma exclamação de desalento.

Um homem ajudava outro a se apear do carro de aluguel. Era Hargreaves, mas terrivelmente mudado!

Se apoiava pesadamente no braço dum desconhecido, um indivíduo cujo aspecto despertaria interesse em qualquer parte, e no qual não pude deixar de me fixar.

Era de elevada estatura, de cerca de 2m, e desenvolvido em proporção. O rosto, muito bronzeado, era também vazado em molde heróico. O queixo e o nariz indicavam vontade

indomável.

Os olhos, de azul de aço polido, tinham expressão fria e penetrante, e parecia que ao me olhar liam meu pensamento mais íntimo. Seu longo e negro cabelo quase chegava aos ombros.

Hargreaves subiu lentamente os degraus da escada da porta e nos saudou friamente com movimento de cabeça.

Ante semelhante atitude, minha mão estendida desceu, as palavras de boa-vinda gelaram em meus lábios e senhora Crowther emudeceu.

O desconhecido rompeu o silêncio com ligeiro acento estrangeiro:

— Senhor Field, deploro que senhor Hargreaves não possa oferecer a costumeira hospitalidade dos domingos. Vem cansadíssimo de longa e penosa viagem e necessita descanso. Não é assim?, Hargreaves. — Acrescentou, em tom que dissonou em meus ouvidos porque era mais de ordem que de interrogação.

— Sim. — Hargreaves respondeu com voz cansada e somente perceptível — Necessito... descansar... descansar...

Nossos olhos se encontraram em primeira vez e minha imaginação acreditou ver neles aflito olhar de súplica. Depois olhou furtivamente o homem que tinha a seu lado e acabou abaixando o olhar ao solo.

— De qualquer maneira posso servir a ti nalguma coisa?, Hargreaves. — Disse eu, respondendo às palavras expressas naquele olhar — Tens necessidade de que um médico te examine? O buscarei.

— Senhor Hargreaves foi assistido por seu médico até ontem na tarde e por isso não necessita de teu bondoso oferecimento. — Disse o desconhecido, com fria impertinência.

— Não obstante — respondi sem fazer caso da presença do outro — passarei a noite contigo, Hargreaves. Não posso te deixar nesta situação.

— Sinto muito. Mas não pode ser. — Disse o gigante — Digas a senhor Field — acrescentou, se dirigindo a meu amigo — que sua presença só serviria pra o importunar e transtornar e que o melhor que pode fazer é se retirar.

— É melhor que te retires, Field. Tua presença me transtorna. — Repetiu Hargreaves.

— Apesar de tudo não me retirarei! — Respondi, porque estava firmemente convencido de que seu acompanhante adquirira sobre ele. Um extraordinário domínio que anulava a força de vontade.

A porta continuava aberta.

Antes que eu adivinhasse sua intenção e muito menos a resistir, o desconhecido me segurou nos ombros, com garras de aço, e me atirara violentamente a fora de casa.

Quando descia a escada pelo impulso do empurrão, a porta foi fechada com estrépito.

Cheio de raiva, quando pude deter o ímpeto do violento impulso, voltei atrás, toquei a campainha e esmurrei a porta estrepitosamente.

Ninguém respondeu. Repeti as chamadas, esperando que senhora Crowther abrisse, porém foi inútil. Enquanto chamava, um carteiro se deteve em frente à casa, dizendo:

— Deve ter ninguém.

— Senhor Hargreaves acabou de regressar... Ainda não faz 5min. — Repliquei.

— Pois então se recolheram imediatamente, porque todas as luzes estão apagadas. — Disse meu interlocutor continuando seu caminho.

Retrocedi alguns passos e contemplei a casa. A lâmpada do vestíbulo estivera acesa poucos minutos antes e o refeitório estava brilhantemente iluminado. Porém já nem raio de luz se via nalgum aposento. Tudo estava na mais completa escuridão. Na casa não havia sinal de algo e reinava silêncio de morte.

Passei mais de meia hora contemplando as janelas do edifício. Não descobrindo claridade nem alguém que respondesse a minhas posteriores batidas fui até casa.

É fácil imaginar que meu pensamento não se afastava do evento daquela noite.

Minha imaginação os evocava a todo momento e sempre terminava maldizendo minha estupidez em permitir que tão facilmente me afastassem do cenário, deixando meu velho amigo à mercê de... Quem seria aquele homem?

Não me deu muito trabalho descobrir a identidade do gigantesco desconhecido.

Ao o ver recordei imediatamente as últimas três cartas de Hargreaves.

A primeira, vinda dum povoado de nome arrevesado, sito nas margens do Cuchinero, me contava que ao transpor a rápida corrente do rio encontrara um homem de tipo europeu que, segundo sua descrição, estava havia vários anos levando vida nômade numa tribo indígena, dormindo sob as rochas e sob as árvores e se alimentando, como aquela gente, de papagaio, macaco e lagarto.

Hargreaves a princípio o tomara por um entusiasta colecionador de orquídea, mas enfim percebeu que essa conjectura era falsa e não conseguira saber a causa daquele homem deixar a comodidade da civilização pelo perigo e inconveniente da vida indígena.

Aquele homem era um mistério desde o princípio. Nem sua nacionalidade era clara!

A carta continuava dizendo que aquele indivíduo, cujo nome era Varim, pedira estender a exploração ao interior mas como Hargreaves não concordara com isso resolvera aderir à viagem ao litoral. Hargreaves acrescentou:

Não me agrada este homem.

Outro dia o encontrei espancando uma mulher e, mesmo quando por minha intervenção deixou de a maltratar, acolheu minha indignação com encolhimento de ombros.

Carece de senso moral, e ainda descobri que pratica alguma espécie de religião, e que procura a propiciação dalgum poder superior.

Se diferencia por completo de todos os homens que conheci até agora. O considero o último sobrevivente dalguma raça misteriosa e, ainda que às vezes me inspire uma repulsa absoluta, exerce sobre mim estranha fascinação.

A carta seguinte era diferente de todas as que Hargreaves escrevera a mim até então.

Carecia por completo daquela precisão, daquela clareza quase comercial com que sempre escrevia, e tão somente revelava indecisão e incerteza dolorosas.

Escrevia em tom descontente, como um velho. Se queixava da temperatura e da comida, expressava dúvida quanto às viagens futuras e incidentalmente dizia que Varim o acompanhava.

Esta carta me intranquilizou extraordinariamente e pensei que estivesse enfermo, pois até então, desde o começo da nossa amizade, gozara sempre de saúde de ferro. Porém minha ansiedade se acalmou ao receber, via correio seguinte, uma cartinha redigida com seu bom-humor de sempre e desprovida de todos os sintomas mórbidos que demonstrara antes.

Dizia que Varim saía pra fazer uma curta viagem e que esperava aderir na próxima semana.

Ainda que essa carta fosse satisfatória, não pude me livrar de vez da inquietação que a anterior me produzira e os acontecimentos da noite punham terrivelmente no claro a conexão entre elas, porque era evidente que a influência que Varim exercia sobre Hargreaves crescera com espantosa rapidez.

Não tivera bastante força pra o obrigar a permanecer na Venezuela e por isso o acompanhara à Inglaterra. Mas antes do navio chegar a Liverpool já meu amigo estava à mercê do desconhecido. O que não se poderia dizer era o infernal propósito que Varim desejava realizar.

No dia seguinte, às 9h, eu dobrava a praça de Russel!

Cruzei cum carro de aluguel e ao observar que a pessoa que o ocupava me chamava fiz sinal pro cocheiro parar. Quando o veículo se deteve, assomou à janelinha senhora Crowther.

A pobre mulher não pôde articular no momento mais que esta exclamação:

— Á! Senhor Field!

— Como está senhor Hargreaves?

— Não o vi. Quando saíste, senhor Varim, como nos disse que se chamava, mandou que nos retirássemos, enquanto o pobre senhor Hargreaves dizia que sim com a cabeça a tudo o que esse homem mandava.

— Por que a senhora não abriu a porta quando chamei?

— Quis abrir, porém senhor Varim me empurrou e guardou as chaves no bolso. Depois apagou as luzes e mandou que nos acomodássemos, nos advertindo que não poderíamos sair da casa. Em seguida acompanhou senhor Hargreaves ao quarto e ficou consigo no escuro, cantando até depois da meia-noite. Nesta manhã, quando descemos, estava ainda consigo mas não nos deixou entrar pra o ver. deu a nós prazo até as 9h da manhã pra sairmos da casa, advertindo de que se não fôssemos por bem nos expulsaria a força.

A pobre mulher estava tão abatida que nem se mostrava indignada ante a afronta que lhe infligira aquele homem. Perguntei, pra dizer algo:

— O que pensas de tudo isso?

— O que pensar? — Respondeu, baixando a voz — Não me atrevo a dizer o que penso. Apenas advirto que deves andar depressa, se queres salvar senhor Hargreaves da morte ou de algo pior. Ia a tua casa pra dizer isto. É espantoso pensar quão mudado está o patrão e o mais terrível é pensar que está sozinho com aquele monstro. Não quero me lembrar disso! Não posso suportar!

Ao terminar de falar, senhora Crowther se lançou a trás no carro, tremendo de emoção.

Fiz o possível pra acalmar, tomei nota de seu endereço, pro caso de precisar recorrer a ela e me dirigi à casa de meu amigo.

Chamei e ninguém respondeu. Todavia isso não me surpreendeu, porque eu já esperava isso mesmo.

Só podia observar a casa, pra ver se aparecia Varim, pois teria de se comunicar com o mundo exterior mais cedo ou mais tarde.

Permaneci três horas passeando dum lado a outro da praça, sem tirar os olhos da casa mas esperei em vão. Durante todo o tempo de minha observação se fortalecia em mim a convicção de que se quisesse ser de alguma utilidade a meu amigo teria de trabalhar menos passivamente.

Examinei com ansiedade todas as possibilidades da situação e me ocorreu uma dezena de projetos de salvamento, tão descabidos que tive de os desprezar sucessivamente por impraticáveis e só se fixaram em minha mente minhas duas últimas idéias.

Como indivíduo isolado nada poderia fazer. Devia me socorrer à ajuda das autoridades. Pensando assim, ao bater meio-dia tomei um carro e me dirigi à chefia de polícia.

Quando expus meu temor e meu desejo ao funcionário que me recebeu, respondeu:

— Dizer ter motivo para acreditar que ocorre algo grave nessa casa, porém não podes determinar a natureza dos fatos e isso é muito vago. É claro que temos o direito de entrar nessa casa forçando a porta, se for preciso, porém não nos atrevemos a utilizar nosso poder não havendo razão muito fundada pra isso.

— Não viria se não acreditasse que se trata de caso de vida ou morte. A governante saiu de casa às 9h. Aqui tens seu endereço. Perguntas a se acredita haver perigo.

— As mulheres se alarmam com muita facilidade. — Replicou o funcionário policial, sentenciosamente.

— Se tivesses conhecido senhor Hargreaves há um ano e o tivesses visto ontem não titubearias um momento. É uma verdadeira ruína! Não sofrera doença antes de conhecer esse aventureiro. Por que Varim despediria a criada e a governante que tinha quinze anos de fiel serviço? Por que pôs os criados na rua no momento da chegada? Queria estar solitário em casa se não forjasse algum mal?

— Reconheço que o caso é um tanto estranho. Teremos de proceder com cuidado, como disse antes, porém acredito que deveremos averiguar o que faz esse senhor Varim. Veremos. É meio-dia e meia e estarei ocupado até as 2h. Se voltares nessa hora estarei a tua disposição com dois agentes, pra vigiar a casa atrás, enquanto entramos na porta

principal.

Seriam mais ou menos 2:30h quando toquei a campainha da casa de Hargreaves, como prelúdio pra forçar a entrada.

Fiz isso a pedido do inspetor pra cobrir a aparência, mas sem esperar que a abrissem.

Mas com grande surpresa, enquanto chamava, senti passos no vestíbulo e um minuto depois o próprio Varim abriu a porta. Perguntou com amabilidade:

— O que desejais?

O inspetor entrou imediatamente.

— Ver senhor Hargreaves.

— Está doente e não pode receber alguém.

— Sei que está enfermo e foi por isso que vim. — Disse meu acompanhante — Sou inspetor de polícia e exijo entrada.

Varim não titubeou. Se limitou a encolher os ombros, respondendo:

— Veja, se fazes tanta questão. Ignoro por que desejas o ver mas previno de que está muito mal e que uma agitação pode acarretar grave consequência.

O seguimos na escada e entramos no quarto de Hargreaves.

Estava no leito e, com a escassa luz que penetrava através das persianas cerradas, vimos a feição tão avermelhada e tão terrivelmente abatida, que mal se podia reconhecer os rasgos fisionômicos de meu velho amigo.

Estendi a mão e me olhou com olhos extraviados, imóvel.

— Parece que senhor Hargreaves não te reconheceu. — Varim disse, maliciosamente.

— Se não me reconhece tens culpa! Hargreaves! Sou eu!, Field. Me reconheces?

Me olhou com expressão idiota e não respondeu. Varim disse:

— É verdade que hoje não estás bem?

— Não. Não estou bem. — Meu amigo respondeu maquinalmente.

O inspetor chamou Varim a parte.

— Algum médico o assiste?

— Escrevi a doutor Humphrey Wright, pedindo vir amanhã. Eis a resposta, que acabei de receber.

Mostrou uma carta do conhecido médico, dizendo que viria no dia seguinte, 10h.

— Por que não disseste pra vir hoje?

— Porque até agora estamos seguindo o tratamento prescrito pelo médico de bordo, que receitou a senhor Hargreaves há dois dias. Me instruiu detalhadamente o que fazer até amanhã cedo, indicando depois consultar outro médico.

— Tenhas a bondade de dizer o nome do navio e do médico de bordo. — O inspetor

pediu.

Varim os mencionou sem titubear.

— Obrigado. Este cavalheiro, senhor Field, é um velho amigo de senhor Hargreaves e o preocupa a saúde dele. Queres o receber amanhã, depois da visita de doutor Wright?

— Terei verdadeiro prazer em ver senhor Field amanhã cedo, depois da visita de doutor Wright.

Palavras simples, acompanhadas de sorriso. Todavia fizeram vibrar meus nervos tensos e senti um calafrio. Parecia que atrás se ocultava uma ameaça.

Hargreaves fechara os olhos. Evidentemente dormitava e não tínhamos pretexto pra permanecer mais tempo ali.

Ao dar volta pra nos retirarmos vi sobre uma cômoda uma grotesca figurinha de talha de 30cm de altura, que eu não vira ao entrar. Uma horrível representação humana ou divina.

Certamente a imagem dum deus pagão, algum ídolo que Hargreaves adquirira em viagem. Já a apanharia, pra examinar mais de perto, quando Varim segurou meu braço.

— Não toques! — Disse, furioso. E, recobrando o primeiro tom de voz, acrescentou: — Perdão. É uma relíquia santa. Rogo que não a toques.

Me surpreendeu tanto a mudança de expressão quanto a solicitude que demonstrava pra que um profano não profanasse a imagem. Era chocante tudo o que se relacionava àquele homem.

Sem responder, segui o inspetor e senhor Varim nos acompanhou até a porta.

— Até amanhã cedo, senhor Field. — Disse no umbral da porta.

Atrás dessas palavras acreditei ver um mundo de deboche.

— Não parece que aqui haja algo de particular. — Disse o inspetor quando estávamos na rua. — Como verás senhor Hargreaves amanhã cedo, me alegrarei de saber como o terás encontrado.

Agradei efusivamente ao inspetor pelo incômodo e nos separamos.

A julgar a rapidez com que Varim nos recebeu, era evidente que estava observando a rua.

Provavelmente me vira passeando sozinho na praça e voltar, depois de breve ausência, acompanhado doutra pessoa e quiçá imaginou o motivo. Talvez vira os policiais que vigiavam a parte posterior da casa.

Fosse como fosse, julgara prudente nos receber, e sua presteza no abrir a porta, unida à amabilidade, demonstrava que tínhamos de nos avir com homem de recurso e destreza notáveis.

Eu estava firmemente convencido de que dominara Hargreaves com fim perverso, porém o ocorrido na entrevista parecia me contradizer. Hargreaves estava na cama, com bom fogo na lareira. O visitaria no dia seguinte um médico de celebridade nacional, e

enquanto isso o submetia ao tratamento prescrito pelo médico do navio. E sem dúvida, todavia, refletindo bem, a própria presteza com que respondera a nossas perguntas só fazia confirmar minhas suspeitas.

As idéias foram tomando corpo em minha mente, até que me foi impossível suportar a inação mais tempo e saí novamente em direção à praça de Russel, pra voltar a vigiar, sem saber por quê.

Estaria passeando havia meia hora quando o vento, soprando em minha direção, trouxe uma folha de papel.

A aborrecida função de sentinela me habituava a observar detalhes e a receber toda distração com agrado, por trivial que fosse. Por isso me entretive em apanhar o papel.

Era evidentemente uma folha arrancada dum livro. Num lado, escrita com letra trêmula, aparecia meu nome e o endereço de minha casa, e no outro lado se lia: Socorro — R. H. As iniciais de Hargreaves.

Ao ler isso, subiu meu sangue à cabeça. Meus temores se confirmavam.

Hargreaves estava em terrível perigo.

Sem dúvida, meu amigo atirara o papel na janela, pra que algum transeunte o visse e trouxesse a mim.

Era sua última esperança, sua última e desesperada tentativa pra recobrar a liberdade. Talvez pra salvar a vida!

Eu tinha de fazer algo imediatamente. No dia seguinte seria tarde.

Conviria recorrer novamente à chefia de polícia? Não.

Aos olhos do inspetor aquela mensagem seria obra dum cérebro enfermo e até suporia que fora eu quem a escrevera pra o obrigar a se ocupar do assunto, porque ao nos separarmos me advertira que me considerava um tanto intrometido, com boa intenção, sem dúvida, porém com excesso de zelo.

Assim, pois, se eu quisesse fazer algo teria de fazer sozinho. Entrar na casa só.

Duas horas depois traçara meus planos e me encontrava aguardando uma ocasião pra entrar nas cavalariças do fundo da casa.

Me favorecia um chuvisco e ligeira névoa. Ao me aproximar da porta vi sair um cavalo. Aguardei que o arreassem e quando saiu o veículo esperei que houvesse ninguém no pátio. Então transpus a porta e cheguei até a extremidade sem me descolar da parede.

Havia ali um monte de terra. O galgando alcancei o alto da parede e, deslizando de engatinhando, cheguei até a porta posterior da casa de meu amigo e me deixei cair no jardim.

Sem me separar da parede e me ocultando atrás dos arbustos, cheguei ao jardim de inverno, que dava acesso ao escritório de Hargreaves.

Alcansei o extremo dum vitrô, precisamente sobre o lugar onde estava a fechadura interna, e comecei a cortar o vidro cum diamante de vidraceiro.

Ao cabo de meia hora conseguira cortar um quadro de vidro e, metendo a mão no buraco, dei volta na chave e a porta se abriu.

Dentro do jardim-de-inverno fui a outra vidraça, que dava acesso ao escritório, e tive de repetir a mesma operação com o vidro.

Como trabalhasse com muitíssima precaução, transcorreu uma *longa* hora antes de arrancar um pedaço de vidro e alcançar a chave.

Duas vezes rangeu a fechadura e duas vezes retrocedi, contendo a respiração e temendo, a cada momento, que Varim entrasse naquele aposento na porta do vestíbulo.

Finalmente rodei a chave e tive os passos livres até o corredor, então na mais completa escuridão, porque as grossas cortinas não deixavam passar raio de luz.

Meu coração batia como uma máquina, em virtude da agitação do dia e da tensão das últimas horas. Pra amedrontar qualquer um bastava a idéia de que, quando eu menos pensasse, algum inimigo invisível me descarregaria um golpe e quiçá me mataria.

Eu não podia crer que Varim não me vira chegar nem me sentisse entrar. Era mais que provável que me estivesse espreitando.

Confesso que titubeei um instante e que tive de fazer violento esforço de vontade pra avançar. No avanço tropecei numa cadeira e não pude reprimir um grito, tal era meu estado nervoso.

Em seguida soou um ruído fora. Fora ouvido! Empunhei firmemente o revólver. O primeiro disparo seria meu.

O ruído continuou mas não se aproximava. Era um barulho surdo, que subia e baixava de tom, e cuja natureza eu não podia explicar.

Aguardei uns minutos, procurei, a apalpadela, a porta e a abri com facilidade. Ao abrir aumentou a intensidade do barulho.

Procedia do andar de cima, da alcova de Hargreaves, cuja porta estava aberta. Parecia que estavam tocando um tambor de som muito surdo ou um gongo de madeira. Ao abrir a porta escutei também o sotaque duma voz que entoava um canto monótono.

Em cima se via uma luz débil e enquanto eu permanecia parado, olhando, a claridade aumentou e a voz adquiriu mais volume.

A luz foi ficando vermelha, cada vez mais vermelha. A voz mais sonora. Os golpes do tambor mais vivos, que repente cessaram e a voz entoou um cântico de triunfo. Mas alto se destacou um grito penetrante, de terrível angústia.

Era a voz de Hargreaves. Mas quão alterada, meu-deus!

O grito se repetiu segunda e terceira vez. Antes que se extinguisse me lancei escada acima.

Um segundo depois tropecei e meus pés ficavam presos como se estivessem tolhidos numa armadilha. Caí redondamente no chão e o revólver escapou da mão.

Os gritos cessaram. Voltei a ouvir o bárbaro cântico, a voz se aproximando e Varim apareceu no umbral da porta, nu, com apenas um pano rodeando as cadeiras, exibindo a

epiderme borrada e cheia de tatuagem, e com os olhos brilhando como os duma fera.

Banhado pela luz intensamente vermelha, permanecia na porta como um demônio na boca do Inferno.

Depois, sem deixar de entoar seu cântico demoníaco, desceu a escada na direção onde eu estava, sem algo poder fazer, preso por uma armadilha e paralisado pelo pavor.

Ao chegar a mim, me tomou nos braços, com férrea pressão, e me arrancou da armadilha.

Durante alguns segundos, que pareceram uma eternidade, me teve no alto, sobre sua cabeça, e, lançando um uivo de triunfo, me atirou ao solo, onde fiquei sem sentido.

Me equivoicara ao supor que as declarações de Varim satisfizeram o inspetor, que telegrafara ao médico do navio, pra comprovar o que dissera o gigante. E quando, na manhã seguinte, chegou a resposta, dizendo que Varim prometera chamar o médico de Hargreaves quando chegassem a Londres, o policial se encaminhou à praça de Russel e forçou a porta da casa, me encontrando ainda inconsciente no piso do vestíbulo.

Graças a isso me livreí de presenciar o horrível espetáculo que os agentes viram no soalho de cima! Os detalhes daquele sacrifício humano a um deus do inferno são tão espantosos que seu relato não poderia agradar.

No solo, junto à vítima, havia uma faca e um ídolo empapado de sangue, que parecia rir, com horrível careta, do lúgubre crime. Não se encontrou rastro de Varim nem se tornou a ter notícia.

Sua desapareção de Londres foi tão estranha quanto sua descoberta nas matas do Orenoco.

Sem dúvida continuará adorando o Diabo e talvez se esteja nalgum rincão do mundo, estendendo as redes a fim de apanhar outra vítima pra sacrificar a suas espantosas crenças!

Os ratos nas paredes

H. P. Lovecraft

Tradução de Alfredo Ferreira

Em 16 de julho de 1923 me mudei ao priorado de Exã, depois do último operário terminar o serviço. A restauração fora uma empreitada monumental, porque do edifício abandonado restava pouco mais que uma ruína em formato de concha. Contudo, como fora o berço de meus antepassados, não deixei a despesa me deter. O local não fora habitado desde o reinado de Jaime I, quando uma tragédia de natureza hedionda, se bem que nunca devidamente explicada, fizera desaparecer o dono, cinco filhos e diversos criados e afastara sob uma nuvem de suspeita e horror o terceiro filho, meu ancestral em linha direta e único sobrevivente da odiada raça.

Com seu único herdeiro denunciado como assassino, a propriedade revertera à coroa, e o acusado não tentou se justificar pra reaver o bem. Abalado por um horror maior que o da consciência ou da lei e demonstrando apenas um desejo frenético de fazer desaparecer o velho edifício de sua vista e memória, Válder de la Poer, undécimo barão de Exã, fugira à Virgínia e ali fundara a família que no decorrer do século seguinte se tornara conhecida como Delapore.

O priorado de Exã ficara desabitado, embora mais tarde anexado à família Morres e muito estudado por causa da arquitetura peculiarmente compósita, que compreendia torres góticas repousando sobre uma estrutura saxônica ou romana, cujas fundações, ainda mais, eram duma ordem ou mistura de ordens mais antiga ainda, romana ou mesmo druida, ou cimbrio^[37] nativo, se as lendas falam a verdade. Essas fundações eram algo muito singular, estando encravadas num lado na sólida pedra calcária do precipício, de cuja borda o priorado dominava o desolado vale três milhas ao oeste da aldeia de Anchéster.

Arquitetos e antiquários gostavam de examinar aquela estranha relíquia de séculos passados mas a gente da região a odiava. A odiou centenas de anos antes, quando meus antepassados ainda viviam lá, e a odiavam agora, com o musgo e o bolor do abandono a recobrando. Ainda não fazia um dia que eu estava em Anchéster, e já sabia que era descendente duma casa maldita. E nesta semana operários fizeram voar ao ar o priorado de Exã, e estão ocupados em obliterar os traços das fundações. Eu sempre conhecera a simples árvore genealógica de meus antepassados e sabia que meu primeiro antecessor americano viera às colônias sob uma estranha nuvem. Quanto a detalhes, porém, sempre fora mantido na mais completa ignorância graças à política de reticência sempre adotada pelos Delapore. Ao contrário de nossos vizinhos plantadores, raramente nos vangloriávamos de antepassados entre os cruzados ou outros heróis medievais e da renascença. Nem me fora transmitida tradição, exceto o que pode ter sido mencionado dentro do envelope lacrado deixado antes da guerra civil por cada varão a seu filho mais velho, pra ser aberto pós-morte. As glórias que estremecíamos eram as logradas depois da migração. As glórias duma família honrada e altiva, embora talvez um pouco retraída e insociável, da Virgínia.

Durante a guerra nossas fortunas se extinguíram e toda nossa existência mudara, devido ao incêndio de Carfax, nossa propriedade nos bancos do rio Jaime. Meu avô, avançado em anos, morrera naquele incêndio criminoso, e consigo se perdera o envelope que nos ligava ao passado. Me lembro daquele incêndio ainda hoje como quando o vi, com a idade de sete anos, com os soldados federais dando viva, as mulheres gritando e os negros berrando e rezando. Meu pai estava no exército, defendendo Ricamundo, e depois de muitas formalidades minha mãe e eu fomos passados através das linhas pra nos reunirmos a ele.

Quando a guerra terminou nos mudamos ao norte, donde minha mãe viera. Fiquei adulto, depois homem maduro e ultimamente rico, como um legítimo ianque. Nunca meu pai nem eu chegamos a saber o que continha o envelope hereditário, e quando mergulhei na monotonia da vida comercial de Massachustes, perdi todo o interesse pelos mistérios que evidentemente se ocultavam muito longe no passado de minha árvore genealógica. Se suspeitasse a natureza de tais mistérios, quão alegremente deixaria o priorado de Exã entregue ao musgo, morcegos e teias de aranha!

Meu pai morreu em 1904, mas sem mensagem pra me deixar, nem pra meu único filho, Alfredo, órfão de mãe com dez anos. Foi esse rapaz quem reatou o fio da história da família porque, embora eu lhe pudesse apenas fornecer algumas conjeturas jocosas sobre o passado, escreveu a mim a respeito dalgumas lendas ancestrais muito interessantes, quando a última guerra o levou em 1917 à Inglaterra como oficial aviador. Aparentemente os Delapore tinham uma história bastante colorida e talvez sinistra, porque um amigo de meu filho, capitão Edward Morrys, do corporação real de aviação, habitava perto da residência da família em Anchéster e lhe contara algumas superstições locais que poucos romancistas poderiam igualar em selvageria e incredibilidade. Morrys, naturalmente, não as levava a sério mas divertiam meu filho e lhe davam vasto material pràs cartas que me escrevia. Foram essas lendas que me chamaram definitivamente a atenção a minha herança transatlântica e me fizeram comprar e restaurar o solar da família que Morrys mostrara a Alfredo em seu pitoresco abandono, e se oferecera pra o conseguir pra ele por uma quantia surpreendentemente razoável, visto que seu tio era o atual proprietário.

Comprei o priorado de Exã em 1918 mas fui quase imediatamente distraído de meus planos de restauração pela volta de meu filho como inválido mutilado. Durante os dois anos que viveu nada pensei além de tratar de si, tendo mesmo entregue meu negócio à direção de sócio.

Em 1921 eu era um industrial aposentado, sozinho e sem fito certo na vida. Resolvi dedicar os anos que me restavam a minhas novas propriedades. Visitando Anchéster em dezembro, fui procurado por capitão Morrys, que se lembrava muito de meu filho, e prometeu auxílio em obter plantas e anedotas pra servirem de base à projetada restauração. Vi sem, emoção, o priorado de Exã, que era naquela época um amontoado de oscilantes ruínas medievais cobertas de líquen e cheias de ninho de gralha, empoleiradas perigosamente sobre um precipício e despidas de assoalhos ou outros pertences internos além das paredes de pedra das torres.

À medida que ia reconstituindo gradualmente a imagem do edifício conforme fora quando meus antepassados o deixaram, havia mais de três séculos, comecei a contratar trabalhadores prà reconstrução. De cada vez que fui obrigado a me dirigir às localidades do arredor, porque os aldeãos de Anchéster tinham um medo quase inacreditável e aversão

ao lugar. Esse sentimento era tão grande que se comunicava às vezes aos trabalhadores de fora, ocasionando numerosas deserções. Ao mesmo tempo parecia atingir tanto o priorado quanto a antiga família.

Meu filho me dissera que o evitavam um pouco durante suas visitas porque era um de la Poer, e de repente me achei relegado de todos por motivos semelhantes, até que convenci os aldeãos do pouco que sabia de minha herança. Mesmo então teimosamente antipatizavam comigo, de maneira que tive de obter a maioria das tradições da aldeia por intermédio de Morrys. O que aquela gente não me podia perdoar, talvez, era o ter eu vindo restaurar um símbolo tão odiado por eles. Porque, racionalmente ou não, consideravam o priorado de Exã nada menos que um covil de demônios e lobisomens.

Ajustando umas com as outras as histórias que Morrys me contava, e acrescentando as informações de diversos sábios que estudaram as ruínas, deduzi que o priorado de Exã se erguia no sítio onde existira um templo pré-histórico. Uma coisa druida ou antedruida que fora contemporânea da idade da pedra. Que ritos indescritíveis foram celebrados ali poucos duvidavam, e havia histórias desagradáveis sobre a transformação desses ritos no culto a Cibele, que os romanos introduziram.

Inscrições ainda visíveis nos subterrâneos do subsolo mostravam algumas letras inconfundíveis, tais como DIV... OPS... MAGNA. MAT..., sinal da *magna mater*, cujo negro culto fora uma vez inutilmente proibido aos cidadãos romanos. Anchéster servira de acampamento à terceira legião de Augusto, como muitos remanescentes o atestam, e se dizia que o templo de Cibele era esplêndido e estava sempre apinhado de fiéis que se entregavam a cerimônias inomináveis sob as ordens dum sacerdote frígio. As fábulas acrescentavam que a queda da velha religião não interrompera as orgias no templo e que os sacerdotes continuaram a viver ali mesmo após o advento da nova fé, com muito pequena diferença. Igualmente se dizia que os ritos não terminaram com o poderio romano e que alguns saxões edificaram sobre o que restava do templo e dado ao edifício as linhas essenciais subsequentelemente preservadas, o tornando o centro dum culto que fora temido durante várias gerações. Cerca do ano 1000 o lugar foi mencionado numa crônica como um grande priorado de pedra no qual se abrigava estranha e poderosa ordem monástica, e cercado de extensos jardins que não necessitavam de muro pra manter afastada uma população assustada. Nunca fora destruído pelos dinamarqueses, embora depois da conquista dos normandos deva ter declinado enormemente, visto que não houve impedimento quando Henrique III doou as terras a meu antepassado Gilberto de la Poer, primeiro barão de Exã, em 1621.

De minha família antes dessa época não há notícia, mas algo estranho deve ter acontecido ulteriormente. Uma crônica se refere a um de la Poer como *amaldiçoado de Deus* em 1307, enquanto a tradição da aldeia menciona apenas um terror pânico espalhado no castelo, que se ergueu sobre as ruínas do velho templo e do priorado. As histórias ao canto da lareira eram medonhas, ainda mais fantásticas devido à assustada reserva que as cercava e a uma ambigüidade desconcertante. Apresentavam meus antepassados como uma raça de demônios hereditários ao lado dos quais Gilles de Retz e o marquês de Sade teriam parecido verdadeiros novatos, e insinuavam à boca pequena que eram responsáveis pelo desaparecimento de aldeãos durante várias gerações.

Os piores membros, aparentemente, eram os barões e seus herdeiros diretos. Ao menos

muito se murmurava a respeito deles. Quando demonstrava melhor inclinação, se dizia, o herdeiro morria cedo pra dar lugar a um rebento mais típico. Parecia haver um culto íntimo, na família, presidido pelo chefe da casa, e algumas vezes vedado, exceto a alguns membros. A base do culto era, evidentemente, mais o temperamento do que a ancestralidade, porque fora aceito e praticado por vários membros de fora que se casaram na família. Dona Margarete Trevor, da Cornualha, esposa de Godofredo, filho segundo do quinto barão, se tornara o bicho-papão favorito de todas as crianças do arredor, e a heroína demoníaca duma velha balada ainda não desaparecida na fronteira galesa. Conservada através de baladas, também, se bem que não exemplifique o mesmo ponto, ficou a história de dona Maria de la Poer, que pouco depois de seu casamento com o conde de Shrewsfield foi morta por ele e pela mãe dele, tendo ambos os assassinos sido absolvidos e abençoados pelo padre a quem confessaram o que não ousaram revelar ao mundo.

Esses mitos e baladas, sendo típicos duma superstição absurda, me desagradavam muito. Sua persistência e aplicação a uma linha tão grande de meus antepassados eram especialmente fastidiosas, tanto mais que a imputação de hábitos monstruosos podia se relacionar de maneira pouco agradável a um escândalo recente dum parente imediato, o caso de meu primo, o jovem Randolph Delapore, de Carfax, que se metera no meio dos negros e se tornara um sacerdote vudu depois de voltar da guerra do México.

Me senti muito menos perturbado com as vagas histórias de lamento e uivo escutados no estéril vale varrido pelo vento, que ficava sob o despenhadeiro de pedra calcária, de cheiro de cemitério depois das chuvas da primavera, da coisa branca, ondeante e gemebunda com a qual o cavalo de sir João Clave se assustara numa noite num campo deserto e do criado que ficara louco com o que vira no priorado em plena luz do dia. Essas coisas eram histórias banais de assombração, e nesse tempo eu era um cético convicto. As referências a camponeses desaparecidos eram menos pra desprezar, se bem que pouco significativas em vista dos costumes medievais. Curiosidades indiscretas significavam a morte, e mais duma cabeça decepada fora publicamente exibida nos bastiões, agora desaparecidos, em volta do priorado de Exã.

Algumas das histórias eram especialmente pitorescas e me faziam desejar ter aprendido um pouco mais de mitologia comparada em minha mocidade. Havia, por exemplo, a crença de que uma legião de demônios com asas de morcego celebravam reuniões de bruxaria todas as noites no priorado, legião cuja subsistência poderia ser explicada pela enorme abundância de vegetais bravos plantados nos vastos jardins. E, mais vívido de todos, havia o dramático episódio épico dos ratos, o exército de obscena vermina em debandada, que se precipitara a fora do castelo três meses depois da tragédia que o condenara ao abandono, o magro, pestilento e voraz exército que varrerá tudo na frente e devorara caça, gatos, cachorros, porcos, carneiros e até dois desgraçados seres humanos antes que a sua fúria se apaziguasse. Em torno desse inesquecível exército roedor gira um ciclo separado de mitos, porque se espalhou entre as casas da aldeia e trouxe maldição e horror em seu séquito.

Tais eram as lendas que chegavam a meu conhecimento enquanto eu, com teimosia de velho, levava adiante a restauração de meu lar ancestral. Não se deve imaginar que essas histórias fossem meu principal ambiente psicológico. Por outro lado eu era constantemente louvado e animado por capitão Morriss e os antiquários que me cercavam

e ajudavam.

Quando o serviço ficou pronto, mais de dois anos depois de iniciado, examinei os grandes salões, as paredes apaineladas, os tetos abobadados, as janelas ogivais e as vastas escadarias, cum orgulho que largamente me recompensava da enorme despesa feita com a restauração.

Cada atributo da idade média fora cuidadosamente reproduzido, e as partes novas se ligavam perfeitamente às paredes originais e fundações. O solar de meus ancestrais estava reerguido e eu tencionava redimir ao menos a fama local da linhagem que terminava em mim. Residiria ali permanentemente e provaria que um de la Poer (porque eu adotara de novo a grafia original do nome) não devia ser olhado como um demônio. Meu talvez conforto fosse aumentado pelo fato de que, embora o priorado de Exã fosse uma reprodução da era medieval, seu interior era, na realidade, inteiramente novo e livre da velha vermina assim como dos velhos fantasmas.

Como disse, me mudei em 16 de julho de 1923. Meu pessoal doméstico se compunha de sete criados e nove gatos que eu gostava particularmente. Meu gato mais velho, Nigger-Man, tinha sete anos e viera comigo de minha casa de Bólton, Massachustes. Os outros eu fora adotando enquanto morava com a família de capitão Morrrys durante a restauração do priorado.

Durante cinco dias nossa rotina se processou com a maior placidez, sendo meu tempo mormente empregado na codificação de velhos dados de família. Acabara obtendo algumas narrações muito, detalhadas da tragédia final e da fuga de Válter de la Poer, as quais calculei que constituiriam o conteúdo provável dos papéis hereditários destruídos no incêndio de Carfax. Se verificava que meu antepassado fora acusado, com sobeja razão, de ter assassinado os outros membros da família, exceto quatro criados seus cúmplices, durante o sono, cerca de duas semanas depois duma chocante descoberta que transformara completamente seu procedimento mas que, exceto por indução, ele não revelara, salvo, talvez, os criados que o ajudaram e depois fugiram e desapareceram.

Aquela deliberada carnificina, que incluía pai, três irmãos e duas irmãs, fora largamente perdoada pelos aldeãos, e tão benignamente encarada pela justiça que seu perpetrador se ausentara com honra, sem sofrer e sem disfarce, à Virgínia. Sendo a impressão geral que purgara a terra duma maldição imemorial. Que descoberta motivara um ato tão terrível é o que eu dificilmente podia conjecturar. Válter de la Poer devia ter conhecimento, havia anos, das sinistras histórias que corriam sobre sua família, de maneira que esse material não poderia o impulsionar. Então fora testemunha dalgum assombroso rito ou tropeçara nalgum espantoso símbolo revelador no priorado ou no arredor? Constava que fora um moço tímido e bondoso na Inglaterra. Na Virgínia parecia mais assombrado e apreensivo que mau ou azedo. Francis Harley of Bellview, outro cavalheiro aventureiro, fala dele em suas memórias como sendo um homem de justiça sem exemplo, de honra e urbanidade.

Em 22 de julho ocorreu o primeiro incidente que, embora considerado ligeiramente no momento, tomou significação sobrenatural com relação a acontecimentos mais recentes. Foi uma coisa tão simples que quase passaria despercebida, e possivelmente não seria notada, porque se deve ter em mente que eu estava num edifício praticamente recente e novo, exceto as paredes, e cercado por uma criadagem bem equilibrada. Portanto toda

apreensão seria absurda, mesmo a despeito do local.

O que agora me lembro é simplesmente que meu velho gato preto, cujo temperamento conheço tão bem, andava irritado e irrequieto, de maneira que se afastava de seu feitio habitual. Vagueava de sala a sala, desassossegado e ansioso, e farejava constantemente junto das paredes que faziam parte da estrutura gótica. Compreendo como isso deve parecer trivial, como o inevitável cachorro das histórias de almas do outro mundo, que sempre rosna antes que o dono veja a figura fantasmagórica, contudo não posso suprimir o fato.

No dia seguinte um criado se queixou de inquietação entre todos os gatos da casa. Me procurou em meu estúdio, um salão do segundo andar, com arcos ogivais, paredes apaineladas de carvalho preto e tríplice janela gótica dominando o desfiladeiro de pedra calcária e o desolado vale. E mesmo enquanto o ouvia eu podia ver o vulto de Nigger-Man se arrastando ao longo da parede ocidental e arranhando os painéis novos que recobriam a antiga pedra.

Disse ao homem que devia ser algum cheiro ou emanção singular da velha alvenaria, imperceptível aos sentidos humanos, apenas afetando os órgãos delicados dos gatos, mesmo através da madeira nova. Isso era o que eu realmente acreditava, e quando o camarada sugeriu a presença de camundongos ou ratos, fiz notar que não houvera rato ali durante trezentos anos, e que até os ratos-do-campo das terras circunvizinhas dificilmente poderiam ser encontrados naquela altura, onde nunca constara que aparecessem. Nessa tarde fui visitar capitão Morriss, que me garantiu que seria incrível que os ratos-do-campo infestassem o priorado de maneira tão inesperada e sem precedente.

Naquela noite, dispensando, como de costume, o camareiro, me recolhi ao quarto da torre ocidental que escolhera pra mim, ao qual se chegava através do estúdio, e numa escada de pedra e uma curta galeria, a primeira parcialmente antiga, a segunda inteiramente restaurada. Esse quarto era circular, muito alto e sem revestimento de madeira, sendo forrado com pano de arrás, que eu próprio escolhera em Londres.

Vendo que Nigger-Man estava comigo, fechei a pesada porta gótica e me despi à luz das lâmpadas elétricas que tão inteligentemente imitavam vela, finalmente apagando as luzes e mergulhando no vasto leito lavrado e com dossel, tendo o venerável gato no lugar costumeiro junto a meus pés. Não corri as cortinas e olhava a fora na janela do lado norte, que tinha em minha frente. Havia um prenúncio de aurora no céu, e os delicados rendilhados da janela se recortavam graciosamente sobre o fundo claro.

A certa altura devo ter adormecido calmamente, porque tenho a vaga sensação de ter emergido de estranhos sonhos quando o gato saiu violentamente da plácida posição. O vi, à frouxa claridade da aurora, com a cabeça esticada a diante, as patas da frente pousadas em meus tornozelos e as traseiras esticadas a trás. Estava olhando intensamente a um ponto da parede um pouco à esquerda da janela, um ponto que a meus olhos nada tinha de especial mas sobre o qual toda minha atenção estava agora concentrada.

Observando, verifiquei que Nigger-Man não se excitara em vão. Se o pano de arrás realmente se moveu, não posso dizer. Acho que sim, muito de leve. Mas o que posso jurar é que atrás dele ouvi um chiado baixo e distinto, como de rato ou camundongo. No mesmo instante o gato pulou agilmente sobre a tapeçaria, arrastando a parte suspeita ao chão com

seu peso e deixando exposta a velha, e úmida parede de pedra, remendada aqui e ali pelos restauradores e na qual não se via sinal dos ladrões roedores.

Nigger-Man ficou andando dum lado a outro junto àquele pedaço de parede, arranhando o pedaço caído do pano de arrás e aparentemente tentando às vezes meter a pata entre a parede e o soalho de carvalho. Nada achou, e depois dalgum tempo voltou cansadamente ao lugar, nos pés da cama. Não me mexi mas não dormi o resto da noite.

Na manhã interoguei todos os criados, e verifiquei que nenhum notara algo anormal, exceto a cozinheira, que se lembrava do procedimento dum gato, que ficara no peitoril da janela de seu quarto. Esse gato miara a uma hora indeterminada da noite, acordando a cozinheira a tempo de o ver se precipitar resolutamente na porta aberta e descer a escada. Cochilei um pouco depois do almoço, e na tarde procurei de novo capitão Morrys, que ficou muito interessado no que contei. Os singulares incidentes, tão sem importância e no entanto tão curiosos, despertavam seu senso do pitoresco e provocaram uma série de reminiscência de credice local sobre fantasma. Ambos estávamos sinceramente perplexos com a presença de rato e Morrys me emprestou algumas ratoeiras e um pouco de trigo roxo, que mandei os criados espalhar em lugares estratégicos quando voltei.

Me recolhi cedo porque estava com muito sono mas fui perturbado pelos mais horríveis sonhos. Parecia que estava olhando de imensa altura a dentro duma gruta escura, cheia de imundície até a altura dos joelhos, e no qual um homem de barba branca, em traje de porqueiro, pastoreava seu rebanho de animal flácido e esponjoso cujo aspecto me enchia de invencível asco. Depois, quando o homem parou, acenando com a cabeça, um formidável enxame de rato começou a cair no imundo abismo, e se atirou a devorar os animais e o homem ao mesmo tempo.

Fui bruscamente despertado daquela terrífica visão pelos movimentos de Nigger-Man, que estivera dormindo, como de costume, atravessado em meus pés. Nessa vez não tive de indagar o motivo das rosnadas e bufos, e do medo que o fazia cravar as unhas em meus tornozelos, inconsciente de minha dor. Porque em toda a volta do quarto as paredes ressoavam com o nauseante som, o chiado nojento de enormes ratos enfurecidos. Não havia claridade da aurora pra deixar ver os panos de arrás, mas eu não estava tão assustado a ponto de não poder acender a luz.

Quando as lâmpadas brilharam vi toda a tapeçaria se agitando horrivelmente, fazendo com que os desenhos um tanto originais executassem uma singular dança da morte. Aquele movimento desapareceu quase logo, e o som também. Pulando da cama, tentei a parede com o cabo comprido dum esquentador que estava perto, e afastei um pano da tapeçaria, pra ver o que havia atrás. Nada vi além da parede de pedra, e até o gato perdera aquele aspecto tenso que denunciava a presença de coisas anormais. Quando examinei a ratoeira circular colocada no quarto, encontrei todas as aberturas desarmadas, se bem que não restasse indício de que algum fora apanhado e fugira.

Continuar dormindo era impossível, e assim, acendendo uma vela, abri a porta e saí à galeria, em direção à escada, pra descer a meu estúdio, com Nigger-Man seguindo em meus calcanhares. Antes de atingirmos os degraus de pedra, no entanto, o gato se precipitou em minha frente e desapareceu escada abaixo. Desci atrás e subitamente percebi, no grande salão embaixo, ruídos de natureza inconfundível.

As paredes apaineladas de carvalhos estava cheias de rato, chiando e roendo, enquanto Nigger-Man corria dum lado a outro com a fúria dum caçador mal sucedido. Me dirigindo ao interruptor, acendi as luzes, que nessa vez não fizeram cessar o ruído. Os ratos continuaram o motim, se precipitando com tal força e clareza que pude finalmente determinar uma direção definitiva a seus movimentos. Aquelas criaturas, em número aparentemente inesgotável, estavam empenhadas numa estupenda migração de inconcebível altura a profundidade incomensurável.

Naquele momento ouvi passos no corredor e logo depois dois criados abriram a pesada porta maciça. Estavam percorrendo a casa pra descobrir o quê levara todos os gatos a um pânico assanhado e os fizera se precipitar em vários lances de escada abaixo até se deterem, miando, diante da porta fechada do subsolo. Perguntei se ouviram os ratos mas responderam negativamente. E quando lhes chamaria a atenção aos ruídos nos painéis, verifiquei que o barulho cessara.

Com os dois homens, desci à porta do subsolo, mas os gatos já se dispersaram. Mais tarde decidi explorar a cripta inferior, mas no momento fui apenas inspecionar as ratoeiras. Todas estavam desarmadas, embora vazias. Me convencendo de que ninguém ouvira os ratos, exceto os felinos e eu, me sentei em meu estúdio até a manhã, pensando profundamente e recordando todos os fragmentos de lendas que conseguira desenterrar, referentes ao edifício que eu estava habitando.

Dormi um pouco nas primeiras horas da tarde, recostado numa confortável cadeira da biblioteca que meu plano medieval de mobília não conseguira abolir. Mais tarde telefonei a capitão Morrys, que veio e me ajudou a explorar o subsolo.

Não encontramos algo desagradável, se bem que não pudéssemos reprimir um estremecimento ao nos lembrarmos que aquelas abóbadas foram construídas pelas mãos dos romanos. Todos aqueles arcos baixos e pilares maciços eram romanos, não o romanesco desfigurado dos saxões mas o severo e harmonioso classicismo da era dos césaes. De fato, nas paredes abundavam inscrições familiares aos antiquários que repetidamente exploraram o local, tais como P. GETAE. PROP... TEMP... DONA ... e L. PRAEC... VS PON T IFI ... ATYS... A referência a Átis me fez estremecer, porque eu lera Catulo e sabia algo sobre os horríveis ritos do deus oriental, cujo culto estava tão misturado ao de Cibele. Morrys e eu, à luz duma lanterna, tentamos decifrar os desenhos singulares e meio apagados de certos blocos de pedra irregularmente retangulares, geralmente considerados altares, mas nada conseguimos. Nos lembrávamos de que um, uma espécie de sol irradiando raio, fora considerado, pelos estudiosos, pertencendo a uma origem não romana, sugerindo que aqueles altares foram meramente aproveitados pelos sacerdotes romanos doutros templos mais antigos e talvez aborígenes que existiram no mesmo local. Num dos blocos havia manchas castanhas que me fizeram pensar. O maior, no meio do aposento, tinha uma configuração na face superior, que indicava algo relacionado ao fogo, provavelmente oferta de incenso.

Tais eram as perspectivas naquela cripta diante de cuja porta os gatos miavam, e onde Morrys e eu resolvemos passar a noite. Mandamos os criados trazerem enxerga, a quem dissemos pra não se importar com demonstrações noturnas dos gatos, e Nigger-Man foi admitido, tanto pra auxiliar quanto pra nos fazer companhia. Resolvemos conservar a grande porta de carvalho, uma reprodução moderna, com fenda pra arejamento,

hermeticamente fechada. Feito isso, nos recolhemos com as lanternas ainda acesas, pra esperar o que pudesse acontecer.

A abóbada ficava muito funda nos alicerces do priorado e, indubitavelmente, muito abaixo da superfície do escarpado precipício de pedra calcária que dominava o vale deserto. Que ela fora a meta dos ratos brigões e inexplicáveis eu não tinha dúvida, embora não pudesse dizer o motivo. Enquanto estava deitado, esperando, tive a vigília ocasionalmente interrompida por sonhos imprecisos, dos quais os movimentos inquietos do gato deitado a meus pés me despertavam.

Aqueles sonhos não eram agradáveis e sim horivelmente semelhantes ao que eu tivera na noite anterior. Via de novo a obscura gruta e o porqueiro com os indescritíveis animais esponjosos, fossando na imundície, e olhando aquelas coisas, que me pareciam mais próximas e distintas, tão distintas que eu podia quase observar a feição. Então observei a feição abatida dum deles, e acordei com tal grito que capitão Morrys, que não dormira, riu muito. Talvez risse mais, ou menos, se soubesse o que me fizera gritar. Mas só me lembrei mais tarde. Um horror extremo paralisa às vezes a memória, de grata maneira.

Morrys me acordou quando o fenômeno começava. No meio do mesmo sonho aterrador fui despertado por ele me abanando de leve e me concitando a escutar os gatos. De fato, havia muito a escutar, porque além da porta fechada ao topo dos degraus de pedra, se elevava verdadeiro pandemônio de felinos miando e arranhando, enquanto Nigger-Man, sem se importar com seus semelhantes lá fora, corria excitadamente em volta das paredes de pedra lisa, nas quais eu ouvia a mesma babel de ratos correndo que me perturbara na noite anterior.

Então um terror agudo despertou em mim, porque aquilo era anomalia que nada normal podia explicar. Aqueles ratos, se não eram o fruto duma loucura que eu compartilhava com os gatos, deviam estar perfurando e deslizando dentro de paredes romanas que eu julgara serem de blocos de sólida pedra calcária. A menos, talvez, que a ação da água durante mais de 17 séculos perfurasse túneis sinuosos que os roedores alargaram e ampliaram. Mesmo assim o horror spectral não era menor, pois se eram animais vivos, como Morrys não os ouvia? Por que me dizia pra observar Nigger-Man e escutar os gatos lá fora, e por que tentava descobrir vagamente o que os pôde despertar?

Quando consegui dizer, tão racionalmente quanto pude, o que julgava estar escutando, meus ouvidos receberam a última impressão da debandada dos ratos que se afastavam, sempre mais a baixo, muito além da cripta mais profunda, até parecer que toda a rocha embaixo estava crivada de ratos em fuga. Morrys não se mostrou tão cético quanto eu esperava. Ao contrário, pareceu profundamente impressionado. Me fez notar que o clamor dos gatos à porta cessara como se dessem os ratos por perdidos. Enquanto Nigger-Man tinha um ataque de renovada inquietação, e estava arranhando freneticamente a superfície do grande altar de pedra no meio do aposento, a qual ficava mais perto do enxergão de Morrys que do meu.

Meu medo do desconhecido foi enorme. Algo assombroso acontecera e eu via que capitão Morrys, um homem mais moço, mais forte, e presumivelmente mais materialista, estava tão impressionado quanto eu, talvez por causa de sua permanente e íntima familiaridade com as lendas locais. No momento só podíamos observar o velho gato preto

enquanto arranhava com decrescente fervor a base do altar, olhando ocasionalmente a mim e miando como costumava fazer quando queria que eu fizesse algo.

Enfim Morrys pegou uma lanterna, a pousou perto do altar e examinou o lugar onde Nigger-Man estava arranhando, se ajoelhando silenciosamente e raspando o líquen de séculos que uniam o maciço bloco pré-romano ao pavimento lajeado. Nada encontrou e estava a ponto de desistir, quando notei uma circunstância trivial que me fez estremecer, embora nada indicasse além do que eu já imaginara.

Falei sobre minha descoberta e ambos olhamos sua manifestação quase imperceptível com uma fixidez fascinada. Era apenas isso, a chama da lanterna, pousada no chão perto do altar, se inclinava de leve porém claramente pelo efeito duma corrente de ar que não incidia sobre ela antes e que indubitavelmente vinha da fenda entre o altar e o pavimento e da qual Morrys estava raspando o líquen.

Passamos o resto da noite no estúdio brilhantemente iluminado, discutindo nervosamente o que devíamos fazer em seguida. A descoberta duma cripta mais profunda que a mais profunda alvenaria romana conhecida, e que jazia sob aquele edifício amaldiçoado, alguma abóbada cuja existência os antiquários de três séculos não suspeitaram, seria suficiente pra nos excitar, mesmo sem fundo sinistro. Em nossa circunstância a fascinação era dupla ficamos na dúvida se desistiríamos de nossa pesquisa e abandonaríamos o priorado a sempre por uma prudência supersticiosa, ou se seguiríamos nosso impulso de aventura e enfrentaríamos todos os horrores que pudessem nos esperar naquela profundidade desconhecida.

Na manhã nos decidíamos e resolvêramos ir a Londres reunir um grupo de arqueólogos e cientistas capazes de desvendar o mistério. Devo mencionar que antes de abandonarmos o subsolo tentáramos, em vão, remover o altar central que sabíamos ser a porta de novo poço de inominável terror. Homens mais inteligentes que nós descobririam o segredo que abria aquela porta.

Durante vários dias, em Londres, capitão Morrys e eu apresentamos os fatos, conjecturas, e lendas, a cinco eminentes autoridades, todos homens que se podia ter a certeza que respeitariam segredos de família possivelmente revelados pela exploração que empreenderíamos. Encontramos a maioria pouco inclinada a zombar, e, ao contrário, muito interessada e sinceramente simpática. Não é necessário os nomear mas posso mencionar que entre eles estava sir Guilherme Brinton, cuja escavação no Troad interessou ao mundo inteiro em sua época. Quando todos tomamos o trem a Anchéster, me senti à beira de revelações assombrosas, e essa sensação parecia simbolizada pelo luto de muitos ianques à notícia inesperada da morte do presidente, no outro lado do mundo.

Na tarde de 7 de agosto chegamos ao priorado de Exã, onde os criados me asseguraram que nada de anormal acontecera. Os gatos, até o velho Nigger-Man, estiveram perfeitamente calmos. Nenhuma ratoeira se desarmara em toda a casa. Devíamos começar a exploração no dia seguinte, e até lá indiquei os quartos destinados aos hóspedes.

Fui dormir em meu quarto da torre, com Nigger-Man a meus pés. O sono veio rapidamente mas tive sonhos horrorosos. Houve uma visão duma festa romana, como a de Trimálquio, cuma coisa horrenda numa travessa coberta. Depois veio a maldita coisa periódica, o porquero e sua imundície mergulhados na gruta escura. No entanto quando

acordei era dia claro e havia sons normais na casa em baixo. Os ratos, vivos ou fantásticos, não me perturbaram e Nigger-Man estava ainda calmamente adormecido. Ao descer, soube que a mesma tranqüilidade reinara na casa toda, coisa que um dos sábios convidados, um camarada chamado Thornton, dedicado à física, atribuiu absurdamente ao fato de que já vira o que certas forças quisessem mostrar a mim.

Tudo estava pronto e às 11h nosso grupo, composto de sete homens levando poderosas lanternas elétricas e apetrechos pra escavação, desceu ao subsolo, e a porta foi aferrolhada por dentro. Nigger-Man estava conosco, porque os pesquisadores não viam razão pra desprezar sua irritabilidade, e desejavam que ele estivesse presente no caso de haver alguma obscura manifestação de roedor. Observamos as inscrições romanas e os desenhos desconhecidos dos altares apenas por alto, porque três dos sábios já os viram, e todos sabiam as características. Nossa atenção se concentrou no monumental altar do centro, e dentro duma hora sir Guilherme Brinton o fizera girar a trás, balanceado por algum contrapeso invisível.

Então surgiu um espetáculo horroroso, que nos desorientaria se não estivéssemos preparados. Além duma abertura quase quadrada no pavimento lajeado, espalhada sobre um lance de degraus de pedras tão prodigiosamente gastos que no centro formavam pouco mais que um plano inclinado, havia uma profusão de ossos humanos ou semi-humanos. Os que ainda conservavam a forma de esqueletos mostravam atitudes de pavor pânico, e em todos se viam marcas de serem roídos. As caveiras e crânios revelavam pertencer a idiotas, cretinos ou primitivos seres meio macacos.

Sobre os degraus recobertos por aqueles despojos horrendos se cavava uma passagem aparentemente cinzelada na sólida rocha, e na qual vinha uma corrente de ar. Essa corrente não era o bafo súbito e deletério escapado duma cripta fechada e sim uma leve brisa fresca. Não nos detivemos muito ali, e, estremecendo, começamos a abrir caminho nos degraus a baixo. Foi então que sir Guilherme, examinando as paredes cortadas na rocha, fez a estranha observação de que a galeria, de acordo com a direção dos entalhos, teria sido escavada *de baixo a cima*.

Agora devo ser muito explícito e escolher as palavras.

Depois de descermos alguns degraus entre os ossos roídos, vimos que havia luz adiante. Não uma fosforescência miasmática mas uma luz do dia coada, que só podia proceder de fendas desconhecidas na estrutura rochosa que dominava o vale deserto. Não era de admirar que tais fendas passassem despercebidas fora, porque não só o vate era absolutamente desabitado quanto o despenhadeiro tão alto e tão a pique que só um aeronauta poderia estudar a superfície com cuidado. Alguns passos mais, e ficamos literalmente sem respiração, ao contemplar o que tínhamos diante dos olhos. Tão literalmente que Thornton, o pesquisador físico, desmaiou nos braços do homem assombrado que estava atrás. Morrys, com o rosto gordo flácido e branco, soltou um grito inarticulado, enquanto eu, acho que o que fiz foi abrir a boca e tapar os olhos.

O homem que estava atrás de mim, o único do grupo que era mais velho que eu, resmungou o trivial *meu-deus!* com a voz mais trêmula que já ouvi. De sete homens cultos, só sir Guilherme Brinton manteve a postura, com maior honra ainda, por ser o que ia na frente e portanto ter sido o primeiro a divisar o espetáculo.

Era uma gruta de enorme altura, envolta em penumbra, tão profunda que as paredes se perdiam de vista. Um mundo subterrâneo de ilimitado mistério e horrível sugestão. Havia construção e outros restos arquitetônicos. Num relance de olho, s apavorado, vi formas desgastadas de túmulos, um círculo selvático de saxão e uma construção de madeira da Inglaterra primitiva. Mas tudo isso passava despercebido ante o fantástico espetáculo apresentado pela superfície geral do terreno. Vários metros em volta dos degraus se estendia um insano amontoado de ossos humanos, ou ossos ao menos tão humanos quanto os dos degraus. Como um mar encapelado, se espalhavam, uns completamente separados mas outros inteira ou parcialmente articulados em esqueletos, que, invariavelmente em postura de demoníaco frenesi, lutando contra alguma ameaça desconhecida ou segurando outras formas com intenções canibalescas.

Quando doutor Trash, o antropologista, começou a classificar os crânios, encontrou uma raça inferior que o desconcertou inteiramente. Eram muito inferiores ao homem-da-caverna na escala da evolução, mas em todos os casos positivamente humanos. Muitos eram de grau mais alto e alguns eram crânios de tipos sensivelmente mais desenvolvidos. Os ossos estavam roídos, em grande parte por ratos: Membros caídos do exército letal que encerrara a antiga tragédia.

Me admiro de como algum de nós sobreviveu e conservou o juízo depois daquele horrendo dia de descoberta. Não Hoffmann nem Huysmans^[38] poderiam conceber uma cena mais selvagemmente incrível, mais freneticamente repelente, ou mais goticamente grotesca que aquela gruta mergulhada em penumbra, através da qual nós sete avançamos vacilantes, cada qual tropeçando de revelação a revelação, e com o propósito de não pensar nos acontecimentos que desenrolariam naquele lugar há 300, 400, 1000 ou 10 mil anos. Era a antecâmara do Inferno, e o pobre Thornton desmaiou outra vez quando Trash disse que alguns daqueles esqueletos foram descendentes de quadrúpedes havia mais de vinte ou trinta gerações.

O horror se juntava ao horror quando começamos a interpretar as ruínas arquitetônicas. Os quadrúpedes, com seus ocasionais suplementos de bípedes, foram guardados em jaulas de pedra, das quais deviam ter escapulado no último delírio de fome ou de medo dos ratos. Houvera grandes rebanhos, evidentemente engordados com os vegetais bravos cujos restos se podiam ainda ver como uma espécie de resíduo pestilento no fundo de vastas celas de pedra mais velhas que Roma. Eu sabia agora por que meus antepassados possuíam tão vastos jardins. A finalidade dos rebanhos não era mais mistério pra mim.

Sir Guilherme, em pé com a lanterna elétrica na ruína romana, traduziu em voz alta o mais chocante ritual que jamais ouvi. E falou da dieta do culto antediluviano que os sacerdotes de Cibele encontraram e misturaram com o deles. Morrys, apesar de habituado às trincheiras, não podia andar direito quando saiu do edifício de construção inglesa. Era açougue e cozinha. Já esperava isso mas era demais ver utensílios familiares ingleses no meio daquilo e ler grafia familiar inglesa ali, alguns escritos datados de 1610. Não me atrevi a entrar naquele edifício cujas atividades demoníacas foram interrompidas apenas pela adaga de meu antepassado Válter de la Poer.

No que me atrevi a entrar foi na construção saxã cuja porta de carvalho caíra, e ali encontre uma terrível fila de dez celas de pedra com barras enferrujadas. Três tinham ocupante, todos esqueletos de evolução avançada, e no dedo ósseo dum encontrei um anel

de sinete com meu escudo de arma. Sir Guilherme descobriu uma cúpula com celas ainda muito mais antigas, sob a capela romana, mas estavam vazias. Sob elas havia uma cripta com caixões de ossos arrumados em ordem, alguns com terríveis inscrições gravadas em latim, grego e frígio.

Entretanto doutor Trash abriu um dos túmulos pré-históricos e tirara crânios que eram pouco mais humanos que o dum gorila e que exibiam indecifráveis gravações ideográficas. No meio de todo aquele horror meu gato passeava, imperturbável. Uma vez o vi monstruosamente trepado no alto duma pilha de ossos e tive vontade de conhecer os segredos que estariam escondidos atrás de seus olhos amarelos.

Tendo observado até certo ponto as espantosas revelações daquela área envolta em penumbra, tão horrendamente antevista em meu sonho intermitente e nos voltamos à profundidade aparentemente incomensurável da lôbrega caverna, onde nenhum raio de luz da ribanceira podia penetrar. Nunca saberemos que invisíveis mundos fantásticos jaziam além da pequena distância onde nos aventuramos, porque decidimos que aqueles segredos não eram próprios à humanidade. Mas víamos o bastante pra nos mantermos bem perto uns dos outros, porque não avançáramos muito quando a luz das lanternas elétricas nos mostrou aquela maldita infinidade de buracos nos quais os ratos se banquetearam e cuja súbita falta de reabastecimento levava a raivosa hoste de roedores primeiro a se lançar sobre os rebanhos de seres vivos enfraquecidos pela inanição e depois a se precipitarem a fora do priorado naquela histórica orgia de devastação que os aldeãos nunca esquecerão.

Meu-deus! Aqueles negros buracos putrefatos cheios de ossos roídos e crânios perfurados! Aqueles abismos de pesadelo, entupidos com ossos de pitecantropos, celtas, romanos e ingleses, de incontáveis séculos! Alguns estavam cheios, e ninguém saberia dizer a profundidade. Outros não revelavam ainda o fundo à luz de nossas lâmpadas elétricas e pareciam povoados por sombras hostis. O que fora feito, pensei, dos desgraçados ratos que se precipitaram naqueles buracos, no meio da escuridão daquele dédalo?

Uma vez meu pé escorregou perto dum daqueles abismos hiantes, e tive um momento de pavor indizível. Devo ter ficado suspenso durante algum tempo, porque não via alguém do grupo além do gordo capitão Morrys. Então veio um som daquela vastidão negra e sem fim, que julguei conhecer, e vi meu velho gato preto passar por mim como um deus egípcio alado, direto a dentro do ilimitado abismo do desconhecido. Mas também não demorei muito, porque dentro de mais um segundo não me restava dúvida. Era a cavalgada horripilante daqueles ratos fantasmas, sempre buscando novos horrores, e determinados a me arrastar ainda mais ao fundo daquelas tremendas cavernas do centro da Terra, onde Nyarlathotep, o louco deus sem rosto, uiva cegamente na escuridão, ao som das flautas de dois faunos idiotas.

Minha lâmpada elétrica se extinguiu mas continuei correndo. Ouvia voz, grito e ressonância, e acima de tudo se erguia aquele tropel implacável, insidioso, se erguendo pouco a pouco, como um cadáver rígido sobre um rio oleoso que corre sob pontes intermináveis de ônix a um mar negro e pútrido.

Algo pulou sobre mim, macio e mole. Devem ter sido os ratos, o exército viscoso, nauseante, que se banqueteia com mortos e vivos. Por que não comeriam os de la Poer,

como os de Poer comiam coisas proibidas? A guerra comeu meu rapaz, diabos levem a todos. E os yanks comeram Carfax com chamas e o grão-senhor Delapore e seu segredo. Não. Já disse que eu não sou aquele demônio pastor de porco na caverna crepuscular! Não era o rosto gordo de Edward Morrys naquela coisa balofa e asquerosa! Quem diz que sou um de la Poer? Estava vivo mas meu filho morreu! Pode um Morrys ficar na posse das terras dum de la Poer? É vudu! Aquela víbora malhada. Maldito sejas, Thornton. Te ensinarei a desmaiar com medo do que minha família fazia! Te sangrarei, miserável. Ensinarei o que é bom. Magna Mater! Magna Mater!... Átis... Dia ad aghaidh's aodaun... agus bas dunach ost! Dhonas' s dholas ost, agus leat-sal... Ungi... rrlh.. - chchch...

É o que dizem que eu dizia quando me encontraram na escuridão depois de três horas. Me encontraram encolhido no escuro sobre o corpo gordo meio devorado de capitão Morrys, com cochichos assustados sobre minhas proezas hereditárias. Agora fizeram voar ao ar o priorado de Exã, me tiraram Nígger-Man e me fecharam neste quarto gradeado, em Harnwell, com cochichos assustados sobre minhas proezas hereditárias. Thornton está no quarto contíguo mas me proíbem de falar consigo. Também tentam alterar muitos fatos ocorridos no priorado. Quando falo do pobre Morrys, me acusam duma coisa horrenda, mas devem saber que não fiz aquilo. Devem saber que foram os ratos, os nojentos ratos tumultuosos, cuja cavalgada nunca me deixará dormir. Os ratos-fantasmas que correm atrás do reboco neste quarto e me querem arrastar a maior horror que os que já conheci. Os ratos que nunca poderão ouvir. Os ratos nas paredes!

O ananás de ferro

Eden Phillpotts

Tradução de Alfredo Ferreira

Será um conforto escrever isto. Me confortou o contar a minha esposa, mas esse consolo se desvaneceu quando se recusou a acreditar na história e propôs chamar um médico.

Deve haver cientista que possa explicar o que me aconteceu. Deve haver nome pra meu estado. É possível que outros sofreram de maneira semelhante e fizeram coisas igualmente espantosas mas em minha situação humilde a gente não tem tempo pra se preocupar com psicologia mórbida ou o tratamento, e prefiro explicar tudo a minha maneira e diretamente. Prefiro acreditar que o desígnio da providência me escolheu em ocasião única pra execução de seu profundo propósito.

Isso é como explico o caso, mas ser o instrumento da providência num grande caso não é papel que qualquer pequeno lojista em perfeito estado de sanidade mental escolhesse, e nunca alguém saberá a extensão de meu sofrimento enquanto a força secreta que rege nosso destino se exercer sobre mim. Nunca alguém avaliará meu profundo pesar e receio enquanto me equilibrava no vórtice da loucura. Jamais alguém mergulhará a vista no incomensurável abismo que durante uma estação se escancarou entre eu e meus semelhantes.

Estava separado deles. Vivia uma horrenda vida à parte. Nenhum olho humano penetrava na escura densidade de espírito dentro da qual eu vagueava, perdido. Nenhuma voz amiga se fazia ouvir. Nenhuma simpatia ou compreensão vinha a meu lado, pra me animar a vencer a dura provação.

Sem dúvida, até certo ponto a culpa foi minha. Não eram poucos os que me respeitavam e que fariam tudo o que pudessem pra me ajudar. Minha esposa, qual o homem que já teve outra melhor?, estava sempre pronta, e seu fino tato me amaciou mais duma vez o caminho em crise neurótica e estado mórbido, mas a coisa secreta, a obsessão de minha vida, estava encoberta pra si. Por vergonha eu a escondia. Nem a ela eu podia confessar sua natureza e o profundo e destrutivo efeito que tinha sobre meu auto-domínio e meu auto-respeito.

A natureza dessa maldição se revelará melhor no decorrer de minha narrativa. Meu nome é João Noy, e negocio no próspero porto de Bude. Vim de Holsworthy, há vinte anos, mas a prosperidade que ultimamente caiu numa chuva de ouro sobre Bude, o transformando dum lugarejo obscuro em próspero centro comercial não foi compartilhada por mim.

Tenho uma pequena mercearia e vendo também fruta e vegetal. Ao mesmo tempo, pra aumentar meu modesto recurso, tenho sob meu controle uma agência de correio, e com isso pouco acrescento a meu provento, porém muito a afazer diário, porque a parca remuneração de 1 libra e 1 xelim por mês é tudo o que me rende o serviço que presto a esse grande departamento do estado.

Esperei que nos florescentes distritos de Flexbury, onde as casas novas surgiam como cogumelo, e, muitas vezes com pouco mais estabilidade que um cogumelo, o correio abrisse o caminho pra maior freguesia e aumentaria a importância de meu pequeno negócio. Mas isso nunca aconteceu. Algumas vendas ocasionais de papel de carta e de lacre, que eu dispunha, mas nenhum aumento notável em meu comércio, foi o único resultado obtido com o correio, enquanto no tempo das férias o trabalho era, e ainda é, excessivo pra uma só cabeça e duas mãos. Então minha dedicada esposa vem me auxiliar. Mesmo assim nosso esforço nem sempre é suficiente.

Naturalmente, Bude não é o que era quando me casei com Mabel Polglaze e abri a loja. Agora uma enorme população de veraneio cai sobre nós anualmente e os recortes do golfo pululam de gente que se dedica ao esporte do alvorecer à noite. E a vasta areia da praia fica coberta de criança que, com traje pitoresco, se espalha ali como pétalas de flor, azuis, amarelas, cor-de-rosa e brancas, semeadas na areia na maré baixa.

Nunca tive filho. Isso era um desgosto pra minha esposa, mas uma secreta alegria para mim. Não porque não goste de criança mas porque, pouco depois de nosso casamento, meu estado de preocupação começou a surgir e depressa senti que lidar com tão misteriosos traços de caráter seria criminoso na opinião de toda pessoa conscienciosa.

A nuvem subiu aos poucos em meu claro horizonte e só quando assumiu um aspecto de sinistro significado prestei atenção. Na realidade, durante as primeiras manifestações me sentia orgulhoso dela. E minha esposa, desde nosso matrimônio, costumava me cumprimentar por uma qualidade moral muitas vezes associada à regular prosperidade e sucesso comercial. Certa vez me disse:

— Na verdade teu apego aos detalhes é a coisa mais notável que tens. Te agarras a uma coisa como um cachorro a um osso e ninguém seria capaz de te arrancar dela. Seja sardinha, fruta seca, vegetal enlatado ou uma nova marca de chá, a idéia fica presa a teu espírito de maneira espantosa e deixas tudo o mais de lado, pra só te preocupares com aquele objeto, o manter à frente de todo teu pensamento e viver só dele, como dum alimento. E isso é uma bela qualidade pra um merceeiro, muitas vezes introduziste um artigo e fizeste o público comprar uma coisa nova. Mas o que é curioso é que vez ou outra te dedicas de alma e coração a qualquer ninharia, como uma nova ratoeira ou um novo pó inseticida, que não pagam o trabalho. És capaz de dar tanta importância a um porta-caneta ou a um limpador de garrafa, que não valham seis vinténs, quanto a qualquer grande idéia que poderia representar muito dinheiro.

Nisso ela tinha razão. Eu tinha o costume de me apoderar de qualquer idéia como a carriça se apodera de ovo de cuco, e então, quando a coisa começava, tudo desaparecia diante dela, e, durante uma temporada eu era um homem dum só idéia. Tivessem essas idéias sido importantes, eu concebido brilhantes planos pra Bude, ou pra mim, ninguém me censuraria por esse poder de concentração, ou suspeitado que qualquer enfermidade do espírito me rondasse, mas, como minha esposa de muito boa-fé me dissera, eu era propenso a dedicar meu rico dom de energia nervosa a bagatela insignificante.

Uma vez apanhei um gafanhoto em nosso pequeno jardim e durante dois anos só me preocupei com gafanhoto. Comprei obras de entomologia que mal estavam em minha posse comprar, colecionei gafanhoto e passava horas estudando os costumes e hábitos.

Domestiquei um gafanhoto e finalmente adquiri conhecimento sobre esses insetos, que provavelmente nunca foram iguais no mundo.

Acabei com a mania graças ao auxílio de minha esposa, mas aquilo foi o princípio de coisas piores. E quando perdeu a paciência e exprimiu sua opinião sobre tais puerilidades em termos bem claros, fiquei assustado e comecei a esconder dela minhas idéias. Então compreendi que minha franqueza com Mabel em todos os assuntos da alma me ajudara a me manter no bom caminho e servira como duma espécie de escudo entre mim e as horríveis idiossincrasias de minha natureza.

A descida ao inferno foi fácil, e, depois que se ergueram barreiras entre minha aberração e seu bom senso, a aberração cresceu rapidamente. Se operou uma mudança na natureza de meus estranhos interesses. Antes era qualquer comestível ou qualquer assunto de meu armazém o que fixava minha atenção e se apossava de minha energia em detrimento de coisas mais importantes. Porque os gafanhotos chegaram primeiro, e durante muitos anos, depois de me libertar de sua influência, não sofri fraqueza semelhante. Mas adotando a prática da simulação com Mabel, escondendo uma vez os segredos de meu coração, a deterioração avançou a passos largos. Deixei de me interessar vitalmente por meu negócio. Vagueava no campo e me prendia com assuntos e objetos completamente estranhos a minha vida. Esses eu introduzia no próprio âmago de meu mistério, e os acolhia e mimava. Eram todos inconcebivelmente triviais. Nisso consistia todo o horror.

Pra dar um exemplo: Me lembro de como, durante algum tempo, um monumento do cemitério absorveu e prendeu minha faculdade receptiva. Muitos mortos sem nome, vítimas do mar, dormem o último sono em nosso verde cemitério, sobre a colina, e ali, sobre a tripulação dum navio afundado há muito tempo na entrada da enseada, se ergue, com propriedade, a figura da proa do navio naufragado. Assim como avançava na frente deles em vida, inclinada sobre o mar e pulando com as ondas, assim na morte a figura monta guarda sobre seus corpos, e se ergue, alta e branca, entre monumentos menores do campo-santo. Assim ficou durante mais de cinqüenta anos, e promete continuar durante muito tempo ainda, porque é conservada cuidadosamente e protegida contra a destruição.

Aquela figura de pau do malfadado *Bencoolan* exercia a mais funesta fascinação sobre mim. E não sei dizer quão freqüentemente a visitava, a tocava e desenvolvia meu pensamento fútil como uma oferenda. A figura do chefe de tribo asiático se tornou um feitiço e exercia um poder mesmérico de atração sob o qual, durante uma temporada, sofri irremediavelmente. Na realidade só consegui escapar abandonando a igreja anglicana e ingressando na seita dos primitivos uesleianos. Evitava a igreja e o túmulo dos afogados e lutava contra a horrenda atração da figura de proa. Na noite acordava, suava e lutava pra me conservar na cama e não ser arrastado a junto da solene efígie erguida sobre os túmulos.

Os primitivos uesleianos tinham uma capela a dez minutos de minha loja. Era nova. A pedra fundamental fora lançada dois anos antes pelo famoso filantropo uesleiano, financista e amigo dos homens, Bolsover Barbellion. O edifício, no estilo arquitetônico mais adulterado que já germinou numa mente humana, dominava Flexbury e se erguia, como uma massa horrível de pedra e tijolo acima das mesquinhas filas de casas residenciais novas. Mas me livrava da figura de proa do *Bencoolan*, e durante algum

tempo as prédicas dos primitivos uestleianos me adormeceram a alma e me ofereceram a paz através dos canais da novidade religiosa. Lhes devo muito e registro aqui, com prazer, minha dívida.

Poderia citar outros casos tão tristes quanto o antecedente, mas me apresso a chegar ao apogeu da tragédia e dos acontecimentos que a precederam. Minha esposa, depois de longo período, durante qual certamente nos afastáramos em simpatia e compreensão mútua, me chamou às falas, e sua acrimônia, se bem que merecida, nem por isso deixou de me causar grande espanto. Nunca me falara assim até então.

— Por que não dedicarias tua atenção à necessidade de manter um teto sobre nossas cabeças? O negócio nunca andou tão mal e perderás a agência do correio antes do próximo verão se cometeres mais engano. E eis que estão acontecendo coisas no mundo, capazes de fazer um anjo chorar. Olhes os jornais de ontem. Todas as sociedades beneficentes vieram abaixo como um castelo de carta e aquele santo de Deus, como pensávamos, aquele Bolsover Barbellion, acabou sendo um braço de Satanás. E tua pobre irmã arruinada, e viúvas e órfãos face-a-face com a miséria, duma ponta à outra da Inglaterra? E o bandido desapareceu como se evaporasse. E há outra greve nas minas de carvão como nunca houve igual, e um assassinio em Plymouth, e se fala de guerra contra a Alemanha, e sabe-deus o que mais! E no entanto podes viver neste mundo como se não fosses mais que um carneiro ou uma vaca e gastas o miolo em segredo com qualquer frioleira tão insignificante que nem te atreves a mencionar. Sei... e se não fosse eu, quem haveria de saber? Te sinto agitado durante a noite, como um navio em alto mar, e não consentes mais que eu te conforte. A vida é um inferno pruma mulher em minha situação, e não sei dizer quanto tempo ainda agüentarei. Como posso saber o que vai em teu espírito? Como posso te ajudar e confortar se me conservas fora, no escuro? Tudo o que posso dizer é que estás maluco com algo, porque estás sempre fora, agora, sempre passeando a cima e a baixo no penhasco, como se fosses uma sentinela ou um guarda costeiro. E um belo dia cairás e teremos um belo escândalo, porque não há fumaça sem fogo e, naturalmente, dirão em cochichos que fui eu quem te arrastou a isso.

Continuou nesse mesmo tom, e não tentei deter a torrente. Minha última fascinação diferia muito das outras, porque era humana, e se fosse uma mulher, por um acaso diabólico, meu lar se desfaria, porque senhora Noy não era dessas que toleram largueza de vista em matéria de sexo. Mas era um homem que havia mais de três meses exercia sobre mim um inconsciente domínio, um artista forte, barbado, alto, que dedicava atenção ao cenário de nosso penhasco e que pintava quadro ao ar livre na areia da praia.

Eu nunca lhe falava. Ele nem sabia que tinha um espectador tão interessado, mas desde o dia em que na primeira vez olhei sobre as rochas baixas, perto do campo de críquete, e vi a copa do chapéu do pintor, me senti perdido, e fiquei concentrado no homem. Ele dominava meu pensamento e me sentia mal nos dias em que não o via. Eu não fazia esforço pra saber seu nome ou descobrir onde morava mas especulava profundamente sobre si e sua arte, e o trabalho de seu espírito, ambição, esperança e receio. Tinha um rosto interessante, a voz forte, e gostava de ver as crianças brincando na praia. Pintava mal. Ao menos assim me parecia.

O achava um impressionista e sentia aversão por aquela escola, ignorando seus princípios. Certa vez se levantou da banquetta pra passear perto do mar durante algum

tempo e emergi do penhasco sobranceiro donde o observava, desci, e fui apreciar o quadro. Algo me impelia a me sentar na banquetta, e assim fiz. Se voltou, me viu e se aproximou. Mas a maré estava baixa e tinha de caminhar quase 400m pra chegar ao cavalete. Me afastei apressadamente, me escondi, e observei que o homem demonstrava não pequena surpresa quando chegou. Examinou o quadro com atenção pra ver se eu tocara.

A partir daquele dia concebi profunda antipatia pelo artista, e esse sentimento se transformou em aversão. Depois chegou a ódio agudo e homicida.

Nunca odiara um homem nem um rato até então. E agora, avassalante, insistente, tigrino, despertava em mim um antagonismo que se julgaria impossível num homem de temperamento pacífico como eu. Lutei contra aquilo como nunca lutara contra outra de minhas anteriores obsessões. Me dizia que de preferência a destruir um ser meu semelhante, antes me destruiria. Mais de uma vez, escalando o penhasco pra espreitar de cima o inconsciente pintor na praia, me senti tentado a dar um passo em falso, e fazer exatamente o que minha esposa predissera que eu faria. Fugir àquela diabólica prevenção, morrer e ficar em paz, se tornou uma tentação cada vez mais forte. Mas me faltava coragem física. Não podia suicidar. Preferiria suportar qualquer tormento mental a fazer aquilo.

Encontrava o pintor cara-a-cara algumas vezes e um demônio sentiria sua anti-humana paixão diminuída ante o rosto amável, bem-humorado do homem, a grande barba castanha, os risonhos olhos castanhos e a voz sonora e clara, mas minha antipatia só crescia. Era, tanto quanto eu podia avaliar, inteiramente sem motivo, um mero instinto destrutivo que me fazia ansiar cortar o fio da vida daquele meu semelhante.

Resolvi consultar um médico mas hesitei com medo que aconselhasse meu encarceramento. Eu não estava louco, salvo no ponto de minhas alucinações. E, como todas as outras até então, persistiram só durante uma temporada, eu caía ajoelhado e implorava ao céu, durante longas noites de vigília, que aquela horrorosa e última provação passasse também, e desse lugar a alucinações menos terríficas e menos cheias de perigo pra meus semelhantes.

Como em resposta a essa súplica me veio um súbito e espantoso alívio. Minhas aberrações mudaram de direção. Durante algum tempo esqueci o pintor como se nunca existira e todo meu desejo, esperança e energia mental se concentraram no objeto mais humilde e insignificante que se possa imaginar. Era o último degrau aonde eu podia chegar.

Em terreno sinuoso, não longe da minha mercearia, estavam sendo construídas certas casas residenciais novas, e uma sempre me agradara porque era como um oásis no meio do deserto estéril de construção insignificante se erguendo em volta. Era desenhada em estilo italiano e possuía uma distinção, beleza e circunspecção estranhas ao arredor de Bude e ao espírito arquitetônico do distrito. Um muro externo cercava a residência e deveria ser encimado por leve gradil de ferro.

Mas com horror descobri que estavam montando sobre ele uma corrente convencional de ferro e a intervalos de 3m essa corrente era suportada por pilares de metal cercados por ananases^[39] de ferro fundido. Por que uma construção tão agradável havia de ser estragada

com aquela vulgaridade anti-estética era o que eu não compreendia. Contudo minha especulação em breve cessou, porque de repente, como um relâmpago em céu azul, como essas efervescências sempre me vinham, nasceu em mim uma cobiça frenética por um daqueles abortos de ferro. Minha alma ansiava um ananás de ferro. Mas não era um desejo geral ou uma vontade comum de possuir uma daquelas coisas vis, o que me atormentava. Sentia toda a energia de minha vida focalizada e concentrada sobre o terceiro ananás do lado norte do gradil. Pelos outros não sentia atração, nem me agradavam. Mas terceiro do lado norte exercia sobre mim verdadeiro fascínio.

Se me é permitido empregar uma maneira de dizer familiar numa circunstância tão odiosa, direi, com referência àquele pedaço de ferro fundido, que não poderia me sentir feliz enquanto não o obtivesse. Estradas nuas circundavam aquela casa nova. Corriam através dos campos, que de futuro receberiam novas construções, e estavam geralmente desertas, porque não conduziam a alguma parte. Eu podia, pois, namorar o ananás de ferro, o acariciar, olhar com avidez, e satisfazer em parte meu desejo anormal sem despertar atenção. De fato, o cunho duma verdadeira loucura marcava cada nova recaída, mas, com exceção de Mabel, nenhum ser humano suspeitara ainda de minha enfermidade.

O ananás depressa se tornou uma paixão absorvente, e eu lutava embalde contra a sua fascinação. O desejo de posse tornava aquela experiência especialmente difícil porque, em regra geral, o objeto atraente sempre me arrastava a si e eu sentia um desejo frenético de ter o ananás em meu poder. Pensava nele como num ser sensível. O considerava uma criatura que podia sentir, sofrer compreender. Nas noites úmidas imaginava que o ananás de ferro devia sentir frio. Nos dias de calor receava que sofresse com o sol de verão! Da comodidade e conforto de minha cama o imaginava acorrentado ao pedestal solitário no meio da escuridão. Quando caía uma trovoada, tinha medo que um raio atingisse o ananás de ferro e o destruísse a sempre.

Então uma determinação invencível de me apoderar do ananás se apossou de mim. E numa bela noite o roubei. Quando o luar prateado iluminava o bairro nascente, onde só havia casa desabitada e estrada solitária, fui até lá, penetrei na sombra da vila italiana, e depois de trabalhar cum a lima durante meia hora, me apossei do cobiçado tesouro. Em certa altura, durante o serviço, um policial passou em ronda. Me escondi bem no fundo do pórtico e imaginei o que faria o homem se descobrisse o chefe da agência do correio e merceeiro João Noy ocupado naquele trabalho entre as 2h e as 3h da madrugada.

Voltei para junto de minha esposa adormecida, e escondi o ananás dentro da gaveta onde guardava minhas roupas domingueiras.

A massa de metal pesava 1kg, e durante uma semana exauri o cérebro pra descobrir novos esconderijos pra ela. Ora a escondia enterrada no jardim, ora no armazém, ora a levava comigo, embrulhada.

O objeto nunca me saía do espírito. Ainda fora oferecida uma gratificação de 1 libra a quem descobrisse o responsável pelo desaparecimento. O proprietário da vila italiana trouxe um anúncio impresso contendo a promessa. O prendi ao vidro da porta de meu armazém com duas obréias^[40] azuis, e consolei o homem. Estava muito aborrecido e declarou que um louco capaz duma destruição tão premeditada e inútil deveria ser capturado e preso a bem da comunidade. Como concordei consigo! E durante todo o

tempo estava olhando um saco de ervilha seca a seus pés, onde o ananás de ferro estava escondido.

E então a psicologia de meu estado mental tomou nova direção e as duas últimas fases de fadiga se encontraram como duas linhas de trem que se juntam. O ananás de ferro e o artista se misturaram inexplicavelmente em meu espírito transviado. Amava um e odiava o outro. E pensava que, enquanto aquelas duas idéias concretas não se juntassem e se completassem em seus destinos diversos minha alma não encontraria paz.

Assim a providência dirigia meu cérebro à tarefa de executar seus inescrutáveis desígnios enquanto eu, na ignorância daquele propósito sobrenatural, simplesmente examinava a escuridão de meu próprio cérebro e me acovardava ante o fantasma da loucura que via avançar sobre mim, vinda de dentro. Agora me julgava insano mas era incapaz de vencer a situação. Na realidade um instinto muito mais forte que o da conservação me mantinha em absoluta sujeição.

Passeava no penhasco e no campo solitários e confiava meu problema às gaivotas e às flores na margem do caminho. Na noite o submetia às estrelas do céu. Dormindo o formulava em voz alta, conforme minha esposa me deu a perceber muito bem numa noite.

Dormíamos cuma lamparina acesa e, despertando de repente, vi Mabel sentada e me olhando, apavorada. Uma preocupação extrema lhe vincava o rosto. Me lembro de como a sombra da cabeça, enfeitada de grampo ou quaisquer outros objetos de metal, brilhando à luz indecisa da lamparina, se recortava, enorme, no teto, cum contorno que sugeria um mapa do continente africano. Começou:

— Deus do céu! O que tens agora? Estiveste resmungando algo que parecia tirado dalgum livro de história de fada, como *Alice no país das maravilhas*, que senhora Hussey te emprestou, e achaste engraçado, embora eu não conseguisse ver algo que fizesse rir. Repetias sempre: O ananás e o pintor, o pintor e o ananás, e muita areia! Se estou ficando louca, é melhor que digas logo. Se não estou, então tão certo como dois e dois são quatro, estás. Isto não pode continuar. Nenhuma mulher suportaria!

Procurei lhe desviar o pensamento a outros assuntos. Expliquei que estava pensando em mandar pintar de novo minha tabuleta e que tencionava comprar umas frutas-do-conde de vez em quando, pra enriquecer nossa seção de fruta. Depois discutimos a vinda de minha irmã, solteirona idosa, arruinada pelo recente colapso de certas sociedades beneficentes. Entre um lar sob meu teto e um asilo de caridade ela não tinha muito onde escolher, e, por muito difícil que me fosse ter de a sustentar, meu senso do dever só me deixava a opção de o fazer.

Estava escrito, porém, que o dia seguinte devia ser testemunha de acontecimentos mais importantes que a chegada de Susan Noy a Bude. Nos últimos tempos o absorvente problema de como reunir o querido ananás e o odiado pintor me tornara, mais que nunca, desatento ao negócio. Passeava muito, e era principalmente junto ao mar que eu passava a maior parte do tempo. Na maré vazante, caminhava na areia, ou me sentava e meditava entre os rochedos úmidos, onde mexilhões vermelhos cresciam em cacho, como uva. Durante a maré alta escalava os penhascos e, me recostando neles, observava os navios passar no horizonte. Ou olhava o ponto onde Lundy,^[41] como uma nuvem azul, se erguia do oceano.

Ali eu estava na companhia somente de coisas elementares. Naquela emergência meu espírito tirava torturado alguma esperança. As ondas que se quebravam e a larga esteira de luz que caía sobre elas ao pôr-do-sol, os contornos escuros dos rochedos, que espreitavam sob as sobranceiras de espuma a vinda dos temporais, a passagem da sombra cor de vinho das nuvens no mar. A antífona do grande vento oeste, que fazia do precipício seu címbalo e dos rochedos harpa, só essas coisas traziam alívio a minha alma. Mas calma não podiam trazer. Não podiam resolver o grotesco problema que me perseguia como uma presença. Eu vivia somente pra descobrir como o ananás de ferro e o pintor da praia poderiam se confundir numa só idéia indivisível, homogênea, compacta.

Era natural que o problema dum lunático fosse solucionado por um louco. Porque eu devia certamente estar louco naquele dia, escolhido por Deus pra executar sua vontade através do mecanismo duma alienação mental temporária, de homem deliberadamente roubado à razão em certo terrífico momento, pra que a vontade suprema pudesse se manifestar sobre a Terra e exercer a vingança de sua onisciência e justiça!

Depois do meio-dia dum dos últimos dias de agosto escalei o penhasco quando começava o êxodo geral da praia porque a hora do almoço se aproximava e longa fila de crianças, com as mães e as amas, começava a se afastar dos prazeres da praia, pra voltar ao interior da cidade. À 1h, os penhascos e a praia estavam desertos, e um pedestre poderia também atravessar o campo em segurança. Os jogadores de golfe já não perturbavam.

Sobre alto penhasco do lado da praia de banho eu pensava, mergulhado literalmente, assim como mentalmente, em meu problema. Porque em meu bolso superior, sobressaindo e me fazendo pender a diante mais que de costume, estava o ananás de ferro. Por quê, não sei. Porém muitas vezes eu o levava e, quando estava fora das vistas indiscretas, o examinava, como se o estudo do próprio objeto pudesse auxiliar minhas deliberações.

Nesse dia, no alto do penhasco, o desembrulhei e coloquei no chão, num lugar onde a relva já ficava crestada pelas soalheiras de agosto. Uma betônica raquítica, com botões purpúreos, crescia a meu lado e tufos de urze cor-de-rosa, com os rebentos reduzidos já a simples vergônteas prateadas, nasciam ali perto, na face do penhasco. Uma pena de corvo, caída na relva, foi levada pelo vento, e o sol brilhou sobre sua penugem negra, luzidia. Nos vales, um ou dois carneiros castanhos pastavam o capim fresco e curto. No fundo se erguiam as colinas baixas, com suas ruas tortuosas e as torres cinzentas da igreja se erguendo acima.

Eu estava tão solitário quanto um homem pode estar. O mundo estava deserto enquanto a população de veranista comia. Então compreendi plenamente como Bude se tornara toda um lugar de recreio e como sua prosperidade dependia dos que nas horas de folga vinham à Cornualha do Norte, pra mudar de ar e buscando divertimento. Em toda a extensão que o olhar abrangia, até ao extremo sul, onde ficavam o quebra-mar, a represa e o pequeno canal que dali partia, cheio de bote ancorado, nenhuma obra feita pela mão do homem se divisava que não fosse destinada ao prazer ou ao repouso.

O ananás de ferro estava sobre a relva, a alcance de minha mão. A superfície do metal estava polida pelo constante manuseio e refletia os raios solares.

Durante muito tempo fiquei o olhando, remoendo meu fátuo problema. E então, de

repente, lá de baixo, da praia, veio o som duma voz humana, entoando uma canção. Era uma voz melodiosa e rica. A canção era melodiosa e alegre. Reconheci a voz imediatamente. Nunca ouvira a canção. Até hoje não sei onde buscara a melodia e as palavras, mas serviam maravilhosamente pra exprimir a satisfação do cantor.

Cantar algo tão alegre com tal expressão e abandono, provava, fora de dúvida, que a criatura solitária, em baixo, se sentia feliz, esperançosa e contente com a vida e suas possibilidades. Pensei:

— Deve ter vendido algum quadros com bom lucro ou terá encontrado uma alma gêmea, um coração que palpita em uníssono com o seu, olhos que vejam seu íntimo. Certamente a vida lhe trouxe alguma nova alegria ou beleza, interesse ou boa possibilidade. Do contrário não estaria dando assim expansão a sua alma com a alegria dum passarinho!

É desnecessário dizer que se tratava de meu grande artista barbado, cantando enquanto pintava, em baixo.

Me arrastei sobre o peito até a borda do penhasco, e o olhei. Estava sentado imediatamente sob mim e tive a oportunidade de notar a curiosa perspectiva de sua figura vista assim de cima, de grande altura. Usava um grande chapéu de abas largas, cinzento, e embaixo, estranhamente reduzido, surgia o vasto corpo, sentado na banquetta. As pernas não apareciam. Estavam dobradas embaixo. Mas os braços eram visíveis. Uma das mãos segurava a palheta e os pincéis. A outra manejava o pincel. Marcava o compasso da música com pinceladas no quadro que tinha na frente.

Então pareceu que a necessária inspiração me veio de chofre. Ali estavam o pintor e o ananás justapostos. Se aproximaram mutuamente mais do que nunca até então. Só uns 65m de distância vertical os separavam. E senti que aquelas duas entidades, uma que me era cara e a outra odiada, deviam agora se juntar e completar o destino predestinado em contato mútuo.

Foi naquele momento que minha vontade própria me deixou, e uma força estranha a meu ser se apossou do leme de minha vida e me arrastou. Com força de resolução muito diferente da habitual, com decisão, arranque e vigor masculinos diferentes de meu vacilo e indecisão, meu cérebro determinou e minha mão pulou pra obedecer à ordem. A crise me fustigou como um vendaval. Me sentia como um espectador, acorrentado e algemado, porém livre pra apreciar a ação dalguém a meu lado. Peguei o ananás de ferro, o ergui perpendicularmente sobre a cabeça do alegre cantor em baixo, firmei o braço, pra que nenhum tremor desviasse a direção, e o larguei.

O peso de metal caiu 60m ou mais, e atingiu o centro exato do chapéu cinzento, em baixo. Ouvi o som do impacto. Um ruído surdo abafado pelo feltro do chapéu. Mas a conseqüência foi terrífica. Um raio não teria destruído o alegre cantor mais rapidamente nem mais eficientemente. Os braços se distenderam, a canção se estrangulou na garganta. O grande corpo teve um tremor violento e caiu a diante, sobre o cavalete, o arrastando.

No mesmo instante ficou estendido, com o rosto na areia, e não se mexeu mais. Conservava ainda nas mãos a palheta e os pincéis. Tinha as pernas contraídas na atitude dum homem nadando. Enquanto eu olhava, o sangue começou a escorrer da cabeça, se espalhando no chão. O ananás de ferro rolara a diante, e ficou a 30cm de distância dele, em

cima do quadro.

Desci pra ver o que fizera. Tinha a consciência dum imenso alívio e satisfação. Estava livre e me sentia em juízo perfeito! A nuvem se afastara de meu espírito. Estava convicto que doravante e até sempre, me sentiria como os outros homens.

Me apressei penhasco abaixo, parei na praia deserta e me aproximei do pintor. Só quando meu pé pisou a areia ensopada de sangue junto a sua orelha comecei a compreender a extensão do que fizera. O espetáculo patético oferecido pelo corpo caído me impressionou. O homem era forte e idoso, mais idoso que eu supusera. Contudo estava cantando a alegria do amor. Cantava os encantos duma dama chamada Júlia quando o ananás de ferro descera do céu como o raio de Júpiter e o transformara em barro insensível. A barba saía sob o queixo de maneira ridícula, e meu sentimento de decência me levou a o tocar, mover, e colocar o cadáver em posição mais correta.

Resolvi o voltar, estirar as pernas, pra não o deixar assim, caído sobre o ventre como uma rã que esmagada pela roda dum carro durante a noite.

Mas meu propósito foi frustrado, e o que aconteceu foi que me vi mergulhado num indizível abismo de horror, que me fez fugir correndo como um louco de junto do assassinado. Quando toquei sua barba, toda ela ficou na mão! Esse incidente, embora menos terrível, de fato, que outras coisas que aconteceram, foi suficiente pra me transtornar o cérebro jubilante. Talvez o inesperado do fato causara minha reação. Não posso saber. Mas conquanto fitasse o morto sem um estremecimento, e me preparasse pra compor seu resto ainda palpitante, de maneira que nenhum sentimento de indecência ou de grotesco se apresentasse à mente daqueles que o descobrissem, o fato da barba se desprender a um simples toque me feriu como a última sombra da loucura da qual me livrara a sempre quando me desfizera do pedaço de metal roubado. Estremeci e gritei alto. Minha voz ecoou na face da escarpa, vibrou sobre o rochedo e se perdeu no mar, cujas grandes ondas se quebravam na praia, se desfazendo em espuma. Mas ninguém me ouviu, salvo um falcão que passava. Ninguém viu meu ato de frenesi quando atirei a longe a massa de cabelo e fugi.

Uma vez, em minha fuga, me voltei e vi a barba como um monstro vivo e amorfo, uma criatura da profundidade do mar mais que da terra e da luz, se arrastando, na areia, em minha direção. E então, realmente, gritei de novo, me precipitei ao penhasco e escalei a escarpa com tanta pressa que dos joelhos e cotovelos escorriam sangue antes da chegada.

Chegado, me voltei a tempo de ver a massa de cabelo apanhada pelo vento e jogada longe, no mar.

Nessa noite recuperei a paz, voltei a casa, e dormi como não dormia havia muitos anos.

No dia seguinte um jornal de West Country trazia a seguinte, notícia:

Uma ocorrência com o cunho do mais profundo horror acabou de acontecer na cidade de veraneio de Bude, lugar destinado a prazer inocente, alegria das crianças e repouso e recuperação de homens esgotados, que de repente se tornou o centro de sinistro de inexplicado e extraordinário crime. Durante os últimos seis meses um cavalheiro, chamado Válder Grant residiu na rodovia Vitória, 9. O infeliz artista, se dedicava a pintar cenas da costa e passava a maior parte do tempo nas praias de Bude ou arredor. E ali

encontrou misteriosamente a morte.

O crime foi descrito e a teoria exposta apontava o ananás de ferro encontrado junto ao morto como o instrumento do qual se servira o assassino pra o matar. Também se mencionava o fato de ter ido pintar com barba e o corpo ser descoberto sem. A notícia acrescentava que o homem demonstrara ter natureza bondosa e cortês e era estimado entre os poucos que travaram relação consigo. O inquérito demonstrava que era desconhecido nas esferas artísticas e que tencionava abandonar Bude no sábado seguinte ao dia da morte.

O incidente do recente roubo do ananás de ferro e o sensacional reaparecimento serviram também pra provocar uma excitante edição extra dos jornais. Mas a descoberta que relegou aquelas ninharias a segundo plano estava destinada a encher, na manhã seguinte, não só nossos jornais locais. Todo o público leitor da língua inglesa no mundo ficou sabendo, com grande assombro, que Bolsover Barbellion, o bandido fugitivo responsável por uma tão vasta desgraça que atingira pobres e necessitados, fora descoberto na véspera da fuga da Inglaterra, e no dia seguinte à fuga da vida. Se descobriu que não só a barba mas também o cabelo do pintor assassinado eram falsos, e as investigações feitas em seus papéis particulares estabeleceram a identidade fora de dúvida.

Nenhuma suspeita caiu sobre mim, mas enquanto minha saúde melhorava consideravelmente e a mente continuava clara, mais minha consciência se sentia pesada, e o fato de minha esposa ter simplesmente se recusado a acreditar na verdade, não serviu de alívio. Uma semana depois do acontecimento visitei nosso ministro, com a idéia de expor os fatos e solicitar opinião e conselho, mas na ocasião em que nos encontramos, ele estava tão preocupado cum assunto transcendente, que adiei minha confissão. Resolvera que a pedra fundamental de nossa igreja devia ser retirada, porque entendia que nenhum bem podia advir de prédicas vindas dum lugar de culto cujas fundações foram lançadas pelo maior patife de que há notícia na história moderna. O arquiteto, no entanto, se opunha a sua proposta e sugeriu que o caso poderia ser resolvido se apagando simplesmente a inscrição da pedra fundamental. Examinando esse problema, esqueci meus propósitos de confissão, e nunca mais pensei neles.

E hoje, são e controlado de espírito, caminho no mundo dos homens e não receio o olhar de meus semelhantes. Minha vida sofreu uma modificação a melhor, a prosperidade me sorri. O futuro nunca me pareceu tão promissor. Acima de tudo, meu equilíbrio mental é novamente normal e gozo da reputação de bom critério e merecedor de confiança, o que faz os vizinhos me procurarem quando estão em dificuldade.

E agora narro o caso contra mim imparcialmente e por escrito. Me coloco, sem reserva, à mercê dos homens, e incidentalmente desvendo um mistério que intrigou os mais astutos intelectos de nosso serviço criminal.

Minha teoria, baseada num assustador período durante o qual fui um instrumento nas mãos duma vontade superior, não pode, ao menos, ser desmentida, e não acredito que algum júri de meus conterrâneos me condene a sofrer pelo papel que representei na destruição de notório inimigo da sociedade. De fato, qualquer punição desta terra seria um contra-senso e uma ironia neste momento. Nada que a inteligência do homem pudesse conceber me faria sofrer de novo as torturas dos dias que já vão ou fazer mais do que

refletir fantasmagoricamente o horror do passado.

O flagelo de Mektub

Paul Ernest

Tradução de Manuel R. da Silva

Como lugar-tenente do grande Mektub, o xeque Lakhdar era homem poderoso no norte da África. Não tanto quanto Echamachi. Comparado a esse outro ajudante do chefe, era o que a mão esquerda é em relação à direita. Mas, fosse como fosse, o certo é que Lakhdar era uma força do sul de Tânger ao Congo e de Tugur ao mar.

Muitos censuravam Mektub por conceder tão elevada posição a um homem como Lakhdar. Outros simpatizantes do proscrito que lutava contra a França também se lamentavam da escolha que Mektub fizera de sua mão esquerda, um monstro de crueldade. Como era possível que um chefe tão inteligente e idealista como Mektub fechasse os olhos ante as atrocidades que cometia seu segundo subordinado?

Havia os que supunham que o chefe rebelde escolhera deliberadamente aquele bandido pra determinado fim. Em toda rebelião se necessita de ocasionais atos de intimidação, pra evitar que os indígenas atraíam e entreguem os rebeldes às autoridades. É preciso o terrível auxiliar chamado terror. Outros diziam que Mektub utilizava Lakhdar como seu flagelo, deplorando a necessidade de o utilizar, porém utilizando, pra seu proveito, o inato prazer que o xeque experimentava torturando seus semelhantes.

Enfim, fosse o que fosse, o certo era que Lakhdar fora elevado ao poder por Mektub. E aproveitava esse poder pra se entregar, a miúdo, às sangrentas orgias de morte e tortura que sua diabólica alma adorava.

Naquela brilhante manhã se dirigia a acalmar seu feroz instinto num acampamento beduíno, bastante ao sul e a oeste de Tugur.

Vista de longe, a comitiva de Lakhdar oferecia aspecto bastante pitoresco. Os homens e os camelos caminhando nas arenosas dunas formavam movediço baixo-relevo ao se destacar contra o azul-turquesa do céu. As roupas eram vermelhas, brancas e azuis, contrastando violentamente com a parda cor dos camelos, mas vistos mais de perto o aspecto era muito menos errante.

Aqueles homens foram escolhidos nos meios escusos das cidades africanas. Havia desertores dos batalhões de atirador senegalês, vários ingleses arrancados dos bairros baixos de Tânger, árabes de Túnis, Argel e Marrocos, e numerosos ex-legionários franceses. E todos dispostos a executar fielmente as ordens do feroz chefe.

À primeira vista, Lakhdar, que ia na frente de seus homens, montado num camelo branco, parecia muito diferente do que realmente era. Alto, magro, com a barba recortada e um turbante de imaculada brancura, que era seu maior orgulho. As mãos delgadas e finamente conformadas, o nariz aquilino e elegante, porém os olhos e a boca o atraíam. Os olhos tinham o acerado brilho dos duma pantera. A boca era uma linha aberta no rosto. Coberto cum albornoz azul, parecia uma adaga dentro duma bainha de veludo. Um vidro de veneno num estojo perfumado. O árabe perguntou a um homem que

cavalgava atrás:

— Quanto falta pra chegar ao acampamento beduíno?

— Pouco menos de duas horas, ilustre senhor.

Lakhdar moveu a cabeça e tornou a se engolfar nos agradáveis pensamentos que lhe despertava a diversão que ali o esperava.

Quando um homem orgulhoso é desprezado por uma mulher sua fúria desperta, mas quando vê que a mulher amada o despreza e se entrega ao rival mais odiado, é natural que sinta algo mais que fúria. E se além de tudo isso receber uma mensagem na qual a mulher diz que, fosse ele o único homem que existisse no mundo e ela a única mulher, ainda assim continuaria o odiando, então o caso exige vingança retumbante.

Isso era o que ultimamente sucedera a Lakhdar. A mulher, ou antes, a menina, pois acabava de completar quinze anos, era Fátima, conhecida como rosa de Mequinez, e o rival era Echamachi, a mão direita de Mektub.

Numa de suas visitas clandestinas a Mequinez, onde a cada momento corria o perigo de ser apresado pelas autoridades francesas, conheceu Rosa na casa dum amigo. Cometeu o crime de penetrar no quarto da jovem quando ela estava com o rosto descoberto e logo sucumbiu ante sua beleza. Matou o amigo e raptou a pequena e sua servente, uma velha da mata virgem de Dacar. Uma vez em seu acampamento, dispunha-se a conquistar com toda a calma a ferinha, ainda que enfim tivesse de empregar a força, quando o odiado Echamachi visitou casualmente seu acampamento, portando uma mensagem de Mektub.

Sem perder a calma, a mão direita do grande chefe tomou Fátima sob sua proteção, a levou a seu acampamento e ali se ofereceu pra conduzir ela ao lugar que ela quisesse. E ela desejou permanecer junto a Echamachi!

Lakhdar se inteirou dessa ofensa por um dos espiões que tinha no acampamento do rival. A rosa de Mequinez pedira permanecer junto do Echamachi na paz e na guerra. O Echamachi, que era humano, prometeu conservar junto a si, na paz, Rosa de Mequinez.

Porém agora ardia a guerra. O Echamachi estava fazendo um saque a mais de 1000km do acampamento de Lakhdar, Permaneceria longe durante muitos dias. E deixara Fátima nas mãos de humilde beduíno, em quem não tinha muita confiança mas que sabia lhe guardaria a rosa de Mequinez com medo da consequência de faltar a sua promessa.

Um diabólico sorriso crispou os lábios de Lakhdar e, inconscientemente, avivou o passo da cavalgadura. Pelo visto Echamachi nunca chegou a supor que a mão esquerda de Mektub se atreveria a o enfrentar abertamente. Jamais sonhou que o flagelo do exército rebelde se arriscasse a se expor a sua ira. Do contrário não empreenderia aquele assalto a 1000km do povoado, deixando sua amada no acampamento beduíno, onde só havia vinte homens capazes de empunhar arma. Como lamentaria seu descuido! E Fátima lamentaria mil vezes ter nascido!

De repente, ao longe, apareceram as negras tendas dos beduínos, levantadas junto de minúsculos oásis. Lakhdar e seu bando se dirigiram a galope até lá. Ao chegar, Lakhdar penetrou na tenda maior, se dispondo a assumir o comando do mísero povoado.

A sua chegada uma mulher, em cuja frente se viam confusas tatuagens, se afastou,

enquanto o velho chefe do acampamento, algo inquieto pela súbita chegada da mão esquerda de Mektub, se inclinava, deferente. Murmurou algo acerca da grande honra que significava a visita de tão nobre personagem, suplicando compartilhar sua humilde hospitalidade.

Durante várias horas Lakhdar nada disse do motivo da visita, saboreando mentalmente o terror que Fátima experimentaria. Ela devia estar nalguma das tendas, se perguntando, embora já o soubesse, a que teria ido ali o homem que a amava tanto e a quem ela mais odiava. Enfim disse ao velho beduíno:

— Tens aqui uma mulher a quem vim buscar. É Fátima, a rosa de Mequinez. É uma traidora de nossa causa. Vim a castigar.

O velho se revolveu inquieto no assento e, durante um instante, pareceu disposto a se opor.

— Uma traidora? Deves estar equivocado.

— Não me engano. Demonstrou sua culpabilidade. — Lakhdar procurou uma mentira verossímil — Guiou os franceses ao esconderijo dum de meus mais fiéis servidores, a quem fuzilaram, se apoderando de valiosas mensagens que Mektub lhe entregara. Por isso Fátima deve morrer.

— Se fosse verdade o sábio Echamachi saberia.

Lakhdar ficou em pé e dirigiu ameaçador olhar ao beduíno.

— Te atreves a dizer que minto?, cão imundo! Digo que Fátima será castigada e sou o instrumento desse castigo!

Durante instante o velho permaneceu calado, os olhos revelando a luta que se travava no íntimo. Echamachi o encarregara da custódia da pequena. Porém Lakhdar estava ali, e Echamachi estava a 1000km de distância. Além disso Lakhdar era o flagelo.

Não foi preciso tomar uma decisão. Lakhdar a tomou em seu lugar. Levantou a tela que servia de porta e ordenou revistar todas as tendas até encontrar Fátima. Depois deveriam ir desarmando os beduínos, à medida que acudissem ao acampamento, de regresso da caça.

Olhou o velho, que não pôde conter um estremecimento, e se afastou do chefe árabe.

— Preciso desta tenda. Vás.

O beduíno, dirigindo um olhar fatalista ao céu, se retirou. Aquele olhar parecia dizer:

— Sou velho e débil. Quer Alá que essa mulher morra, apesar dos desejos do Echamachi. Quem sou pra me opor à vontade de Alá?

Mal se afastara tornou a se abrir a porta da tenda e Fátima foi obrigada a se apresentar ante o homem que a amara e que naquele momento a odiava de tal maneira que arriscava posição vida pra se vingar.

Arfando, a jovem se deteve, desafiadora, no centro da tenda. Lakhdar a fitou com olhos entornados e ameaçadores.

Era linda, muito linda. Os olhos grandes e brilhantes, marginados pelas sedosas e longas pestanas, estavam aumentados pelo col.^[42] O corpo, parcialmente visível, era de

ebúrnea brancura, o que fez Lakhdar estremecer a ponto de esquecer o ódio mas não esqueceu.

— És a traidora!, hem? A mulher tão esperta que soube cegar Echamachi? Todavia não foste bastante sabida pra me cegar. Não. Soube de teu crime e venho te castigar em nome de Mektub.

— Traidora? — Repetiu Fátima, tratando de aparentar serenidade — Não sou traidora! Sou leal como o próprio grande chefe.

— Está provada tua culpa. Mohamed, o mensageiro, foi denunciado por ti aos franceses. Por isso eu, o segundo poder, vim te castigar.

— Mentos! Mentiste duas vezes! A primeira ao dizer que atraíoei um dos homens do chefe. A segunda ao dizer que és o segundo poder. És o terceiro. E estás muito abaixo de meu bem-amado Echamachi.

— Veremos quem é o segundo. Veremos se Echamachi chega a tempo de deter meu braço justiceiro. Foste julgada e declarada culpada. Está decidido teu castigo.

— Cortarão tuas plantas dos pés e serás obrigada a caminhar sobre a ardente areia do deserto. Serás esfolada viva e depois enterrada na areia até o pescoço e deixada ali à mercê de Alá. Teu castigo começará quando sair o sol de amanhã. Esta é minha ordem.

A moça empalideceu à medida que pronunciava as terríveis palavras. Durante um momento os lábios tremeram, porém logo, fazendo um esforço, os apertou e permaneceu orgulhosamente imóvel. Disse, lentamente:

— Tudo quanto me faças será feito a ti. Meu amado talvez não regresse a tempo de impedir a realização de teus cruéis desígnios mas chegará algum dia. Então tuas horas de vida estarão contadas.

Lakhdar apertou os lábios e cuspiu no rosto de Fátima.

— Ora! Não me emocionam tuas palavras. Disse que a sentença vem do próprio Mektub. E Echamachi estará impotente. Vás à tenda que está atrás desta e te disponhas ao momento de tua morte.

Orgulhosamente, a pequena se deixou conduzir, pelos esbirros de Lakhdar.

O chefe rebelde refletiu sobre as palavras da rosa de Mequinez. Afinal Echamachi era superior. E além disso amava Fátima.

Chamou o velho beduíno e disse bruscamente:

— Quero dizer umas palavras ao ouvido do sábio ancião. É desejo expresso de Mektub que nenhum sussurro desta execução chegue aos ouvidos de sua mão direita, Echamachi. O grande chefe sabe quanto Echamachi ama Fátima. O melhor será que jamais se inteire do que foi feito dela.

O beduíno fitou resignado o chefe árabe. Lakhdar grunhiu:

— Não me compreendes?, porco imundo!

— Compreendo — Suspirou o ancião.

— É certo que assim seja. Pois se alguma palavra chegar aos ouvidos de Echamachi, todos teus homens morrerão. E serás empalado.

O beduíno estremeceu ante a ameaça. O pau! O suplício em que um homem morria atravessado de baixo a cima por um pau aguçado, levando a morte, às vezes, três dias! Murmurou, com acento trêmulo:

— Disse que compreendia perfeitamente, ilustre senhor.

O rosto de Lakhdar foi se iluminando. Tudo estava já acertado. Tinha a pequena. Echamachi estava a 900km de distância. E a sorte de Fátima jamais seria revelada. Todo mundo julgaria que desaparecera voluntariamente do acampamento dos beduínos.

A alguns metros de distância, a rosa de Mequinez estava estendida, tremendo de medo, sobre seu leito. Livre da presença de seu verdugo, dava rédea solta ao pavor. Cada um dos suplícios que a esperavam era suficiente pra enlouquecer. Caminhar com os pés dessolados, ser esfolada e depois enterrada até o pescoço, com o que lhe restasse de vida, na areia. Soltou um gemido.

Sentada, com as pernas cruzadas, a fitando com a muda fidelidade dum cão, estava a velha selvagem que cuidava dela.

Era negra e o aspecto nem parecia humano. A arrancaram da selva virgem, na juventude, e a trasladaram ao norte, a vendendo como escrava. Parecia um animal encurralado, um feixe de ossos cobertos por uma ressecada pelanca onde se distinguiam com toda clareza os tendões. Mas se notava ao redor inexplicável aura de força. Na realidade não parecia emanar dela mas a envolver como uma vestimenta. Muitos anos antes, em seu povoado, se sussurraram estranhos relatos acerca de sua mãe, a quem os próprios homens reverenciavam de maneira que raras vezes se vê num país onde tão pouca importância se dá às mulheres. Gemeu a rosa:

— M’Golo! M’Golo!

A preta-velha se arrastou até ela e foi abraçada por Fátima, que soluçava entrecortadamente.

— M’Golo nada pode fazer? Deveras é a vontade de Alá?

— Num conheço teu Alá. — Murmurou a selvagem, com a mescla do dialeto árabe que aprendera durante os anos de escravidão — Só conheço os demônios de minha raça. E sei que não querem tua morte.

— Então não poderias?... — Fátima se conteve. Era fiel crente. Alá é Alá. Porém as mulheres são mais práticas que os homens nas crises religiosas, e a morte que a esperava acabou com todo seu escrúpulo de consciência. — Não podes chamar teus demônios, pra que venham me auxiliar? Ouviste o que Lakhdar pensa fazer comigo?

A expressão da negra mudou. Os enrugados lábios se lhe entreabriram numa careta quase animalesca, que revelou os restos duns dentes que anos antes tiveram a agudeza de alfinete. Replicou ao cabo dum momento:

— Ouvi.

— E permitirás que semelhante coisa suceda a tua Fátima, a quem cuidaste desde

menina? Verdade que não, se é que tens poder pra o evita?r, M'Golo.

Os negros olhos brilharam sombriamente. As mãos tremeram um pouco. A preta murmurou, dubitativa:

— Não sei se tará no meu poder impedir isso. Há muito tempo que tô longe de meu país e de meus diabo. Mas talvez, talvez...

— Talvez o quê? — Perguntou, suplicante, a rosa de Mequinez — Será que não podes chamar?

— Silêncio! — Ordenou a velha — Não sei se se poderá fazer alguma coisa. Em todo caso vou ixprimentá. Agora dorme, minha pombinha.

— Dormir! Achas que posso dormir? Não te dás conta do que me espera no amanhecer?

— Precisa dormir. Tô mandando. Dorme, dorme.

O corpo de Fátima foi ficando rígido e a respiração ficou convulsiva. A negra, inclinada sobre a pequena, continuou dizendo palavras ininteligíveis, e a rigidez do corpo foi cessando. Meia hora depois Fátima dormia tranqüilamente.

À tarde se seguiu o anoitecer e a noite cerrada. E então M'Golo começou a fazer coisas estranhas.

Com três talos de erva do deserto formou um tripé a redor do qual atou vários fios de cabelo. Por ordem de Lakhdar fora privada de sua faca. Se levantando, se aproximou da porta e pediu a um dos guardas emprestar a adaga. O homem se negou até que ela lhe disse que podia conservar a arma em sua mão, se o desejasse, pois só necessitava a desembainhar. Então o guarda puxou o sabre e viu, perplexo, como a negra apertava o braço contra ela.

Uma vez feito isto, M'Golo regressou ao interior da tenda. Da ferida deixou cair várias gotas de sangue sobre os fios de cabelo. Depois procurou um pouco de lã de camelo, que empapou no espesso líquido que guardava num frasquinho escondido entre as roupas. Colocou a mecha de lã sob o tripé e enfim ateou fogo, se valendo dum ferro e duma pederneira. Parecia que o fogo seria breve e, não obstante, a lã, a erva e o cabelo arderam durante quase uma hora, e nesse tempo M'Golo, inclinada sobre a chama, pronunciou uma série de palavras num idioma diferente de todos os que se falam naquela parte da África.

Quando se apagou a chama de lã, cabelo e erva e só ficou um montinho de cinza, M'Golo deixou de murmurar. Umedeceu o polegar e o índice da mão direita e os colocou sobre a cinza, que aderiram em grande parte.

Se levantou e se aproximou da pequena adormecida, estendeu os braços sobre ela, deixou cair um pouco de cinza sobre a fronte, o peito e os pés, enquanto Fátima se revolia, inquieta. Seu corpo franzino se retorceu como em súbita agonia. Dos lábios brotou um grito ao mesmo tempo que levava as mãos ao peito, como se algo dentro tentasse escapar.

Apesar disso não despertou. Gradativamente seus movimentos cessaram e se diria que estava morta, tão grande era a palidez e imobilidade. M'Golo soltou naquele momento um

alarido e Lakhdar, que estava na tenda imediata, mergulhou também em profundo sono, se revolveu inquieto, levou as mãos ao peito e, de repente, ficou também como morto. Na obscuridade da tenda apareceu, de repente, uma sombra, que ficou suspensa sobre o corpo do chefe dos rebeldes.

Na tenda da condenada, M'Golo viu se filtrar uma sombra na tela da barraca. A sombra permaneceu uns segundos sobre o corpo de Fátima e, enfim, pareceu se fundir nele.

M'Golo exalou profundo suspiro e lentamente se derrubou no chão, onde ficou sem sentido.

O Sol, qual enorme globo de fogo, apareceu sobre o deserto. Lakhdar, o flagelo de Mektub, despertou. Se sentia feliz. No momento não compreendeu por quê. Enfim recordou.

Fátima, a rosa de Mequinez, que considerara o amor do grande Lakhdar coisa desprezível, seria tratada como merecia. Por isso se sentia tão alegre. Recordou a sentença ditada no dia anterior e sentiu indizível prazer.

Há homens cujo gozo consiste especialmente na dor que podem infligir aos demais. Lakhdar era um deles. Torturar os outros constituía verdadeira delícia. E numa ocasião como aquela, quando o sofrimento que se infligiria seria não só tormento quanto vingança.

Se espreguiçou e se sentou cum sorriso nos lábios. Fátima devia ter sofrido mil vezes, durante a noite, o martírio que a esperava. Um raio de sol penetrou na tenda. Lakhdar sorriu de novo. Começaria a diversão. Demonstraria à rosa de Mequinez quem era o verdadeiro dono. E quando Echamachi regressasse...

Seus agradáveis pensamentos foram bruscamente interrompidos pelo assombro e a incredulidade. Olhou suas cadeiras, pestanejou pra afastar dos olhos a incrível visão que contemplava e olhou de novo.

O que os olhos revelavam era que estava vestido com calça de mulher, e que debaixo delas se vislumbrava carne alvíssima e epiderme suave.

Eram as cadeiras duma mulher! De mulher bonita. Não eram suas pernas. Que diabo fizeram de suas pernas? Mas, eram realmente as suas?

Pestanejou de novo e moveu as pernas. Sim, eram. Quis se beliscar, pra que não lhe restasse dúvida e viu sua mão. Que mão! Delgada, fina, miúda... e no dedo anular tinha um anel cuja dona, pelo nome de Alá!, lhe era bem conhecida.

Dirigiu imediatamente um olhar ao redor. Aquela não era a tenda onde se deitara. Era muito menor e menos luxuosa.

Atraído por ligeiro movimento a suas costas, se voltou, descobrindo uma preta-velha o olhando fixamente. Era a criada da rosa de Mequinez. O que fazia ali junto?

Lakhdar começou a arfar como um animal feroz que tivesse subitamente despertado numa jaula. O suor lhe cobriu a fronte e teve a sensação de que dedos invisíveis o asfixiavam.

Um contato insólito contra o pescoço lhe fez mover a cabeça, e uma mata de nigérrimo cabelo se espalhou sobre seu peito. Era cabelo de mulher!

Lakhdar se levantou cum salto e soltou um berro. Na realidade pretendia ser um berro, porém de seus lábios só brotou um gritinho feminino.

Um de seus homens abriu a tenda e assomou no interior e disse, se inclinando zombeteiramente:

— Alá te guarde, rosa de Mequinez. Se em vez de dormir aqui o fizesses noutra tenda, tua probabilidade de salvação seria maior. Talvez nosso chefe consentiria não cumprir a sentença.

Lakhdar cambaleou como um ébrio. Tentou rugir:

— Louco! Idiota! Sou teu chefe! Será que não tens olho?

Porém só um penetrante gemido saiu da garganta. Apavorado, levou aquelas femininas mãos aos pintados lábios. A sentinela tornou a rir e fechou a tenda.

Pouco depois, alta figura, envolta num albornoz azul e com a cabeça coberta por alvo turbante, penetrou na tenda. Lakhdar se contemplou. Estas palavras saíram dos delgados e cruéis lábios:

— O Sol despontou, rosa de Mequinez. Estás preparada pra que se cumpra a justa e sábia sentença que ditei ontem, contra ti?

Lakhdar, sentindo que sua razão vacilava, observou os desapiedados olhos do homem que tinha na frente. Soluçou:

— Piedade! Piedade! Sabes o horrível acontecimento desta noite. Vejo em teus olhos que o sabes. Em nome de Alá, perdão!

O homem do albornoz azul refletiu um momento, com zombeteira gravidade, e disse:

— Se tens prova que possas apresentar a teu favor, faça. Se com isso puder ser alterada a sentença, obterás justiça.

— O que mais tenho a dizer além de que és minha pessoa que sou a tua? — Disse com musical acento.

— Tuas palavras, formosa rosa de Mequinez, são as dos que perderam a razão. Vamos. Já chegou o momento...

— Não! Não! — Gemeu Lakhdar, retorcendo seu feminino corpo — Sou Lakhdar, o flagelo de Mektub! Não sou Fátima!

— A amarraí. — Foi a ordem do homem do albornoz azul.

Lakhdar se viu atado num momento e arrastado, pouco depois, a fora da tenda. Seu vigor se convertera em feminina fragilidade. Se dirigindo a seus homens, disse:

— Me conheceis. Sou Lakhdar! E ela — apontou ao homem do turbante branco — é a rosa.

Os homens se entreolharam e encolheram os ombros. Louca! foi o veredicto que Lakhdar leu em seus olhos.

Foi deposto na areia, sob ardente sol. Um de seus homens desembainhou uma cimitarra cujo fio era igual ao duma navalha de barbear. O aço foi levantado sobre os pés.

— Asseguro que sou Lakhdar! — Gritou a formosa cativa — Foi o diabo que... — As últimas palavras foram abafadas pelo grito de agonia que lançou no instante em que a afiada folha cortava a carne das plantas dos pés.



Diz o povo que o exército do flagelo de Mektub mudou tão completamente como se seu chefe fosse outra pessoa. Lakhdar lá não é o monstro de crueldade que foi. Seu poder é utilizado sábia e tolerantemente. E quando, como é inevitável, cair em mãos inimigas e for fuzilado, ou morrer em combate, haverá muitos que o chorarão.

Também mudou noutro sentido. No passado era o pior inimigo do bondoso e potente Echamachi. Em compensação, agora é seu melhor amigo, o seguindo a todos os lugares como se fosse a sombra.

Mais estranha ainda é a solicitude com que trata a escrava negra que serviu à rosa de Mequinez, antes de Fátima desaparecer, ninguém sabe aonde. Os homens de Lakhdar não podem compreender o apego que sente à velha M'Golo. Viram a ferocidade com que tratou a rosa de Mequinez naquele dia no acampamento dos beduínos. Então por que agora trataria com tanto carinho escrava dela? Mas só Alá conhece o motivo de todos os mistérios que sucedem na Terra.

A história do grumete

Isak Dinesen

Tradução de Alfredo Ferreira

A barca *Carlota* estava em viagem de Marselha a Atenas, com tempo encoberto, em alto mar, depois de três dias de vento forte. Um pequeno grumete, chamado Simão, estava no tombadilho úmido e oscilante, agarrado a uma enxárcia, e olhava as nuvens fugidias e os ovéns do mastro de traquete.

Uma ave, procurando refúgio no mastro, embaraçara as patas nalgum fio solto da cordoalha e, muito alto, lutava pra se libertar. O rapaz na coberta podia a ver bater as asas e virar a cabeça dum lado a outro.

Graças a sua experiência de vida chegara à conclusão de que neste mundo cada um deve cuidar de si sem esperar auxílio alheio. Mas aquela luta mortífera e silenciosa o manteve fascinado durante mais de uma hora. Imaginava que espécie de ave seria. Naqueles últimos dias grande quantidade de ave pousara no cordame do barco: Andorinha, codorniz, e um casal solitário de falcão. Acreditava que aquela ave fosse um falcão migratório. Se lembrava de como, havia muitos anos, em sua terra e perto do lar, vira um falcão muito perto, pousado numa pedra e erguendo vôo reto a cima. Talvez aquele fosse o mesmo falcão. Pensou:

— Aquele pássaro é como eu. Estava lá, está aqui.

Essa idéia despertou um sentimento de camaradagem, um senso de tragédia comum. Ficou olhando a ave com o coração na boca. Não havia marinheiro ali pra rir. Começou a pensar como poderia subir nas enxárcias pra ajudar o falcão. Atirou o cabelo a trás, arregaçou as mangas, volveu um grande olhar circular no tombadilho em volta e começou a subir. Teve de parar várias vezes por causa do balanço. De fato era, verificou ao chegar ao topo do mastro, um falcão migratório. Quando chegou com a cabeça à altura da ave, ela parou de lutar, e o olhou cum par de olhos amarelos, irritados e cheios de desespero. Teve de o segurar cuma das mãos enquanto puxava a faca e cortava o fio solto da corda. Se sentiu assustado quando olhou a baixo, mas ao mesmo tempo se lembrou que ninguém lhe dera ordem pra subir até ali, que o fizera por sua alta recreação, e isso lhe deu uma tranqüilizadora sensação de orgulho, como se o mar, o céu, a ave e ele fossem uma só coisa. Exatamente quando acabava de soltar o falcão, ele deu uma bicada no dedo, de maneira que o sangue começou a correr e quase o soltou. Se zangou, e lhe deu uma pancada na cabeça, o meteu dentro da blusa e desceu de novo.

Quando chegou ao tombadilho, o contramestre e o cozinheiro estavam ali parados, olhando. Gritaram, perguntando o que fora fazer lá em cima. Estava tão cansado que tinha os olhos cheios de lágrima. Tirou o falcão de dentro da blusa e o mostrou. Os dois riram e saíram. Simão pousou o falcão no chão, recuou e ficou o observando. Depois dum momento refletiu que não poderia levantar vôo do tombadilho escorregadio, e por isso o

agarrou de novo, se afastou com ele e o pôs sobre um toldo de lona. Pouco depois a ave sacudiu as penas, deu dois ou três pulos curtos a diante, e depois, subitamente, levantou vôo. O rapaz a pôde ver voar sobre as ondas cinzentas do mar, e pensou:

— Lá vai meu falcão.

Quando a *Charlotte* voltou à pátria, se alistou a bordo doutro navio, e dois anos depois era taifeiro da escuna *Hebe*, ancorada em Bod, cerca da costa da Noruega, pra comprar arenque.

No grande mercado de arenque de Bod se juntavam navios dos quatro cantos do mundo. Havia ali barcos suecos, finlandeses e russos, uma floresta de mastros, e em terra uma manifestação exuberante e turbulenta de vida, com muitas línguas e tremendas brigas. Havia barracas armadas no cais, e os lapões, um povo pequeno e amarelo, de movimentos silenciosos, olhos observadores, que Simão nunca vira antes, desciam pra vender objeto de couro lavrado a mão. Era em abril, o céu e o mar estavam tão claros que era difícil manter os olhos fitos neles, aquela amplidão salgada, infinitamente vasta e cheia de grito de ave, como se alguém estivesse incessantemente afiando facas invisíveis, em todos os lados, muito alto no céu.

Estava espantado com a suavidade daquelas tardes de abril. Não sabia geografia, não atribuía aquilo à latitude e considerava o bom tempo um favor inesperado da natureza. Fora sempre pequeno prà idade, mas durante aquele último inverno crescera e adquirira forte musculatura. Achava que aquela boa-sorte seria atribuída à mesma causa que determinava a suavidade do tempo, uma espécie de benevolência especial do universo. Precisava daquele estímulo porque era tímido por natureza. Agora não o seria mais. O resto era consigo. Andava dum lado a outro lentamente e com orgulho.

Numa noite fora a terra, de folga, e se encaminhou à tenda dum pequeno negociante russo, um judeu que vendia relógio de ouro. Todos os marinheiros sabiam que os relógios eram de metal barato e não funcionavam, mas mesmo assim compravam e os exibiam. Simão olhou os relógios durante muito tempo mas não comprou. O velho judeu tinha diversa mercadoria na tenda, e entre elas uma caixa de laranja. Simão já provara laranja nas viagens. Comprou uma e a levou. Tencionava subir a colina, donde se via o mar, e a chupar ali.

Enquanto andava, e chegando aos limites do lugar, viu uma mocinha de vestido azul, parada dentro duma cerca e o olhando. Teria treze ou catorze anos, era esbelta como uma enguia mas tinha um rostinho redondo, claro e sardento e duas longas tranças. Ambos se olharam.

— A quem esperas? — Perguntou Simão, pra dizer algo. O rosto da menina se expandiu num sorriso alegre e presunçoso.

— O homem com quem me casarei, é claro.

Havia algo, na atitude dela, que fez o rapaz se sentir confiante e alegre. Sorriu de leve.

— Talvez seja eu.

— Hahaha! Garanto que é um pouco mais velho que tu.

— Como? Tampouco ainda não estás crescida.

A menina meneou a cabeça solenemente.

— Não. Mas quando crescer serei muito linda. E usarei sapatos castanhos de salto alto e chapéu.

— Queres uma laranja? — Perguntou Simão, que não podia oferecer algo que ela mencionara. Ela olhou a laranja e a ele — São muito gostosas.

— Por que não a comes então?

— Já comi muitas quando estive em Atenas. Aqui tive de pagar um marco.

— Como te chamas?

— Me chamo Simão. E tu?

— Nora. O que queres por tua laranja agora?, Simão.

Quando ouviu seu nome pronunciado por ela, se sentiu atrevido.

— Queres me dar um beijo pela laranja?

Nora o olhou muito séria durante um momento.

— Aceito. Não me importo te em dar um beijo.

Ele ficou vermelho como se tivesse corrido muito. Quando Nora estendeu a mão, pra pegar na laranja, ele a segurou. Naquele momento alguém dentro da casa a chamou.

— É meu pai. — E tentou lhe devolver a laranja mas ele não aceitou.

— Então volte de novo amanhã.

Ele ficou parado, a olhando, e pouco depois voltou ao navio.

Não tinha o hábito de fazer plano pro futuro, e não sabia se a reprocuraria.

Na tarde seguinte teve de ficar a bordo porque os outros marinheiros iam a terra, e nem se importou com aquilo. Tencionava ficar sentado no tombadilho, com o cachorro de bordo, Baltazar, e praticar cum acordeão que comprara havia algum tempo. A tarde pálida o envolvia, o céu estava levemente róseo, o mar muito calmo, como um espelho, quebrado somente na esteira dos barcos que demandavam terra, em listas dum roxo vivo. Se sentou e tocou. Depois dalgum tempo sua própria música começou a lhe falar tão fortemente à alma, que parou, se levantou e olhou a cima. Então viu que a Lua cheia boiava muito alto, no céu.

O céu estava tão claro que nem parecia necessário o luar. Era como se surgira apenas por um capricho seu. Lua redonda, grave e presunçosa. Nisso sentiu que tinha de ir a terra, custasse o que custasse. Mas não sabia como sair dali, porque os outros levaram o escaler. Ficou parado na cobertura muito tempo, uma triste figura solitária a bordo, quando viu um escaler que se aproximava, vindo dum navio mais afastado, e o chamou à fala. Descobriu que era a tripulação dum navio russo chamado *Anna*, que ia a terra. Quando conseguiu se fazer entender por eles, lhes pediu que o levassem. Primeiro pediram dinheiro pela passagem, depois, rindo, devolveram. Esta gente pensará que irei a terra pra procurar mulher. E então descobriu, com algum orgulho, que tinham razão, embora ao mesmo tempo estivessem redondamente enganados, e nada soubessem.

Quando chegaram a terra, o convidaram pra beber um trago. Não pôde recusar porque o ajudaram. Um dos russos era um gigante, forte como um urso. Disse a Simão que se chamava Ivã. Ficou logo embriagado e então se tornou duma amizade brutal pelo rapaz, lhe dando palmadas, dizendo graças e rindo. Lhe deu de presente uma corrente de relógio de ouro, e o beijou nas duas faces. Nisso Simão refletiu que ele também deveria oferecer um presente a Nora quando se encontrasse consigo de novo, e assim que conseguiu se descartar do russo foi a uma barraca que conhecia, e comprou um pequeno lenço de seda azul, da mesma cor dos olhos dela.

Era uma noite de sábado e havia muita gente entre as casas. Vinham em longas filas, alguns cantando, todos ansiosos pra se divertir um pouco durante a noite. Simão, no meio daquela vida alegre e vibrante, ao luar, sentia a cabeça leve, por causa da fuga do navio e das bebidas fortes. Enfiou o lenço no bolso. Era seda, coisa na qual nunca tocara antes. Um presente pra sua garota.

Não podia se lembrar do caminho à casa de Nora, se perdeu, e voltou ao ponto de partida. Então teve um medo horrível de chegar tarde demais, e começou a correr. Numa passagem estreita, entre duas cabanas de madeira, foi de encontro a um homem corpulento, e viu que era Ivã de novo. O russo passou os braços em volta do corpo e o segurou.

— Bom! Bom! — Exclamou, radiante — Te encontrei, meu franguinho! Te procurei em todos os lados, e o pobre Ivã chorou porque perdera o amigo.

— Me deixes ir, Ivã!

— Ó! Irei contigo e pagarei o que quiseres. Meu coração e meu dinheiro são teus, somente teus. Também já tive dezessete anos e era um cordeirinho de Deus, e quero ser de novo, nesta noite.

— Me deixes ir! — Gritou — Tenho pressa.

Ivã o apertou tanto que o machucou, e lhe deu palmadinhas nas costas com a outra mão.

— Sinto! Sinto! E agora, podes crer, meu amigo, nada nos separará. Ouço os outros que se aproximam. Passaremos uma noite juntos, da qual te lembrarás quando já fores um avozinho.

De repente apertou o rapaz contra o peito, como um urso que carrega um carneiro. A odiosa sensação dum carinho materialmente másculo e o volume do homem apertado a ele, enlouqueceram o franzino rapaz. Se lembrou de Nora esperando, como um esbelto navio no ar turvo, e de si, ali, preso no abraço quente dum animal peludo. Empurrou Ivã com toda força.

— Sou capaz de te matar, Ivã, se não me deixares ir.

— Ó! Me agradecerás depois. — E começou a cantar.

Simão procurou sua faca no bolso e a empunhou aberta. Não podia levantar o braço, mas empurrou a faca furiosamente, na cava do sovaco do enorme homem. Quase imediatamente sentiu o sangue esguichando e escorrendo na manga. Ivã parou de cantar de repente, afrouxou os braços que prendiam o rapaz, e deu dois profundos e longos

gemidos. Um segundo depois caía de joelhos e gemeu:

— Pobre Ivã! Pobre Ivã!

Caiu de borco. Naquele momento Simão ouviu as vozes dos outros marinheiros, que se aproximavam, cantando, na rua próxima.

Ficou imóvel um minuto, enxugou a faca, e olhou o sangue que se alastrava numa poça escura sob o enorme corpo. Então correu. Quando parou um momento, pra escolher o caminho que devia seguir, ouviu os marinheiros a suas costas gritar ao descobrir o companheiro morto.

— Devo correr ao mar, onde poderei lavar as mãos.

Mas ao mesmo tempo correu na direção contrária. Depois dalgum tempo se achou no caminho no qual seguira um dia antes, que pareceu tão familiar como se tivesse andado nele centenas de vezes na vida.

Diminuiu o passo pra olhar em volta, e de repente viu Nora de pé no outro lado da cerca. Estava bem junto quando a viu, ao luar. Agitado e ofegante, caiu de joelho. Durante um momento não pôde falar. A menina o olhou e disse, com sua voz agradável:

— Boa noite, Simão. Te esperei muito tempo — E depois dum momento acrescentou: — Comi tua laranja.

— Ó, Nora. Matei um homem! Ela ficou o olhando, mas não se mexeu.

— Por que mataste um homem? — Perguntou, depois de um instante.

— Pra chegar até aqui. Porque tentou me impedir. Mas era meu amigo — Se levantou devagar — Gostava de mim! — Exclamou o rapaz, desatando a chorar.

— Sim. — Disse ela, lentamente, e pensativa — Sim, porque tinhas de estar aqui a tempo.

— Podes me esconder? Porque estão me perseguindo.

— Não. Não posso te esconder. Porque meu pai é o cura de Bod, e certamente te entregaria a eles se soubesse que mataste um homem.

— Então me dê algo pra limpar as mãos.

— O que tens nas mãos? — Perguntou, recuando um passo. Ele lhe mostrou as mãos.

— Esse sangue é teu?

— Não. É dele.

Ela recuou mais um passo.

— Me odeias, agora

— Não te odeio. Mas ponhas as mãos atrás das costas.

Quando ele o fez, a menina se aproximou, no outro lado da cerca, e passou os braços em volta do pescoço. Apertou o corpo moço contra o de Simão, o beijou energicamente. Sentiu o rosto, fresco como o luar, contra o seu próprio, e quando ela o soltou, sua cabeça oscilou e não sabia se o beijo durara um segundo ou uma hora. Nora ficou de pé, ereta,

com os olhos muito abertos. Ela disse lentamente e com orgulho:

— Agora prometo que nunca me casarei com outro, por mais que viva.

O rapaz continuava com as mãos atrás das costas, como se amarradas.

— E agora debes fugir porque chegarão. — Se olharam — Não te esqueças de Nora.

Ele se voltou e correu. Pulou sobre uma cerca, e quando chegou no meio das casas começou a andar. Não sabia aonde ia. Ao chegar a uma casa donde vinha o som de música e de riso, entrou devagar via porta. A sala estava cheia de gente. Ali se dançava. Uma lâmpada pendia do teto, iluminando a cena. O ar estava espesso e pardo, do pé levantado do assoalho. Havia algumas mulheres na sala mas muitos homens dançavam uns com os outros, e com seriedade ou rindo batiam os pés no chão. Um momento depois de Simão entrar, a multidão se afastou a junto das paredes, pra dar espaço a dois marinheiros que estavam mostrando uma dança da terra deles.

Simão pensou:

— Agora, daqui a pouco, os homens do navio virão pra procurar o assassino de seu camarada, e por minhas mãos descobrirão que fui eu.

Aqueles cinco minutos durante os quais ficou encostado à parede da sala de dança, no meio dos dançarinos alegres e suados, foram de grande significado pro rapaz. Ele próprio o sentiu, como se ficasse mais velho e fosse como as outras pessoas. Não culpava o destino nem se queixava. Ali estava. Matara um homem e beijara uma garota. Não desejava outra coisa da vida, nem a vida queria outra coisa dele agora. Era Simão, um homem como os outros homens em volta, e que morreria, como todos os homens morrem.

Só percebeu do que acontecia em volta quando viu que uma velha entrara na sala, e estava em pé no meio do assoalho iluminado, olhando a todos os lados. Era uma velha baixa, gorda, vestida à moda dos lapões, e ocupava seu lugar com tanta majestade e orgulho como se fosse a dona daquilo tudo. É evidente que a maioria das pessoas presentes a conhecia e tinham medo, embora alguns rissem. A algazarra da sala de baile parou quando ela ergueu a voz. Perguntou com voz fina e aguda, como a duma ave:

— Onde está meu filho?

Logo em seguida seus olhos caíram sobre o próprio Simão, e avançou entre a multidão, que se abria diante dela, estendeu a mão enrugada e escura, e o agarrou no ombro.

— Venhas a casa comigo, agora. Nada tens nada a dançar aqui nesta noite. Me encarregarei de te ensinar uma dança mais bonita, daqui a pouco.

Simão recuou, porque pensou que ela estava embriagada. Mas quando ela o fitou no rosto com os olhos amarelos, lhe pareceu que já a encontrara antes, e que faria melhor a escutando. A velha o arrastou na sala, e ele a seguiu sem palavra.

— Não surses demais teu filho!, Suniva. — Gritou um dos homens da sala — Ele nada fez de mais. Queria somente ver a dança.

No momento em que atravessavam a porta houve um alarme na rua. Um grupo de homens veio correndo rua abaixo, e um, ao entrar na casa, se chocou contra Simão, olhou a ambos e seguiu.

Enquanto amos caminhavam na rua, a velha levantou a saia e meteu a barra entre as mãos do rapaz.

— Limpes as mãos em minha saia.

Não tiveram de andar muito pra chegar a uma pequena casa de madeira, onde pararam. A porta de entrada era tão baixa que tiveram de se curvar pra passar. Enquanto a velha entrava na frente, o segurando sempre no braço, o rapaz olhou rapidamente a cima. A noite se tornara enevoadada e havia um grande círculo em volta da Lua.

O quarto da velha era estreito e escuro, com única janela. Uma lâmpada no chão o iluminava debilmente. Estava cheio de pele de rena e de urso e chifre de rena, dos quais os lapões costumam fazer botão lavrado e cabo de faca, e o ar dentro era rançoso e abafado. Assim que entraram, a velha se virou a Simão, lhe segurou a cabeça, e com os dedos ossudos dividiu o cabelo no meio e o penteou a baixo, à moda da Lapônia. Lhe enfiou um barrete lapão na cabeça e recuou pra o examinar.

— Te sentes em meu tamborete. Mas primeiro me dês tua faca.

Dava assim ordem em tom e de maneira que o rapaz só podia obedecer. Se sentou no tamborete e não podia tirar os olhos do rosto dela, que era achatado e moreno, e parecia manchado de terra, sobre a fina rede de ruga. Quando acabou de se sentar ouviu o vozear duma multidão que se aproximava e parou defronte da casa. Alguém bateu à porta, esperou um momento e bateu de novo. A velha parou e escutou, quieta como um rato. O rapaz Exclamou e ficou em pé:

— Nada disso! Não adianta nada, porque é atrás de mim que estão. Será melhor me deixares os encontrar.

— Me dês tua faca.

Quando ele deu, enfiou bruscamente a ponta no dedo polegar, de maneira que o sangue jorrou, e o deixou escorrer em toda a sala — Entres! — Disse, então.

A porta se abriu, e dois dos marinheiros russos entraram e ficaram em pé no limiar. Havia mais gente fora.

— Entrou alguém aqui? Procuramos um homem que matou nosso camarada e fugiu. Ouviste ou enxergaste alguém aqui?

A velha lapã se voltou a eles e os olhos brilhavam como ouro à luz da lâmpada.

— Se ouvi ou enxerguei alguém? Os ouviu gritar assassino! em toda a cidade. Me assustaram, e ao tolinho de meu filho, acolá, de maneira que cortei o dedo ao descoser a barra de minha saia, que consertaria. O rapaz está assustado demais pra me prestar auxílio, e o cobertor está todo estragado. Me pagareis por isso. Se andam procurando um assassino, entrem e revistem a minha casa por mim, e me lembrarei de vós quando nos encontrarmos de novo!

Estava tão furiosa que dançava no mesmo lugar e atirava a cabeça dum lado a outro como uma ave-de-rapina.

Os russos entraram, olharam em volta no quarto, e a ela, e a saia manchada de sangue. Um deles disse timidamente:

— Não nos lances uma maldição, agora, Suniva. Sabemos que podes fazer muitas coisas quando queres. Aqui está um marco pra te indenizar pelo sangue que perdeste.

Ela estendeu a mão, na qual o homem colocou uma moeda. Suniva cuspiu nela.

— Então vás, e não haverá mau sangue entre nós.

E fechou a porta nas costas deles. Meteu o dedo na boca e chupou um pouco.

O rapaz se levantou do tamborete, ficou em pé, ereto diante dela, fitou o rosto. Se sentiu como se estivesse balançando muito alto no ar, tendo apenas um pequeno ponto de apoio.

— Por que me ajudaste?

— Não sabes? Ainda não me reconheceste? Mas deves te lembrar do falcão migratório que ficou preso no fio do cadernal de teu navio, o *Charlotte*, quando navegava no Mediterrâneo. Do dia em que subiste nas enxárcias pra o soltar, com vento forte e mar encapelado. Aquele falcão era eu. Nós, lapões, muitas vezes voamos assim transformados, pra ver o mundo. Quando te encontrei na primeira vez, ia a caminho da África, visitar minha irmã mais moça e os filhos dela. Ela também se transforma em falcão quando quer. Nesse tempo estava morando em Takaunga, dentro duma velha torre arruinada, a que chamam minarete naquela terra.

Enrolou uma ponta da saia no dedo ferido e o mordeu.

Não esquecemos. Dei uma bicada em teu dedo quando me agarraste. Era apenas justo que eu cortasse meu dedo por tua causa, nesta noite.

Se aproximou do rapaz e delicadamente esfregou os dois polegares escuros e recurvos como garras na testa dele.

— Então és um rapaz que prefere matar um homem a ter de chegar atrasado a um encontro com a namorada? Nós, fêmeas, somos todas iguais, neste mundo. Te marcarei a testa agora, pra que as moças saibam disso quando olharem pra ti, e de gostarão de ti por isso. — Estava brincando com o cabelo do rapaz, e o enrolou em volta do dedo — Escutes agora, meu passarinho. O cunhado de meu neto está com o bote dele no lugar de desembarque. Deves levar um carregamento de pele a um navio dinamarquês. Ele te levará de volta a teu navio a tempo, antes que teu contramestre chegue. A *Hebe* deve zarpar amanhã cedo. Não é? Mas quando estiveres a bordo lhe dês meu barrete, pra que o traga a mim. — Pegou a faca dele, a limpou na saia, e entregou — Eis tua faca. Não a cravarás mais nalgum homem. Não haverá necessidade disso, pois doravante navegarás como um verdadeiro marinheiro. Já temos bastante aborrecimento com nossos filhos.

O assombrado rapaz começou a estender as mãos.

— Esperes. Enquanto lavo tua blusa farei uma xícara de café, pra te reanimar.

Colocou uma velha chaleira de cobre no fogo. Logo ofereceu uma bebida preta, quente e forte, numa xícara sem asa.

— Bebas com Suniva, agora. Bebeste um pouco de sabedoria, de modo que de futuro nem todos teus pensamentos caiam no mar salgado como gotas de chuva.

Quando ele acabou e pousou de lado a xícara, ela o levou até a porta e abriu, dando passagem. Simão se admirou de ver que já era quase manhã clara. A casa ficava num ponto tão elevado, que o rapaz podia ver o mar cuma leve névoa. Estendeu a mão, pra se despedir.

Ela o fitou no rosto.

— Não esquecemos. E me bateste na cabeça, lá em cima do mastro. Tenho de te devolver aquela pancada. — Dizendo isso, lhe deu um tapa na orelha, com quanta força pôde, o fazendo ficar um pouco tonto — Agora estamos quites. — Acrescentou. Pousou nele um longo olhar brilhante e malévolo, lhe deu um pequeno empurrão a fora da porta, e lhe acenou com a cabeça.

Assim o grumete voltou ao navio, que devia zarpar na manhã seguinte, e viveu pra contar a história.

O sortilégio dos russos

M. R. James

Tradução de Alfredo Ferreira

Prezado senhor:

Fui incumbido pelo conselho administrativo da Associação X, de devolver o manuscrito de tua conferência sobre *A verdade da alquimia*, que tiveste a gentileza de se propor ler em nossa próxima reunião, e ao mesmo tempo me cumpre informar que nosso conselho não vê maneira de incluir teu trabalho em nosso programa.

Me subscrevo atenciosamente, secretário.

18 de abril de

Prezado senhor:

Sinto informar que meu afazer não me permite conceder uma entrevista pra tratar do assunto de tua conferência, nem nossos estatutos permitem que V. S. discuta esse assunto cum a comissão de membro de nosso conselho, como sugeres. Permitas assegurar que o manuscrito que enviado mereceu nossa melhor consideração e só foi recusado depois de submetido ao julgamento de autoridade muito competente. Nenhuma questão pessoal, julgo desnecessário acrescentar, pôde influenciar a decisão do conselho.

Creias (Ut supra)

20 de abril de

— O secretário da Associação X vem respeitosamente informar a senhor Karswell que é impossível revelar o nome dalguma das pessoas a quem o manuscrito de senhor Karswell foi apresentado pra exame e deseja ainda mencionar que não assume o compromisso de responder a outras cartas sobre o assunto.

— E quem é esse senhor Karswell? — Perguntou a esposa do secretário. Entrara no escritório dele e, talvez indiscretamente, pegara na última destas três cartas, que a datilógrafa acabara de trazer.

— Ora, querida. Senhor Karswell é um homem muito zangado. Mas não sei grande coisa, a não ser que é pessoa de posse, que seu endereço é abadia de Lufford, de Warwickshire, e que é aparentemente um alquimista que deseja falar a nós sobre isso. Eis tudo, exceto que não desejo me encontrar consigo nestas duas semanas mais próximas.

— E o que fizeste pra que se zangasse?

— Nada de mais, querida. Enviou um manuscrito duma conferência que desejava ler na próxima reunião, e o mandamos a Edward Dunning, talvez o único homem na Inglaterra que sabe algo sobre o assunto. Dunning disse que era uma coisa sem nexos, de maneira que a recusamos. Por causa disso Karswell escreveu a mim uma porção de carta. Na última pedia informar o nome do homem a quem submetemos suas baboseiras. Viste minha resposta. Mas não fales a alguém sobre isso, pelo amor-de-deus!

— É claro que não! Já me viste fazer semelhante coisa? Espero, no entanto, que não consiga saber quem é o pobre senhor Dunning.

— O pobre senhor Dunning? Não sei por que dizes isso. É um homem muito feliz. Tem uma porção de potro e uma linda casa própria.

— Queria somente dizer que seria uma pena que esse homem soubesse o nome e pudesse causar aborrecimento.

— Á, sim! Acho que nesse caso ele seria *o pobre* senhor Dunning.

O secretário e a esposa almoçariam fora, e os amigos à casa de quem se destinavam eram gente de Warwickshire. Por isso a senhora secretária já resolvera que os interrogaria discretamente a respeito do senhor Karswell. Mas nem lhe foi preciso se dar ao trabalho de encaminhar a conversa àquele tema, porque a própria dona da casa disse ao marido, antes de decorridos muitos minutos:

— Vi o abade de Lufford nesta manhã.

Ele deu um pequeno assobio.

— O vistes? O que traria à cidade?

— Sabe-deus! Saía do portal do museu Britânico quando eu ia passando de carro.

Era nada de mais que a senhora secretária perguntasse se estavam falando dum abade de verdade.

— Ó, não, querida. Apenas um vizinho lá da terra, que comprou a abadia de Lufford há alguns anos. Seu verdadeiro nome é Karswell.

— É teu amigo? — Perguntou o senhor secretário cuma piscadela disfarçada à esposa.

A pergunta soltou uma torrente de informação. Na realidade nada de bom se podia dizer sobre senhor Karswell. Ninguém sabia no que empregava o tempo. Os criados eram uma gente horrível. Inventara uma nova religião pra uso próprio e ninguém poderia dizer que horrendos ritos praticava. Se ofendia muito facilmente e nunca perdoava. Tinha uma casa assustadora (assim pretendia a dama, contra ligeira objeção do marido). Nunca praticava uma boa-ação e toda influência que exercia era malévola.

— Faças justiça ao pobre homem, querida. Esqueces a festa que ele ofereceu às crianças da escola.

— Já me esqueci. E estimo que a tenhas mencionado, porque dá uma idéia do que é o homem. Agora, Florente, escutes isto: No primeiro inverno que passou em Lufford, esse nosso delicioso vizinho escreveu ao clérigo de sua paróquia, que não é o nosso mas conhecemos muito bem, e se ofereceu pra mostrar aos meninos da escola algumas seqüências de lanterna-mágica. Dizia que tinha algumas de novo gênero que julgava que lhes interessaria. O padre ficou bastante surpreso, porque senhor Karswell se mostrara propenso a maltratar as crianças, se queixando de que o xingavam ou coisa que o valha, mas aceitou. Marcaram uma noite e nosso amigo foi em pessoa ver se tudo corria bem. Depois disse que nunca estimara tanto uma coisa como que os filhos não tivessem podido comparecer. O fato é que estavam numa festa infantil em nossa casa. Porque o tal senhor Karswell fizera aquilo evidentemente com o propósito de enlouquecer de medo aquelas

pobres crianças rústicas, e creio que se o deixassem continuar, o conseguiria. Começou com algumas coisas relativamente brandas. *Chapeuzinho Vermelho* era uma delas, e mesmo nessa, disse senhor Farrer, o lobo era tão assustador que algumas crianças mais novas tiveram de ser retiradas. E disse que senhor Karswell começou a história produzindo um ruído semelhante ao uivo dum lobo a distância, que era a coisa mais aterrorizante que já ouvira. Todos os quadros que exhibia, disse senhor Farrer, eram muito claros. Eram realistas e não podia imaginar onde os obtivera ou como os preparava. O espetáculo continuou e as histórias se tornavam cada vez mais apavorantes, deixando as crianças mergulhadas no mais completo silêncio. Enfim exibiu uma série que representava um garoto atravessando seu próprio parque, Lufford, quero dizer, na noite. Todas as crianças que estavam na sala podiam reconhecer o local apresentado, por fotografias que viram. E aquele pobre rapazinho era perseguido, e enfim pego, e até despedaçado ou desfeito de qualquer maneira, por uma horrenda criatura coxa, que se via a princípio deslizando entre as árvores e que gradualmente se tornava cada vez mais nítida. Senhor Farrer diz que aquilo lhe produzira um dos piores pesadelos dos quais se lembrava, e o que teria parecido às crianças nem é bom pensar. Naturalmente, aquilo era demais, e falara a senhor Karswell muito àasperamente, na verdade, lhe fazendo ver que a coisa não podia continuar. Tudo o que respondeu, foi: Ó! Achas que é tempo de dar por terminado nosso pequeno espetáculo e mandar a meninada à cama? Muito bem! E então, imagines, mudou a outro quadro que mostrava um montão de víbora, centopéia e repugnantes criaturas aladas, e dalguma maneira parecia que aqueles monstros estavam pulando da tela e avançando contra a assistência. E aquilo era acompanhado por uma espécie de som rastejante, seco, que quase fez enlouquecer as crianças, as quais, naturalmente, debandaram. Muitas se machucaram ao fugir da sala, e não creio que alguma pregara olhos naquela noite. Houve terrível reboição na aldeia. Naturalmente as mães lançavam grande parte da culpa sobre o pobre senhor Farrer, e acredito que se tivessem podido forçar os portões os pais quebrariam todos os vidros das janelas da abadia. E agora, eis o que é senhor Karswell: É esse o abade de Lufford, minha cara, e pode imaginar como apetece sua amizade.

— Sim, acho que o homem tem todas as características dum perfeito criminoso. — Disse o anfitrião — Lamentaria quem entrasse a sua lista negra.

— Será esse o mesmo homem ou estarei confundido com outra pessoa? — Perguntou o secretário (que durante algum tempo estivera com a cara franzida como alguém que tenta se lembrar dalguma coisa) — Não foi ele o camarada que publicou uma *História da feitiçaria* há algum tempo, dez anos ou mais?

— Foi. Te lembras das críticas ao livro?

— Certamente que me lembro. E o que é interessante, conheci o autor duma das mais incisivas. E tu também. Deves te lembrar de João Harrington. Estava na universidade então.

— Ó! Me lembro muito bem, embora não me pareça que o vira nem ouvido falar de si desde que deixei a universidade até ao dia em que li a notícia do inquérito.

— Inquérito! — Perguntou uma das senhoras — O que aconteceu?

— Ora, o que aconteceu foi que caiu duma árvore e quebrou o pescoço. Mas o enigma

era o que o induziria a trepar ali. Foi um caso misterioso, podeis crer. Vede só aquele homem, que não era atleta nem coisa parecida, e que até então não demonstrara sinal de excentricidade, voltando a casa tarde da noite numa estrada rural, ninguém perto, bem conhecido e estimado no lugar, e de repente começou a correr como louco, perdeu o chapéu e a bengala, e finalmente trepou numa árvore difícil de subir, que crescia na margem da valeta. Um ramo podre cedeu e o homem caiu e quebrou o pescoço. E ali foi encontrado na manhã seguinte, com a mais espantosa expressão de medo no rosto. Era bem evidente, naturalmente, que fora perseguido por algo, e o povo falou de cães selvagens ou feras fugidas dalgum circo. Mas nada se conseguiu apurar nesse sentido. Isso foi em 1889 e creio que seu irmão, Henry, de quem também me lembro quando estava em Cambride, mas provavelmente não te lembras, até hoje tenta descobrir uma pista ou explicação. Naturalmente, insiste que houve dolo no caso. Mas não sei. É difícil compreender como possa haver.

Depois dalgum tempo a conversa recaiu na *História da feitiçaria*.

— Chegaste a examinar o livro? — Perguntou o dono da casa.

— Sim. — Respondeu o secretário — Cheguei a ler.

— E era assim tão ruim quanto se pretendia?

— Ó! Em matéria de estilo e redação era um desastre. Merecia toda a crítica que teve. Além disso era um livro perverso. O homem acreditava em cada palavra do que dizia, e me engano muito ou experimentara a maior parte das receitas.

— Só me lembro da crítica de Harrington. E devo dizer que se eu fosse o autor ela teria arrefecido minha ambição literária até sempre. Nunca mais ergueria a cabeça.

— Não teve esse efeito no caso presente. Mas vamos. São 3:30h. Tenho de sair.

A caminho de casa, a esposa do secretário disse:

— Espero que aquele homem horrível nunca descubra que senhor Dunning teve algo a ver com a rejeição à conferência.

— Não creio que haja muita probabilidade disso. — Disse o secretário — Dunning e nenhum de nós não o mencionará porque é um assunto confidencial. Karswell não saberá o nome porque Dunning até agora não publicou sobre a matéria. O único perigo de Karswell descobrir é se perguntou ao pessoal do museu Britânico, onde tinha o hábito de consultar manuscrito sobre alquimia. Não posso pedir não mencionar Dunning. Não achas? Os faria começar logo a mexericar. Esperemos que isso não lhe aconteça.

No entanto, senhor Karswell era homem astuto.

Tudo isso vai à guisa de prólogo. Uma tarde, bastante depois na mesma semana, senhor Edward Dunning voltava do museu Britânico, onde se ocupara com pesquisa, à confortável casa no subúrbio onde morava só, e que era cuidada por duas excelentes mulheres que havia muito estavam consigo. Nada há a acrescentar, pra o descrever, ao que se disse antes. O seguiremos enquanto se retirar pacatamente até casa.

Um trem o levou a 1,5km ou 3km de distância de sua residência, e um bonde o conduziu mais um trecho. A linha terminava num ponto a cerca de 300m de sua porta.

Estava cansado de ler quando entrou no carro. De fato, a luz não era suficiente pra permitir mais que estudar os anúncios nas vidraças que ficavam na frente quando se sentou. Como não é de estranhar, os anúncios daquela linha de bonde eram objeto de sua freqüente contemplação, e, com a possível exceção do brilhante e convincente diálogo entre senhor Lamplough e um eminente RC, sobre salina pirética, nenhum merecia especial atenção. Me enganei. Havia um no canto do carro mais afastado dele que não lhe parecia familiar. Era em letras azuis sobre fundo amarelo, e tudo o que podia distinguir era o nome, João Harrington, e algo que parecia uma data. Não podia ter interesse saber o resto mas assim mesmo, quando o carro se esvaziou, teve curiosidade bastante pra mudar de lugar até poder o ler bem. Se sentiu até certo ponto recompensado pelo esforço. O anúncio não era insólito. Estava assim redigido: Em memória de João Harrington, FSA, de Laurels, Ashbrooke. Morto em 18 de setembro de 1889. Lhe foram concedidos.

O carro parou. Senhor Dunning, ainda contemplando as letras azuis sobre fundo amarelo, foi chamado à realidade por uma palavra do condutor avisando do fim da linha.

— Perdão. Estava olhando aquele anúncio. É muito esquisito. Não é?

O condutor leu devagar.

— Palavra que nunca o vira antes. Não é remédio. Não é? Parece que alguém quis fazer uma gracinha. — Pegou um trapo e o esfregou, não sem saliva, nos dois lados do vidro — Não é coisa que se possa apagar; parece que foi impresso no vidro, quero dizer, que está regular. Não achas? — Senhor Dunning o examinou, esfregou com a luva, e concordou.

— Quem se encarrega destes anúncios e dá licença pra eles serem afixados? Gostaria que se informasse disso. Tomarei nota das palavras.

Então se ouviu um chamado do motorneiro:

— Acordes, Jorge. Está na hora.

— Está bem. Há uma novidade aqui. Venhas ver este vidro.

— O que há com o vidro? — Perguntou o motorneiro, se aproximando — Ora essa! Quem é esse Harrington? Que negócio é esse?

— Eu estava justamente perguntando quem é o responsável pela afixação de anúncio neste bonde, e dizendo que seria bom indagar a respeito deste.

— É tudo feito no escritório da companhia. É senhor Timms, acho, quem toma conta disso. Quando recolhermos nesta noite, falarei a esse respeito, e talvez já possa dizer alguma coisa amanhã, se calhar de viajar neste carro.

Isso foi tudo o que aconteceu naquela tarde. Senhor Dunning ainda se deu ao trabalho de procurar onde era Ashbrooke e verificou que ficava no Warwickshire.

No dia seguinte foi à cidade novamente. O bonde, que era o mesmo, estava cheio demais na manhã pra permitir dar uma palavra ao condutor. Só pôde se certificar de que o curioso anúncio fora retirado. O fim do dia trouxe novo elemento de mistério ao caso. Perdera o bonde, ou então preferira ir a pé a casa, mas a hora já bastante avançada, quando estava trabalhando no escritório, uma das criadas disse que dois homens da companhia de bonde faziam muito empenho em falar consigo. Aquilo era uma consequência do anúncio,

que tinha, segundo diz, esquecido quase completamente. Mandou entrar os homens, eram o condutor e o motoneiro do bonde, e depois de mandar servir refresco, perguntou o que senhor Timms dissera a respeito do anúncio. Disse o condutor:

— Senhor, foi por isso que tomamos a liberdade de vir te incomodar. Senhor Timms, Guilherme aqui que diga, deu em paus e pedras quando lhe falamos. Que não havia anúncio como aquele e que não fora encomendado, pago nem afixado. Nada. Que o deixássemos em paz, e se queríamos o fazer de tolo, roubando o tempo. Eu disse Então peço o favor de vir ver, senhor Timms. É claro que se não estiver lá podes me chamar os nomes que quiseses. Ele disse Está certo, vamos até lá. E foi mesmo. Agora, quero só que me digas, senhor, se aquele excomungado anúncio, ou seja o que for, com o nome Harrington, não estava ali bem à vista, letras azuis no vidro amarelo, e como eu disse na ocasião, e concordaste comigo, parecia impresso regularmente no vidro, porque, se estás lembrado, o esfreguei com trapo.

— Certamente que me lembro, e muito bem. E então?

— Muito bem dizes, mas não acho. Senhor Timms entrou no carro cuma luz — não, disse aqui a Guilherme pra segurar a luz fora. E agora? Onde está teu famoso anúncio do qual já se falou tanto? eu disse Eis! E pousei a mão nele.

O condutor fez uma pausa. disse senhor Dunning:

— Então desapareceu, suponho. Quebrado?

— Quebrado? Nada disso! Não havia, podes crer, sinal das letra, letras azuis, que eram, naquele vidro. Mas não adianta ficar falando. Nunca vi algo assim. Guilherme aqui que... Mas de quê adianta insistir?

— E o que disse senhor Timms?

— Ora! Fez o que eu lhe dissera. Me chamou de tudo o que lhe veio à cabeça, e não posso me queixar por isso. Mas o que pensamos, eu e Guilherme, foi que, como tomaste nota da história... daquelas palavras...

— Tomei. E tenho aqui a nota. Querem que eu vá falar com senhor Timms pessoalmente e mostrar? Foi pra isso que se lembraram de vir?

— Ora aí tens. Eu não te disse? — Exclamou Guilherme — Estamos lidando cum cavalheiro. Foi o que eu te disse. E agora, Jorge, achas que perdemos nosso tempo vindo nesta noite?

— Está bem, Guilherme. Não é preciso dar a entender que tiveste de me arrastar até aqui. Vim de boa-vontade. Mesmo assim, senhor, não deveríamos ter vindo roubar teu tempo. Mas se te acontecer passar no escritório da companhia na manhã e quiser dizer a senhor Timms o que viste pessoalmente, ficaríamos muito gratos pelo incômodo. Bem vês, não é lá por causa dos nomes que nos chamaram mas se lhes meter em cabeça que andamos vendo coisa que não existe, e uma coisa puxa a outra, e quem sabe qual pode ser o resultado? Acho que me compreendes.

E com outras explicações do acontecido, Jorge, conduzido por Guilherme, deixou o aposento.

A incredulidade de senhor Timms, que conhecia de vista senhor Dunning, desapareceu no dia seguinte, quando lhe disse e mostrou o que sabia, e toda nota desabonadora que pudesse ser feita sobre a conduta de Guilherme e Jorge não continuaram a figurar nos livros da companhia. Mas não houve explicação ao caso.

O interesse de senhor Dunning no assunto se manteve vivo por causa dum incidente na tarde seguinte. Caminhava de seu clube à estação ferroviária, quando observou na frente um homem com as mãos cheias de folheto, desses que as grandes casas mandam distribuir, por agentes, aos transeuntes. Aquele agente não escolhera uma rua movimentada pra agir. De fato senhor Dunning não o viu entregar folheto até chegar ao local. Então um dos reclamos lhe foi metido nas mãos quando passava. A mão que o entregou tocou na sua e sentiu uma espécie de pequeno choque ao toque. Pareceu extraordinariamente áspera e quente. De passagem olhou o entregador mas a impressão que teve foi tão vaga que, por mais que tentasse recordar a fisionomia mais tarde, não conseguiu. Andava depressa, e sem se deter lançou um olhar ao papel. Era azul. O nome de Harrington em grandes maiúsculas lhe chamou a atenção. Parou, assombrado, e pôs os óculos. No mesmo instante o folheto lhe foi arrancado da mão por um homem que passava apressado em sentido contrário e que desapareceu como por encanto. Voltou correndo alguns passos mas não viu o transeunte nem o distribuidor de folheto.

Foi com humor bastante pensativo que senhor Dunning entrou no dia seguinte na sala de manuscritos escolhidos do museu Britânico, e encheu a requisição a Harley 3586 e alguns outros volumes. Depois dalguns minutos entregaram, e estava pousando sobre a carteira o primeiro que desejava consultar, quando pareceu ouvir alguém sussurrar seu nome atrás. Se voltou apressadamente, e o fazendo, jogou no chão, com o braço, a pasta de papel. Não viu pessoa que conhecesse, exceto o encarregado da sala, que o cumprimentou com a cabeça e tratou de apanhar os papéis espalhados. Julgou os ter todos e começaria a trabalhar, quando um cavalheiro robusto que estava na mesa atrás e ia justamente se levantar pra sair, arrepanhando os pertences, tocou seu ombro dizendo: Queres examinar isto? Penso que te pertence. E lhe estendeu um caderninho que estava faltando. É meu. Muito obrigado. Um momento depois o homem saiu da sala. Após terminar o trabalho naquela tarde, senhor Dunning teve uma ligeira palestra com o encarregado de serviço e aproveitou pra perguntar quem era aquele cavalheiro robusto.

— É um homem chamado Karswell. Na semana passada perguntou a mim quem eram as grandes autoridades em alquimia e eu, naturalmente, disse que eras o único no país. Verei se posso o encontrar ainda. Ele gostaria de te conhecer. Tenho certeza.

— Pelo amor-de-deus! Nem penses nisso! — Disse senhor Dunning — Tenho particular interesse em o evitar.

— Muito bem, então. — Disse o encarregado — Não vem muito a miúdo. Sou capaz de apostar que não vos encontrareis.

Mais duma vez, ao ir a casa, nesse dia, senhor Dunning se confessou que não estava considerando com a habitual boa-disposição a perspectiva duma noite solitária. Lhe parecia que algo mal definido e impalpável se interpusera entre si e os homens, seus semelhantes, digamos se apossara. Tinha vontade de se sentar bem encostado aos companheiros no trem e no bonde mas quis a sorte que tanto o trem quanto o bonde

estivessem notavelmente vazios. O condutor Jorge estava pensativo, e parecia absorto em cálculo sobre o número de passageiro. Ao chegar a casa, encontrou doutor Watson, seu médico, à porta.

— Tive de desorganizar teus arranjos domésticos. Sinto dizer, Dunning. Ambas as criadas estão *hors combat*.^[43] A verdade é que tivemos de as enviar ao hospital.

— Santo Deus! O que têm?

— Parece intoxicação alimentar. Não foste atacado, é evidente, pois não estarias em pé. Acho que ficarão boas.

— Ora, ora! Tens idéia de como a apanharam?

— Me disseram que compraram marisco dum peixeiro e os comeram no jantar. É curioso. Andei indagando e nenhum peixeiro apareceu nas outras casas desta rua. Não pude mandar avisar. Ficarão uns dias de molho. Venhas jantar comigo nesta noite e combinaremos como será o resto. Às 8h. Não te preocupes.

A noitada solitária estava assim evitada: À custa dum pouco da aflição e aborrecimento, é verdade. Senhor Dunning passou umas horas bastante agradáveis com o doutor, que era um vizinho bastante recente, e voltou a sua residência solitária cerca das 11:30h. A noite que passou não é das que se pode recordar com satisfação. Se deitou e apagou a luz. Estava imaginando se a mulher chegaria bastante cedo pra lhe dar a água quente na manhã seguinte quando ouviu o ruído inconfundível da porta do escritório se abrindo. Nenhum passo se seguiu no corredor mas o som teria causa dolosa, porque tinha a certeza de que fechara a porta na tarde, depois de guardar os papéis na escrivaninha. Foi mais a vergonha do que coragem o que o induziu a sair ao corredor e se curvar sobre o corrimão da escada, metido no roupão, pra escutar. Não havia luz visível. O ruído não se repetiu. Somente uma baforada de ar morno, quente mesmo, lhe envolveu, um momento, as canelas. Voltou e resolveu se fechar, a chave, no quarto. No entanto houve ainda mais coisas desagradáveis. Fosse porque a companhia suburbana achasse que não era necessário luz nas primeiras horas da madrugada e interrompesse a corrente, ou porque houvesse defeito no medidor, o fato é que, de qualquer maneira, a luz elétrica faltava. O lógico era procurar um fósforo e consultar o relógio. Podia bem verificar quantas horas de desconforto o esperavam. Assim, meteu a mão no canto bem conhecido sob o travesseiro. Somente não avançou tanto quanto de costume. O objeto que encontrou era, de acordo com a descrição, uma boca, com dente e pêlo em volta, e, segundo declarou, não era a boca de ser humano. Não me parece necessário imaginar o que fez ou disse mas se achou num quarto contíguo, com a porta trancada a chave e o ouvido colado à fechadura, antes de se sentir plenamente consciente de novo. E ali passou o resto daquela noite memorável, esperando a cada momento ouvir mexer na porta mas nada aconteceu.

A volta ao quarto, na manhã, foi precedida de muita precaução e susto. Felizmente a porta ficara aberta e as cortinas levantadas, pois as criadas foram retiradas da casa antes da hora de as correr. Pra encurtar a história: Não havia sinal de estranho dentro. O relógio, também, estava no lugar costumeiro. Nada estava desarrumado, somente a porta do guarda-roupa se abria, conforme costumava acontecer. Enfim um toque de campainha à porta traseira anunciou a chegada da diarista, que fora encomendada na noite anterior, e depois de lhe dar entrada senhor Dunning se sentiu com ânimo pra fazer busca no resto da

casa, que foi igualmente infrutífera.

O dia assim começado se arrastou tristemente. Não se atreveu a ir ao museu. Apesar do que o encarregado dissera, Karswell podia aparecer lá, e Dunning sentia que não lhe seria possível enfrentar um desconhecido provavelmente hostil. Sua própria casa lhe parecia odiosa. Não lhe agradava a idéia de incomodar de novo o doutor. Gastou algum tempo numa curta visita ao hospital e se sentiu ligeiramente animado com as boas notícias sobre as duas criadas. Cerca da hora do almoço se dirigiu ao clube, sentindo de novo um lampejo de satisfação ao avistar o secretário da associação. Durante o almoço Dunning contou ao amigo sua aflição mais material, mas não teve coragem de falar sobre as que diziam mais diretamente sobre o espírito. O secretário disse Meu caro amigo, que contratempo! Olhes aqui: Estamos sós em casa. Venhas ficar conosco. É isso mesmo! Nada de desculpa. Mandes tuas coisas nesta tarde. Dunning foi incapaz de resistir. Na realidade, já estava começando a se sentir muito preocupado, conforme o tempo se passava, sobre o que o esperaria durante a noite. Se sentia quase contente quando correu a casa pra arrumar uma maleta.

Os amigos, quando tiveram tempo de o observar bem, ficaram espantados com o aspecto abatido, e fizeram o possível pra o animar. Não tão sem resultado. Mas quando os dois homens estavam fumando sozinhos, mais tarde, Dunning ficou de novo sombrio. Subitamente disse: Gayton, acho que aquele alquimista sabe que fui eu quem fez com que sua conferência fosse rejeitada. Gayton assobiou. O que te levou a pensar assim? Dunning lhe contou a conversa que tivera com o encarregado do museu, e Gayton não pôde deixar de concordar que a suposição parecia acertada. Não que eu me importe muito, somente seria um aborrecimento se nos encontrarmos. É um sujeito mal-humorado, ao que me consta. A conversa esmoreceu de novo. Gayton estava cada vez mais impressionado com a depressão que notava na fisionomia e na atitude de Dunning, e finalmente, embora fazendo um esforço considerável, perguntou, a queima-roupa, se havia algo sério que o preocupasse. Dunning teve uma exclamação de alívio. Estava ansioso pra tirar isso da cabeça. Sabes algo sobre um homem chamado João Harrington? Gayton ficou desnorteado e no momento pôde apenas perguntar o motivo. A história toda das aventuras de Dunning veio então, o que acontecera no bonde, na casa e na rua, a perturbação de espírito que se abatera e ainda persistia. E terminou com a pergunta com a qual começara. Gayton não sabia responder. Contar a história da morte de Harrington talvez seria correto. Somente Dunning estava em estado de excitação nervosa, a história era bastante tétrica, e não podia deixar de pensar se há traço de ligação entre os dois casos, na pessoa de Karswell. Era uma coisa difícil de admitir prum cientista, mas podia ser mascarada pela frase *sugestão hipnótica*. Enfim resolveu que a resposta ficaria suspensa naquela noite conversaria com a esposa sobre a situação. Assim, disse que conhecera João Harrington em Cambride e que ele morrera de repente em 1889, acrescentando alguns detalhes sobre o homem e sobre suas obras publicadas. Conversou de fato sobre o assunto com senhora Gayton, e, como previra, ela chegou imediatamente à conclusão que antecipara. Foi ela quem lhe lembrou o irmão sobrevivente, Henry Harrington, e também sugeriu que ele seria encontrado por intermédio dos amigos que visitaram no dia anterior. Gayton sugeriu que Pode ser uma pista errada. senhora Gayton replicou que Isso se pode verificar por intermédio dos Bennett, que o conhecem. E tratou de procurar os Bennett no dia seguinte.

Não é necessário contar com mais minúcia como Henry Harrington e Dunning foram

postos em contato mútuo.

A próxima cena que merece contada é a conversa entre ambos. Dunning contara a Harrington a estranha maneira pela qual o nome do morto chegara a seu conhecimento, e falara também um pouco de suas subseqüentes aventuras. Depois perguntara se Herrington estava disposto, em troca, a recordar alguma circunstância associada à morte do irmão. Se pode imaginar a surpresa de Harrington ao ouvir o que Dunning lhe contou, mas a resposta foi rápida:

— João, disse ele, ficara inegavelmente em estado muito curioso, de vez em quando, nas semanas que antecederam a catástrofe. Houve várias coisas. A principal era a impressão que tinha de que ser seguido. Não há dúvida que era um homem impressionável mas nunca tivera imaginação antes. Não posso tirar da idéia que houve algo premeditado, e o que me consta sobre si me faz lembrar muito do que aconteceu com meu irmão. Podes achar algum traço de ligação?

— Há um que toma vagamente forma em meu espírito. Disseram a mim que seu irmão criticara muito severamente um livro pouco antes de morrer, e justamente há pouco tive a infelicidade de atravessar o caminho do homem que escreveu esse livro, e como ficou muito ressentido.

— Não me digas que esse homem se chama Karswell!

— Por que não? É exatamente esse o nome.

Henry Harrington se recostou na cadeira.

Isto basta. Agora tenho de me explicar melhor. Por algumas coisas que disse, tenho certeza que meu irmão João estava começando a acreditar, a contragosto, que Karswell estava no fundo de todo seu aborrecimento. Quero dizer algo que me parece ter relação com o caso. Meu irmão era um grande músico e costumava assistir concerto na cidade. Três meses antes de sua morte, voltou dum desses concertos e me deu o programa pra eu ver. Um desses programas analíticos. Sempre os guardava. Disse: Quase fiquei sem este. Acho que devo o ter deixado cair. Seja como for, estava procurando sob minha cadeira e nos bolsos, quando meu vizinho me ofereceu o seu. Disse que podia mo dar porque não mais o utilizaria, e saiu logo em seguida. Não sei quem era. Um homem corpulento, bem escanhado. Teria pena de ficar sem o programa. É claro que poderia comprar outro, mas este nada custou. Em seguida me disse que se sentira muito enervado, tanto a caminho do hotel quanto durante a noite. Estou ligando umas coisas. Algum tempo depois estava arrumando os programas, os pondo em ordem, pra mandar encadernar, e naquele tal, ao qual, seja dito de passagem, eu mal olhara, encontrou, logo entre as primeiras folhas, uma tira de papel, cuns caracteres muito curiosos escritos em azul e vermelho, desenhados com muito cuidado, e que pareciam letras rúnicas mais que qualquer outra coisa. Disse: Ora! Isto deve pertencer ao gorducho de meu vizinho. Parece coisa que vale a pena devolver. Deve ser uma cópia dalguma inscrição. É evidente que alguém teve trabalho com isto. Como poderei encontrar o endereço? Conversamos sobre o caso durante um momento e concordamos que não valia a pena pôr um anúncio em jornal. E que o melhor era meu irmão procurar o homem no próximo concerto, ao qual iria em breve. O papel estava em cima da folha do programa e estávamos junto à lareira. Era uma noite fria e ventosa de inverno. Suponho que a porta se abriu, embora eu não notasse, e uma rajada quente passou

de repente entre nós, levantou o papel e o atirou ao fogo. Era um papel fino, que ardeu e subiu em cinza na chaminé em menos de um segundo. Eu disse: Já não poderás o devolver. Ele nada disse durante um minuto. Depois falou bruscamente: Não posso. Mas não sei por que ficarás repetindo isso. Lhe observei que não o dissera mais de uma vez. Não mais de quatro, queres dizer. Me lembro de tudo isso muito claramente, nem sei bem por quê, e agora vamos ao ponto que interessa. Não sei se chegou a examinar aquele livro de Karswell que meu infeliz irmão criticou. Não é provável que o fizera, mas examinei, tanto antes quanto depois da morte dele. Da primeira vez zombamos juntos. Não tinha estilo literário, infinitivos a torto-e-direito, e tudo o que dá calafrio a um homem de Oxforde. Depois, nada havia que o homem não embrulhasse, misturando mitos clássicos com histórias da *lenda áurea* e transcrições de costumes selvagens de hoje, tudo muito correto, sem dúvida, pra quem sabe lidar com aquilo, mas não sabia. Parecia colocar a *Lenda dourada* e o *ramo dourado*^[44] no mesmo nível, e acreditar em ambos: Uma triste demonstração, em suma. Pois bem, depois daquela desgraça, peguei o livro de novo. Não era melhor do que antes mas a impressão que deixou dessa vez em meu espírito foi diferente. Eu suspeitava, como já disse, que Karswell tinha má-vontade contra meu irmão, e que era, de certa maneira, responsável pelo que acontecera. E agora o livro me parecia ser na realidade uma obra muito sinistra. Me chamou particularmente a atenção um capítulo no qual ele falava de *lançar o sortilégio dos russos* sobre pessoas, fosse com o fito de conquistar a afeição ou de as afastar do caminho, talvez mais especialmente essa última finalidade: Falava de tudo isso de maneira que na realidade me parecia indicar verdadeiro conhecimento da matéria. Não tenho tempo de entrar em detalhe mas a conclusão é que estou certo, por informações obtidas, de que o homem atencioso do concerto era Karswell e suspeito, mais que suspeito, que o papel em apreço era de importância. E acredito que se meu irmão pudesse o devolver ainda estaria vivo. Assim sendo, me ocorre perguntar se tens objeção a opor ao que acabei de dizer.

À guisa de resposta, Dunning tinha o episódio da sala dos manuscritos do museu Britânico, pra contar.

— Então ele te entregou realmente alguns papéis. Já os examinaste? Não? Porque devemos, se permitires, examinar imediatamente, e com muita atenção.

Foram à casa ainda desocupada. Desocupada porque as duas criadas ainda não estavam em condição de voltar ao trabalho. A pasta de papel estava se empoeirando sobre a escrivaninha. Dentro dela estavam os pequenos blocos de papel que usava pra tomar nota. E dum, quando o levantou, caiu e saiu voando na sala, com insólita rapidez, uma tira de papel de seda. A janela estava aberta mas Harrington a bateu justamente a tempo de evitar a saída do papel, que agarrou e disse:

— Bem me parecia que deve ser coisa idêntica à que foi dada a meu irmão. Tens de prestar atenção, Dunning. Isto pode significar algo sério pra ti.

Se seguiu longa conferência. O papel foi minuciosamente examinado. Conforme Harrington dissera, os caracteres gravados nele pareciam mais rúnicos que qualquer outra coisa, mas eram indecifráveis pros dois homens, e ambos hesitaram em o copiar, com medo, conforme confessaram, de perpetuarem um mau desígnio que escondessem. Assim ficou impossível (se me permitis me antecipar um pouco) descobrir o que rezava aquela curiosa mensagem ou recado. Tanto Dunning quanto Harrington estavam firmemente

convencidos de que tinha o efeito de colocar o dono sob as mais desagradáveis influências. Ambos concordaram que devia ser devolvido à procedência donde viera, e ainda, que a única maneira segura e certa de o fazer seria pessoalmente. Nesse caso era necessário imaginar algo porque Karswell conhecia Dunning de vista. Devia, ao menos, alterar a fisionomia raspando a barba. Mas o golpe não seria vibrado antes que eles pudessem agir? Harrington pensou que podiam calcular a data. Sabia a data do concerto em que a *má-sorte* fora lançada contra o irmão: 18 de junho. A morte se dera em 18 de setembro. Dunning lhe lembrou que a inscrição no vidro do bonde aludia a um prazo de três meses. Acrescentou cum riso contrafeito:

— Talvez a minha também seja uma letra pra vencimento a três meses de prazo. Acho que posso acertar isso por meu diário. Posso sim, O caso do Museu foi em 23 de abril. Isso nos leva a 23 de julho. Agora, bem vês, se torna de extrema importância, pra mim, ouvir tudo o que me possa contar a respeito do andamento da perturbação de teu irmão, se te for possível falar sobre isso.

— É claro! A sensação de ser perseguido sempre que estava sozinho era a coisa mais desagradável pra si. Depois dalgum tempo passei a dormir em seu quarto e se sentiu melhor com isso. Assim mesmo, falava muito durante o sono. A que respeito? Será necessário nos determos nesse pormenor, ao menos antes que tudo esteja acertado? Não me parece. Mas posso dizer o seguinte: Recebeu duas encomendas, via correio, durante aquelas semanas, ambas com o carimbo de Londres e endereçadas com caligrafia comercial. Uma era uma gravura de Berwick,^[45] arrancada dum livro, na qual se vê uma estrada ao luar e um homem caminhando nela, seguido por uma horrenda figura fantástica. Sob ela estavam transcritos os versos d*O conto do velho marinheiro*,^[46] aos quais suponho que a gravura se refere, com deferência a alguém que, tendo olhado a trás:

Walks on
and turns no more his head
because he knows a frightful fiend
doth close behind his tread^[47]

— A outra foi um calendário, desses que as casas comerciais freqüentemente mandam. Meu irmão não lhe prestou atenção, mas o examinei depois de sua morte e descobri que de 18 de setembro a diante todo o resto fora arrancado. Talvez se admire sair sozinho na noite em que foi morto, mas o fato é que durante os últimos dez dias de sua vida se vira completamente livre daquela sensação de estar sendo seguido ou vigiado.

O fim da entrevista foi aquele. Harrington, que conhecia um vizinho de Karswell, pensou ter ali um meio de lhe observar os movimentos. A parte de Dunning seria estar pronto pra se atravessar no caminho de Karswell a qualquer momento, guardando o papel em lugar seguro e a mão.

Se separaram. As semanas seguintes foram uma rude prova pros nervos de Dunning: A intangível barreira que parecera se erguer em volta no dia em que recebera o papel se transformara gradualmente em chocante escuridão que lhe cortava os meios de reação aos quais se poderia supor que recorresse. Ninguém aparecia pra lhos sugerir e parecia privado de toda iniciativa. Esperou, com indescritível ansiedade, enquanto maio, junho, e os

primeiros dias de julho transcorriam, um aviso de Harrington. Mas durante todo esse tempo Karswell não arredara pé de Lufford.

Enfim, quando faltava menos de uma semana à data que acabara considerando a derradeira de sua permanência neste mundo, chegou um telegrama:

— Embarques na estação de Vitória, no trem noturno de terça-feira a Dover. Não faltes. Te procurarei nesta noite. Harrington.

Chegou conforme avisara e combinaram plano. O trem saía da estação de Vitória às 9h e a última parada antes de Dover era Croydon West. Harrington tomaria o mesmo vagão que Karswell em Vitória, e esperaria Dunning em Croydon, o chamando por um nome previamente combinado, se houvesse necessidade. Dunning, tão disfarçado quanto possível, não devia usar marca ou etiqueta na bagagem-de-mão, e devia a todo custo portar o papel.

Não tento descrever a agitação de Dunning enquanto esperava na plataforma da estação de Croydon. A sensação de perigo durante os últimos dias só fizera aumentar, devido ao fato que a pesada nuvem que o envolvia se tornara sensivelmente mais leve. Sabia que aquele alívio era mau presságio, e se Karswell lhe escapasse agora, toda esperança estaria perdida. E havia muita possibilidade disso acontecer. O próprio boato da viagem podia ser um estratagema. Os vinte minutos durante os quais andou dum lado a outro na plataforma e perseguiu todos os porteiros com perguntas sobre o trem noturno foram dos mais amargos. Contudo o trem chegou e Harrington estava a uma das janelas. Era importante, naturalmente, que não houvesse reconhecimento de parte a parte. Por isso Dunning entrou na extremidade mais afastada do corredor do vagão, e só gradualmente se encaminhou ao companheiro onde estavam Harrington e Karswell. Ficou satisfeito, de maneira geral, em verificar que o trem estava longe de vir cheio.

Karswell estava de sobreaviso, mas não deu sinal de o reconhecer. Dunning tomou o lugar pegado ao que ficava diante, e tentou, inutilmente a princípio, depois com crescente domínio de suas faculdades, avaliar a possibilidade de fazer a cobiçada transferência do papel. Em frente a Karswell, e ao lado de Dunning, estava um montão de agasalho de Karswell, em cima do banco. Não adiantaria introduzir o papel no meio deles, não estaria salvo, ou ao menos não se sentiria tranqüilo, se não arranjasse um meio de lho entregar em mão e ele o aceitar. Havia uma bolsa de mão aberta, com papel dentro. Poderia ele arranjar maneira de a esconder, de maneira que talvez Karswell sáísse do vagão sem ela, e depois fingir que a achava e lho entregar? Esse era o plano que se apresentava mais viável. Se pudesse ao menos se entender com Harrington! Mas isso não podia ser. Os minutos passavam. Mais duma vez Karswell se levantou e foi ao corredor. Na segunda vez Dunning esteve a ponto de tentar fazer a bolsa-de-mão cair do assento onde estava pousada, mas percebeu o olhar de Harrington e leu nele um aviso. Karswell, do corredor, estava observando, provavelmente pra ver se os dois homens davam sinal de se conhecerem. Voltou, mas estava evidentemente inquieto. Quando se levantou na terceira vez, uma esperança surgiu, porque algo escorregou do lugar onde estivera sentado e caiu quase sem ruído no assoalho do carro. Karswell saiu do compartimento e dessa vez se afastou no corredor. Dunning apanhou o objeto que caíra e viu que a solução estava em suas mãos sob a forma dum estojo *cook*^[48] com bilhete dentro. Esses estojos têm um bolso na capa, e em menos de 1 minuto o papel do qual tanto temos ouvido falar estava dentro

do bolso daquele. Pra que a operação fosse feita com mais segurança, Harrington ficou em pé na porta do compartimento, vigiando. A coisa estava feita, e feita a tempo, porque o trem começava justamente a reduzir a marcha pra parar em Dôver.

Um momento depois Karswell voltou ao compartimento. Quando entrou, Dunning, conseguindo, sem saber bem como, dominar o tremor de voz, lhe estendeu o estojo de bilhete, dizendo: Queres examinar isto? Penso que te pertence. Depois de examinar rapidamente o bilhete que estava dentro, Karswell deu a resposta desejada: É meu, sim. Muito obrigado, cavalheiro. E guardou o estojo no bolso interno do casaco.

Mesmo nos poucos momentos que restavam, momentos de tensa ansiedade, porque nenhum dos dois sabia o que aconteceria se o papel fosse encontrado prematuramente, ambos notaram que o vagão pareceu escurecer em volta e ficar mais quente, que Karswell se mostrava inquieto e oprimido, que puxou a junto de si o rolo de agasalho e depois o empurrou a trás como se o repelisse, e que então se endireitou no assento e olhou ansiosamente aos dois. Eles, com pungente ansiedade, se ocuparam a reunir os pertences, mas ambos pensavam que Karswell estava a ponto de lhe falar quando o trem parou em Cidade de Dôver. Era natural que no curto espaço entre a cidade e o cais ambos fossem ao corredor.

Saltaram no cais, mas o trem vinha tão vazio que foram forçados a demorar na plataforma até que Karswell passasse à frente, com seu carregador a caminho do navio, e só então puderam trocar sem perigo um aperto de mão e uma palavra de congratulação. O efeito sobre Dunning quase o fez desmaiar. Harrington o fez se encostar à parede, enquanto avançava algumas jardas em direção à prancha do navio, à qual Karswell ia chegando. O homem que estava na ponta da prancha examinou o bilhete, e, carregado com os agasalhos, Karswell entrou a bordo. De repente o oficial o chamou:

— Queiras desculpar, senhor. O outro cavalheiro mostrou o bilhete?

— Que diabo queres dizer com o outro cavalheiro? — Respondeu a voz rude de Karswell, da coberta. O homem se curvou e o olhou.

— O diabo? Bom, não sei, certamente...

Harrington o ouviu dizer consigo e depois alto:

— Foi engano, senhor. Deve ser por causa dos agasalhos! Queiras desculpar!

E em seguida, a um subordinado que estava junto:

— Era um cachorro que levava, ou o quê seria? Engraçado. Seria capaz de jurar que não estava sozinho. Bem, seja lá o que for, isso é lá com eles a bordo. Lá vai ele. Daqui a uma semana teremos os fregueses das férias.

Dentro de cinco minutos mais, nada restava além das luzes no navio que se afastava, a fileira de lampiões de Dôver, a brisa noturna e a Lua.

Durante muito tempo os dois ficaram sentados em seu quarto do hotel *Lord Warden*. A despeito de se terem visto livres daquilo que lhes causava maior ansiedade, se sentiam oprimidos pela dúvida, e não pouco. Estariam justificados em mandar assim um homem à morte, como acreditavam ter feito? Não deveriam ao menos o advertir? Harrington disse:

— Não! Se é o assassino que penso, fizemos nada mais que justiça. Contudo, se te parece melhor... Mas como e onde poderás o avisar?

— Se destina somente a Abbeville. — Disse Dunning. — Vi nos bilhetes. Se telegrafássemos aos hotéis de lá, via guia Joanne.

— Examines o estojo de bilhete, Dunning. Me sentiria mais tranqüilo. Hoje é 21. Terá um dia. Mas receio que fora à escuridão. E assim deixaram os telegramas pra serem passados na gerência do hotel.

Não se sabe bem se chegaram ao destino, ou se, caso chegaram, foram compreendidos. Tudo o que se sabe é que, na tarde do dia 23, um viajante inglês, examinando a frontaria da igreja de São Volfrão, em Abbeville, a qual estava então sofrendo grande reparo, foi atingido na cabeça e morto instantaneamente por uma pedra caída dos andaimes erguidos em volta da torre do noroeste, quando não havia, isso ficou claramente provado, trabalhador no andaime naquele momento. E os papéis do viajante o identificavam como sendo senhor Karswell.

Só queremos acrescentar um pormenor. No leilão de espólio de Karswell, uma coleção de gravura de Berwick, vendidas *no estado*, foi adquirida por Harrington. A página com a gravura do viajante e do demônio estava, como esperava, mutilada. Também, depois de prudente intervalo, Harrington repetiu a Dunning algumas coisas que ouvira o irmão dizer em sonho. Mas não foi muito longe antes que Dunning o mandasse se calar.

Neve silenciosa, neve secreta...

Conrad Aiken

Tradução de Alfredo Ferreira

I

Por que aquilo acontecera ou por que acontecera justamente quando aconteceu, não poderia dizer, é claro. Nem talvez lhe ocorrera perguntar. A coisa era, acima de tudo, um segredo, algo a ser avarentamente escondido de mamãe e papai. E a esse mesmo fato devia grande parte de seu encanto. Era como uma ninharia particularmente bonita que se traz escondida no bolso da calça, um selo raro, velha moeda, fragmento de corrente de ouro esfolada, encontrada na alameda do parque, pedra de cornalina,^[49] concha marinha diferente de todas as outras por causa dum ponto ou duma lista fora do comum, e, como se fosse alguma dessas coisas, levava a toda parte um quente, persistente e cada vez mais lindo sentimento de posse. Não só de posse, também de proteção. Era como se dalgum modo delicioso aquele segredo lhe desse uma fortaleza, uma parede atrás da qual se refugiaria num afastamento celestial. Isso fora quase a primeira coisa que notara no fato, à parte a esquisitice da coisa em si, e era isso que agora, na quinquagésima vez, lhe acontecia de novo, enquanto estava sentado na saleta da escola. Era a meia hora de geografia. Senhorita Buell girava com o dedo, devagar, um grande globo terrestre que fora colocado sobre sua carteira. Os continentes verdes e amarelos passavam e tornavam a passar, perguntas eram feitas e respondidas, e agora a menina na frente, Deirdre, que tinha uma constelação engraçada de sardas na nuca, exatamente como a Ursa Maior,^[50] se levantara e estava dizendo a senhorita Buell que o equador era a linha que passava no meio da Terra.

O rosto de senhorita Buell, que era velho, cinzento e bondoso, com duros cachos grisalhos caindo sobre o rosto, olhos muito brilhantes, como pequenos cadozes, atrás dos óculos grossos, se franzia dizendo uma porção de brincadeira.

— Á! Compreendo. A Terra usa uma saia ou uma tanga. Ou alguém traçou uma linha em volta dela!

— Ó! Não é isso! Quero dizer...

Não tomou parte no riso geral, nem um pouco. Estava pensando nas regiões árticas e antárticas, que naturalmente, no globo, eram brancas. Senhorita Buell estava agora falando sobre os trópicos, matas virgens, o calor úmido dos pântanos, onde pássaros e borboletas, e até as serpentes, eram como jóias vivas. Enquanto escutava aquelas coisas, já estava, com agradável sensação de meio-esforço, colocando seu segredo entre si e as palavras. E seria realmente esforço? Porque esforço implicava algo voluntário e talvez, algo que não se desejava especialmente, enquanto aquilo era distintamente agradável, e vinha quase de seu moto-próprio. Tudo o necessário era pensar naquela manhã, a primeira, e então em

todas as outras.

Mas era tudo tão simples! Se resumira em tão pouco! Era nada, apenas uma idéia. E por que se tornaria tão admirável, tão permanente, era um mistério, e muito agradável, certamente, mas também, de certo modo, tolo. Entretanto, sem deixar de ouvir senhorita Buell, que passara agora à zona temperada do norte, deliberadamente forçava a memória pensando na primeira manhã. Fora somente um minuto ou dois depois de acordar, ou talvez no próprio momento. Mas haveria, pra ser franco, um momento exato? Despertaria de repente ou gradualmente? De qualquer maneira, fora depois que estendera a mão a cima preguiçosamente, bocejara, e depois se encolhera de novo entre os cobertores quentes, ainda mais satisfeito, numa manhã de dezembro, que a coisa acontecera. De repente, sem razão, se lembrara do carteiro. Talvez nada houvesse de estranho nisso. Afinal de conta ouvia o carteiro quase todas as manhãs, se podiam ouvir as pesadas botas dobrando, devagar, a esquina no cimo da pequena ladeira empedrada e progressivamente mais perto, progressivamente mais alto, as duas pancadas em cada porta, as travessias sucessivas da rua, até que finalmente os passos grosseiros ressoavam junto à porta e a tremenda pancada fazia estremecer a casa.

Senhorita Buell estava dizendo:

— Vastas áreas de cultivo de trigo na América do Norte e na Sibéria.

Deirdre, no momento, pusera a mão esquerda sobre a nuca.

Mas naquela manhã particular, a primeira manhã, enquanto estava ali deitado com os olhos fechados, por alguma razão *esperara* o carteiro. Queria o ouvir dobrar a esquina. E isso era exatamente o engraçado: Não dobrara! Nunca dobrava. Nunca mais *dobitaria a esquina* de novo. Porque quando afinal *ouvira* os passos, eles já, estava certo, desceram um pouco a ladeira, até a primeira casa. Mesmo assim os passos eram curiosamente diferentes. Mais macios. Tinham um novo sigilo. Abafados e indistintos. Se bem que seu ritmo fosse o mesmo, dizia agora algo novo, dizia paz, distância, frio, sono. E compreendera a situação logo. Nada pareceria mais simples, caíra neve durante a noite, como desejara durante todo o inverno. E fora isso o que tornara os primeiros passos do carteiro inaudíveis, e os outros mais fracos. É claro! Que bom! E mesmo agora ainda estaria nevando, seria um dia de neve, as longas linhas brancas esfarrapadas estavam flutuando e espiralando na rua, diante das fachadas das velhas casas, sussurrando e se amontoando, fazendo pequenos triângulos brancos nos cantos entre as pedras do calçamento, fervendo um pouco quando o vento as arrastava no chão a um canto desviado. E assim seria todo o dia, ficando cada vez mais espessa e cada vez mais silenciosa.

Senhorita Buell estava dizendo:

— Terra de neve perpétua.

Todo esse tempo, naturalmente, enquanto estava deitado na cama, conservava os olhos fechados, escutando o caminhar cada vez mais próximo do carteiro, os passos abafados, se enterrando e escorrendo nos paralelepípedos recobertos de neve. E todos os outros sons, as pancadas duplas, uma ou duas vozes distantes, friorentas, uma campainha soando ligeiramente e abafada como se estivesse sob uma camada de gelo, tinham a mesma qualidade abstrata, como que afastadas um grau da realidade, como se tudo no mundo

estivesse isolado pela neve. Mas quando afinal, satisfeito, abriu os olhos e os dirigira à janela a fim de apreciar aquele tão desejado e agora tão claramente imaginado milagre, o que viu foi o sol brilhando num telhado. E quando, espantado, saltou da cama e espreitou a rua, esperando ver o calçamento encoberto de neve, nada mais viu além das pedras limpas.

Singular o efeito daquela extraordinária surpresa. Durante o resto da manhã continuara experimentando a sensação de neve caindo em volta, uma secreta cortina de neve nova entre si e o mundo. Se não sonhara semelhante coisa, e como sonharia, estando acordado, de que outra maneira se poderia explicar aquilo? Em todo caso a desilusão fora tão vívida que afetara inteiramente suas maneiras. Já não podia se lembrar se fora na primeira ou na segunda noite, ou na terceira?, que a mãe prestara atenção a algo estranha em seu procedimento e dissera à mesa do desjejum:

— Mas, querido, o que aconteceu? Parece que não estás ouvindo.

E quão amiúde o mesmo acontecera desde então!

Senhorita Buell perguntando se alguém sabia a diferença entre o pólo norte e o pólo magnético. Deirdre levantara a mão morena e sardenta e pôde ver as quatro marcas brancas no lugar das articulações.

Talvez não fosse na segunda ou na terceira manhã, ou mesmo na quarta ou quinta. Como poderia ter certeza? Como poderia ter certeza justamente quando o delicioso *progresso* se tornara claro? Justamente quando na realidade *começara*? Os intervalos não eram muito precisos. Tudo o que sabia era que, a certa altura, talvez no segundo dia, talvez no sexto, notara que a presença da neve era um pouco mais insistente, o som mais claro e, concomitantemente, o som dos passos do carteiro mais indistintos. Não só não podia ouvir os passos dobrar a esquina, já nem podia os ouvir na primeira casa. Era abaixo da primeira casa que os ouvia. E depois, alguns dias mais tarde, era abaixo da segunda casa que os ouvia. E alguns dias mais tarde ainda, abaixo da terceira. Gradualmente a neve se tornava mais espessa, o som de sua queda mais alto, as pedras do calçamento mais e mais encobertas. Quando verificava, cada manhã, ao se dirigir à janela, depois do ritual de escutar, que os telhados e paralelepípedos estavam mais limpos que nunca, não fazia diferença. Era aquilo mesmo, afinal de conta, tudo o que esperava. Era mesmo o que o agradava, o que o recompensava: A coisa era somente sua, não pertencia a mais alguém. Ninguém mais sabia daquilo, nem mamãe e papai. Na rua, estava o calçamento limpo, e aqui, dentro, estava a neve. Neve cada dia mais pesada, encobrindo o mundo, escondendo o que era feio e amortecendo cada vez mais, acima de tudo, os passos do carteiro. Ela disse à mesa do almoço:

— Mas, querido, o que esta acontecendo contigo? Não pareces ouvir quando as pessoas falam a ti. Esta é a terceira vez que te peço pra passares teu prato.

Como explicaria aquilo a mamãe? Nem a papai? Naturalmente nada havia a se fazer. Tudo o que podia fazer era sorrir embaraçado, fingir que estava um pouco envergonhado, pedir desculpa e tomar, repente e um tanto incongruente, interesse no que estava se dizendo ou fazendo. O gato passara toda a noite fora. Tinha um inchaço curioso no lado esquerdo do focinho, talvez alguém lhe bateu ou apedrejou. Senhora Kempton vinha ou não vinha ao chá. Se faria a limpeza da casa ou a *arrumação* na quarta-feira em vez de sexta. Arranjaram uma lâmpada nova pra seu trabalho noturno. Talvez o cansaço da vista

estivesse contribuindo àquele ar vago e esquisito ultimamente. Mamãe estava o olhando, divertida, ao dizer aquilo, mas também um pouco preocupada. Uma lâmpada nova? Uma lâmpada nova. Sim, mamãe, não mamãe, sim mamãe. A escola vai muito bem. A geometria é fácil. A história muito enfadonha. A geografia é muito interessante, particularmente quando nos leva ao pólo norte. Por que o pólo norte? Ó! Seria engraçado ser explorador. Um segundo Peary, Scott ou Shackleton. E então, abruptamente, sentia o interesse pela conversa morrer, ficava olhando o pudim em seu prato, escutava, esperava, e começava mais uma vez, á!, quão deliciosamente, também, os primeiros princípios, a ouvir ou sentir, porque podia na realidade a ouvir?, a neve silenciosa, a neve secreta.

Miss Buell falando a respeito da descoberta da passagem do noroeste, a respeito de Hendrik Hudson, o Meia-Lua.

Aquilo fora, na realidade, a única feição desagradável de sua nova experiência. O fato de tão amiudemente agora o ter levado a uma espécie de desentendimento, ou mesmo conflito, com papai e mamãe. Era como se tentasse ter dupla vida. Num lado tinha de ser Paul Hasleman e manter a aparência de ser aquela pessoa, se vestir, se lavar e responder inteligentemente quando lhe falavam. Noutro tinha de explorar aquele novo mundo que se descortinara. Nem podia haver dúvida de que o novo mundo era o mais profundo e o mais admirável dos dois. Era irresistível. Era miraculoso. Sua beleza ia simplesmente além de tudo, além das palavras, além do pensamento, totalmente incomunicável. Mas como, então, entre os dois mundos, dos quais tinha, assim, consciência constante, manter um termo médio? Temos de nos levantar, tomar café, conversar com mamãe, ir à escola, estudar a lição, e, em tudo isso, tentar não parecer demais um louco. Mas se durante todo esse tempo estava também tentando extrair toda a sensação deliciosa duma existência separada, da qual não se podia facilmente, se é que se podia, falar, como se arranjaria? Como explicaria? Seria absurdo? Queria simplesmente dizer que enfrentaria algum obscuro aborrecimento?

Aqueles pensamentos iam e vinham, tão de leve e secretamente quanto a própria neve. Não eram precisamente uma perturbação, talvez fossem um prazer. Gostava de os ter. A presença deles era algo quase palpável, algo no qual podia tocar com a mão, sem fechar os olhos, sem deixar de ver senhorita Bueil, a sala de aula, o globo e as sardas na nuca de Deirdre. Mas num sentido cessava de ver óbvio mundo exterior, e substituí-a essa visão pela visão e som da neve, e a lenta e quase silenciosa aproximação do carteiro. Ontem fora apenas na sexta casa que o carteiro se tornara audível. A neve era muito mais espessa. Agora caindo mais rapidamente e mais pesada. O som da queda mais distinto, meigo, persistente. E na manhã fora, tão aproximadamente quanto calcularia, logo acima da sétima casa, talvez somente um passo ou dois acima. Quando muito ouvira duas ou três passadas antes que a batida na porta soasse... E com cada um desses apertos da esfera, cada limite mais curto de aproximação ao qual o carteiro era audível, era singular como tinha de ser aumentada a quantidade de ilusão a ser trazida a dentro do trabalho usual da vida diária. Cada dia custava mais ter de se levantar da cama, ir à janela, olhar a, como sempre, rua vazia e sem neve. Cada dia era mais difícil se desobrigar do ramerrão costumeiro, cumprimentar papai e mamãe ao café, responder às perguntas deles, juntar os livros e ir à escola. E na escola, como era extraordinariamente difícil conduzir com sucesso simultaneamente a vida pública e a vida secreta. Havia momento quando desejava, positivamente ansiava, dizer aquilo a todos, por desabafo, apenas pra ser retido

quase imediatamente durante um distante sentimento duma vaga obscuridade que era inerente àquilo, seria mesmo absurdo?, e mais seriamente por uma sensação de misteriosa força em seu segredo. Sim. Tinha de ser mantido secreto. Isso cada vez mais se tornava claro. Custasse o que custasse a si e doesse o que doesse aos outros.

Senhorita Buell o olhou direto e disse, sorrindo:

— Talvez devamos perguntar a Paul. Estou certa que Paul despertará bastante de seu sonho diário, pra nos dizer. Não é?, Paul

Se levantou lentamente da cadeira, descansando uma das mãos na carteira brilhantemente envernizada, e deliberadamente olhou, através da neve, ao quadro negro. Era um esforço mas era divertido.

Disse, devagar:

— Sim. Era o que agora chamamos rio Hudson. Pensava que era a passagem do noroeste. Ficou desapontado.

Se sentou de novo. Então Deirdre deu meia-volta na cadeira e dirigiu alegre sorriso de aprovação e admiração.

Doesse o que doesse aos outros.

Essa parte do caso era muito intrigante, muito intrigante. Mamãe era muito boa e papai também. Sim. Tudo isso era bem verdade. Queria ser sincero com eles, dizer tudo. No entanto era realmente mal de sua parte querer ter uma coisa secreta, só pra si?

Na hora de se deitar, na noite anterior, mamãe dissera:

— Se isso continuar, meu menino, teremos de consultar um médico, sem dúvida! Não podemos deixar que nosso filho...

Mas o que fera que dissera? Viva no outro mundo? Viva tão longe? A palavra *longe* estava na frase, tinha certeza, e depois mamãe pegara de novo uma revista e rira um pouco, mas com expressão que não era alegre. Tivera pena dela.

A campainha tocou pra saída. O som chegou através de longas estrias de neve caindo. Viu Deirdre se levantar, e também se levantou quase ao mesmo tempo.

II

No caminho a casa, que era intempestivo, lhe agradava ver, através do acompanhamento ou contraponto de neve, as parcelas de mera exterioridade do caminho. Havia muitas qualidades de ladrilho nas calçadas, e armados em muitos desenhos diferentes. Os muros dos jardins também eram vários, alguns de madeira, outros de tijolo, outros de pedra. Ramos de arbustos pendiam sobre os muros. Os pequenos rebentos verdes dos lilases, em hastes cinzentas, gordas. Outros ramos muito finos e delgados, pretos e secos. Pardais sujos esvoaçavam nos arbustos, tão sombrios de cor quanto as frutas mortas deixadas nas árvores desfolhadas. Um estorninho piava num cata-vento. Na sarjeta, junto a um ralo, estava um pedaço rasgado e sujo de jornal, colhido em um pequeno delta de imundícies; a palavra *eczema* aparecia em grandes maiúsculas, e abaixo uma carta de

senhora Amélia D. Cravath, rua Pinheiro 2100, Forte Worth, Texas, explicando que depois de sofrer durante anos ficara curada com o unguento Caly. No pequeno delta, além do continente em forma de leque e profundamente denteado de lama escura, havia rebentos mortos, caídos das árvores próximas, fósforos queimados, uma argola enferrujada de arreio de cavalo, um pequeno amontoado de cascalho miúdo brilhante na beira do ralo, um fragmento de casca de ovo, uma raia de serragem amarela que estivera úmido e agora seca e congelada, um seixo castanho e uma pena quebrada. Adiante era uma calçada de cimento, traçada em paralelogramos, cum embutido de cobre numa ponta, indicando os empreiteiros que a construíram, e a atravessando a meio, uma série irregular e salteada de marcas de patas de cachorro, imortalizadas em pedra sintética. As conhecia bem, e sempre se encaminhava a elas. Cobrir os pequenos buracos com seus próprios pés sempre fora um prazer original. Hoje o fez mais uma vez, porém negligentemente e sem interesse, o tempo todo pensando noutra coisa. Aquilo fora um cachorro, havia muito tempo, que se enganara e caminhara sobre o cimento fresco. Provavelmente abanara a cauda, mas disso não havia marca. Agora Paul Hasleman, de doze anos, de volta a casa, vindo da escola, atravessava o mesmo rio, que no meio tempo se congelara como uma pedra. A caminho de casa através da neve, da neve que caía à luz brilhante do sol. A caminho de casa?

Depois veio o portão de entrada com as duas colunas encimadas por pedras em formato de ovo, astuciosamente achatadas nas pontas, como se ali estivera Colombo, e cimentadas no momento exato de se inclinarem. Fonte de perpétuo espanto. No muro de tijolo logo adiante, fora gravada a letra H, presumivelmente com algum propósito. H? H.

O hidrante vermelho, cuma pequena corrente pintada de verde presa à tampa de rosca de latão.

O olmeiro, com a grande ferida cinzenta na castanha na casca, em feitio de rim, dentro da qual sempre punha a mão, pra sentir a madeira fria, porém viva. A lesão, estava certo, fora feita por um cavalo peado, roendo. Mas agora lhe dispensava apenas um simples olhar tolerante, uma palma de mão fugidia. Havia coisas mais importantes. Milagres que valiam mais do que pensar em árvores, simples olmeiros. Mais do que pensar em calçadas, mera pedra, mero ladrilho, mero cimento. Mais do que pensar até mesmo em seus sapatos, que palmilhavam aquelas calçadas obedientemente, suportando um fardo, lá muito em cima, de elaborado mistério. Os observou. Não estavam muito bem engraxados. Os negligenciara, por uma razão muito simples: Eram uma das muitas partes da dificuldade crescente da volta diária à vida, da luta matinal. Se levantar, tendo finalmente aberto os olhos, ir à janela e não descobrir neve, se lavar, se vestir, descer escada curva ao desjejum...

Doesse o que doesse aos outros, não obstante, devia perseverar no afastamento, posto que a incomunicabilidade da experiência o exigia. Era desejável, naturalmente, ser bom pra mamãe e papai, especialmente porque pareciam preocupados, mas era também desejável ser resoluto. Se resolvessem, como parecia provável, consultar o médico, doutor Howells, e mandar examinar Paulo, auscultar o coração cuma espécie de ditafone,^[51] examinar os pulmões, o estômago. Suportaria isso. Também responderia às perguntas, talvez muitas respostas que não teriam esperariam? Não. Isso nunca aconteceria. Porque o mundo secreto devia, a todo custo, ser preservado.

O ninho na macieira estava vazio, pois o tempo não era apropriado pra carriça. O

pequeno buraco escuro da entrada perdera o encanto. As carriças estavam gozando outras casas, outros ninhos, árvores mais remotas. Mas isso também era uma noção que apenas vagamente e de leve concebia, como se, no momento, meramente tocasse uma beira dela. Havia algo ulterior, que já assumia importância mais intensa. Algo que já importunava os cantos dos olhos, importunando também um canto da mente. Era engraçado pensar que queria assim, assim esperava e no entanto gozava aquela momentânea dilação com o ninho de passarinho, como se prum adiamento bem deliberado do prazer que se aproximava. Tinha a percepção de seu atraso, de seu sorridente, desprendido e agora quase inconsciente olhar ao ninho. Sabia o quê olharia depois. Era sua própria viela em ladeira, calçada de paralelepípedo, sua própria casa, o pequeno rio no fundo da ladeira, a mercearia, com o homem de papelão na vitrina, e agora, pensando em tudo aquilo, voltou a cabeça, ainda sorrindo e olhando rapidamente à direita e à esquerda, através da luz solar escurecida pela neve.

E a neblina da neve, conforme previra, ainda estava lá, um fantasma de neve caindo à clara luz do sol, flutuando constantemente e com leveza e parando, silenciosamente encontrando a neve que cobria, como transparente miragem, as pedras lisas e nuas. Gostava dela. Ficava quieto e gostava dela. Era linda e paralisante, mais que todos os mundos, a experiência, todo sonho. Nenhuma história de fada que já ouvira podia ser comparada a ela, nenhuma lhe dera aquela extraordinária combinação de beleza etérea com algo mais, indizível, que era apenas de leve e deliciosamente assustadora. O que era essa coisa? Enquanto pensava nisso, olhou a cima, a janela de seu quarto, que estava aberta, e foi como se olhasse diretamente a dentro do quarto e se visse deitado, meio acordado, na cama. Ali estava, naquele momento talvez ainda realmente lá. Mais lá que aqui em pé na beira da ladeira empedrada, cum a mão levantada pra proteger os olhos do sol de neve. De fato deixara o quarto durante todo aquele tempo? Desde aquela primeira manhã de todas? Estaria todo o desenvolvimento sendo ainda encenado ali, seria ainda a mesma manhã, e ainda não estava bem acordado? E mesmo agora, o carteiro ainda não dobrara a esquina?

Essa idéia o divertiu, e automaticamente, enquanto pensava naquilo, voltou a cabeça e olhou o cimo da ladeira. É claro que não havia algo ou alguém ali. A rua estava deserta e silenciosa. E mais por causa da solidão lhe ocorreu contar as casas, coisa que, estranhamente, nunca pensara em fazer. Naturalmente sabia que não eram muitas, isto é, de seu lado da rua, que eram as que figuravam no avanço do carteiro. Não obstante sentiu uma espécie de choque ao descobrir que eram precisamente seis, além de sua casa, que era a *sétima*.

Seis!

Espantado, olhou sua casa, a porta na qual estava o número 13, e então compreendeu que tudo era exatamente, logicamente e absurdamente o que deveria saber. Assim mesmo a descoberta lhe deu abruptamente, e até um pouco assustadoramente, uma sensação de pressa. Estava sendo apressado, estava sendo precipitado. Porque, franziu as sobrancelhas, não podia estar enganado. Era justamente acima da *sétima* casa, de *sua* casa, que o carteiro começara a ser audível nessa manhã. Mas então amanhã nada ouviria? A batida que ouviria seria a batida em sua porta. Então, e isso era uma idéia que dava uma sensação realmente extraordinária de surpresa, que nunca mais ouviria o carteiro? Que amanhã cedo o carteiro

já teria passado a casa, então cumo neve tão espessa que tornaria seus passos inaudíveis? O que se aproximara na rua tão cheia de neve, tão silenciosamente, tão secretamente, Paulo Hasleman, ali deitado na cama, não acordaria a tempo, ou, tendo acordado, não ouviria algo?

Mas como podia ser? A menos que até a argola da porta estivesse coberta de neve, gelada, talvez dura? Mas nesse caso...

Teve sensação de desapontamento. Vaga tristeza, como se sentisse despojado de algo que cobiçara muito tempo, algo muito estimado. Depois de tudo, de todo aquele belo progresso, o delicioso lento avanço do carteiro na neve silenciosa e secreta, a batida se insinuando mais perto a cada dia, e passos mais perto, o audível compasso do mundo assim reduzido, reduzido, reduzido, conforme a neve mansa e lindamente se acumulava e engrossava, seria defraudado daquela noite que tanto desejara, poder contar como seriam, os últimos dois ou três passos solenes, quando finalmente se aproximassem de sua porta? No fim tudo aconteceria tão subitamente? Ou já acontecera? Sem lenta e sutil gradação de ameaça com a qual pudesse gozar?

Olhou a cima de novo, sua janela que brilhava ao sol. E nessa vez quase com a sensação de que seria melhor se ainda *estivesse* na cama, naquele quarto. Porque nesse caso aquilo seria ainda a primeira manhã e haveria mais seis manhãs a vir. Ou, o que importava?, 7, 8, 9. Como ter certeza? Ou mais.

III

Depois da ceia começou o interrogatório. Estava em pé diante do doutor, sob a lâmpada, e se submeteu calado aos habituais petelecos e toques.

— Agora, por favor, digas á!

— Á!

— Outra vez, por favor.

— Á!

— Digas devagar e demores, se puder.

— Áaaaaaaaaaaaaa!

— Muito bem.

Que tolíce, aquilo tudo! Como se nada tivesse a ver com a garganta, coração ou pulmões!

Fechando a boca, cujos cantos, depois de todo aquele bocejar absurdo, o incomodavam, evitou o olhar do médico, e fitou a lareira, além dos pés de mamãe (de chinelo cinzento) que se projetavam da cadeira verde, e dos pés de papai (de chinelo castanho) parados, lado a lado, no capacho.

— Hum! Nada de mau até agora.

Sentia os olhos do doutor fitos em si e, apenas por delicadeza, retribuiu o olhar, mas com justo sentimento de evasão.

— Agora, meu rapaz, digas se te sentes perfeitamente bem.

— Perfeitamente bem.

— Nenhuma dor de cabeça? Nada de tontura?

— Não, senhor. Não acho.

— Vejamos. Arranjes um livro, por favor. Sim, muito obrigado. Isto serve muito bem. E agora, Paulo, queiras ler, o segurando como o farias normalmente.

Pegou o livro e leu:

— E outro louvor tenho a vos fazer desta cidade, nossa mãe, o dom dum grande deus, uma das mais altas glórias duma terra. A força dos cavalos, a força dos potros, a força do mar. Porque tu, filho de Crono, nosso amo Poseidão, nos engrandeceste com esse orgulho, visto que nestes caminhos foste tu o primeiro a demonstrar o freio que domina a fúria dos corcéis. E o remo bem feito, próprio às mãos humanas, tem uma velocidade admirável no mar, seguindo as velozes nereidas... Ó, terra, que és dotada mais que todas as terras, agora compete a ti fazer com que esses belos dons se transformem em feitos.

Parou, expectante, e arriou o pesado livro.

— Como eu pensava. Não há sinal externo de cansaço visual.

O silêncio se abateu sobre o aposento e tinha consciência da atenção concentrada das três pessoas que o confrontavam.

— Poderíamos mandar examinar os olhos mas acredito que é doutra coisa.

— O que seria? — A voz de papai.

— É somente esse curioso alheamento. — A voz de mamãe.

Na presença do doutor ambos pareciam irritantemente apologeticos.

— Creio que é doutra coisa. Agora, Paulo farei uma ou duas perguntas. Responderás? Sabes que sou teu amigo, há muito, muito tempo. Hem? Muito bem!

O médico bateu duas vezes o punho na costas, sorriu com falsa amabilidade, enquanto coçava com a unha o último botão do colete. Atrás do ombro do doutor estava o fogo, com os dedos de chama fazendo uma prestidigitação de luz contra o fundo fuliginoso da lareira, e o ruído brando da crepitação era o único som audível.

— Quero saber. Há algo que te preocupa?

O doutor estava sorrindo de novo, com as pálpebras contraídas em volta das pupilas pretas, em cada uma das quais havia uma pequena centelha de luz. Por que responder? *Doesse a quem doesse*. Mas era um aborrecimento aquela necessidade de resistência, de atenção. Era como se ele estivesse no meio dum grande palco brilhantemente iluminado, sob o resplendor forte das luzes da ribalta. Como e fosse simplesmente uma foca amestrada, um cachorro sábio ou um peixe tirado dum aquário e pendurado da cauda. Serviria da mesma forma se latisse ou rosnasse. Mas perder aquelas poucas últimas horas preciosas, aquelas horas das quais cada minuto era mais belo que o anterior, mais ameaçador? Ainda olhava, como de grande distância, as pintas de luz nos olhos do doutor, o sorriso fixo, e depois, atrás, mais uma vez o chinelo de mamãe, o chinelo de papai, o

brando ondear do fogo. Mesmo ali, mesmo entre aquelas presenças hostis e àquela luz arranjada, podia ver a neve, a podia ouvir. Estava nos cantos do aposento, onde a sombra era mais densa, sob o sofá, atrás da porta meio aberta que dava à sala de jantar. Era mais gentil aqui, mais fofa, o rangido o mais manso sussurro, como se, em deferência por uma sala de visita, deliberadamente adotasse *boas maneiras*. Se conservava fora de vista, se obliterava, mas distintamente, com um ar de dizer: *Á! Esperes um pouco! Esperes, pois estejamos juntos sozinhos. Então começarei a dizer a ti algo novo. Algo de branco, de frio, de soporífero!, de paz, de vácuo, e a longa curva brilhante do espaço! Digas pra irem embora. Os expulses! Te recuses a falar. Os deixes, subas a teu quarto, apagues a luz e te metas na cama. Irei contigo. Estarei te esperando, contarei uma história mais bonita que A pequena Kay dos patins, ou O fantasma da neve. Cercarei tua cama, fecharei as janelas, juntarei um monte bem alto bloqueando a porta, de modo que nunca mais alguém possa entrar. Fales! Parecia que a pequena voz assobiada viesse duma leve espiral branca de flocos caindo no canto junto da janela da frente, mas não podia ter certeza. Então se viu sorrindo, e disse ao doutor, mas sem o olhar, olhando além dele:*

— Ó, não! Acho que não!

— Mas, tens certeza?, meu rapaz.

Então a voz de pai soou branda e fria. A voz familiar de meiga advertência.

— Não precisas responder logo, Paulo. — Te lembres que tentamos te ajudar. Tornes a pensar e te certifiques bem.

Sentiu que estava sorrindo de novo, com a noção de ter certeza. Que brincadeira! Como se não estivesse tão certo de que tentar o tranquilizar não era mais necessário, e que tudo aquilo era uma farsa ridícula, uma paródia grotesca! O que podiam saber daquilo? Aquelas inteligências grosseiras, aquelas mentes tacanhas, tão presas ao trivial, ao comum? Impossível dizer algo daquilo! Ora, mesmo agora, com a prova tão abundante, tão formidável, tão iminente, tão aparentemente presente, poderiam acreditar? Poderia mamãe acreditar? Não. Era mais que evidente que, se dissesse algo daquilo, uma simples insinuação, não acreditariam e ririam, dizendo Absurdo! Pensando sobre si coisas que não eram verdadeiras.

— Ora! Não! Não estou preocupado. Por que estaria?

Olhou então de frente, os olhos apertados do doutor, olhou dum a outro, duma pinta de luz a outra, e deu uma pequena risada.

O doutor pareceu desconcertado com aquilo. Recuou a cadeira, pousando uma mão branca e gorda em cada joelho. O sorriso desapareceu do rosto.

— Bem, Paulo. — e fez uma pausa, muito grave — Receio que não estejas levando isto bastante a sério. Acho que não compreendes bem. — Tomou uma rápida respiração profunda e se voltou, como se sentindo impotente, sem encontrar palavra, aos outros. Mas papai e mamãe estavam calados. Nenhum auxílio chegava.

— Certamente deves saber, perceber, que não foste o mesmo ultimamente? Sabes?

Era divertido observar a renovada tentativa do doutor sorrir, com olhar esquisito e furtivo, como de embaraço confidencial.

— Me sinto perfeitamente bem, senhor. — E de novo deu a risota.

— Tentamos te ajudar

A voz do doutor ficou ríspida.

— Sim, senhor, bem sei. Mas por quê? Estou me sentindo muito bem. Apenas estive *pensando*. Só isso.

Mamãe fez rápido movimento a diante, pousando uma das mãos no braço da cadeira do doutor.

— Pensando? Mas, meu caro! Pensando em quê?

Era um desafio direto e tinha de ser enfrentado diretamente. Mas antes que o enfrentasse, olhou de novo o canto da porta, como procurando apoio. Sorriu de novo ao que viu e ouviu. A pequena espiral ainda lá estava, girando de leve, como o fantasma dum gatinho branco brincando com o fantasma da cauda branca, e produzindo, enquanto o fazia, o mais leve sussurro. Estava tudo bem! Se pudesse se manter firme, tudo estaria bem.

— Ó! Em nada e em tudo. Sabes... Como se pensa.

— Queres dizer, sonhando acordado?

— Ó, não! Pensando!

— Mas pensando em quê?

— Em tudo.

Riu na terceira vez. Mas dessa vez, tendo, ao acaso, erguido os olhos ao rosto da mãe, ficou apavorado com o efeito que aquele riso parecia ter produzido nela. Abrira a boca com expressão de horror. Aquilo era mau! Uma pena! Sabia que seria doloroso, é claro, mas não esperara que fosse tão mau assim. Talvez se ele lhes desse apenas uma vaga insinuação.

— Em neve.

— Como é isso? — Era a voz de papai. O chinelo castanho avançara um passo no capacho.

— Mas, meu filho! O que queres dizer? — Era a voz de mamãe. O doutor apenas o fitava.

— Somente *neve*, e pronto. Gosto de pensar nela.

— Contes como é isso, meu rapaz.

— Mas isso é tudo. Nada há a contar. *Sabes* o que é neve.

Disse quase com raiva, porque sentia que tentavam o encurralar. Se virou de lado, pra não enfrentar mais o médico e ver melhor a réstia de escuridão entre a ombreira da janela e a cortina descida, a fria réstia da noite bem-vinda e deliciosa. Imediatamente se sentiu melhor, mais tranqüilo.

— Mamãe, posso me deitar agora? Estou com dor de cabeça.

— Mas pensei que dissesse...

— Comecei a sentir agora. São todas estas perguntas! Posso ir?, mamãe.

— Poderás ir, assim que o doutor acabar.

— Não achais que isto deveria ser estudado cuidadosamente e já? — Era a voz de papai. O chinelo castanho se aproximou de novo um passo. Aquela voz de *castigo* bem conhecida, ressoante e cruel.

— Ó! De que adianta?, Norman.

De repente todos se calaram. E sem olhar propriamente a eles, mesmo assim percebia que os três o observavam com extraordinária intensidade, o fitando muito, como se fizera algo monstruoso ou fosse uma espécie de monstro. Podia ouvir o leve crepitar irregular da chama, o tique-taque do relógio, distantes e abafados, duas risadas na cozinha, tão rapidamente interrompidas quanto começaram. Um ruído de água nos canos. E então o silêncio pareceu se adensar, avolumar, tomar as dimensões do mundo inteiro, se tornar infinito e sem forma, e se centralizar inevitavelmente e a direito, com lenta e arrastada mas enorme concentração de toda a força no começo dum novo som. Sabia muito bem o que esse novo som seria. Começaria em silvo e terminaria em berro. Não havia tempo a perder. Tinha de fugir. Aquilo não devia acontecer ali.

Sem palavra mais, girou sobre os calcanhares e subiu a escada, correndo.

Nem um minuto cedo demais. A escuridão vinha em longas ondas brancas. Prolongada ressonância enchia a noite. Uma grande efervescência ininterrupta de influência selvagem a atravessou de repente. Um vento frio abanou as janelas. Fechou a porta e arrancou a roupa no escuro. O soalho preto e liso era como uma jangada mergulhada em ondas de neve, quase submersa, mergulhando, se erguendo outra vez, abafada em crespas ondas de pena. A neve ria. Falava de todos os lados ao mesmo tempo. Avançava mais a junto de si quando pulou, exultante, à cama.

Nos escutes! Viemos contar a história da qual falamos. Te lembras? Deites. Feches os olhos. Não verás mais grande coisa. Nesta escuridão branca quem poderia ou querer ver? Tomaremos o lugar de tudo. Escutes.

Uma linda dança variegada da neve começou na parte dianteira do quarto. Se aproximava e recuava, se achatava contra o assoalho, depois se erguia, como um repuxo, até o teto, se inclinava, se avolumava cum nova corrente de flocos que entravam, rindo, na janela sussurrante, avançava de novo, erguia longos braços brancos. Dizia paz, afastamento, frio...

Mas então um jato de horrível luz irrompeu brutalmente através do quarto. Algo hostil. A coisa se precipitou e se agarrou a si, o sacudindo. Não estava simplesmente horrorizado. Se sentia possuído por um rancor como nunca sentira. O que era aquilo, aquela cruel interrupção, aquele ato de raiva e de ódio? Era como se tivesse de estender um braço em direção a outro mundo, pra compreender aquilo, um esforço do qual mal era capaz. Mas daquele outro mundo ainda se lembrava apenas o bastante pra saber as palavras amaldiçoantes. As arrancou de sua outra vida, de repente:

— Mamãe! Mamãe! Vás embora! Te odeio!

Com aquele esforço tudo se resolvera, tudo estava muito bem. O silvo ininterrupto avançou mais uma vez. As longas linhas brancas flutuantes se erguiam e caíam como as enormes ondas escachoantes do mar, o sussurro cada vez mais forte, os risos mais numerosos.

— Escutes! Contaremos a última, mais linda e secreta história. Feches os olhos. É uma história muito curta, que fica cada vez menor. Venhas a dentro em vez de se abrir como uma flor. É a flor se tornando semente, uma pequena semente fria. Ouves? Estamos nos aproximando de ti.

O sussurro se tornando um alarido. O mundo inteiro era uma vasta cortina de neve. Mas mesmo agora dizia paz, afastamento, sono.

A abadia de Thurnley

Percival Landon

Tradução de Manuel R. da Silva

Há três anos fui ao oriente. Querendo passar um dia mais em Londres tomei o trem-correio da sexta-feira a Brindise em vez do costumeiro expresso de Marselha de quinta-feira na manhã.

Muitas pessoas fogem da longa viagem de 48h em trem através da Europa e da subsequente carreira no Mediterrâneo a bordo do *Osíris* ou do *Ísis*, que alcança uma velocidade de 330km/h. Mas na realidade não se sofre muito incômodo no trem ou no barco-correio e, a menos que nada haja a fazer, sempre me agrada aproveitar o dia e meio a mais em Londres, antes de lhe dizer adeus, a caminho duma de minhas mais longas viagens.

Nessa vez, me recordo que era no começo da temporada de embarque, provavelmente começo de setembro, havia poucos passageiros, e eu, durante todo o trajeto desde Calais, tinha um apartamento, no expresso do Oriente, só pra mim.

Passei o domingo observando as ondas azuis do Adriático e o pálido romeiral^[52] ao longo dos recortes. As aldeias brancas e simples, com telhados planos e audazes domos e os olivais verde-cinzas, sarmentosos e retorcidos da Apúlia.

A viagem foi igual a qualquer outra. Comemos no carro-restaurant tão amiúde durante tanto tempo quanto podíamos o fazer com decência. Dormimos depois de almoçar. Passamos entretidos a tarde com romances de capas amarelas e às vezes trocávamos conversa no carro-fumante, onde conheci Alastair Colvin.

Colvin era homem de estatura mediana, queixo firme, cabelo grisalho e bigode branqueado pelo sol. Muito bem barbeado, evidentemente era um cavalheiro, e também preocupado.

Não possuía grande engenho. Quando se lhe falava, fazia as usuais observações de maneira correta e se abstinha de dizer banalidades porque falava menos que nós outros. A maior parte do tempo se entretinha com o itinerário da companhia *Wagons-Lits*,^[53] mas era incapaz de concentrar atenção numa página. Ao se inteirar de que eu estivera viajando na ferrovia transiberiana, discutiu comigo a respeito, durante uma hora e um quarto. Depois perdeu o interesse e se levantou pra ir a seu apartamento. Todavia voltou a meu lado muito depressa e pelo visto muito satisfeito em retomar a conversa.

É claro que não dei importância àquele fato. A maioria dos que viajam de trem se tornam um pouco irresolutos após 36 horas de trajeto.

Mas observei que a inquietação de Colvin formava marcado contraste com sua dignidade e importância pessoal. Aquele desassossego não harmonizava com suas fortes mãos, belamente conformadas, de unhas resistentes, largas e regulares e poucas linhas.

Numa delas observei uma recente cicatriz longa e profunda, heteromorfa. Não obstante,

é absurdo pretender que me parecesse algo extraordinário. Às 5h da tarde de domingo me dispus a dormir a hora ou duas que nos faltavam pra chegar a Brindise.

Uma vez ali chegados, os poucos passageiros que transportava o barco, uma vintena somente, transbordamos nossa equipagem manual, revistamos nossos camarotes, e após um passeio de meia hora em Brindise, ceamos no hotel Internacional, não de todo surpresos de que na cidade se tivesse dado a morte de Virgílio. Se bem me recordo, no Internacional existe uma sala alegremente pintada, não desejo fazer propaganda, porém não existe outro lugar em Brindise onde esperar a chegada dos trens-correios. Depois de cear contemplava uma parra coberta de azuis cachos de uva, quando Colvin, atravessando a sala, se aproximou de minha mesa.

Tomou *Il Secolo*, porém quase imediatamente renunciou ao simulacro de ler. Se voltou a mim e disse:

— Farias um favor?

Não se faz favor a indivíduo casualmente conhecido em expresso continental sem conhecer algo mais do que eu conhecia de Colvin. Porém sorri de maneira vaga e perguntei o que desejava. Respondeu simples e rasgadamente:

— Posso dormir em teu camarote no Osíris?

Corou ao dizer.

Nada há mais incômodo que ter de se alojar cum companheiro de camarote no mar. Perguntei:

— Não há aposento suficiente?

Colvin, ainda um tanto confuso, respondeu:

— Sim. Tenho um camarote, porém me faria um grande favor se me permitisse compartilhar o teu.

Tudo aquilo estava muito bem, mas, além de que sempre durmo melhor quando estou sozinho e se cometeram alguns roubos recentemente a bordo dos vapores ingleses, titubeei, embora Colvin se mostrasse franco e honesto.

Naquele momento chegou o trem-correio, com estrondo e ruído de escapamento de vapor, e eu disse a meu companheiro tornar a falar a mim a respeito a bordo do barco, ao zarpar.

Respondeu brevemente. Suponho que notou minha desconfiança:

— Sou um membro de White.

Sorri comigo o ouvindo, mas instantaneamente me pareceu que o homem, se na verdade era o que pretendia, estava mesmo em situação muito crítica pra dar a conhecer tal fato a um perfeito estranho num hotel de Brindise como garantia de sua respeitabilidade.

Aquela noite, quando franqueávamos as luzes vermelhas e verdes do porto de Brindise, Colvin se explicou:

Quando eu viajava na Índia, há uns anos, conheci certo jovem do serviço florestal.

Acampamos juntos durante uma semana e o achei um companheiro agradável. João Broughton era alegre e divertido quando estava livre do serviço, mas era também homem capaz e seguro em qualquer das pequenas emergências que continuamente surgem naquele serviço. Os nativos o apreciavam e confiavam.

Inesperadamente herdou propriedades e uma fortuna de regular importância. Então alegremente sacudiu o pó das planícies indianas e regressou à Inglaterra.

Viveu cinco anos em Londres. Eu o via de vez em quando. Ceávamos juntos aproximadamente cada dezoito meses e observei com exatidão a gradativa repugnância de Broughton por sua vida de ócio. Realizou então longas viagens, mas regressava tão inquieto quanto antes. Enfim me comunicou que resolvera se casar e se instalar em sua quinta, a abadia Thurnley, que estivera desocupada durante muito tempo. Falou de cuidar de si e das propriedades e se apresentar candidato ao parlamento na forma costumeira.

Pelo visto, Viviana Wilde, sua noiva, começara a influir nela. Era uma pequena muito bonita, de cabelo louro e maneiras aristocráticas. Profundamente religiosa e puritana, era muito bondosa e pensei que Broughton estava com sorte. Parecia muito feliz.

Fiz algumas perguntas acerca de sua futura residência, a abadia Thurnley.

Confessou que mal conhecia o lugar. O último inquilino, um homem chamado Clarke, vivera numa ala quinze anos sem ver alguém. Indivíduo tacanho. Parecia um ermitão. Era raríssimo ver luz na abadia após escurecer.

“Aquele homem adquiria tão somente as coisas mais necessárias à vida e as recebia pessoalmente na porta lateral. Seu criado, um mestiço, o deixou em pouco, após um mês de permanência na casa. E regressou à América do Norte, aos estados ao sul.

Broughton se queixava com amargura duma coisa: Clarke espalhara intencionalmente entre os vizinhos do povoado um rumor de que o edifício tinha duende e até chegara a empregar expedientes infantis, mediante lâmpadas a álcool e sal, no intuito de afugentar os noctívagos. Foi descoberto quando realizava uma daquelas palhaçadas, mas a história se espalhou e ninguém se aventurava a se aproximar da casa, exceto em pleno dia.

Os fantasmas da abadia de Thurnley eram agora, disse meu amigo, com amplo sorriso, parte do evangelho naquela região, porém ele e sua esposa mudariam tudo aquilo.

Os veria quando me aproovesse? Desde logo lhe disse que sim e, igualmente desde logo, não abrigava o propósito de fazer algo semelhante sem prévio convite.

A casa foi reparada completamente, embora não se tirara peça do mobiliário nem a antiga tapeçaria. Os assoalhos e os tetos foram reparados. O telhado foi impermeabilizado de novo e se limpou o pó de meio século. Meu amigo me mostrou algumas fotografias do lugar. Se chamava abadia, ainda que na realidade fosse apenas a enfermaria duma abadia de claustro, situada a cerca de 8km de distância e desaparecida havia muito tempo.

A maior parte do edifício permanecia no mesmo estado do tempo anterior à reforma, porém se adicionara uma ala na época de Jacó, e senhor Clarke manteve quase habitável essa parte da casa. Colocara pesadas portas de madeira na planta baixa e no primeiro pavimento, com grossos barrotes de ferro.

Portanto foi preciso efetuar muitos reparos.

Broughton, a quem vi em Londres duas ou três vezes durante esse período, zombou muito, comentando o fato dos trabalhadores se recusarem a permanecer na noite na casa.

Mesmo depois de instalar luz elétrica em todos os cômodos, não houve maneira de os induzir a ficar, apesar de que, como observara Broughton, a eletricidade representava o fim dos fantasmas.

“A lenda dos duendes se espalhara em toda a região e os homens não queriam correr perigo. Regressavam a casas em grupos de cinco ou seis, e mesmo durante as horas de sol se inquietavam se um desaparecia da vista dos companheiros.

De modo geral, embora nada ocorrera durante os cinco meses que trabalharam na casa, em Thurnley a crença nos fantasmas mais se robusteceu devido ao nervosismo manifestado pelos homens. Todo o povoado já falava sobre o fantasma duma monja enclausurada. Broughton disse:

— Simpática monja!

Perguntei se acreditava na existência dos fantasmas, e ante minha surpresa respondeu que não podia declarar não acreditar.

Um homem na Índia disse a mim, em certa manhã, no acampamento, que tinha a crença de que sua mãe morrera na Inglaterra, pois na noite anterior viu sua figura na tenda de campanha. O seguinte mensageiro lhe entregou um telegrama anunciando a morte dela.

— Assim se passou o caso — Disse Broughton.

Mas, segundo meu amigo, em Thurnley não era real a existência de tais fantasmas e amaldiçoava o egoísmo idiota de Clarke, cujas estúpidas ocorrências ocasionaram todos aqueles inconvenientes. Ao mesmo tempo, não podia deixar de simpatizar com os ignorantes trabalhadores.

— Minha opinião é que se alguma vez topamos com um fantasma, devemos falar consigo.

Assenti. Embora eu conhecesse muito pouco do mundo dos fantasmas e seus costumes, sempre recordara que um duende está na obrigação de esperar que se lhe fale. Não achei que o fazer custasse muito trabalho e tinha a convicção de que o som da própria voz ao menos tranqüilizaria e certificaria a pessoa de que de fato estava desperta.

Como existem poucos fantasmas fora da Europa, isto é, poucos que um branco possa ver, jamais algum me molestara. Não obstante, como disse, respondi a Broughton que concordava.

Se celebrou a boda, à qual assisti cuma cartola adquirida na ocasião. A nova senhora Broughton sorriu a mim muito cordialmente depois da cerimônia.

Como tinha de suceder, tomei o expresso do Oriente aquela noite e não regressei à Inglaterra antes de seis meses. Pouco antes de meu regresso recebi uma carta de Broughton. Perguntava se podia ir o ver em Londres ou ao menos em Thurnley, pois acreditava que eu poderia ajudar melhor do que todos. Sua esposa também me enviou uma linda mensagem no final da carta.

De Budapeste escrevi que o veria em Thurnley dois dias depois de minha chegada a

Londres. Quando saí do *Panuonias* e entrei no *Kerepesi Uteza*, pra remeter minhas cartas, pensava qual auxílio eu prestaria a Broughton. Fora comigo caçar tigre. Num caso de apuro havia poucos homens mais capazes pra se ocupar de seus próprios assuntos. Não obstante como nada tinha a fazer, e depois de despachar uma série de negócio acumulado durante minha ausência, tomei uma maleta e parti a Euston.

O automóvel de Broughton me esperava na estação. Depois de percorrer um trajeto de cerca de 10km, atravessamos com estrépito as ruas sonolentas do parque da casa de meu amigo.

Desde as portas, uma alameda de faia conduzia ao interior do parque numa extensão de 400m. Sob as árvores fina erva marginava o caminho.

Havia muitas marcas de roda e um carrinho puxado por um pônei passou a meu lado, levando um pastor de aldeia e sua mulher e filha. Evidentemente se celebrava alguma festa na abadia. O caminho torcia à direita, ao fim da avenida, e acabei podendo ver o edifício, no outro lado de amplo prado cheio de gente.

Só uma extremidade da casa era visível. Devia ser cruelmente austero quando foi edificado, porém o tempo limara as bordas e dado à pedra um tom gris-líquen alaranjado que se mostrava atrás duma cortina de hera, jasmim e magnólia.

Mais longe estava a casa estilo jacobino, de três pavimentos, alta e bonita. Não se tentara adaptar uma à outra, porém a bondosa hera cobrira tudo com verdura reluzente e acetinada. Uma esbelta agulha no meio do edifício coroava um pequeno campanário. Atrás da casa se elevava um souto de castanheiro.

Broughton me vira chegar, de longe, e se separou dos convidados, pra me receber, antes de me entregar ao cuidado do mordomo, que era louro, com certa inclinação à loquacidade. Não obstante, mal podia responder a alguma pergunta sobre a casa, pois só havia três semanas que estava nela.

Atento ao que me dissera Broughton, nada inquiri a respeito dos fantasmas, embora o aposento que me preparavam pudesse justificar tudo.

Era um cômodo muito grande e de teto baixo, com vigas de carvalho. As paredes, inclusive as portas, estavam completamente cobertas de tapete. A cama era de extraordinária beleza, com pesadas cortinas que aumentavam a escuridão do lugar. Os móveis eram antigos, de bela construção e escuros. No solo havia um simples tapete cinzento. Era a única coisa moderna ali, excetuando a instalação elétrica, os jarrões e as ânforas. No toucador havia um velho espelho veneziano em moldura repuxada de prata fosca.

Depois de fazer ligeira toalete descí a escada e saí ao jardim, onde saudei senhora Broughton.

Os convidados eram do tipo habitual de povoado, ansiosos em se mostrar contentes e francamente curiosos acerca do novo dono da quinta.

Com grande surpresa e alegria descobri Glenham, a quem conhecera em tempos passados. Morava perto, como — observou cum sorriso — eu devia ter compreendido.

— Porém não moro em lugar como este.

E apontando, com movimento da mão, as linhas alongadas da abadia, murmurou entredente, me causando grande admiração:

— Graças-a-deus!

Observando que o ouvira, se voltou a mim e exclamou em tom decidido:

— Sim. Disse Graças-a-deus a sério. Não moraria aqui nem por todo o dinheiro de Broughton.

— Mas, certamente já sabes que foram descobertas as superstições de Clarke.

Glenham encolheu os ombros.

— Sim. Já sei. Mas o lugar tem algo anormal. Tudo quanto posso dizer é que Broughton mudou muito desde que vive aqui. Não creio que permaneça muito tempo morando neste lugar. Porém não ficarás aqui? Nesse caso te inteirarás de tudo nesta noite. Parece que prepararam uma grande ceia.

A conversa se desviou a antigas reminiscências e Glenham teve que ir pouco depois.

Naquela noite, antes de me vestir, conversei vinte minutos com Broughton em seu escritório. Era inegável que estava gravemente mudado. Parecia inquieto e nervoso. O surpreendi me observando enquanto eu olhava distraidamente na janela.

Naturalmente perguntei o que desejava de mim. Afirmei que faria tudo o que pudesse mas que não atinava com a falta que eu faria.

Respondeu, cum sorriso apagado, ter algo a dizer e que diria na manhã seguinte.

Parecia envergonhado de si e do papel que me rogaria desempenhar.

Não obstante, afastei o assunto de meu pensamento e subi a me vestir em minha faustosa acomodação. Ao fechar a porta uma corrente de ar frio fez oscilar a rainha de Sabá que estava na parede. Então observei que os tapetes não estavam ajustados nas paredes.

Sempre fui cético a respeito dos duendes, e freqüentemente me pareceu que o leve movimento duma cortina frouxa explicaria 99% das histórias que a gente ouve.

Certamente a ondulação do tapete em que aparecia a rainha de Sabá com seus servidores e caçadores, um dos quais estava decapitando um corço nos mesmos degraus em que o rei Salomão esperava sua bela visitante, apoiava minha hipótese.

Não sucedeu grande coisa durante a ceia. Os comensais eram muito parecidos aos convidados à festa do jardim. Uma jovem sentada a meu lado mostrava expectativa em conhecer o que se lia em Londres. Como estava muito mais familiarizada que eu com as revistas e suplementos literários mais recentes, encontrei a salvação em que me instrísse sobre as tendências da novela moderna. Quão vulgares tentativas de engenho distinguiam tantos livros modernos! Desde os primórdios da literatura o drama foi o que conseguiu a maior realização de cada época. Chamar de mórbidas tais obras era disparatado. Nenhuma pessoa reflexiva — me olhou através de suas lentes — discreparia de mim.

Está claro que disse imediatamente, como qualquer um o faria, que eu dormia com as novelas de Pett Ridge e Jacobs sob o travesseiro e que se as de Jorrocks não fossem tão

grandes as juntaria a sua companhia.

Não as lera e, portanto, me salvei. Recordo, com espanto, que declarou que o maior desejo de sua vida era estar em situação horripilante, e que tratou com dureza o herói duma história de vampiro, ao mesmo tempo que mordiscava furiosamente um pedaço de torta com creme.

Era uma alma triste e não pude deixar de pensar que, se tinha muitas assim na vizinhança, não seria surpreendente Glenham acreditar nalguma bobagem acerca daquele edifício.

Mas nada menos horripilante que o brilho da prata, do cristal, as luzes mortíferas e o discreto murmúrio das conversações em torno da grande mesa do refeitório.

Quando as senhoras se retiraram eu estava falando com o cura do povoado, homem magro e sério, que no mesmo instante dirigiu a conversação às bufonarias de Clarke. Disse:

— Porém senhor Broughton introduziu um espírito tão novo e alegre não só na abadia mas em toda a vizinhança, que tenho grande esperança de que as ignorantes superstições do passado doravante fiquem esquecidas.

Ao que outro vizinho, um corpulento cavalheiro, observou:

— Amém!

Isto esfriou o entusiasmo do deão e falamos de perdizes do passado, perdizes do presente e faisões do futuro.

Na outra extremidade da mesa estava Broughton cum par de amigos, ambos caçadores e de rosto corado. Numa ocasião observei que meu amigo falava de mim, embora não me desse conta disso até umas horas mais tarde.

Os hóspedes foram às 11h, e Broughton, sua esposa e eu, ficamos sozinhos sob o teto da sala estilo jacobino.

Senhora Broughton falou dum dos vizinhos. Depois, cum sorriso, me pediu a desculpar, me estreitou a mão e foi se deitar.

Não sou um grande observador. No entanto pareceu que falava cum algum nervosismo e que seu sorriso era forçado. Evidentemente estava combinando se afastar.

Essas coisas, ao as mencionar, parecem insignificantes. Naquelas circunstâncias era suficiente pra pensar quê diabo de ajuda eu prestaria e se seria tudo uma brincadeira de mau gosto pra me obrigar a deixar Londres a fim de tomar parte numa simples caçada.

Após ela ir, Broughton pouco falou. Era evidente que se esforçava pra dirigir a conversação aos chamados fantasmas da abadia. Assim que o observei, perguntei diretamente a respeito.

Então pareceu perder o interesse no assunto. Não cabia dúvida: Broughton mudara a pior. A senhora Broughton não podia ser a causa. Se via claramente que a adorava e que ela lhe correspondia no mesmo grau de intensidade.

Lhe recordei sua promessa de na manhã me dizer o que faria por si, acendi uma vela e

subimos a escada.

No final do corredor que levava à velha casa, sorrindo levemente disse:

— Não te esqueças, se vires um fantasma faças o favor de falar consigo. Disseste que o farias.

Permaneci indeciso um instante e depois se afastou.

Ao chegar à porta de seu quarto, se deteve e ajuntou:

— Se precisares dalguma coisa, estarei aqui. Boa noite.

Cerrou a porta.

Fui a meu quarto, me despi, acendi uma lâmpada, li algumas folhas de *O livro das selvas virgens* e, disposto a descansar, apaguei a luz e adormeci profundamente.



Despertei três horas mais tarde.

Não havia sopro de ar fora. Nem o fogo na lareira se via oscilar. Só se ouviu o rangido duma brasa se esfriando: Um mocho piou entre os silenciosos castanheiros. Passei revista ociosamente aos acontecimentos do dia, com a esperança de adormecer antes de chegar aos incidentes da ceia.

Mas pelo visto estava desvelado. Não tinha remédio. Devia ler de novo *O livro das selvas virgens* até sentir sono.

Busquei o interruptor elétrico, na extremidade do cordão que pendia sobre a cama, e acendi a lâmpada da mesinha de cabeceira. Com os olhos semicerrados tratei de encontrar meu livro sob a almofada. Depois, me habituando à luz, olhei casualmente os pés da cama.

Realmente jamais poderei dizer o que sucedeu então.

É impossível encontrar palavras capazes de descrever ligeiramente o que senti.

Sei que o coração ficou paralisado e a garganta se fechou automaticamente.

Cum movimento instintivo retrocedi, me encolhendo contra a cabeceira da cama enquanto olhava, horrorizado.

O movimento me fez palpar de novo o coração. O suor corria em todo o corpo. Não sou muito religioso mas sempre acreditei que a misericórdia divina não permitiria que uma aparição sobrenatural se apresentasse a um homem de semelhante modo e em tal circunstância que pudesse o prejudicar mental ou fisicamente.

Só posso dizer que naquele momento minha vida e razão balançaram, inseguras, preste a desmoronar.



Os outros passageiros do *Osíris* se deitaram. Ficamos sozinhos, ele e eu, apoiados na amurada, que trepidava sob a furiosa vibração do navio. Ao longe se via a luz dalguns barcos de pesca. Uma grande massa de brancas ondas encrespadas e turbulentas caiu longe, no costado.

Enfim Colvin continuou:

Inclinada sobre o pé da cama, me fitando, havia uma figura coberta com véu apodrecido e esfarrapado. Essa mortalha passava sobre a cabeça, deixando descobertos ambos os olhos e o lado direito do rosto. Depois seguia a linha do braço até onde unia a extremidade da cama.

O rosto não era inteiramente o duma caveira, embora desaparecidos os olhos e a carne. Sobre as feições se via, contraída, uma pele seca e delgada. A mão nem pele tinha. Um machão de cabelo atravessava a testa. Estava quieta. A figura horripilante se voltou a mim e meu cérebro não pôde resistir mais. A cabeça ardia.

Conservava ainda o interruptor da lâmpada elétrica na mão e, sem o perceber, brincava com ele. Não me atrevia a acender de novo a luz.

Cerrei os olhos só pra os abrir presa de horrível terror.

A aparição não se movera, o coração batia tumultuado e o suor me gelou ao se evaporar. Outra brasa rangeu na lareira e um tabuleiro da parede estrugiu.

Faltava a razão. Durante vinte minutos ou vinte segundos, não pude pensar em algo mais que naquela terrível figura, até que me acudiu à memória a lembrança de que Broughton e seus amigos falaram de mim durante a ceia.

A vaga possibilidade de que se tratasse duma brincadeira de mau gosto penetrou gratamente em meu desgraçado espírito, e a coragem me voltou pouco a pouco.

Minha primeira sensação foi de agradecimento, cego e desarrazoado, ao ver que meu cérebro resistiria à prova.

Não sou tímido, porém o melhor de nós necessita dalgum apoio nos momentos de extrema gravidade. Assim é que com a esperança, débil porém crescente, de que afinal se tratasse tão somente duma brincadeira infame, recobrei o equilíbrio necessário.

Enfim me movi.

Não posso dizer como o fiz, porém dando um salto ao pé da cama assestei violento soco na horrenda figura, que desmoronou. Recebi um terrível corte na mão. Nauseado, depois de meu pavor, caí na cama, semidesmaiado.

De modo que só se tratava duma terrível brincadeira! Sem dúvida já se a empregara com algum outro hóspede. Broughton e seus amigos apostaram enormemente acerca do que eu faria ao descobrir a horripilante visão.

De meu estado de pavor saltei a uma fúria insensata.

Proferi maldição contra Broughton. Pulei, mais que trepei, de cima da extremidade da cama, ao sofá. Destrocei o esqueleto vestido, que bem se levava a cabo toda a macabra pilhéria!, espatifei a caveira contra o assoalho e pisei os ossos secos.

Atirando a cabeça sob a cama, quebrei os ossos frágeis do tronco e os delgados ossos das coxas em meus joelhos, pra os lançar em diferentes direções. Os ossos da espinha os atirei num tamborete e os triturei com meus tacões.

Me assanhei como um cão *berserker* na figura repugnante e arranquei as costelas da

espinha dorsal, atirei o externo contra um armário. Minha fúria aumentava à medida que prosseguia meu trabalho destrutivo. Enfim rasguei em caco o véu frágil e apodrecido. O pó que largou cobriu tudo, o papel secante e o tinteiro de prata.

Enfim meu trabalho estava concluído.

Não havia mais que um infecto montão de ossos triturados e pedaços de pergaminho e lã.

Então, colhendo um pedaço da caveira, me recordei que era o pômulo e o osso da têmpora direita, abri a porta e no corredor fui ao quarto de Broughton. Meu pijama pingava de suor e me aderiu ao corpo. Dei um pontapé à porta e entrei.

Broughton estava na cama. Acendera a luz e estava encolhido de medo. Durante um instante não pôde reagir.

Falei então. Ignoro o que disse. Apenas sei que, com o coração cheio de ódio e desprezo, espicaçado pela vergonha de minha recente covardia, perdi o controle da língua.

Não me respondeu. Me assombrei de minha eloquência. Meu cabelo ainda colado às têmporas suarentas e a mão sangrando profusamente. Devia apresentar estranho aspecto.

Broughton se encolheu na cama, como eu o fizera antes. Não respondia nem se defendia. Parecia estar preocupado com algo além de minhas reprovações, e uma ou duas vezes umedeceu os lábios com a língua.

Apesar disso nada pôde dizer, embora de vez em quando movesse as mãos, como um bebê que não sabe falar e pretende se fazer entender via gesto.

Naquele momento se abriu a porta do quarto e entrou a senhora Broughton, pálida e apavorada.

— O que há? Que aconteceu? Por-deus! O que está acontecendo? — Gritou repetidas vezes. Depois, se aproximando do marido, se sentou na cama e ambos me fitaram.

Expliquei o ocorrido. A censurei com dureza. Mas Broughton não parecia compreender. Declarei que esfacelara o objeto de sua pilhéria covarde.

Broughton levantou a cabeça.

— Quebrei em caco essa coisa repugnante.

Broughton tornou a umedecer os lábios.

— Bem merecias que te desse uma boa sova! Procurarei que nenhuma pessoa decente, homem ou mulher, te torne a falar na vida.

Ajuntei jogando o pedaço de caveira no chão, junto da cama:

— Eis uma lembrança de tua maldita pilhéria.

Broughton viu o osso e lhe tocou a vez de se assustar. Gritou como uma lebre colhida numa armadilha. Continuou gritando enquanto a esposa, quase tão desconcertada quanto eu, se abraçando a ele, o acariciou e o , como a uma criança, a se calar.

Porém Broughton, e quando se moveu pensei que dez minutos antes talvez eu oferecesse um aspecto tão terrivelmente descomposto quanto, e atirou de seu lado,

saltando da cama ao chão, ainda gritando estendeu a mão pra colher o osso manchado de sangue de minha mão.

Meu amigo não me prestou atenção. Ainda que na verdade nada dissesse. Era uma nova fase dos horrores da noite. Se levantou com o osso na mão e permaneceu silencioso, parecia escutando.

— Está na hora, está na hora, talvez! — Murmurou, e, quase no mesmo instante, caiu rodando sobre o tapete, batendo a cabeça na lareira.

Largou o osso, que foi parar perto da porta.

Levantei Broughton, que, pálido e descomposto, com o rosto ensangüentado, sussurrou apressadamente, com voz rouca:

— Escutai! Escutai!

Passados uns dez segundos de completo silêncio, parecia ouvir algo. A princípio não tinha certeza, mas enfim não restou dúvida. Se percebia um ruído suave como alguém andando no corredor. Uns passinhos se aproximavam em nossa direção sobre o duro assoalho de carvalho.

Broughton se levantou e se aproximou da cama onde a esposa estava sentada, branca e muda, e pôs o rosto dela em seu ombro.

O último que vi, quando meu amigo apagou a luz, foi cair de bruços, com a cabeça na almofada. A companhia dos dois esposos, e sua covardia, me ajudaram a reagir e olhei a aberta porta do quarto, que se perfilava com bastante claridade.

Estendi uma mão e toquei um ombro da senhora Broughton. Porém no último instante também desfaleci e, caindo ajoelhado, pus meu rosto na cama.

Todos os ouvimos. Os passos chegaram à porta e se detiveram ali.

O pedaço de osso estava dentro do quarto. Se sentiu o rumor dalgo que se movia e penetrava na dependência.

Senhora Broughton permaneceu silenciosa. Ouvi a voz de meu amigo rezando, abafada no travesseiro. Eu também estava maldizendo minha cobardia.

Os passos ressoaram nas tábuas de carvalho do corredor. Depois os ouvi se apagar pouco a pouco. Sentindo o aguilhão do remorso, fui à porta e olhei a fora. Parecia ver algo no fim do corredor, algo que se afastava. Um momento depois o corredor estava deserto.

Permaneci com a testa apoiada no quício da porta, me sentindo indisposto, e disse:

— Podes acender a luz.

O aposento se iluminou.

Não havia osso a meus pés.

Senhora Broughton desmaiara. Broughton não estava em condição de ajudar e tardei dez minutos pra fazer a senhora voltar a si. Meu amigo só disse uma coisa que valha a pena recordar. Na maior parte não fez mais que murmurar oração.

Exclamou em voz indistinta, como em recriminação:

— Não falaste com o fantasma!

Passamos juntos o resto da noite. Senhora Broughton adormeceu antes do amanhecer mas sofria de maneira tão horrível em sonho, que tive de a sacudir e despertar. Jamais o dia tardou tanto a chegar como naquela horrível noite.

Broughton falou consigo três ou quatro vezes. A senhora se agarrava muito forte ao braço do marido mas nada podia dizer. Quanto a mim, posso dizer, em honra à verdade, que fui ficando pior à medida que transcorriam as horas e a luz se intensificava. Aquelas duas reações tão violentas abateram minhas crenças e tive a sensação de que os fundamentos de minha vida foram edificados sobre areia.

Depois de me vendar a mão com uma toalha não me movi do quarto. Era melhor. Me ajudavam e eu os ajudava. Os três sabíamos que naquela noite estivemos muito perto de perder a razão.

Enfim, quando ficou bastante forte e os pássaros encheram o ar com trinado, tivemos a sensação de que devíamos fazer algo. Mas não nos movemos. Poderá se pensar que nos desgostaria muito o fato de sermos encontrados pelos criados daquela maneira. Contudo não era assim. Uma acabrunhante indiferença nos manteve onde estávamos até que Chapman, o mordomo de Broughton, abriu a porta do quarto. Nenhum dos três se moveu. Broughton disse duramente:

— Chapman, podes voltar dentro de cinco minutos.

O mordomo era homem discreto. Todavia não nos importaria que divulgasse a notícia no mesmo instante.

Nos entreolhamos e declarei que devia voltar a meu quarto. Abrigava a intenção de esperar fora até que Chapman voltasse. Não me atrevia a entrar sozinho em meu dormitório.

Broughton reagiu e disse que me acompanharia. A esposa conveio em permanecer em seu quarto cinco minutos, se levantassem as persianas e deixassem as portas abertas.

Broughton e eu, nos apoiando rigidamente um ao outro, nos dirigimos a meu quarto. A luz que se filtrava nas persianas nada nos revelou de anormal, exceto várias manchas de meu próprio sangue na extremidade da cama, no sofá e no tapete, onde destroçara aquela horrível figura.

Colvin finalizara sua história.

Não fiz comentário. Soaram sete badaladas no porto, e o grito de resposta rasgou a treva.

O conduzi a baixo. Disse:

— Me sinto muito melhor. És muito bondoso me permitindo dormir em teu camarote.

Velhas feitiçarias

Algernon Blackwood

Tradução de Alfredo Ferreira

I

Há, ao que parece, certas pessoas desinteressadas, sem as características que atraem a aventura, e que, no entanto, no curso de suas vidas monótonas se vêem envolvidas em tão estranhas experiências que o mundo suspende a respiração e olha o outro lado! E eram casos dessa natureza, talvez mais que quaisquer outros, que caíam na rede bem aberta de João Silêncio, o médico psiquiatra, e, apelando pra sua profunda humanidade, paciência, e grandes qualidades de simpatia espiritual, conduziam muitas vezes à revelação de problemas da mais estranha complexidade e do maior interesse humano.

Assuntos que pareciam quase curiosos e fantásticos demais pra merecer crédito, eram seguidos com interesse até a origem secreta. Desembaraçar uma meada na própria alma das coisas e aliviar com isso uma alma humana sofredora era uma verdadeira paixão. E os nós que desamarrava eram, de fato, muitas vezes mais que estranhos.

O mundo, naturalmente, exige algo ao qual possa dar crédito. Algo que possa ao menos pretender explicar. Se pode compreender o tipo aventureiro. Essas pessoas portam uma explicação adequada pra suas vidas excitantes, e seu caráter obviamente as arrasta a circunstâncias que produzem as aventuras. Não espera outra coisa delas e se sente satisfeito. Mas as pessoas apagadas, comuns, não têm direito a experiências insólitas, e o mundo, levado a esperar o contrário, fica desapontado com elas, pra não dizer chocado. Seu juízo complacente foi rudemente perturbado.

— Algo assim acontecer *àquele* homem! Uma pessoa vulgar como aquela! É absurdo! Deve haver algo errado!

Contudo não podia haver dúvida de que algo acontecera ao pequeno Artur Vezin. Algo da natureza curiosa que descreveu a doutor Silêncio. Externa e internamente, acontecera fora de dúvida, e a despeito dos motejos dos poucos amigos que ouviram a história, e observaram acertadamente que tal coisa aconteceria ao estourado Iszard, ou ao esquisitão Minki, mas nunca aconteceria ao sensaborão Vezin, que estava predestinado a viver e a morrer de acordo com as normas.

Mas, fosse qual fosse o seu método de morte, Vezin certamente não vivera *de acordo com as normas*, ao menos no que diz respeito *àquele* particular acontecimento, no decorrer de sua vida sem incidente. E o ouvir contar o episódio e ver seu rosto pálido e delicado mudar e ouvir a voz se lhe tornar mais branda e mais tranqüila conforme prosseguia era adquirir a certeza que as palavras claudicantes poderiam às vezes deixar de se impor. Vivía a coisa de novo a cada vez que a contava. Toda sua personalidade ficava encoberta sob a

narrativa. O submergia mais que nunca, de maneira que a história se tornava uma longa apologia a um evento que imerecido. Parecia se desculpar e pedir perdão por ousar tomar parte num episódio tão fantástico. Porque o pequeno Vezin era um tímido, uma alma delicada e sensível, raramente capaz de sustentar o que dizia, meigo pra homens e animais, e quase fisiologicamente incapaz de dizer *não*, ou de reclamar muitas coisas que de direito deviam ser suas. Todo seu esquema de vida parecia totalmente afastado dalgo mais excitante que perder um trem, um guarda-chuva ou um ônibus. E quando aquele curioso acontecimento o surpreendeu, passava dos quarenta bem mais do que os amigos imaginavam ou do que se lembrava de admitir.

João Silêncio, que o ouviu falar sobre o caso mais duma vez, disse que às vezes ele deixava de mencionar certos detalhes e mencionava outros. Contudo eram todos obviamente verdadeiros. A cena toda estava inesquecivelmente cinematografada em sua mente. Nenhum dos pormenores era imaginado ou inventado. E quando contava a história com todos juntos, o efeito era inegável. Seus atraentes olhos castanhos brilhavam e grande parte da encantadora personalidade, em geral tão cuidadosamente reprimida, surgia e se revelava. Sua modéstia estava sempre presente, é claro, mas ao narrar esquecia o presente e permitia que seu eu aparecesse vividamente como vivera nos momentos de sua aventura.

Voltava a casa quando aquilo aconteceu, atravessando o norte da França vindo duma excursão nas montanhas, onde se enterrava, solitário e satisfeito, todos os verões. Nada trazia além dum saco não registrado, na rede, e o trem estava apinhado de maneira sufocante, sendo muitos dos passageiros inveterados ingleses em férias. O aborreciam, não porque fossem seus compatriotas mas porque eram barulhentos e intrometidos, obliterando, com seus grandes membros e roupas de flanela, todas as cores mais quietas do dia que lhe davam satisfação e lhe permitiam se fundir na insignificância e se esquecer de que era alguém. Aqueles ingleses davam a impressão duma banda militar, o fazendo sentir vagamente que deveria ser mais positivo e turbulento e que não reclamava com bastante insistência todas aquelas pequenas coisas que não desejava e que não tinham realmente valor, tais como lugares de canto, janelas abertas ou fechadas, e assim a diante.

De maneira que se sentia incomodado no trem, e desejava que a viagem acabasse logo e que estivesse de novo morando com a irmã solteira em Surbitão.

Quando o trem parou pra dez minutos de transbordo numa pequena estação do norte da França, saiu à plataforma, pra esticar um pouco as pernas, e viu, com desgosto, uma nova horda de habitantes das ilhas britânicas desembarcando doutro trem e se precipitando ao seu. Então pareceu impossível continuar a viagem naquele trem. Até mesmo *sua* alma frouxa se voltou e a idéia de ficar uma noite na pequena cidade e continuar no dia seguinte num trem mais vagaroso, porém mais vazio, lhe veio ao espírito. O guarda já estava gritando En voiture! e o corredor de seu compartimento já atulhado, quando lhe veio aquela lembrança. E, uma vez na vida, agiu com decisão e se precipitou pra retirar seu saco de viagem.

Encontrando os estribos e o corredor impraticáveis, bateu no vidro da janela, porque tinha um lugar à janela, e pediu ao senhor francês sentado defronte a fineza de lhe passar a bagagem, explicando, com seu francês de pé-quebrado, que tencionava interromper a viagem ali. E aquele francês idoso, declarara, lhe dirigira um olhar, meio de advertência, meio de censura, que até o dia de sua morte não poderia esquecer, passara o saco na janela

do trem já em movimento e ao mesmo tempo lhe murmurara ao ouvido uma longa frase, dita apressadamente e em voz baixa, da qual conseguiu compreender apenas estas últimas palavras: *À cause du sommeil et à cause des chats*.

Em resposta a uma pergunta de doutor Silêncio, cuja singular agudeza psíquica pressentira logo naquele francês um ponto vital da aventura, Vezin admitiu que o homem o impressionara favoravelmente desde o princípio, embora não soubesse explicar por quê. Estiveram sentados cara-a-cara durante as quatro horas da viagem, e, se bem que não entabulassem conversa, Vezin tinha medo de seu francês claudicante, confessava que seus olhos estavam constantemente sendo atraídos ao rosto do homem, quase, o sentia, com rudeza, e que cada um, por meio duma porção de pequenas delicadezas e mudas atenções, evidenciara o desejo de ser agradável. Os dois simpatizaram mutuamente e suas personalidades não eram antagônicas, ou não seriam se chegassem a travar relação. O francês, de fato, parecia ter exercido uma influência protetora silenciosa sobre o insignificante inglesinho e, sem palavra ou gesto, dava a conhecer que lhe queria bem e prazenteiramente lhe prestaria serviço.

João Silêncio perguntou, com aquele sorriso peculiarmente simpático que sempre abrandava a prevenção do paciente:

— E aquela frase que disse ao te dar o saco? Não foste capaz de a entender toda?

— Foi tão rápido, baixo e veemente, — explicou Vezin, com sua vozinha — que praticamente a deixei escapar toda. Só entendi algumas palavras do fim mesmo, porque as pronunciou muito claramente e o rosto estava debruçado a fora da janela do vagão, muito perto do meu.

— *À cause du sommeil et à cause des chats?* — Repetiu doutor Silêncio, como falando consigo.

— Exatamente. Acho que significa algo como: Por causa do sono e dos gatos. Não é?

— Certamente seria assim que eu a traduziria. — Observou o doutor, secamente, com o propósito evidente de não interromper mais que o necessário.

— E o resto da frase, toda a primeira parte que não pude compreender, quero dizer, era uma advertência pra não fazer algo, pra não ficar na cidade, ou em determinado lugar da cidade, talvez. Foi essa a impressão que me deu.

Depois, naturalmente, o trem se afastou, e deixou Vezin de pé na plataforma, sozinho e quase desamparado.

A pequena cidade subia desordenadamente numa encosta íngreme, se erguendo da planície atrás da estação, e era coroada pelas duas torres da catedral em ruína, surgindo ao cimo. Da estação mesmo, parecia desinteressante e moderna, mas o fato é que a parte medieval ficava fora de vista, além da encosta. Assim que chegou ao alto da colina e entrou nas velhas ruas, teve a sensação perfeita de abandonar a vida moderna e penetrar num século passado. O ruído e a bulha do trem pareciam ter ficado atrás havia dias. O espírito daquela silenciosa cidade montanhosa, livre de turista e de automóvel, sonhando sua própria vida calma sob o sol de outono, se ergueu e lançou sobre ele seu encanto. Muito antes de dar fé daquele encanto já agia sob sua influência. Caminhava de leve, quase nas pontas dos pés, nas ruas estreitas e tortuosas, nas quais os beirais dos telhados

quase se fechavam sobre sua cabeça, e entrou na porta da velha estalagem com atitude humilde e modesta que parecia querer se desculpar por invadir o lugar e perturbar o sonho.

A princípio, porém, disse Vezin, percebia muito pouco de tudo isso. A tentativa de análise veio muito mais tarde. O que o impressionou no momento foi somente o delicioso contraste do silêncio e da paz depois da algazarra e poeira do trem. Se sentiu contente e mimado como um gato. João Silêncio o interrompeu, o segurando rapidamente:

— Disseste como um gato?

— Sim. Logo de princípio tive essa sensação. Sentia como se a calma, o calor e o conforto me fizessem ronronar. Parecia ser o feitio geral do local então.

A estalagem, uma velha casa sonhadora, sobre a qual parecia errar ainda a atmosfera do tempo das diligências, aparentemente não o acolhia com calor. Sentia que era apenas tolerado, disse. Mas era barato e confortável. E a deliciosa xícara de chá que mandou vir logo o fez se sentir realmente muito satisfeito consigo por ter abandonado o trem daquela maneira atrevida e original. Porque para si fora atrevida e original. Sentia algo de cachorro. O quarto também o agradou, com o apainelado escuro, o teto baixo e irregular e o corredor comprido e oblíquo que conduzia ao quarto parecia a alameda natural à câmara do sono, um pequeno ninho escuro fora do mundo, onde o barulho não podia entrar. Dava vista ao pátio do fundo. Era tudo encantador, e dalguma maneira o fazia se julgar vestido de veludo muito macio, os assoalhos pareciam almofadados e as paredes revestidas de coxim. O som da rua não podia penetrar. Uma atmosfera de absoluto repouso o cercava.

Ao tomar o quarto de dois francos, se entendera com a única pessoa que parecia estar ali naquela tarde sonolenta, um servidor idoso, com suíças à Dundreary e uma cortesia sonolenta, que se aproximava preguiçosamente no pátio de pedra. Mas ao descer de novo, pra dar um pequeno passeio na cidade antes do jantar, encontrara a própria dona. Era uma mulher grande, cujas mãos, pés e rosto pareciam se aproximar de dentro do mar de sua pessoa. Se submergiam, digamos assim. Mas tinha grandes olhos vivazes, que contrastavam com o volume do corpo e deixavam perceber que na realidade era vigorosa e ágil. Quando a viu na primeira vez, ela estava fazendo meia numa cadeira baixa, contra a claridade do sol na parede, e algo o fez logo a ver como um grande gato malhado, cochilando, porém acordado, muito sonolento e ao mesmo tempo preparado pra ação instantânea. Um bom caçador de rato espreitando, foi o que lhe lembrou.

O acolheu cum olhar compreensivo, que era polido sem ser cordial. Seu pescoço, observou, era extraordinariamente flexível a despeito das proporções, porque girou com grande facilidade pra o seguir, e a cabeça que sustentava se curvou com muita agilidade.

Vezin disse, com aquele pequeno sorriso apologético, contraindo os olhos castanhos e aquele gesto dos ombros ligeiramente humilde que era tão seu:

— Mas quando me olhou, sabes?, tive a singular sensação de que na realidade tencionava fazer outro movimento, e que cum simples pulo cairia sobre mim do outro lado do pátio de pedra e lançaria as garras contra mim, como um gato faz a um rato.

Riu um pouco, um riso macio, e doutor Silêncio anotou em seu livro, sem o interromper, enquanto Vezin continuava, num tom como se receando ter já dito demais, mais do que acreditaríamos.

— Era muito ágil e muito ativa pra todo aquele tamanho e volume, e senti que sabia o que eu estava fazendo mesmo depois de eu ficar atrás. Falou. A voz era macia e fluente. Perguntou se eu tinha bagagem e se estava confortavelmente instalado em meu quarto, e acrescentou que o jantar era às 7h, e que todos eram pessoas muito madrugadoras naquela pequena cidade de província. Claramente, queria dar a entender que não se permitia noitada.

Evidentemente, pela voz e pelas maneiras, procurava lhe dar a impressão de que ali ele seria *dirigido*, que tudo estaria arranjado pra ele, e que ele só podia entrar na linha e obedecer. Não se esperava dele ação decidida ou esforço pessoal violento. Era o perfeito contraste do trem. Saiu calmamente à rua, se sentindo satisfeito e sossegado. Compreendia que estava num ambiente que lhe convinha e o impressionava da melhor maneira. Era tão mais fácil ser obediente! Começou a ronronar de novo, e sentia que toda a cidade fazia o mesmo.

Vagueou calmamente nas ruas da pequena cidade, mergulhando cada vez mais profundamente no espírito de tranqüilidade que a caracterizava. Sem objetivo especial, andou a cima e a baixo, daqui a acolá. O sol de setembro caía obliquamente sobre os telhados. Descendo as ruelas tortuosas marginadas de telhados inclinados e espaços abertos de vez em quando vislumbrava magníficos panoramas da planície embaixo e dos campos de espigas douradas estendidos como um mapa feérico na leve neblina. Sentiu que a fascinação do passado atuava muito forte ali.

As ruas estavam cheias de homens e mulheres pitorescamente ataviados, todos bastante ocupados e cada qual seguindo seu caminho. Mas ninguém lhe prestava atenção nem se voltava pra olhar a aparência obviamente inglesa. Podia até se esquecer de que com seu aspecto turístico era uma nota falsa no encantador quadro, e se fundia mais e mais na cena, se sentindo deliciosamente insignificante, sem importância e inconsciente. Era como ficar fazendo parte dum sonho de cores apagadas que nem chegava a compreender que era um sonho.

Na vertente oriental a colina descia mais abruptamente e a planície se perdia quase de repente num mar de sombras confusas no qual as pequenas manchas dos bosques pareciam ilhas e os campos cultivados pareciam água profunda. Ali vagueava ao longo dos velhos contrafortes de antigas fortificações que outrora seriam formidáveis mas que então eram apenas como uma miragem com encantador labirinto de paredes cinzentas desmoronadas e recobertas de madressilva e de hera. Da larga ameia onde se sentou um instante, ao nível das copas redondas dos plátanos podados, via a esplanada, embaixo, mergulhada na sombra. Aqui e ali um raio de sol amarelo penetrava e caía sobre as folhas secas tombadas. De cima olhou a baixo e viu que os habitantes da cidade andavam dum lado a outro no frescor da tarde. Podia até ouvir o som das pisadas e o murmúrio das vozes chegava das aberturas entre as árvores. Os vultos pareciam sombras enquanto observava seus plácidos movimentos embaixo.

Ficou ali sentado durante algum tempo, ponderando, banhado nas ondas dos murmúrios e ecos que se erguiam até seus ouvidos abafados pelas folhas dos plátanos. A cidade toda e a colina onde ela crescera tão naturalmente quanto um antigo bosque pareciam um ser deitado, meio adormecido na planície, e resmungando enquanto cochilava.

De repente, enquanto ele estava ali sentado, se fundindo em seus sonhos, ouviu um som de trompas, cordas e instrumentos de madeira e a banda da cidade começou a tocar na extremidade mais afastada da esplanada cheia de gente, acompanhada pelo rufar muito leve e baixo dum tambor. Vezin, muito sensível à música, era um conhecedor inteligente, e se aventurara mesmo, sem que os amigos soubessem, a compor melodia simples, com acordes baixos, que tocava pra si, empregando o pedal do abafador quando não havia alguém perto. E aquela música, subindo através das árvores, tocada por uma banda invisível mas muito pitoresca, composta de gente da cidade, o encantou. Nada reconhecia do que tocavam, e parecia que estavam improvisando, sem regente. Não havia espaço de tempo determinado entre cada peça, pois acabavam e começavam singularmente como o vento numa harpa eólica. Fazia parte do lugar e da cena, exatamente como o ocaso do sol e a leve brisa eram parte da cena e da hora, e as melodiosas notas das velhas trompas queixosas, cortadas aqui e ali pelo som dos instrumentos de corda mais agudos e abafados pelo rufar contínuo do tambor, lhe tocaram a alma com um encanto curiosamente forte que era quase absorvente demais pra ser totalmente agradável.

Havia uma sensação esquisita de confusão em tudo aquilo. A música parecia estranhamente natural. O fazia pensar em árvores fustigadas pelo vento, em brisas noturnas cantando sobre arames e chaminés, nos chocalhos de invisíveis rebanhos de carneiros ou, e o sorriso lhe acudiu aos lábios a esse pensamento com a súbita agudeza da sugestão, um coro de animais, de criaturas selvagens, algures em desolada parte do mundo, gritando e cantando como fazem os animais à Lua. Podia imaginar estar ouvindo os gritos noturnos lastimosos, semi-humanos, dos gatos nos telhados, se erguendo e diminuindo com intervalos variáveis de som, e aquela música, abafada pela distância e pelas árvores, o fazia pensar num fantástico grupo desses animais num telhado muito alto no céu, cantando uns aos outros e à Lua.

Parecia uma estranha imagem que lhe ocorria. E no entanto exprimia sua sensação materialmente melhor que qualquer outra. Os instrumentos tocavam com intervalos estranhos e os crescentes e minuendos davam a sugestão perfeita da gataria nos telhados na noite, se erguendo bruscamente, de novo caindo, sem transição, a notas graves, e tudo em estranha confusão de acorde e dissonância. Mas, ao mesmo tempo, uma dorida doçura resultava do conjunto, e as dissonâncias daqueles instrumentos meio quebrados eram tão singulares que não feriam seu senso musical como violinos desafinados.

Ficou escutando muito tempo, completamente entregue, conforme seu caráter, e depois se encaminhou lentamente à estalagem no crepúsculo que se adensava, ao mesmo tempo que o ar esfriava. Doutor Silêncio perguntou de repente:

— Nada havia de alarmante?

— Nada. Mas era tudo tão fantástico e encantador, que minha imaginação estava profundamente impressionada. Talvez também fosse a excitação da imaginação que causasse as outras impressões. Porque enquanto eu voltava o encanto do lugar começou a se manifestar de mil maneiras, embora todas mal perceptíveis. Mas havia outras coisas que ainda não podia perceber, mesmo então.

— Incidentes?

— Creio que não seriam bem incidentes. Uma porção de sensações vívidas se

amontoavam em meu espírito e eu não podia as atribuir a alguma causa. Era logo depois do pôr-do-sol e as velhas casas desaprumadas traçavam perfis mágicos contra o opalescente céu de auri-rubro. O lusco-fusco se infiltrava nas ruas tortuosas. Em toda a volta da colina a planície se reduzia, como um mar escuro, subindo de nível com a escuridão. A fascinação dessa espécie de cena pode ser muito patética, como sabes, e o era naquela noite. Contudo eu sentia que o que me comovia nada tinha que ver diretamente com o mistério e encanto da cena.

— Não meramente a sutil transformação do espírito que vem com a beleza — disse o doutor, notando a hesitação.

— Exatamente. — Vezin prosseguiu, devidamente encorajado e já não tanto receoso de nossos sorrisos a sua custa — As impressões vinham doutra coisa. Por exemplo, na atarefada rua principal, onde homens e mulheres voltavam do trabalho a casa, comprando nas pequenas lojas e tendas, conversando indolentemente em grupos, e tudo o mais, vi que não despertava interesse e que ninguém se voltava pra me olhar como estrangeiro e forasteiro. Era ignorado, e minha presença não despertava interesse ou atenção especial.

De repente senti nascer a convicção de que todo o tempo aquela indiferença e desatenção eram meramente fingidos. Na realidade todos me observavam atentamente. Cada movimento que eu fazia era visto e notado. Me ignorarem era absoluto fingimento. Um fingimento estudado.

Parou um instante e nos olhou, a fim de ver se estávamos sorrindo, e continuou, tranqüilizado:

— É inútil perguntarem como percebi, porque simplesmente não sei explicar. Mas a descoberta me deu algo como um choque. Antes de eu chegar à estalagem outra coisa curiosa cresceu fortemente em meu espírito e me obrigou a reconhecer a como verdade. E isso também, era perigual^[54] inexplicável pra mim. Quero dizer que posso unicamente mencionar o fato, porque pra mim era um fato.

O homenzinho se levantou da cadeira e ficou em pé na esteira, diante do fogo. Doravante a timidez diminuiu, à medida que se perdia de novo na magia da velha aventura. Os olhos já brilhavam um pouco quando falou de novo, erguendo um pouco a voz suave, pela excitação:

— Eu estava numa loja quando tive a primeira impressão, embora a idéia devesse estar trabalhando havia muito no subconsciente, pra surgir assim tão completa num momento. Eu estava comprando meias, creio, — riu — e lutando com meu francês claudicante, quando tive a convicção de que a mulher da loja se importava muito pouco se eu compraria. Lhe era indiferente fazer uma venda. Estava apenas fingindo vender.

Isso parece um incidente muito pequeno e imaginativo pra servir de base ao seguinte. Quero dizer que foi a faísca que acendeu o estopim e provocou a grande chama em meu cérebro.

Porque subitamente compreendi que a cidade inteira era algo diferente do que eu vira até então. Os interesses reais e atividades daquela gente estavam alhures e eram diferentes do que pareciam. Suas vidas verdadeiras estavam algures fora de cena e escondidas atrás dos cenários. As atividades eram apenas o fingimento externo que mascarava os

verdadeiros propósitos. Compravam e vendiam, comiam e bebiam, andavam nas ruas mas todo o tempo a corrente principal de suas existências jazia algures, alhures de minha vista, subterrânea, em lugares secretos. Nas lojas e balcões não lhes importava se eu comprava seus artigos. Na estalagem lhes era indiferente que eu ficasse ou saísse. Sua vida estava separada da minha, brotando de misteriosas fontes ocultas, deslizando fora de vista, desconhecidas. Era tudo um grande e estudado simulacro, adotado provavelmente em meu benefício ou possivelmente pra servir a seu fim. Mas a corrente principal de suas energias corria noutra parte. Eu quase me sentia como uma substância estranha não aceite poderia se sentir depois de conseguir se introduzir no sistema circulatório humano e todo o corpo se preparasse prà expelir ou absorver. A cidade estava fazendo isso comigo.

Aquela noção bizarra se apresentou, invencível, a meu espírito enquanto eu voltava à estalagem, e comecei diligentemente a imaginar onde poderia estar escondida a verdadeira vida da cidade e quais seriam os verdadeiros interesses e atividades de sua vida secreta.

E então, com meus olhos parcialmente abertos, notava outras coisas que também me intrigavam. A primeira creio ser o extraordinário silêncio de todo o lugar. Positivamente, a cidade estava abafada. Embora as ruas fossem calçadas de pedra, as pessoas se moviam silenciosamente, maciamente, com pés de lã, como gato. Nada fazia barulho. Tudo era silencioso, oprimido, abafado. As próprias vozes eram calmas, em tom baixo, como cochicho. Nada clamoroso, veemente ou enfático parecia capaz de viver a sonolenta atmosfera de macio sonho que embalava aquela pequena cidade ladeirosa em seu sono. Era como a mulher da estalagem, a inércia externa velando atividade íntima e resolução.

Mas não havia sinal de letargia ou apatia. As pessoas eram ativas e vivazes. Somente uma espécie de tranqüilidade mágica e desconhecida pesava sobre elas como um encanto.

Vezin passou as mãos nos olhos durante um momento, como se a recordação ficasse vívida demais. A voz caíra a um sussurro, de maneira que ouvimos a última parte com dificuldade. Estava contando uma coisa verdadeira, evidentemente, e contudo uma coisa que gostava de contar e odiava ao mesmo tempo. Enfim continuou, com voz mais alta:

Voltei à estalagem e jantei. Sentia um estranho mundo novo em volta. Meu velho mundo da realidade recuara. Ali, eu gostasse ou não, estava algo novo e incompreensível. Lamentava ter deixado o trem tão impulsivamente. Enfrentava uma aventura, e as aventuras me aborreciam como estranhas a minha natureza. Ainda mais que aquilo era aparentemente o início duma aventura que eu sentia algures em meu íntimo, numa região que não podia examinar ou medir, e um sentimento de medo se misturou a meu espanto, medo pela estabilidade do que durante quarenta anos eu reconhecera como minha *personalidade*.

Subi para me deitar, com a mente prenhe de pensamentos incomuns e que poderia classificar de assustadores. À guisa de alívio fiquei pensando naquele agradável trem prosaico e barulhento e naqueles sadios passageiros turbulentos. Quase desejei estar consigo de novo. Mas meus sonhos me levaram a outras regiões. Sonhei com gatos e criaturas de andar macio, e o silêncio da vida num mundo abafado e inaudível.

II

Vezin ficara ali, dia a dia, indefinidamente, muito mais tempo do que tencionara. Se sentia em estado de ofuscação e sonolência. Nada fazia de especial mas o lugar parecia o fascinar e não se resolvia a partir. Tomar uma decisão era coisa sempre difícil pra si e algumas vezes se perguntava como decidira deixar o trem. Parecia que alguém arranjara aquilo, e uma vez ou duas o pensamento se dirigira àquele francês moreno que ia sentado em sua frente. Se ao menos pudera compreender a longa frase terminando tão estranhamente em por causa do sono e dos gatos. Gostaria de saber o que significava ela toda.

Entretanto a silenciosa calma da cidade o mantinha prisioneiro, e procurava, com seu jeito macio e calmo, descobrir onde estava o mistério e o que significava tudo aquilo. Mas seu francês limitado e repulsa física por investigação ativa tornava difícil segurar alguém na botoeira e perguntar. Se contentava em observar, vigiar e permanecer inativo.

O tempo se conservava calmo e nebuloso, e isso lhe convinha. Vagueou na cidade até conhecer cada rua e beco.

O povo o deixava ir e vir sem estorvo ou obstáculo, embora se tornasse cada vez mais claro que nunca estava livre de observação. A cidade o vigiava como um gato vigia um rato. E não estava mais perto de descobrir no que estavam sempre tão ocupados ou onde se ocultava a principal corrente de suas atividades. Isso permanecia oculto. Aquela gente era tão macia e misteriosa quanto gato.

Mas que estava sob contínua observação ficava mais evidente a cada dia.

Por exemplo, quando se dirigia à extremidade da cidade e entrava num pequeno jardim público sob os baluartes e se assentava num dos bancos vazios, ao sol, estava sozinho, a princípio. Nenhum outro assento estava ocupado. O pequeno parque parecia vazio, as alamedas desertas. Contudo, vinte minutos depois de sua chegada, havia ao menos umas vinte pessoas espalhadas ao redor, algumas passeando despreocupadamente nas ruas ensaibradas, olhando as flores, outras sentadas nos bancos de madeira, gozando o sol também. Nenhuma parecia lhe prestar atenção. Mas compreendia que vieram pra o vigiar. O mantinham sob rigorosa observação. Nas ruas todos pareciam muito ocupados, se apressando em todos os sentidos. Mas aquelas ocupações pareciam todas esquecidas de repente e nada tinham a fazer além de vadiar e se espreguiçar ao sol, sem se lembrarem do afazer. Cinco minutos depois que se retirava o jardim estava de novo deserto, os bancos vazios. Mas na rua movimentada era a mesma coisa de novo. Nunca estava só. Estava sempre no pensamento deles.

Aos poucos, também, começou a perceber como era tão astutamente vigiado, sem que isso fosse aparente. Aquela gente nada fazia *diretamente*. Procediam *obliquamente*. Ria consigo ao pensar naquele jogo de palavra, mas a frase descrevia exatamente o fato. O olhavam ângulos que naturalmente deveriam lhes conduzir o olhar a outra direção. Os movimentos também eram oblíquos, em tudo o que lhe dizia respeito. As coisas retas, diretas, não lhes agradavam, evidentemente. Nada faziam obviamente. Se entrava numa loja, pra comprar, a mulher se afastava instantaneamente e se ocupava com algo na outra extremidade do balcão, embora respondesse logo quando falava, mostrando saber que estava ali e que aquilo era apenas sua maneira de o atender. Era o sistema do gato que ela seguia. Mesmo na sala de jantar da estalagem, o criado de suíça, atencioso, flexível e

silencioso em todos os movimentos, nunca parecia capaz de vir direto a sua mesa, a fim de receber uma ordem ou levar um prato. Vinha em ziguezague, indiretamente, vagamente, de maneira que parecia estar se dirigindo a outra mesa, e só se voltava de repente, no último instante estava ali, junto.

Vezin sorria consigo enquanto descrevia como começara a perceber essas coisas. Não havia outros turistas na hospedaria, mas se lembrava das figuras dum ou dois velhos habitantes, que almoçavam e jantavam ali, e se recordava da maneira fantástica de entrarem na sala. Primeiro paravam à porta, lançando um olhar em volta do aposento, e então, depois de rápida inspeção, entravam, enfim, de banda, se conservando junto às paredes, de maneira que não sabia a que mesa se dirigiam, e no último minuto davam quase uma pequena corrida a seus lugares preferidos. E de novo se lembrava das maneiras e jeitos dos gatos.

Outros pequenos incidentes também o impressionavam como fazendo parte daquela excêntrica, pacata cidade, com sua vida indireta e disfarçada, porque a maneira dalgumas pessoas aparecerem e desaparecerem com extraordinária rapidez, o intrigava muito. Sabia que poderia ser tudo natural. Mas não podia entender como os becos os engoliam e os faziam surgir num segundo, quando não havia à vista portais nem outras aberturas perto o bastante pra explicar o fenômeno. Uma vez seguira duas mulheres idosas que, sentira, o examinaram com particular interesse no outro lado da rua. Isso fora bem perto da estalagem. As vira dobrar a esquina apenas alguns passos na frente. Mas quando rapidamente seguira os calcanhares, nada vira além duma rua deserta se estendendo em sua frente sem sinal de ser vivo. E a única abertura na qual as duas fugiriam era um pórtico a cerca de 45m de distância, que nem o mais ligeiro corredor humano atingiria a tempo.

E exatamente dessa mesma forma súbita apareciam as pessoas quando menos as esperava. Uma vez ouvira um grande barulho de briga atrás dum muro baixo e correrá pra ver o que acontecia encontrara um grupo de moças e mulheres entretidas numa discussão violenta que imediatamente decaiu ao tom normal cochichado da cidade quando sua cabeça apareceu sobre o muro. Mesmo então nenhuma se voltou pra o olhar diretamente. E desapareceram com a mais incrível rapidez atrás de portas e alpendres, no pátio. E as vozes, pensou, pareciam estranhamente com o rosar zangado de animais brigando, particularmente gato.

Mas o espírito geral da cidade continuava a se esquivar, como coisa ardilosa, vaga, velada, do outro mundo, e ao mesmo tempo intensamente, genuinamente viva. E visto que agora fazia parte daquela vida, tal dissimulação o intrigava e irritava. Mais: Começava a assustar.

Do meio daquele nevoeiro que envolvia seus pensamentos superficiais se erguia de novo a idéia de que os habitantes esperavam que se declarasse, que tomasse uma atitude, que fizesse isso ou aquilo. E que quando o fizesse enfim lhe dariam alguma resposta direta, o aceitando ou rejeitando. Mas o assunto vital a respeito do qual se esperava sua decisão não parecia mais próximo.

Uma ou duas vezes seguiu de propósito pequenas procissões ou grupos de cidadãos, a fim de descobrir o fim que tinham em mira, mas sempre o descobriam a tempo e torciam

caminho, cada um o seguindo em direção diferente. Era sempre a mesma coisa: Nunca podia descobrir qual era o interesse principal. A catedral estava sempre vazia, a velha igreja de São Martinho, no outro extremo da cidade, sempre deserta. Faziam compra porque tinham de fazer, não porque quisessem. As barracas estavam abandonadas, as pequenas lojas sem freqüentador, os cafés abandonados. Mas as ruas estavam sempre cheias, o povo da cidade sempre em movimento. Pensou, com pequeno riso escarninho por ter ousado pensar algo tão singular:

— Pode ser que esta seja gente da escuridão, que somente na noite tenha vida real e saia honestamente só no escurecer, que durante o dia esteja apenas fingindo e somente depois do sol posto as verdadeiras vidas comecem? Terá alma de coisa noturna e estará toda a cidade nas mãos dos gatos?

A suposição de certa maneira o galvanizou com pequeno choque de comoção e susto. Contudo, embora afetasse rir, começava a se sentir cada vez mais inquieto, e notava que estranhas forças pressionavam em todas as cordas do mais íntimo de seu ser. Algo totalmente separado de sua vida normal, que não despertara durante anos, começava a se agitar fracamente na alma, estendendo tentáculos a seu cérebro e coração, delineando pensamentos esquisitos e penetrando até nalgumas de suas mais insignificantes ações. Algo extremamente vital pra si, pra sua alma, estava no prato da balança.

E sempre que voltava à estalagem na hora do pôr-do-sol via os vultos dos cidadãos se esgueirando no lusco-fusco das portas de suas lojas, se movendo com prudente atenção dum lado a outro nas esquinas das ruas, sempre se desvanecendo silenciosamente, como sombra, quando chegava perto. E como a estalagem invariavelmente fechava as portas às 22h, ainda não tivera a oportunidade, que com assaz interesse procurava, de ver o aspecto noturno da cidade.

Por causa do sono e dos gatos. As palavras então soavam cada vez mais freqüentes, embora, por enquanto, ainda sem significado definido.

Ainda mais algo o fazia dormir como pedra.

III

Acho que foi no décimo quinto dia, embora esse pormenor em sua narrativa varie algumas vezes, que fez uma descoberta definitiva que aumentou o susto e o levou quase a um paroxismo. Antes disso já notara que se estava operando uma mudança, e algumas pequenas transformações se verificavam em seu caráter, as quais modificavam alguns de seus menores atos. E afetara as ignorar. Agora, no entanto, se tratava de algo que não podia ignorar, e se sobressaltou.

Nos melhores momentos nunca fora muito positivo. Antes sempre indeciso, condescendente e submisso. Mas quando havia necessidade era capaz de ação vigorosa razoável e podia tomar resolução mais forte. A descoberta que então fizera e que o enervara tanto era que sua energia se reduzira praticamente a nada. Se sentia incapaz de decidir. Porque naquele quinquagésimo dia compreendera que já demorara o bastante na cidade e que, por certas razões que podia definir apenas vagamente, era mais avisado e mais *prudente* ele ir embora.

E descobriu que não podia se retirar!

Isso é difícil de descrever com palavras, e foi mais por gesto e pela expressão do rosto que fez doutor Silêncio compreender o estado de impotência ao qual chegara. Todo aquele espreitar e toda aquela vigilância, disse, como distendera uma rede em volta de seus pés, de maneira que estava preso e incapaz de fugir. Se sentia como uma mosca presa na complexa malha duma teia de aranha. Fora apanhado, aprisionado, e não podia se safar. Era uma sensação desesperada. Um torpor invadira sua vontade até o tornar quase incapaz de decidir. A simples idéia de ação vigorosa, no sentido de fugir, começava a apavorar. Todas as correntes de sua vida estavam voltadas a dentro, contra si, se esforçando pra trazer à superfície algo que jazia sepultado quase fora de alcance, determinadas a o forçar ao reconhecimento de algo que esquecera havia muito, havia anos, mesmo séculos. Como se uma janela em seu íntimo devesse se abrir de súbito e revelar um mundo inteiramente novo, que não lhe era desconhecido. Além daquilo imaginava uma grande cortina distendida. E quando essa também se erguesse veria ainda mais longe naquela região e enfim compreenderia algo da vida secreta daquela extraordinária gente.

— Será por isso que esperam e observam? — Pensava, com o coração palpitante — Quando eu me juntar ou me recusarei a me juntar? Ficaré a decisão a meu arbítrio, no final de conta, e não ao seu?

E foi nesse ponto que o aspecto sinistro da aventura se lhe revelou na primeira vez, e se sentiu verdadeiramente alarmado. A estabilidade de sua pequena personalidade, bastante fluida, estava ameaçada, e algo no coração ficou covarde.

Doutra maneira, por que haveria de subitamente se mover furtivamente, silenciosamente, fazendo o menor ruído possível, e sempre olhando sobre o ombro? Por que andaria quase nas pontas dos pés nos corredores da estalagem praticamente deserta, e quando estava fora procurar deliberadamente se aproveitar de abrigo que aparecesse? E por que, se não estava com medo, lhe ocorreria que a prudência de ficar dentro de casa depois do ocaso era aconselhável?

E quando João Silêncio delicadamente insistiu pra explicar essas coisas, admitiu apologeticamente que nada tinha a apresentar.

— Era simplesmente que eu tinha medo que algo me acontecesse se não estivesse vigilante. Me sentia assustado. Era instintivo, foi tudo o que soube dizer. Tinha a impressão de que toda a cidade me perseguia, me queria pra algo, e que se me pegasse eu estaria perdido, ou ao menos o *eu* que me era familiar se perderia num estado de consciência anormal. Mas não sou psicólogo — acrescentou debilmente — e não posso explicar melhor que isso.

Foi vagueando no pátio meia hora antes da refeição da tarde que Vezin fez a descoberta, e logo subiu ao aconchegante quarto no fundo do tortuoso corredor, pra pensar naquilo sozinho. O pátio estava bastante deserto mas havia sempre a possibilidade de que a temida mulherona saísse dalguma porta, fingindo fazer meia, pra se sentar e o observar. Acontecera várias vezes, e Vezin não podia suportar a ver. Ainda se lembrava da primeira impressão de que ela saltaria sobre si, quando estivesse de costas, e o atingiria cum bote felino. Naturalmente era uma tolice mas aquela idéia o perseguia. E quando uma idéia nos persegue deixa de ser tolice, se revestindo de realidade.

Portanto subiu a escada. Estava escuro e as lâmpadas de azeite ainda não foram acesas no corredor. Foi tropeçando na superfície irregular do velho assoalho, passando nos vagos perfis de portas ao longo do corredor, portas que nunca vira abertas antes, de quartos que pareciam nunca ser ocupados. Se movia, como era agora seu costume, furtivamente e nas pontas dos pés.

A meio caminho do último corredor que levava a seu quarto havia uma volta brusca. Foi justamente ali, caminhando junto à parede, com as mãos estendidas à frente, que seus dedos tocaram algo que não era parede e que se movia. Era macio e morno ao tato, indescritivelmente perfumado e mais ou menos da altura do ombro. Imediatamente se lembrou duma gatinha peluda e cheirosa mas em seguida viu que era algo diferente.

Em vez de investigar, os nervos estariam tensos demais pra isso, se encostou o mais que pôde à parede do outro lado. A coisa, fosse o que fosse, deslizou junto com ruído sussurrante e, se afastando com pisadas leves no corredor atrás, desapareceu. Sentiu um bafo de ar morno perfumado.

Vezin prendeu a respiração um instante, parou, imobilizado, meio encostado à parede, quase percorreu correndo a distância que faltava e entrou, esbaforido, no quarto, fechando apressadamente a porta a chave. Contudo não fora medo o que o fizera correr. Fora uma agradável excitação. Os nervos vibravam, um delicioso calor se espalhava em todo o corpo. Num átimo compreendeu que aquilo era exatamente o que sentira havia vinte e cinco anos, quando rapaz, ao experimentar na primeira vez o amor. Quentes correntes de vida o percorriam todo e subiam ao cérebro num turbilhão de macio prazer. Sua disposição se tornara de repente meiga, terna, amorosa.

O quarto estava em completa escuridão. Se deixou cair no sofá perto da janela, imaginando o que lhe acontecera e o que significava. Mas a única coisa que então compreendia era que algo mudara de repente. Como por magia não desejava mais ir embora nem discutir consigo a possibilidade de ir. O encontro no corredor modificara tudo. Seu estranho perfume ainda adejava em volta, entorpecendo o coração e o espírito. Porque sabia que fora uma moça que passara, um rosto de moça que seus dedos afagaram no escuro, e sentia, de maneira incomparável, como se na realidade fora beijado por ela, beijado em cheio nos lábios.

Tremendo, ficou sentado no sofá junto da janela e tentou coordenar as idéias. Era incapaz de compreender por que a mera passagem duma moça na escuridão do corredor comunicaria uma vibração tão intensa a todo seu ser, que ainda o abalava com sua doçura. Mas era isso mesmo. E achou ser tão inútil negar o fato quanto tentar o analisar. Algum antigo fogo entrara nas veias corria veloz no sangue. E o fato de ter 45 anos em vez de 20 não importava. Do âmago de todo aquele turbilhão e confusão íntima surgia o único fato real, que a simples atmosfera, o simples contato casual daquela moça não vista, desconhecida, fora suficiente pra despertar o fogo adormecido no fundo de seu coração e erguer seu frágil ser dum estado de morosa apatia um de violenta e tumultuosa excitação.

Mas depois dalgum tempo a idade de Vezin começou a fazer sentir seu poder cumulativo. Ficou mais calmo e quando enfim deram uma tímida batida a sua porta e ouviu a voz do criado, informando que o jantar estava quase no fim, se reanimou e lentamente desceu à sala de jantar.

Todos levantaram a vista quando entrou, porque era muito tarde, mas tomou o lugar costumeiro no canto mais afastado e começou a comer. Os nervos ainda vibravam mas o fato de ter passado no pátio sem ver um vulto de mulher serviu pra o acalmar um pouco. Comia tão depressa que já quase chegara à mesma altura dos outros convivas, quando uma leve excitação na sala chamou sua atenção.

Sua cadeira estava colocada de maneira que a porta e grande parte da sala de jantar ficavam atrás. Mas não foi necessário se voltar pra saber que a mesma pessoa que passara no corredor acabava de entrar no salão. Sentiu a presença muito antes de ouvir ou ver alguém. Então percebeu que os velhos, os únicos outros comensais, se levantavam um a um e, trocaram cumprimento com alguém que passava entre eles, de mesa a mesa. E quando enfim se voltou, com o coração palpitando furiosamente, pra se certificar, viu o vulto duma moça, flexível e esbelta, se movendo no meio da sala e se dirigindo direto a sua mesa, num canto. Se movia de maneira adorável, com sinuosa graça, como uma jovem pantera, e sua aproximação o encheu de tão delicioso embaraço que ficou a princípio totalmente impossibilitado de dizer com o que se parecia o rosto dela, ou descobrir o que havia na aparência daquela criatura que o enchia de novo de trepidação e prazer.

— *Á! Mademoiselle est de retour!*⁴⁵⁵¹ — Ouviu o velho criado murmurar a seu lado.

E pôde apenas depreender que era filha da proprietária, quando já estava junto, e ouviu a voz. Se aproximava. Percebeu algo como lábios vermelhos, dentes brancos entreabertos num sorriso e madeixa preta solta nas têmporas. Mas todo o resto era um sonho no qual sua emoção se erguia como uma nuvem espessa diante dos olhos e o impedia de ver claramente ou saber exatamente o que fazia. Percebeu que ela o cumprimentava com leve inclinação da cabeça, que os lindos olhos fitavam inquiridoramente os seus, que o perfume que notara no corredor escuro invadia outra vez as narinas e que ela se curvava um pouco sobre si e descansando uma das mãos na mesa a seu lado. Ela estava muito junto. Isso era a principal coisa que sabia, explicando que ela indagara sobre o conforto dos hóspedes da estalagem, e se apresentando ao último que chegara.

— *Monsieur* já está aqui há alguns dias. — Ouviu o criado dizer. Então a voz dela, doce e cantante, replicou:

— *Á! Mas espero que, monsieur, não nos deixes tão cedo. Mamãe já está velha pra prover o conforto de nossos hóspedes, mas agora estou aqui e tomarei conta de tudo. — Riu deliciosamente. — Monsieur será muito bem tratado.*

Vezin, lutando com a emoção e o desejo de ser polido, se levantou a meio, pra agradecer o pequeno discurso e gaguejar uma espécie de resposta, mas ao o fazer sua mão por acaso tocou na dela, pousada na mesa, e um choque, que por tudo no mundo era igual a um choque elétrico, passou da pele dela a seu corpo. A alma flutuou e estremeceu na profundidade do ser. Viu os olhos fitos nos seus, com expressão da mais curiosa atenção, e em seguida percebeu que se sentara de novo sem dizer palavra, que a moça já ia no meio da sala e que tentava comer a salada cuma colher de sobremesa e uma faca.

Ansiando a volta dela mas a temendo, engoliu o resto do jantar e foi logo a seu quarto, a fim de ficar só com seu pensamento. Então os corredores estavam iluminados, e não sofreu contratempo excitante. Mas o tortuoso corredor estava cheio de sombra, e a última parte, da curva da parede a diante, parecia mais longa que de costume. Descia em declive,

como os caminhos da vertente duma montanha, e enquanto caminhava nele nas pontas dos pés sentia que direto o conduziria ao âmago duma grande floresta. O mundo cantava consigo. Estranhas imagens enchiam o cérebro, e uma vez no quarto, com a porta bem fechada, não acendeu as velas e se sentou junto à janela aberta, absorto em longos pensamentos que acudiam, espontâneos, ao espírito.

IV

Contou essa parte da história a doutor Silêncio sem grande hesitação mas com considerável embaraço e gaguejando. Não podia compreender como a moça o afetara tão profundamente, ainda mais antes de a ver. Porque a simples aproximação dela no escuro fora suficiente pra o incendiar. Nada conhecia de encanto e durante anos fora um estranho a toda aproximação terna dum membro do sexo oposto, porque era um poço de timidez, e compreendia bem demais seus enormes defeitos. Contudo aquela fascinante criatura viera a ele deliberadamente. Suas maneiras eram inconfundíveis, e ela o procurava em todas as ocasiões possíveis. Era, sem dúvida, casta e meiga, porém francamente insinuante, e o conquistaria totalmente com o primeiro relance dos olhos brilhantes, se já não o fizera no escuro pelo simples encanto de sua presença invisível.

— Sentiu que ela era ao mesmo tempo pura e boa? — Perguntou o doutor —. Não teve reação doutra natureza. Por exemplo, de alarme?

Vezin levantou os olhos rapidamente, cum daqueles seus inimitáveis sorrisos apologeticos. Levou algum tempo antes de responder. A simples lembrança da aventura ruborizava de repente o rosto pálido, e os olhos castanhos estavam fitos no chão quando falou de novo.

— Não acho que possa dizer exatamente isso. Me lembro de certos escrúpulos que me assaltaram quando estava sentado em meu quarto depois. Tive a convicção de que havia algo nela. Como poderei exprimir? Algo profano. Não quero dizer impureza nalgum sentido, físico ou mental, mas algo indefinido, que me dava a sensação de réptil. Me atraía e ao mesmo tempo repelia mais que... que...

Hesitava, corando intensamente, incapaz de acabar a frase. Concluiu com estropiada confusão:

— Nada semelhante me acontecera antes, ou depois. Suponho que fosse, como sugeriste há pouco, algo como um encanto. De qualquer maneira, era bastante forte pra me fazer sentir que eu seria capaz de ficar naquela temível cidadela mal-assombrada durante anos, se somente pudesse a ver todos os dias, ouvir a voz, observar os movimentos admiráveis, e algumas vezes, talvez, tocar na mão.

— Podes explicar o que sentias que fosse a origem da força dela? — Perguntou João Silêncio, olhando, de propósito, a todos os lados, menos ao narrador.

— Me espanta que me faças tal pergunta. — Respondeu Vezin, com o melhor ar de dignidade que pôde arranjar — Acho que nenhum homem pode descrever a outro, convincentemente, onde reside o encanto da mulher que o prendeu. Certamente não posso. Só sei dizer que aquele pedacinho de moça me enfeitiçou. E a simples certeza que vivia e

dormia na mesma casa me enchia de extraordinária sensação de deleite.

Continuou, seriamente:

Mas há algo que posso dizer. A saber, que ela parecia reunir e sintetizar em si todas as estranhas forças ocultas que agiam tão misteriosamente na cidade e habitantes. Tinha os movimentos sedosos da pantera, se movendo maciamente, silenciosamente, dum lado a outro, e as mesmas maneiras indiretas, oblíquas, da gente da cidade, encobrendo, como eles, fins secretos, que, eu estava certo, tinham *minha pessoa* como objetivo. Me mantinha, pra meu terror e deleite, incessantemente sob observação, embora tão despreocupadamente, tão disfarçadamente, que outro homem, menos sensível, se posso me exprimir assim, fez um gesto depreciativo, ou menos preparado pelo que vinha acontecendo antes, nunca notaria. Estava sempre calada, sempre repousada mas parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de maneira que eu nunca podia fugir. Eu vivia encontrando seus grandes olhos e sorriso nos cantos das salas, corredores, me fitando calmamente através das janelas ou nos lugares mais movimentados das ruas da cidade.

A intimidade deles, ao que parece, crescera rapidamente depois daquele primeiro encontro que tão violentamente perturbara o equilíbrio do homenzinho. Era, naturalmente, muito afetado, e as pessoas afetadas vivem, na maioria, num mundo tão pequeno que algo violento, fora do comum, os arranca, e portanto instintivamente desconfiam da originalidade. Mas Vezin começou a esquecer sua afetação depois dalgum tempo. A moça se comportava sempre modestamente, e como representante da mãe, tinha de lidar com os hóspedes do hotel. Não era estranho que um espírito de camaradagem surgisse. Além disso era moça, encantadora, francesa e gostava dele.

Ao mesmo tempo havia algo indescritível, uma indefinível atmosfera doutros lugares, outras eras, que o fazia se esforçar pra ficar em guarda, e algumas vezes o fazia suspender a respiração com súbito tremor. Era tudo quase um sonho delirante, metade prazer, metade susto, confiou, num cochicho, a doutor Silêncio. E mais duma vez mal sabia o que estava dizendo ou fazendo exatamente, como se fosse arrastado por impulsos que dificilmente reconhecia como seus.

E embora a idéia de ir embora se apresentasse sempre a seu espírito, era cada vez com menos insistência, de maneira que ficava dum dia ao outro, se tornando cada vez mais parte da vida sonolenta daquela sonhadora cidade medieval, perdendo cada vez mais sua antiga personalidade. Sentia que dentro em breve aquela cortina interna se ergueria com terrível ímpeto e se veria de repente admitido nos fins secretos da vida oculta que estava atrás daquilo tudo. Somente, nessa altura, estaria transformado num ser de todo modo diferente.

Entretanto, notava vários pequenos sinais da intenção de tornar a estadia agradável. Flor no quarto, uma cadeira de braço mais confortável no canto, e até pequenos pratos especiais extra em sua mesa da sala de jantar. Também as conversas com *mademoiselle Ilsé* se tornavam cada vez mais freqüentes e agradáveis, e embora raramente se estendessem além do tempo, ou detalhes da cidade, a moça, notou, nunca tinha pressa de as considerar terminadas, e muitas vezes procurava intercalar nelas pequenas frases singulares que nunca compreendia claramente e contudo sentia ter significado.

E eram aquelas observações esparsas, cheias dum significado que lhe escapava, que

indicavam algum propósito secreto dela e o faziam se sentir inquieto. Todas elas tinham que ver, estava certo, com sua permanência na cidade indefinidamente.

— *Monsieur*, ainda não decidiste? — Disse ela, mansamente, ao ouvido, se sentando junto, no pátio cheio de sol, antes do almoço, porque a amizade crescera com significativa rapidez — Porque é tão difícil, todos devemos tentar ajudar!

A pergunta o sobressaltou por vir de encontro a seu pensamento. Fora feita cum lindo sorriso, e uma madeixa de cabelo caindo sobre um dos olhos, enquanto ela se voltava e o fitava meio astuciosamente. É possível que não entendera o francês da frase, porque a presença próxima dela sempre atrapalhava desesperadamente seu pouco conhecimento da língua. Contudo as palavras e as maneiras dela, e mais algum oculto na mente dela atrás de tudo aquilo, o assustaram. Confirmava sua idéia de que a cidade estava esperando que se decidisse sobre algum ponto importante.

Ao mesmo tempo a voz dela, e o fato de estar ali tão perto, com seu macio vestido escuro, o fizeram estremecer imperceptivelmente. Gaguejou, perdendo deliciosamente a vista na profundidade dos olhos dela:

— É verdade que acho difícil ir embora. Especialmente agora, que *mademoiselle* Ilse chegou.

Ficou surpreso com a felicidade da frase, e muito satisfeito com a pequena lisonja que incluía. Mas ao mesmo tempo quisera engolir a língua por dizer.

— Então, afinal de conta, gostas de nossa cidadela, do contrário não terias prazer em ficar. — Disse ela, desprezando o cumprimento.

— Estou encantado com ela, e encantado contigo! — Exclamou, sentindo que a língua escapulia ao controle do cérebro.

E estava a ponto de dizer uma porção de coisas mais, quando a moça se levantou agilmente da cadeira ao lado e começou a se afastar e gritou, ainda, rindo a ele, através do pátio ensolarado

— Hoje é dia da *soupe à l'onion*! Tenho de cuidar disso. Do contrário, bem sabes, *monsieur*, não apreciarás o jantar, e então, talvez nos deixes!

Ficou a vendo atravessar o pátio, se movendo com toda a graça e ligeireza da raça felina, e o singelo vestido preto a vestia, pensou ele, exatamente como a pele daquelas mesmas espécies. Se voltou mais uma vez pra sorrir do pórtico com a porta de vidro, e depois parou um momento, pra falar com a mãe, sentada, fazendo meia, como de costume, logo no lado de dentro da entrada do vestíbulo.

Então como, no momento em que teus olhos caíram sobre aquela antipática mulher, ambas pareceram subitamente diferentes do que eram? Onde vinha aquela transformadora dignidade e senso de poder que de repente as envolvera como por arte mágica? O que acontecia com aquela mulher pesadona, que a fazia parecer instantaneamente real e a colocava num trono, num cenário assustador e sinistro, empunhando um cetro sobre o clarão vermelho duma orgia tempestuosa? E por que aquele pedacinho de moça, graciosa como um salgueiro, esbelta como um jovem leopardo, assumira de súbito um ar de sinistra majestade e se movia com chama e fumo em volta da

cabeça, e a escuridão da noite sob os pés?

Vezin prendeu a respiração e ficou ali sentado, aturdido. Então, quase ao mesmo tempo que aparecera, a estranha visão se desvaneceu de novo, a luz do sol envolveu ambas, e a ouviu rindo com a mãe acerca da *soupe à l'onion*, e o olhando sobre o pequeno ombro, cum sorriso que o fazia se lembrar duma rosa beijada pelo orvalho, se curvando de leve à brisa estival.

De fato, a sopa de cebola parecia particularmente boa naquele dia, porque viu outro talher em sua pequena mesa, e, com o coração palpitante, ouviu o criado murmurar à guisa de explicação que *mademoiselle* Ilsé honraria *monsieur* naquele dia ao almoço, como é costume dela algumas vezes, com os hóspedes de sua mamã.

Assim na realidade ela ficou sentada junto durante toda aquela deliciosa refeição, lhe falando calmamente em francês fácil, prestando atenção a que ele fosse bem servido, misturando o molho da salada, e até mesmo o servindo com as próprias mãos. E, depois, na tarde, fumando no pátio, ansioso a vendo assim que as obrigações deixassem ela livre, ela veio de novo a seu lado, e quando se levantou prà receber, ficou parada um momento o fitando, cheia dum encantador acanhamento, antes de falar:

— Mamãe acha que deverias conhecer melhor as belezas de nossa pequena cidade. Penso o mesmo! Gostarias, *monsieur*, que eu fosse teu guia? Posso mostrar tudo, porque nossa família viveu aqui durante várias gerações.

Ela já o segurara na mão, mesmo antes que pudesse encontrar uma palavra pra exprimir seu prazer, o arrastando, sem encontrar resistência, à rua, de tal maneira, contudo, que parecia perfeitamente natural que o fizesse, e sem aparência de atrevimento ou desfaçatez. O rosto brilhava de prazer e interesse, e com o vestidinho curto e as tranças soltas, mostrava bem a encantadora criança de dezessete anos que era, inocente e brincalhona, orgulhosa de sua velha cidade natal, e mostrando compreender, apesar da idade, todo o encanto de sua vetustez.

E assim percorreram juntos a cidade. Ela mostrou o que considerava de maior interesse: A casa abandonada e em ruína, onde seus antepassados viveram, a sombria e aristocrática mansão onde a família da mãe residira durante séculos, e a velha praça do mercado, onde, várias centenas de anos antes, eram queimadas as bruxas. Ela falava com vivacidade sobre tudo aquilo, numa torrente de palavra onde não entendia a quinta parte, enquanto caminhava ao lado dela, amaldiçoando seus quarenta e cinco anos e sentindo todos os impulsos de sua virilidade passada reviver e se agitar. E à medida que ela falava a Inglaterra e Surbitão pareciam muito distantes, quase noutra era da história do mundo. A voz dela despertava algo incomensuravelmente velho, algo que dormia profundamente. Adormecia as partes superficiais da consciência pra despertar o que era muito mais antigo. Como a cidade, com seu elaborado fingimento de vida moderna e ativa, as camadas superficiais de seu ser se tornavam vagas, indecisas, abafadas, e o que estava embaixo começava a se espreguiçar em seu sono. Aquela grande cortina se agitava um pouco dum lado a outro. Dum momento a outro se ergueria de todo.

Começava a compreender um pouco melhor, afinal. O temperamento da cidade se reproduzia em si. À proporção que seu eu comum, externo, desaparecia, aquela vida secreta, íntima, que era muito mais real e vital, se definia. E aquela moça era,

seguramente, a suma sacerdotisa de tudo aquilo, o principal instrumento de sua realização. Novos pensamentos, com novas interpretações, lhe enchiam a mente ao passo que ela caminhava a seu lado nas ruas tortuosas, enquanto a pitoresca e velha cidade, nas meias-tintas do pôr-do-sol, nunca parecera tão linda e sedutora.

E apenas um curioso incidente o perturbou e intrigou, sem importância em si mas inexplicável, trazendo a palidez do pavor ao rosto da moça e um grito de susto aos lábios sorridentes. Simplesmente apontara a uma coluna de fumo azul que se erguia duma fogueira de folha seca e fazia um belo quadro contra os telhados, e correria em direção ao muro, a chamando a junto de si pra apreciar as chamas irrompendo aqui e ali através do monte de lixo. Contudo, ao ver aquilo, como tomada de surpresa, seu rosto se alterara mortiferamente, e ela se voltara e correria como o vento, lançando rases selvagens enquanto corria, das quais não compreendera palavra, exceto que o fogo aparentemente a assustava, e ela queria se afastar depressa da fogueira e o afastar também.

No entanto, cinco minutos depois estava calma e alegre outra vez, como se nada acontecera pra a assustar ou despertar nela pensamento perturbador, e ambos esqueceram o incidente.

Estavam debruçados juntos sobre os desmantelados bastiões, escutando a fantástica música da banda como a ouvira no dia da chegada. Mexia com os nervos de novo profundamente, como na primeira vez, e dalgum modo conseguiu encontrar palavras em seu melhor francês. A moça estava encostada às pedras, bem junto. Movido por irresistível força interna, começou a gaguejar algo, mal sabia o quê, sobre a estranha admiração que sentia por ela. Logo às primeiras palavras a moça se afastou rapidamente do parapeito e se postou, sorridente, na frente, o tocando quase os joelhos. Estava sem chapéu, como de costume, e o sol iluminava o cabelo e um lado da face e da garganta. Ela exclamou, lhe batendo de leve, com as mãozinhas, no rosto:

— Ó! Estou tão contente, tão contente, mesmo! Porque isso significa que se gostas de mim gostarás do que faço e ao qual pertenço.

Já ele lamentava amargamente ter perdido o domínio de si. Algo no sentido da frase o fazia estremecer. Conheceu o medo de embarcar num mar desconhecido e perigoso. Ela acrescentou, brandamente, com indescritível adulação na voz, como se notasse o estremecimento:

— Tomarás parte em nossa vida real, quero dizer. Voltará a nós.

Já aquele pedacinho de moça parecia o dominar. Sentia o poder avançando cada vez mais. Algo emanava dela que o privava dos sentidos e o fazia sentir que a personalidade dela, com toda a fina graça, possuía força majestosa, imponente e augusta. A viu de novo se movendo entre chama e fumaça, no meio de cenários vagos e tempestuosos, assustadoramente forte, com a terrível mãe ao lado dela. Vagamente aquilo surgia através de seu sorriso e seu aspecto de encantadora inocência.

— Saberás, saberás. — Repetiu ela, o prendendo com o olhar.

Estavam sós nos contrafortes. A sensação de que ela o subjugava lhe punha uma estranha vibração de ternura no sangue. Aquele misto de abandono e recato dela o atraía furiosamente e tudo o que era másculo se erguia e resistia contra a chama avassaladora, ao

mesmo tempo a aclamando com o pleno entusiasmo de sua esquecida mocidade. Veio irresistível desejo de a interrogar, concitar o que ainda lhe restava de sua pequena personalidade, num esforço pra reter o direito de seu eu normal.

A moça se aquietara de novo, encostada na grossa muralha, ao lado, com o olhar perdido na planície que escurecia, os ombros apoiados à cornija, imóvel como uma figura esculpida em pedra. Se encheu de coragem. Imitando inconscientemente a maciez felina da voz dela, e contudo sentindo que era ardente

— Digas, Ilsé, o significado desta cidade e qual a vida real da qual falas. E por que essa gente me observa dia e noite? — Acrescentou mais impetuosamente e com paixão na voz — O que realmente és?

Ela voltou a cabeça e o fitou entre as pálpebras semicerradas, deixando transparecer a própria excitação íntima pelo rubor que invadia o rosto. Gaguejou sob a influência daquele olhar:

— Parece que tenho o direito de saber.

Subitamente ela abriu de todo os olhos.

— Então me amas? — Perguntou, com meiguice.

— Juro — exclamou, impetuosamente, movido pela força duma maré enchente — que nunca senti antes, que jamais conheci antes outra moça, que...

— Então, *tens* o direito de saber, — ela interrompeu calmamente a confusa confissão — porque o amor faz compartilhar todos os segredos.

Fez uma pausa, e um estremecimento de fogo percorreu o corpo. As palavras dela o erguiam da terra, e sentiu uma alegria radiante, seguida, quase no mesmo instante, em horrído contraste, pela lembrança da morte. Percebeu que ela fitara os olhos nos seus e falava de novo. Sussurrou:

— A velha vida da qual falei é a velha vida secreta, de há muito tempo, à qual também pertenceste outrora e ainda pertences.

Uma vaga onda de recordação lhe agitou a profundidade da alma conforme a voz dela o penetrava. Sabia instintivamente que era verdade o que ela dizia, embora não ainda compreendesse todo o significado. Sua vida presente parecia escapar enquanto ouvia, lhe submergindo a personalidade noutra, muito mais antiga e maior. Era aquela perda de seu presente eu que lhe trazia o pensamento da morte.

— Vieste com o propósito de a investigar, e o povo sentiu tua presença e espera pra saber o que resolverás, se nos deixarás sem a descobrir ou se...

Os olhos dela continuavam fitos nos dele mas o rosto começava a mudar, ficando maior e mais escuro cuma expressão idosa.

— São os pensamentos deles, sempre buscando tua alma, que te dão a impressão de que te observam. Não te observam com os olhos. Os costumes de suas vidas secretas te chamam, desejando te reaver. Fizeram todos parte da mesma vida, há muito, e agora te querem de novo.

O coração tímido de Vezin desfalecia a ouvindo falar. Mas os olhos da moça o

prendiam numa rede de fascínio do qual não tinha vontade de fugir. Estava fascinado, fora de si.

— Sozinhos, contudo, nunca poderiam te alcançar e reter. A força emotiva não era forte o bastante. Enfraquecera durante todos esses anos. Mas eu — se calou um instante e o olhou com absoluta confiança nos maravilhosos olhos — Possuo o dom de te conquistar e te prender: O encanto do velho amor. Posso te reconquistar de novo e te fazer viver a velha vida comigo, porque a força do antigo laço entre nós, se eu quiser empregar, é irresistível. E quero a empregar. Ainda te desejo. E tu, ente querido de meu escuro passado, — se aproximou mais, de maneira que o hálito lhe acariciava os olhos e a voz positivamente cantava — pretendo reaver, porque me amas e estás a minha mercê.

Vezin ouvia mas não ouvia, compreendia mas não compreendia. Entrara num estado de exaltação. O mundo estava abaixo de seus pés, feito de música e flor, e voava algures muito acima, através duma luz de puro leite. Estava ofegante e atordoado com o encanto das palavras delam que o embriagavam. E no entanto, o pavor de tudo aquilo, o terrível pensamento da morte, surgia sempre através de suas frases. Porque na voz dela havia chama que se erguia do meio de denso fumo negro e lambia sua alma.

E se comunicavam, lhe pareceu, por um processo de rápida telepatia, porque seu francês nunca poderia ser suficiente pra transmitir o que dizia. Contudo ela compreendia perfeitamente, e o que ela dizia era como uma declamação de versos há muito conhecidos. E o misto de dor e doçura do que escutava era mais que sua pobre alma suportaria.

— No entanto vim por acaso. — Ouviu a própria voz dizendo.

— Não! — Ela exclamou, com paixão — Vieste porque te chamei. Te chamo durante anos, e vieste com toda a força do passado te empurrando. Tinhas de vir porque me pertences e te reclamo!

Se levantou de novo e se aproximou mais, o olhando com certa insolência no rosto, a insolência da força.

O sol se pusera atrás das torres da velha catedral e a escuridão se erguera da planície e os envolvera. A música da banda cessara. As folhas dos álamos pendiam, imóveis, mas a frescura da tarde de outono os envolvia e Vezin estremeceu. Não havia som além do das próprias vozes e o do ocasional sussurro do vestido da moça. Podia ouvir o sangue zumbir nos ouvidos. Mal percebia onde estava ou o que fazia. Alguma terrível alucinação do espírito arrastava a trás, a arcanos de seu próprio ser, dizendo, de maneira convincente, que as palavras dela representavam a verdade. E aquela simples donzela francesa, falando com tão estranha autoridade, parecia curiosamente transformada noutro ser completamente diferente. A fitando nos olhos, sentia crescer e viver aquele quadro que se formara em seu espírito, se delineando vividamente em sua visão íntima cum grau de realidade que era forçado a reconhecer. Como já uma vez antes, a via alta e majestosa, se movendo num cenário selvático e vago de florestas e cavernas nas montanhas, cum clarão de chama atrás da cabeça e nuvens de fumo turbilhonante em volta dos pés. Folhas escuras cercavam seu cabelo, esvoaçando ao vento, e os membros apareciam através de simples farrapos de roupa. Havia outras em volta dela, também. E os olhos ardentes a fitavam delirantemente em todos os lados, mas os olhos dela estavam fitos numa pessoa, alguém que ela levava na mão. Porque ela dirigia a dança no meio de tempestuosa orgia de música

e vozes cantantes. E aquela dança girava em volta duma grande e aterrorizante figura sentada num trono, presidindo a cena através de lúgubres vapores, enquanto outros rostos e vultos ferozes se agitavam furiosamente em torno dela, na dança. Mas a pessoa que ela levava na mão era ele, tinha certeza, e o vulto monstruoso no trono era a mãe dela.

A visão se aproximava, subindo do passado sepulto havia longos anos, lhe gritando na voz estridente da memória despertada. E então a cena esmaeceu, viu o olhar claro da moça fito atentamente no seu. A moça se transformou mais uma vez na linda filha da estalajadeira e ele recuperou a voz.

— E tu, — sussurrou com voz trêmula — filha de visões de encanto, como foi que me enfeitiçaste de tal forma que eu já te amava antes de te ver?

— O apelo do passado. E além disso — acrescentou com orgulho — na vida real sou uma princesa...

— Uma princesa!

— ... e minha mãe é uma rainha!

A isso, o pequeno Vezin perdeu completamente a cabeça. Um prazer delirante lhe fez palpar o coração e o mergulhou em perfeito êxtase. Ouvir aquela doce voz acariciante, e ver aqueles adoráveis lábios vermelhos murmurarem tais coisas, alterava o desequilíbrio além de toda esperança de controle. A tomou nos braços e cobriu de beijo a face irresistível.

Mas mesmo o fazendo, e enquanto a abrasadora paixão o arrebatava, sentia que ela era mole e repulsiva e que os beijos correspondentes lhe manchavam a alma... E quando, enfim, ela se libertara e desaparecera no escuro, ficou ali, encostado à muralha, em estado de colapso, estremecendo de horror ao se lembrar do contato de seu corpo abandonado, e se desesperando intimamente por causa daquela fraqueza que, já pressentia vagamente, seria sua ruína.

E da sombra dos velhos edifícios onde ela desaparecera se ergueu, no silêncio da noite, um estranho e prolongado grito que no princípio tomou por riso mas que mais tarde teve certeza de reconhecer o chamado quase humano dum gato.

V

Durante muito tempo Vezin ficou ali encostado à muralha, sozinho com os pensamentos e emoções nascentes. Compreendia que fizera aquilo que era necessário pra atrair toda a força do velho passado. Porque naqueles beijos apaixonados sentira o laço doutras eras e as revivera. E a lembrança daquela carícia macia e impalpável na escuridão do corredor voltava à memória cum calafrio. A moça o dominara primeiro e depois o arrastara àquele ato necessário a seu fim. Caíra na cilada, depois do transcurso dos séculos fora apanhado e conquistado.

Compreendia vagamente aquilo e planejou fugir. Mas naquele momento, ao menos, era incapaz de firmar o pensamento ou a vontade, porque a doce e fantástica suavidade de toda aquela aventura lhe subia ao cérebro como um fascínio, e se vangloriava ao sentir que estava totalmente enfeitiçado e se movendo num mundo muito mais vasto e impetuoso que

aquele ao qual estava habituado.

A Lua, pálida e enorme, justamente se erguia sobre a planície vasta como o mar, quando enfim ele se levantou pra se retirar. Os raios oblíquos faziam surgir todas as casas sob uma nova perspectiva, de maneira que os telhados, já brilhantes de orvalho, pareciam se projetar mais alto no céu que de costume, e os perfis das velhas torres pareciam ficar muito longe, fora de alcance, na púrpura do céu crepuscular.

A catedral parecia irreal e envolta numa névoa de prata. Ele se movia de manso, permanecendo na sombra, mas as ruas estavam todas desertas e muito silenciosas. As portas estavam fechadas, os taipais colocados. Não se via viva alma. O silêncio da noite caía sobre todas as coisas. Era como uma cidade de mortos, um cemitério com enormes e grotescos mausoléus.

Imaginando como poderia toda a vida diurna ter assim totalmente desaparecido, foi à porta do fundo, que dava entrada à estalagem dentro dos estábulos, pensando chegar assim despercebido a seu quarto. Chegou sem inconveniente ao pátio e o atravessou se conservando cosido à sombra da parede. O percorreu de banda, na ponta dos pés, exatamente como os velhos faziam ao entrar na sala de jantar. Ficou horrorizado ao verificar que fazia aquilo instintivamente. Sentiu um estranho impulso, que o atingiu no meio do corpo, um impulso de cair de quatro e correr macia e silenciosamente. Olhou de relance a cima e teve a idéia de pular ao peitoril de sua janela, encima, em vez de ir à volta na escada. Aquilo lhe ocorreu como sendo o caminho mais fácil e natural. Era como o começo duma horrível transformação de si em coisa diferente. Se sentia assustadoramente robustecido.

A Lua estava mais alta então, e as sombras muito escuras no lado do pátio onde ele caminhava. Permaneceu sempre onde eram mais densas e chegou ao pórtico com a porta de vidro.

Mas ali havia luz. Os hóspedes, infelizmente, ainda estavam. Esperando atravessar, despercebido, o vestíbulo e chegar à escada, abriu a porta silenciosamente e entrou. Então viu que o vestíbulo não estava deserto. Uma grande coisa escura estava encostada à parede a sua esquerda. A princípio pensou que fossem objetos de uso doméstico. Então aquilo se mexeu e pensou que era um imenso gato, alterado dalguma maneira pelo jogo de luzes e sombras. Depois aquilo se ergueu direto na frente, e viu que era a proprietária.

Não podia, nem de longe, conjecturar o que ela fazia naquela posição, mas no momento em que se levantou e o olhou de frente, sentiu que uma terrível dignidade a revestia, o fazendo se lembrar instantaneamente das estranhas palavras da moça afirmando que ela era uma rainha. Ali estava ela, enorme e sinistra, sob a pequena lâmpada de azeite, sozinha consigo no vestíbulo vazio. No coração germinou o respeito e as raízes de velho medo. Sentiu que devia fazer uma reverência e prestar obediência. O impulso foi forte e irresistível, como se viesse de longo hábito. Relanceou rapidamente os olhos em volta. Não havia alguém ali. Então, deliberadamente, inclinou a cabeça a ela, fazendo reverência.

— *Enfin! Monsieur c'est donc décidé. C'est bien, alors. J'en suis contente.*

As palavras chegavam aos ouvidos sonoramente, como através de grande espaço aberto.

Depois a grande figura se aproximou subitamente através do grande pátio empedrado e segurou suas mãos trêmulas. Uma força opressora vinha com ela e o envolveu.

— *On pourrait faire un petit tour ensemble, n'est-ce pas? Nous y allons cette nuit et il faut s'exercer un peu d'avance pour cela. Ilsé, Ilsé, viens donc ici. Viens vite!*^[56]

E o arrastou girando nos primeiros passos duma dança que parecia estranha e horripelantemente familiar. Não fazia ruído sobre as pedras, aquele estranho par. Tudo era macio e furtivo. E no mesmo instante, quando o ar parecia se adensar de fumaça, e clarões rubros de chama iluminaram tudo, percebeu que alguém mais aderira e que a mão que a estalajadeira soltara fora segura com força pela filha. Ilsé viera, acudindo ao chamado, e a viu com folhas de verbena entrelaçadas no cabelo preto, envolta nos restos esfarrapados de curioso traje, bela como a noite, e horripelantemente, odiosamente, asquerosamente sedutora. Gritavam:

— Ao sabá! Ao sabá! Ao sabá das bruxas!

Rodopiou dum lado a outro no estreito vestíbulo, com uma mulher em cada lado, ao mais selvagem compasso que se possa imaginar, e que recordava apenas de maneira vaga e imprecisa, até que a lâmpada do vestíbulo bruxuleou e se apagou, e tudo ficou imerso em escuridão. E o demônio acordou em seu coração com mil sugestões vis, o assustando.

De repente elas soltaram as mãos e ouviu a voz da mãe gritar que eram horas, e que tinham de ir. Não esperou pra ver que caminho tomaram. Compreendia apenas que estava livre e cambaleou no escuro até encontrar a escada, que subiu correndo até seu quarto, como se todo o Inferno o seguisse nos calcanhares.

Se atirou sobre o sofá, com o rosto entre as mãos, e gemeu. Tendo examinado rapidamente uma dúzia de maneiras de fuga imediata, todas impraticáveis, finalmente resolveu que a única coisa a fazer no momento era ficar sentado quieto e esperar. Tinha de ver o que aconteceria. Ao menos na intimidade de seu próprio quarto de dormir estaria seguro. A porta estava fechada a chave. Atravessou o quarto e abriu devagar a janela que dava ao pátio e permitia também uma vista parcial do vestíbulo através da porta envidraçada.

Então ouviu o sussurro e o murmúrio duma grande atividade urbana embaixo, o som de passos e vozes abafado pela distância. Se debruçou a fora, cautelosamente, e escutou. O luar estava claro e forte então, mas sua janela ficava na sombra, porque o disco de prata ainda estava atrás da casa. Teve o pressentimento iniludível de que os habitantes da cidade, que pouco antes estavam invisíveis atrás das portas fechadas, começaram a sair, com algum propósito secreto e profano. Escutou atentamente.

A princípio tudo em volta estava silencioso mas em breve percebeu movimentos dentro da estalagem. Sussurros e murmúrios chegavam através do pátio. Uma reunião de seres vivos fazia soar o ruído de sua atividade no silêncio noturno. Coisas se moviam em todos os lados. Um cheiro forte, acre, se elevava no ar, vindo não sabia donde. Em seguida os olhos ficaram fitos nas janelas fronteiras, sobre as quais o luar brilhava brandamente. O telhado, sobre e trás, refletia claramente nos vidros, e viu os contornos de corpos negros se movendo em longas passadas sobre as telhas e as calhas. Passavam depressa e silenciosamente, com o feitio de enormes gatos, numa procissão infinita no reflexo do vidro, e depois parecia que saltavam a um nível mais baixo, onde os perdia de vista. Podia

apenas ouvir o ruído leve dos pulos. Algumas vezes as sombras refletiam na parede branca em frente, e então não podia ter certeza se eram sombras de seres humanos ou de gatos. Pareciam mudar rapidamente duma coisa a outra. A transformação parecia horrivelmente real, porque pulavam como seres humanos mas mudavam de repente no ar imediatamente depois, e caíam como animais.

O pátio também, em baixo, estava animado com os movimentos sinuosos de formas escuras, todas deslizando furtivamente ao pórtico, com a porta envidraçada. Se conservavam tão encostadas à parede, que não podia determinar a forma exata, mas quando viu que todas iam ao grande ajuntamento que se estava reunindo no vestíbulo, compreendeu que aquelas criaturas eram as sombras que vira primeiro pulando, refletidas nos vidros das janelas fronteiras. Vinham de todos os lados da cidade, chegando ao lugar do encontro marcado nos telhados e pulando, de nível a nível até atingir o pátio.

Depois ouviu um novo som, que todas as janelas em volta se abriam mansamente e que a cada janela assomava um rosto. Um momento depois vários vultos começaram a pular rapidamente ao pátio. E viu que aqueles vultos, quando se deixavam cair das janelas, eram humanos mas apenas atingiam, sem contratempo, o pátio, caíam de quatro e se transformavam com espantosa rapidez em gatos, enormes gatos silenciosos. Corriam em filas, pra se juntarem aos outros no vestíbulo em baixo.

Afinal de conta todos os quartos da estalagem não estiveram vazios e desocupados.

De resto, o que via não o enchia mais de assombro. Porque se lembrava de tudo aquilo. Lhe era familiar. Acontecera antes, assim mesmo, centenas de vezes, tomara parte em tudo e conhecera a selvagem loucura do que se seguiria. O perfil da velha casa se modificou, o pátio ficou maior e parecia estar o olhando de maior altura, através de vapores fumegantes. E enquanto olhava, meio lembrado, as velhas mágoas de tempos idos, fortes e doces, furiosamente o assaltaram, e o sangue ferveu horrivelmente quando ouviu o apelo da dança outra vez no coração, e sentiu o velho encanto de Ilse espiralando em volta.

De repente recuou cum pulo. Um grande gato preto pulara agilmente da sombra, embaixo, ao peitoril junto a seu rosto, e o olhava fixamente com olhos luminosos, parecendo dizer:

— Venhas conosco à dança! Te transformes como antigamente. Te transformes depressa e venhas!

Compreendia bem demais o mudo apelo da criatura.

Novamente se fora num momento, mal fazendo ouvir o som das patas almofadadas nas pedras. E então outros surgiram, um a um, vindos do lado da casa, passaram rentes a seus olhos, todos se transformando ao cair e partindo com rapidez, maciamente, ao ponto de reunião. E de novo sentiu o terrível desejo de fazer o mesmo. Murmurar o velho encanto e então cair sobre as mãos os joelhos e correr maciamente ao grande pulo no ar. Ó! Como aquele desejo se erguia dentro de si como uma onda, contraindo as entranhas, fazendo com que o desejo do coração seguisse noite afora à velha dança dos feiticeiros no sabá das bruxas! O turbilhão das estrelas estava sobre si. Mais uma vez encontrara a magia do luar. A força do vento, soprando do precipício e da floresta, pulando de rocha a rocha através dos vales, o arrastando. Ouvia os gritos dos dançarinos e seus risos selvagens, e com aquela moça selvagem nos braços dançava furiosamente em volta do sombrio trono onde a

figura com o cetro da majestade...

De repente tudo ficou calmo e silencioso e a febre se apaziguou um pouco no coração. O luar calmo inundava um pátio vazio e deserto. Partiram. A procissão se lançara ao espaço. E fora deixado atrás, sozinho.

Vezin caminhou de leve, nas pontas dos pés, através do quarto e abriu a porta. O murmúrio das ruas, aumentando gradualmente conforme avançava, chegou aos ouvidos. Avançou prudentemente no corredor. No alto da escada parou e escutou. Abaixo, o vestíbulo onde se reuniram estava escuro e silencioso mas através das portas e janelas abertas na extremidade oposta da sala vinha o barulho duma grande multidão se afastando cada vez mais.

Desceu a escadaria de madeira que rangia, receando e ao mesmo tempo desejando que alguma marca indicasse o caminho mas não encontrou alguma. Atravessou o escuro vestíbulo ainda havia pouco tão cheio de coisas vivas e saiu na porta da frente à rua. Não podia acreditar que realmente fora deixado atrás, que realmente fora esquecido, que propositadamente lhe permitiram escapar. Aquilo o intrigava.

Nervosamente olhou em volta e a um lado e a o outro da rua. Nada vendo, avançou lentamente no calçamento.

Conforme andava toda a cidade aparecia vazia e deserta, como se um grande vento varrerá tudo o que era vivo. As portas e janelas das casas estavam abertas na escuridão da noite e nada se movia. O luar e o silêncio envolviam tudo. A noite pesava como um manto. O ar, macio e fresco, acariciava o rosto como o toque duma grande pata peluda. Ganhou confiança e começou a caminhar rapidamente, embora permanecendo sempre no lado da sombra. Em nenhuma parte podia descobrir sinal do grande êxodo profano que acabara de acontecer. A Lua deslizava muito alto sobre tudo, no céu calmo e sem nuvem.

Mal percebendo aonde ia, atravessou a velha praça do mercado e chegou aos contrafortes, donde sabia descer um caminho à estrada real na qual bem poderia fugir a qualquer das pequenas cidades circunvizinhas, no norte, e à estação ferroviária.

Mas antes parou e lançou um olhar ao cenário a seus pés, onde a grande planície se estendia como um mapa de prata dalgum país onírico. Sua calma beleza penetrou no coração, aumentando ainda aquela sensação de embaraço e irreabilidade. Os contrafortes mais baixos da montanha, que ficavam escondidos do clarão do luar, estavam na sombra, e na pálida claridade viu inumeráveis formas móveis, mergulhando depressa sob a espessura das árvores. enquanto encima, como folhas arrastadas pelo vento, vislumbrava sombras flutuantes que se recortavam nitidamente alguns momentos contra a claridade do céu e depois mergulhavam com gritos e cantos mágicos entre as árvores, numa região em chama.

Enfeitiçado, ficou parado, olhando durante um lapso de tempo que não pôde calcular. E depois, movido por um daqueles terríveis impulsos que pareciam reger a aventura, subiu rapidamente ao cimo da larga muralha e balançou um momento no ponto onde o vale surgia sob seus pés. Mas naquele instante, enquanto vacilava, súbito movimento entre as sombras das casas chamou a atenção e se voltou pra ver o contorno dum grande animal se lançar rapidamente no espaço aberto atrás e pousar, cum pulo, no alto da parede, um pouco além do ponto onde estava. Correu como o vento até seus pés e então se ergueu a

seu lado sobre as ameias. Um tremor pareceu agitar o luar e sua vista tremeu um momento. O coração palpitava assustado. Ilse estava de pé junto a si, o fitando perscrutadoramente.

Viu que uma substância escura manchava o rosto e a pele da moça, brilhando ao clarão do luar quando ela estendeu as mãos. Estava vestida de farrapo, que no entanto lhe assentavam lindamente. Tinha arruda e verbenha em volta do cabelo e os olhos luziam cum brilho profano. Mal pôde dominar o selvagem impulso de a tomar nos braços e pular com ela das velhas muralhas ao vale embaixo. Ela gritou, apontando com o braço estendido no qual os farrapos flutuavam ao vento, à escura floresta a distância:

— Vejas! Olhes onde nos esperam! O bosque se animou! As grandes já estão lá, e a dança em breve começará! O ungüento está aqui. Te untes e venhas!

Embora um momento antes o céu estivesse claro e sem nuvem, à medida que ela falava a face da Lua escurecia e o vento começou a agitar as copas dos álamos a seus pés. Rajadas esparsas traziam o som de gritos e cânticos roucos das vertentes inferiores da montanha, e aquele cheiro acre que já notara antes no pátio da estalagem se ergueu no ar em volta. Ela gritou de novo, alteando a voz como numa canção:

— Te transformes! Esfregues bem a pele antes de voares. Venhas comigo ao sabá, à loucura de seu furioso prazer, ao doce abandono de seu culto infernal! Olhes! Os grandes já estão lá, e os terríveis sacramentos preparados. O trono está ocupado. Te untes e venhas!

Cresceu até a altura duma árvore a seu lado, saltando sobre da muralha com os olhos chamejantes e o cabelo esparsa ao vento. Também começou a se transformar rapidamente. As mãos dela o tocaram a pele do rosto e do pescoço com o ungüento ardente que levava a velha feitiçaria ao sangue cuma força perante a qual desaparece tudo quanto é bom.

Ouviu um brado selvagem vindo da profundidade do bosque, e a moça, o ouvindo, pulou sobre a muralha com o frenesi de sua alegria perversa e gritou, se precipitando sobre si e lutando pra o arrastar até a beira da muralha:

— Satã está ali! Satanás chegou! Os sacramentos nos chamam! Venhas com tua querida alma apóstata e cultuaremos e dançaremos até que a Lua morra e o mundo seja esquecido!

Escapando a custo ao terrível mergulho, Vezin lutou pra se libertar do abraço, enquanto a paixão se apossava e quase o dominava. Gritava alto, não sabendo o que dizia, e tornava a gritar. Eram os velhos impulsos, os temíveis velhos hábitos instintivamente achando palavra pra se manifestar. Porque embora parecesse que apenas gritava coisas sem nexo, as palavras que proferia tinham, na realidade, um significado e eram inteligíveis. Era o velho apelo. Embaixo foi ouvido e respondido.

O vento sibilava nas abas de seu casaco enquanto o ar escurecia em volta, com inúmeros vultos que voava da profundidade do vale. A algaravia de gritos roucos ressoava nos ouvidos, se aproximando mais. Rajadas de vento o impeliam, o arrastando dum lado a o outro sobre a muralha de pedra. E Ilse se agarrava a si, com seus longos braços brilhantes, macios e nus, segurando com força em volta do pescoço. Mas não só Ilse, porque dezenas deles o cercavam, surgindo no ar. O cheiro acre dos corpos untados o sufocava, o convidando à velha loucura do sabá, a dança das bruxas e feiticeiros reverenciando o Diabo personificado no mundo. Gritavam, em coro selvagem, em volta:

— Te untes e venhas! À dança que nunca morre! À doce e assustadora fantasia do Averno!

Mais um momento e gritaria e partiria, porque sua vontade e o fluxo de excitante recordação o dominava, quando, e assim uma coisa insignificante pode alterar todo o curso duma aventura, tropeçou numa pedra solta na beira da muralha e caiu desamparado. Mas caiu ao lado das casas, dentro do espaço aberto, calçado de pedra e empoeirado, e não à morte hiante do vale no outro lado, felizmente.

E os outros, também, vieram em chusma, como moscas num pedaço de madeira, mas enquanto caíam Vezin se sentiu libertado um instante do poder que o dominava, e naquele rápido instante de liberdade lhe perpassou no espírito a intuição que o salvou. Antes de ficar em pé de novo os viu escalando afanosamente a muralha, como se, à maneira dos morcegos, só pudessem voar se atirando dum ponto alto, e não tivessem poder sobre si em espaço aberto. Então, os vendo ali empoleirados em fila, como gatos num beiral, pretos e singularmente imprecisos, os olhos luzindo como lâmpada, teve a súbita lembrança do medo, demonstrado por Ilse, do fogo.

Rápido como um raio, pegou um palito-de-fósforo e acendeu as folhas secas amontoadas ao pé da muralha. Enxutas e secas, logo se incendiaram e o vento levou as chamas numa longa linha ao longo do paredão, lambendo a parte superior conforme avançava, e com gritos e lamentações, a fileira de vultos encima se diluiu no ar no outro lado, e desapareceram todos cum grande alarido e ruflar de asa na profundidade do vale mal-assombrado, deixando Vezin ofegante e trêmulo no meio da esplanada deserta. Murmurou debilmente:

— Ilse! Ilse!

Porque doía, no coração, que a moça fora à grande dança sem si, e perder a oportunidade de gozar aquele prazer temível. Contudo, sentia ao mesmo tempo um alívio tão grande e estava tão ofuscado e confuso com tudo aquilo, que mal sabia o que estava dizendo e apenas chorava alto na violenta tempestade emotiva.

O fogo junto à muralha crepitava e o luar surgiu de novo, brando e claro, de seu temporário eclipse. Cum último olhar assustado aos bastiões arruinados e um sentimento de hórrido assombro ao vale mal-assombrado, onde os vultos ainda esvoaçavam em bando, se voltou à cidade e foi lentamente à estalagem.

Enquanto se afastava e desaparecia entre as casas um grande tumulto de gritos lamentosos o envolveu, vindo da floresta embaixo, se tornando cada vez mais fraco com as rajadas de vento.

VI

— Pode parecer bastante abrupto este final tão brusco. — Disse Artur Vezin, com o rosto corado e seu jeito tímido, olhando doutor Silêncio, sentado ali, com seu livro de nota. — Mas o fato é que... hum... desde aquele momento minha memória parece pifar. Não tenho noção exata de como voltei a casa, nem do que fiz exatamente.

Parece que nunca cheguei a voltar à estalagem. Apenas me lembro vagamente de me afastar apressadamente numa longa estrada branca, ao luar, através de bosques e aldeias, silenciosas e desertas. Então chegou a aurora, vi as torres duma cidade maior e cheguei a uma estação ferroviária.

Mas muito tempo antes me lembro de ter parado em certo ponto da estrada e olhado atrás, ao luar, a cidade de minha aventura, pensando como se parecia tão exatamente com monstruoso gato ali deitado na planície, as enormes patas dianteiras representadas pelas duas ruas principais e no lugar das orelhas dilaceradas as duas torres desmanteladas da catedral se recortando de encontro ao céu claro. Aquele quadro está gravado na memória até hoje com toda clareza.

Dessa fuga ficou outra coisa na memória: A súbita lembrança de que não pagara minha conta e a conclusão à qual cheguei, parado no meio da estrada, de que minha pequena bagagem, que eu deixara ficar, seria mais que suficiente pra saldar meu débito.

Quanto ao resto, posso apenas dizer que tomei uma média com pão na periferia da pequena cidade à qual chegara e pouco depois fui à estação e peguei o trem já dia alto. Nessa mesma tarde cheguei a Londres.

— E quanto tempo ao todo — Perguntou João Silêncio calmamente — julgas ter ficado na cidade onde se deu a aventura? Vezin o olhou vagamente.

— Chegarei a esse ponto. — Prosseguiu, contorcendo o corpo acanhadamente — Em Londres descobri que me adiantara uma semana em meu cálculo do tempo. Ficara mais de uma semana na cidade, e seria 15 de setembro. Mas em vez disso era apenas 10 de setembro!

— De maneira que, na realidade, ficara apenas uma noite ou duas na estalagem?

Vezin hesitou antes de responder. Parecia confuso.

— Devo ter recuperado o tempo algures. — Disse enfim — Algures ou dalguma maneira. O certo é que tive uma semana a meu crédito. Não sei explicar isso. Posso apenas mencionar o fato.

— Tudo aconteceu no ano passado e nunca mais voltaste ao lugar?

— Foi no outono passado e nunca mais me atrevi a voltar. E acho que nunca me atreverei.

— Digas uma coisa: — Enfim perguntou doutor Silêncio, quando percebeu que o homenzinho contara tudo e nada mais tinha a acrescentar — Alguma vez leste algo sobre as velhas práticas de bruxaria medieval ou já te interessaras dalguma maneira pelo assunto?

— Nunca! Nunca pensara em tais coisas, que eu me lembre.

— Nem na questão da reencarnação?

— Nunca. Antes de minha aventura. Mas depois pensei.

Contudo havia algo mais na mente do homem, que desejava aliviar cum a confissão, mas que só com muita dificuldade se pôde resolver a mencionar. E foi somente depois que as maneiras insinuantes do doutor lhe deram várias oportunidades, que enfim aproveitou

uma, e gaguejou que gostaria de mostrar as marcas que ainda tinha no pescoço, onde, segundo dizia, a moça o tocara com as mãos untadas.

Tirou o colarinho depois de muito hesitar e abaixou um pouco a camisa pro doutor ver. Sobre a pele havia uma ligeira linha avermelhada atravessando o ombro e se estendendo um pouco às costas, em direção à espinha. Certamente indicava exatamente a posição que um braço tomaria no ato de abraçar. E no outro lado do pescoço, ligeiramente mais acima, havia uma marca semelhante, embora não tão claramente definida. Murmurou, cuma estranha luz surgindo e desaparecendo nos olhos:

— Foi então que me segurou, naquela noite, nos bastiões.



Foi algumas semanas mais tarde, quando tive de novo oportunidade de consultar João Silêncio a respeito doutro caso extraordinário chegado a meu conhecimento, que discutimos a história de Vezin. Depois de a ouvir o doutor investigara, e um de seus secretários descobrira que os antepassados de Vezin tinham realmente vivido durante várias gerações naquela cidade onde a aventura acontecera. Dois deles, ambos mulheres, foram julgadas, pronunciadas como bruxas e queimadas vivas na fogueira. Ainda mais, não fora difícil provar que a estalagem onde Vezin estivera fora construída, cerca do ano 1700, no lugar onde se erguiam as piras funerárias e as execuções realizadas. A cidade era uma espécie de quartel-general de todos os feiticeiros e bruxas da região, e depois de condenados eram todos queimados ali, em verdadeiros lotes.

— Parece estranho que Vezin ignorasse tudo isso. Mas não eram histórias que sucessivas gerações pudessem gostar de manter vivas ou de repetir aos filhos. Portanto sou inclinado a pensar que nada sabe sobre isso.

Toda a aventura parece ter sido uma revivificação muito intensa de reminiscências duma vida anterior, provocada pelo fato de ter voltado a entrar diretamente em contato com forças vivas ainda bastante intensas pra perdurarem no local, e, por uma dessas coincidências singulares, também, com as mesmas almas que tomaram parte nos acontecimentos daquela época. Porque a mãe e a filha que o impressionaram tão intensamente devem ter representado os principais papéis, juntamente consigo, nas cenas e práticas de bruxaria que, naquele período, dominavam o imaginário de todo o país.

Basta ler as histórias daquele tempo pra saber que as bruxas pretendiam ter o poder de se transformar em animal, tanto a fim de se disfarçar quanto se transportar mais rapidamente ao local de suas imaginárias orgias. Licantropia, ou o poder de se transformar em lobo era coisa geralmente tida como verídica em toda parte, e a possibilidade de se transformarem em gato untando os corpos cuma pomada ou ungüento especial fornecido pelo próprio Satanás merecia igual crédito. Os julgamentos dos casos de bruxaria são abundantes em provas de tais crendices universalmente espalhadas.

Doutor Silêncio citou capítulos e parágrafos de inúmeros escritores sobre o assunto, e mostrou como cada detalhe da aventura de Vezin encontrava base nas práticas daqueles negros dias,

— Mas que o acontecimento todo teve lugar subjetivamente no subconsciente do homem, não tenho dúvida, porque meu secretário, que esteve na cidade pra investigar,

descobriu a assinatura dele no registro dos viajantes e ali ficou provado que chegara no dia 8 de setembro e desaparecera de repente sem pagar a conta. Partira dois dias depois e estavam ainda em posse de seu velho saco castanho e de algumas roupas de turista. Paguei alguns francos pra liquidar o débito e enviei a bagagem. A filha estava ausente mas a estalajadeira, uma alentada matrona muito de acordo com a descrição, disse, a meu secretário, que Vezin lhe parecera um homem estranhamente abstrato e que depois de seu desaparecimento rezeira durante muito tempo que encontrara morte violenta nas florestas circunvizinhas, onde costumava andar vagueando sozinho.

Gostaria de ter conseguido uma entrevista pessoal com a filha, pra verificar o quanto de subjetivo e real havia no que tivera de fato lugar entre ela e Vezin. Porque seu medo do fogo ou de ver algo se queimando, teria, naturalmente, sido a lembrança intuitiva de tua dolorosa morte anterior na fogueira, e viria justamente explicar por que imaginara mais duma vez a ver no meio de fumaça e labareda.

— E aquela marca na pele, como explicar?

— Meramente as marcas produzidas pela comoção histérica, como os estigmas das religiosas e as feridas que aparecem nos corpos de indivíduos hipnotizados a quem se convenceu de seu aparecimento. Isso pode ser facilmente explicado. Só parece curioso que as marcas perduraram tanto tempo no caso de Vezin. Em geral desaparecem rapidamente.

— Obviamente ainda está pensando em tudo aquilo, meditando e revivendo tudo de novo.

— Provavelmente. E isso me faz recear que ainda não chegara o fim dessa perturbação. Ainda ouviremos falar em si de novo. É um caso, ai de mim!, no qual pouco posso fazer pra aliviar.

Doutor Silêncio falava gravemente e com tristeza na voz.

— E o que me dizes do francês do trem? O homem que o advertiu contra o lugar, *à cause du sommeil et à cause des chats*? Certamente é um incidente muito singular.

— Um incidente *muito* singular, na verdade, e que só posso explicar na base duma coincidência muito singular.

— A saber...?

— Aquele homem era alguém que já estivera na cidade e sofrera lá uma experiência semelhante. Gostaria de encontrar esse homem e o interrogar. Mas o testemunho é inútil aqui, porque não tenho indício pra o descobrir, e posso apenas concluir que alguma singular afinidade psíquica, algo ainda ativa por ter vindo da mesma vida passada, o atraísse à personalidade de Vezin e lhe permitisse prever o que lhe aconteceria, e assim o advertir, como o fez.

— Sim. — Continuou, quase falando consigo — Suspeito que Vezin foi envolvido no vórtice de forças nascidas das intensas atividades da vida passada e que reviveu uma cena na qual já desempenhara muitas vezes o papel principal séculos antes. Porque as ações fortes desenvolvem energias que custam se extinguir, e em certo sentido se pode dizer que nunca se extinguem. Neste caso não eram bastante vitais pra tornar a ilusão completa, de maneira que o homenzinho se viu colhido numa confusão aflitiva do presente e do

passado. Contudo foi bastante sensível pra reconhecer que o fato era real e lutar contra a degradação de voltar, mesmo em pensamento, a um estado de desenvolvimento anterior menos digno.

— Á, sim! — Continuou, atravessando o aposento pra olhar o céu crepuscular, e parecendo completamente esquecido de minha presença — Relances subconscientes da memória, como esse, às vezes podem ser excessivamente perigosos. Confio apenas que esta pobre alma possa escapar dessa obsessão dum passado apaixonado e violento. Mas duvido, duvido...

Sua voz se abafara com tristeza enquanto falava. E quando voltou à sala tinha uma expressão de profunda tristeza no rosto, a tristeza duma alma cujo desejo de ser útil é, às vezes, maior que seu poder.

^[1] *Piccadilly* é uma importante rua no centro de Londres, Inglaterra, passando na esquina do parque Hyde no oeste e de Piccadilly Circus no leste. Fica toda dentro da cidade de Westminster. A rua é parte da estrada A4, a segunda mais importante artéria ocidental de Londres. São Jaime fica ao sul da parte leste da rua, enquanto a seção ocidental está construída apenas no lado norte e tem vista ao parque Verde. A área ao norte é Mayfair. É a localização da Fortnum Mason, Academia Real, hotel Ritz, RAF clube, livraria Hatchards e das embaixadas do Japão e de Malta. Simpson's, a primeira loja têxtil no Reino Unido, aberta na Piccadilly na década de 1930. A loja fechou em 1999 e ali fica a matriz das livrarias da Pedra-d'água. Barra do Templo é o ponto de referência em Londres onde rua Rápida se torna a Praia, Westminster, e onde a cidade de Londres ergueu uma barreira tradicionalmente pra regular o comércio na cidade. Hoje, os tribunais reais de justiça ficam situados próximo a ela. Como a entrada mais importante a Londres a partir Westminster, foi, durante muito tempo, o costume que a parada da monarquia em Barra do Templo antes de entrar em Londres.

<http://en.wikipedia.org/> Nota do digitalizador

^[2] Barra do Templo é o ponto de referência em Londres onde rua Rápida se torna a Praia, Westminster, e onde a cidade de Londres ergueu uma barreira tradicionalmente pra regular o comércio na cidade. Hoje, os tribunais reais de justiça ficam situados próximo a ela. Como a entrada mais importante a Londres a partir Westminster, foi, durante muito tempo, o costume que a parada da monarquia em Barra do Templo antes de entrar em Londres. <http://en.wikipedia.org/> Nota do digitalizador

^[3] *Crubói*. No original *krooboy*, garoto cru. Cru, *Kroo*, *kru*: Uma robusta raça negra da costa da Libéria, que se destacou pela habilidade como marinheiro. <http://www.wordnik.com/words/kroo> Nota do digitalizador

^[4] *São Paulo de Luanda*: Nome original de Luanda, Angola. Nota do digitalizador

^[5] *Escachoar*: Se apresentar em cachões, formar cachões: ...a água, já precipitosa, ...escachava em espuma (Coelho Neto). É realmente bela essa queda, em que o rio, ...escachoa e espumeja (Gastão Cruls). <http://www.dicio.com.br/> nota do digitalizador

^[6] *Encandear*: Ofuscar, atrair com candeio, fascinar, deslumbrar. <http://www.dicio.com.br/> nota do digitalizador

^[7] *Croque*: sm Vara cum gancho na extremidade, da qual os barqueiros se servem, em geral, pra atracar ou fazer andar os barcos. <http://www.dicio.com.br/croque/> nota do digitalizador

^[8] *Céreo*: Cor de cera. Nota do digitalizador

^[9] Hin: Unidade de medida líquida usada pelos antigos hebreus, cerca de 5 litros. <http://www.thefreedictionary.com/hin> Nota do digitalizador

^[10] *Docar* (do inglês *dogcart* (*dog*: cão, *cart*: carroça, cãoroça, carroça-de-cão) é uma pequena viatura puxada por um cavalo, com duas rodas altas e equipado cuma cesta pra acomodar os perdigueiros. Foi inventada na Grã-Bretanha. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dogcart> nota do digitalizador

^[11] *Trowbridge*: *Bridge* significa *ponte*. *Trow* era um tipo de cargueiro que navegava nos rios Severn e Wye, Grã-Bretanha e usado pra transportar mercadoria. <http://en.wikipedia.org/wiki/Trow> Nota do digitalizador

^[12] *Morbleu!*: Interjeição francesa, corruptela de *Mort de Dieu!*, meu-deus! Nota do digitalizador

^[13] O tradutor pôs *octopódio*, cuja definição é, segundo <http://www.dicio.com.br/octopodio/>, Antigo estandarte pontifício, dividido em oito flâmulas, no qual se representava algum santo. Porém se trata de *octópode*, um ser com oito membros, como polvo ou aranha. Nota do digitalizador

^[14] *Mein lieber Kollege* (em alemão): *Meu caro colega*. Nota do digitalizador

^[15] *Nicht wahr?* (em alemão): *Não é verdade?* Nota do digitalizador

^[16] *Herr Doktor* (em alemão): *Senhor doutor*. Nota do digitalizador

^[17] *Ist gut!* (alemão): *É bom!* A expressão mais adequada, no contexto, é *Muito bem!* Nota do digitalizador

^[18] *Nicht wahr?, mein Kollege* (alemão): *Não é verdade?, meu colega*. Nota do digitalizador

^[19] *Que Maria tenha um João*. No original *Gretel e Hansel*, pois no original dos irmãos Grimm e também em inglês *João e Maria* se chama *Hansel und Gretel* e *Hansel and Gretel*, respectivamente. Nota do digitalizador

^[20] *Jawohl* (alemão): *Sim*. Nota do digitalizador

- [21] *lieber Freund* (alemão): *Caro amigo*. Nota do digitalizador
- [22] *Kreuzsakrament!* (alemão): *Sagrada cruz!* Nota do digitalizador
- [23] *Tiens, la savate. Embrasse-moi!, cher ami, brave camarade. Alors.* (francês): Olha só, o sapato esfarrapado. Me beijos!, querido amigo, bravo camarada. *Então*. Nota do digitalizador
- [24] *Parbleu!* (francês): *Muito bem!* Nota do digitalizador
- [25] *Mon Dieu, concède miséricord* (francês): *Meu-deus, concedas misericórdia!* Nota do digitalizador
- [26] *Fidelium animae per misericordiam Dei, requiescant in pace* (latim): *E que as almas dos fiéis defuntos, através da misericórdia de Deus, descansem em paz*. Nota do digitalizador
- [27] *Vite, vite!* (francês): *Rápido, rápido!* Nota do digitalizador
- [28] *Pardonne-moi, mon ami* (francês): *Me perdoes, meu amigo*. Nota do digitalizador
- [29] *Bien* (francês): Bem. Nota do digitalizador
- [30] *Sale chameau* (francês): *Camelo sujo*. No contexto, *porco*. Nota do digitalizador
- [31] *Mais non! Voilà tout.* (francês): *Mas não! Isso é tudo*. Nota do digitalizador
- [32] *N'est-ce-pas?* (francês): *Não é?* Nota do digitalizador
- [33] *Carvalhópolis*. No original *Oakland* (Terra do Carvalho). Nota do digitalizador
- [34] *Flanador*: Vagabundo, que anda sem rumo, ocioso e despreocupado. Nota do digitalizador
- [35] Thomas Aloysius Dorgan, *Tad* (29.04.1877, São Francisco – 02.05.1929, Grande Pescoço, Ilha Longa) Caricaturista ianque. Pela inteligência e uso criativo do idioma inglês, se tornou um dos jornalistas esportivos mais amados da época. Famoso por dar apelidos engenhosos a muitas celebridades esportivas e criar algumas das frases de gíria mais populares de todos os tempos. Se crê que Dorgan foi o primeiro em usar gíria como: *23 Skidoo, Ele é um ovo cozido, Dora muda, Afunilamento final, Marfim sólido, Vaqueiro de drogaria, Papa-bolo, Os gatos miam, Enfermeira de níquel, Há ninguém em casa, Dizes que primeiros cem anos são os mais difíceis, Sino-mudo, Tão ocupado quanto um cabide de papel cum braço com urticária*, e outros.
- [36] *Alguidar*: sm Vaso de barro ou metal, de uso doméstico, em forma de cone truncado invertido. Nota do digitalizador
- [37] *Cimbrico*: Os cimbrós eram uma tribo celto-germânica que, juntamente com os teutões ameaçava a república romana no final do século 2. Seus ancestrais originais da Jutlândia, atual Dinamarca. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cimbros>. Nota do digitalizador
- [38] ETA Hoffmann nasceu em Königsberg, Prússia (hoje Kaliningrado, província da Rússia), em 1776. Em 1816 se tornou juiz da corte de Apelação em Berlim, cidade onde permaneceu até a morte, em 1822 Admirado e louvado por alguns dos maiores escritores do século 19, como Heine, Balzac e Gautier, sua obra influenciou os franceses Victor Hugo, Baudelaire e Maupassant, os russos Puchkin, Gogol e Dostoievski, e os ianques Hawthorne e Edgar Allan Poe. <http://www.record.com.br/> • Joris-Karl Huysmans (1848-1907) foi um escritor francês e crítico de arte. A conversão de Huysmans do satanismo ao catolicismo, a obsessão por sensações bizarras buscando vida espiritual, podem ser seguidas em livros como *A rebours* (1884), *Là-bas* (1891) e *La cathédrale* (1898). http://pt.wikipedia.org/wiki/Joris-Karl_Huysmans. Nota do digitalizador
- [39] Ananás de ferro (no original *iron pineapple*), objeto decorativo arquitetônico. Os da figura têm 28cm de comprimento, 28cm de largura, 61cm de altura e 20,3cm x 20,3cm de base. <http://negarden.com/Finials/antique-iron-pineapple-finials> Nota do digitalizador
- [40] *Obréia*: sf Massa pra se fazer a hóstia. Folha fina de massa, usada pra pregar papel. <http://www.dicio.com.br/obreia/> Nota do digitalizador
- [41] Lundy é a maior ilha do canal de Bristol, 345ha, atravessando 19 km da costa de Devão. Na Inglaterra, aproximadamente um terço da distância do canal entre Inglaterra e Gales. Recebeu esse nome devido a uma das áreas marítimas britânicas. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lundy> Nota do digitalizador
- [42] Col (*kohl, kol, kehalou kohal*) é um antigo cosmético ocular, tradicionalmente feito galena moída (sulfato de chumbo) e outros ingredientes. É

extensamente usado no sul Ásia, oriente médio, norte da África, no chifre de África e em partes de África ocidental, pra escurecer as pálpebras e como rímel pros cílios. É principalmente usado por mulheres mas também alguns homens e crianças. Foi usado tradicionalmente no período proto-dinástico do Egito, cerca de -3100, pelas rainhas egípcias e mulheres nobres, que usaram sulfato de antimônio em vez do de chumbo. As paletas cosméticas usadas na preparação assumiram um papel proeminente em recente cultura pré-dinástica egípcia. Era originalmente usado como proteção contra doenças oculares. Também havia a convicção de que escurecendo ao redor dos olhos protegeriam a pessoa dos severos raios solares. Também foi muito tempo usado na Índia como cosmético. Além disso, mães aplicariam col em seguida ao olhos das crianças recém-nascidas. Alguns faziam isso pra fortalecer os olhos da criança e outros acreditavam prevenir a criança do mau-olhado. A antiga importância do col sobrevive pelo uso como a raiz etimológica da palavra *álcool*. [http://en.wikipedia.org/wiki/Kohl_\(cosmetics\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Kohl_(cosmetics)) Nota do digitalizador

[43] *Hors combat*: (francês) *Fora de combate*. A nota da edição impressa diz apenas *Em francês no original*. Nota do digitalizador

[44] *Legenda áurea* ou *Lenda dourada* (em latim *Legenda aurea* ou *Legenda sanctorum*) é uma coletânea de narrativas hagiográficas reunidas cerca de 1260 pelo dominicano, e futuro bispo de Gênova, Jacopo de Varazze e que foi um sucesso na Idade Média. http://pt.wikipedia.org/wiki/Legenda_%C3%81urea *O ramo de ouro* (*The Golden Bough*) é uma obra escrita pelo antropólogo escocês sir James George Frazer e que teve a primeira edição em 1890, em dois volumes. Se seguiram sucessivas edições, onde novo material foi adicionado por Frazer e, em 1935, o décimo terceiro volume saiu com o título de *Consequência*. É uma das obras fundamentais da antropologia, onde temas centrais da disciplina são abordados. Sem fazer pesquisa de campo, Frazer reuniu uma enorme diversidade de mito, lenda e relato de magia e religião, dos mais diferentes povos do mundo, debatendo a questão principal do *deus imolado*. O estilo literário e a erudição da obra o levaram a influenciar mitólogos, antropólogos, filósofos e escritores, como Freud, Wittgenstein e James Joyce. http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Golden_Bough Notas do digitalizador

[45] *Gravura de Berwick*: Se refere a uma cidade do histórico condado da Nortúmbria, Inglaterra, com dialeto próprio. Nota do digitalizador

[46] *O conto do velho marinheiro* (*The rime of the ancient mariner*) é um poema escrito pelo poeta inglês Samuel Taylor Coleridge entre 1797–1799, publicado na primeira edição do seu *Baladas líricas* (*Lyrical ballads*) (1798). É considerado um dos poemas mais importantes de Coleridge, que marca o início da literatura romântica na Inglaterra.

[47] Caminha a diante — e não volta mais a cabeça — porque sabe que um horrível demônio — lhe segue de perto os passos

[48] Estojo *cook*. Nota do digitalizador

[49] *Cornalina*: Variedade de ágata, do grupo do quartzo. A cor vai do laranja ao vermelho acastanhado. Desde o antigo Egito é usada pra acalmar a raiva, inveja, rancor, ciúme. <http://universonatural.wordpress.com/> Nota do digitalizador

[50] *Ursa Maior*. No original *Big Dipper*. Nota do digitalizador

[51] *Ditafone*: Gravador. sm Aparelho fonográfico que grava e reproduz um ditado. Nota do digitalizador

[52] *Romeiral*, romanzeiral: Plantação de romã. Nota do digitalizador

[53] *Compagnie Internationale des Wagons-Lits* (Em inglês *International Sleeping-Car Company*), também CIWL, *Compagnie des Wagons-Lits* ou simplesmente *Wagons-Lits*, é um hotel internacional e empresa logística de viagem, particularmente conhecida por seu trem-restaurante e serviços de vagão-dormitório, além de ser o histórico operador do expresso do Oriente. <http://en.wikipedia.org/> nota do digitalizador

[54] *Perigual*: Advérbio (per+igual) Por igual, igualmente. <http://www.dicio.com.br/perigual>. Nota do digitalizador

[55] *Á! Mademoiselle est de retour!*: francês *Á! madame está de volta!* nota do digitalizador

[56] — *Enfin! Monsieur c'est donc décidé. C'est bien, alors. J'en suis contente.*

— *On pourrait faire un petit tour ensemble, n'est-ce pas? Nous y allons cette nuit et il faut s'exercer un peut d'avance pour cela. Ilsé, Ilsé, viens donc ici. Viens vite!*

— Finalmente! Senhor. Então está decidido. Muito bem. Estou contente.

— Podemos passear juntos. Não é? Nesta noite iremos até lá. É necessário praticar antes. Ilse, Ilse, venhas, depressa!

Nota do digitalizador

